CHUCK PALAHNIUK

ASSOMBRO

UM ROMANCE DE HISTÓRIAS

Dezoito pessoas leem um estranho anúncio no jornal e resolvem se lançar num desafio imprevisível: passar três meses isolados num retiro de escritores, longe de tudo e de todos. A ideia é que, sem as distrações e ocupações do dia a dia, eles se dediquem inteiramente à criatividade e construam a grande obra-prima de suas vidas.

Após responderem ao anúncio, um ônibus busca os participantes e os leva até um teatro abandonado. Eles não têm informações sobre a experiência que os aguarda. Ao chegar lá, os 18 escritores descobrem que não há janelas e as portas estão completamente trancadas. O cenário é um ambiente claustrofóbico, de confinamento, no estilo de um reality show. Sr. Whittier, o anunciante, afirma que as oportunidades para a criação literária estão ali, basta aproveitá-las. Uma condição é imposta a todos: enfrentar o medo que cada um sente todos os dias, o medo de ser um fracassado, de se descobrir uma fraude ou um ser humano desprezível.

Durante o isolamento, as circunstâncias tornam-se desesperadoras, e conforme a tensão aumenta entre os participantes, mais extremadas ficam suas narrativas. E mais sujas são as estratégias usadas por cada um deles, que percebem que, quanto pior e mais torturante for essa experiência, melhor será o conteúdo de suas obras e maiores as chances de um best-seller ou de um blockbuster.

Chuck Palahniuk reúne aqui suas marcas registradas – sarcasmo, humor negro, violência, agressão, mutilação e bizarros personagens – para criticar a busca incessante pela fama e o que estamos dispostos a fazer para alcançá-la.

ASSOMBRO

CHUCK PALAHNIUK

ASSOMBRO
UM ROMANCE DE CONTOS

Tradução de Érico Assis

LeYa

Copyright © 2016 Chuck Palahniuk
Tradução para a língua portuguesa © 2016 LeYa Editora Ltda., Érico Assis
Título original: *Haunted*

PRODUÇÃO EDITORIAL
Oliveira Editorial | Anna Beatriz Seilhe

PREPARAÇÃO
Nina Lopes e Carolina Vaz

REVISÃO
Juliana Pitanga e Sheila Louzada

CAPA
Rodrigo Corral

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Leandro Dittz

DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Palahniuk, Chuck
Assombro: um romance de contos / Chuck Palahniuk ; tradução de Érico Assis. – São Paulo: LeYa, 2016.
512 p.

ISBN 978-85-441-0483-5
Título original: Haunted

1. Literatura norte-americana 2. Ficção 3. Morte I. Título II. Assis, Érico

16-1166 CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana

LEYA EDITORA LTDA.
Av. Angélica, 2318 – 12º andar
01228-200 – Consolação – São Paulo – SP
www.leya.com.br

“Havia muito de beleza, muito de libertinagem, muito de extravagância, algo de terrível e um tanto daquilo que poderia despertar repulsa.”

A máscara da Morte Rubra
Edgar Allan Poe

Cobaias

Era para ser um retiro de escritores. Era para ser seguro.

Uma colônia de autores isolada, onde poderíamos trabalhar sob os cuidados de um velho muito velho e moribundo chamado Whittier, até que não era mais.

E deveríamos escrever poesia. Poesia bonitinha.

Essa turma, os alunos talentosos, três meses trancados longe do mundo comum.

E um chamava o outro de “Casamenteiro”. E de “Elo Perdido”.

Ou de “Mãe Natureza”. Rótulos bobos. Nomes por livre associação.

Da mesma forma que você – quando pequeno – inventava nomes para as plantas e

os animais do seu mundo. Você chamava as peônias – pegajosas de néctar, cheias de

formigas – de “flor-formiga”. Você chamava os cães da raça collie de “Lassie”.

Mas, mesmo hoje, da mesma maneira que ainda chama alguém de “aquele homem com uma perna só”.

Ou: “A negrinha, sabe…”

Nós nos chamávamos de:

“Conde Calúnia”.

Ou: “Irmã Justiceira”.

Nomes que fizemos por merecer, com base em nossas histórias. Os nomes que dávamos uns aos outros,

com base em nossa vida, em vez de em nossas famílias;

“Lady Mendiga”.

“Agente Fuxico”.

Nomes baseados em nossos pecados, em vez de em nossos empregos:

“São Sem-Pança”.

E “Duque dos Vândalos”.

Baseados em nossas falhas e crimes. O inverso dos nomes de super-herói.

Nomes bobos para gente de verdade. Como se rasgasse uma boneca e encontrasse lá dentro:

Intestinos de verdade, pulmões de verdade, um coração pulsante, sangue. Muito sangue. Sangue viscoso, quente.

E deveríamos escrever contos. Contos engraçadinhos.

Éramos muitos, à parte do mundo durante

a primavera, verão, inverno, outono – uma estação inteira daquele ano.

Não importava quem éramos como indivíduos. Isso não importava para o Sr. Whittier.

Mas no princípio não sabíamos disso.

Para o Sr. Whittier, éramos ratinhos de laboratório. Um experimento.

Mas não sabíamos.

Não. Era só um retiro de escritores até ser tarde demais para sermos qualquer outra coisa

que não suas vítimas.

1.

Quando o ônibus para na esquina em que Camarada Escárnia combinou esperar, ela está lá, usando uma jaqueta militar – verde-oliva – e uma calça camuflada larga, a bainha dobrada deixando à mostra os coturnos. Uma mala de cada lado. Com a boina preta afundada sobre a testa, ela podia ser qualquer um.

– A regra era… – diz São Sem-Pança no microfone que pende sobre o volante.

E Camarada Escárnia interrompe:

– Tá bem.

Ela se abaixa para desafivelar o identificador de bagagem de uma das malas. Camarada Escárnia enfia a etiqueta no bolso verde-oliva, ergue a segunda mala e entra no ônibus. A primeira mala fica no meio-fio, abandonada, órfã, solitária. Camarada Escárnia se senta e diz:

– Ok.

Ela fala:

– Pode ir.

Naquela manhã, todo mundo ia deixar bilhetes. Antes da alvorada. Sair na ponta dos pés, carregando uma mala, descer a escada às cegas, andar pelas ruas no escuro tendo por companhia apenas os caminhões de lixo. Nem vimos o sol nascer.

Sentado ao lado de Camarada Escárnia, Conde Calúnia escrevia algo em seu bloquinho, o olhar pulando dela para a caneta e vice-versa.

Virando a cabeça para ler, Camarada Escárnia diz:

– Meus olhos são *verdes*, não *castanhos*, e o tom *avermelhado* do meu cabelo é natural. – Ela o observa escrever *verde*, depois acrescenta: – E eu tenho uma rosa vermelha tatuada na bunda. – Os olhos dela se fixam no gravador prateado despontando do bolso da camisa dele e no microfone com telinha quadriculada, então ela diz: – Não escreva *cabelo pintado*. As mulheres *tonalizam* ou *tingem* o cabelo.

Perto deles está sentado o Sr. Whittier, com as mãos trêmulas e cheias de manchas agarradas à estrutura cromada da cadeira de rodas. Ao lado dele está a Sra. Clark, cujos seios enormes quase caem no colo.

De olho neles, Camarada Escárnia se debruça sobre a manga de flanela cinza do casaco do Conde Calúnia. Ela diz:

– Puramente ornamental, presumo. E sem valor nutritivo…

Foi nesse dia que perdemos nosso último nascer do sol.

Em outra esquina às escuras, onde Irmã Justiceira aguarda, ela exibe seu relógio de pulso preto e grosso e diz:

– Combinamos 4h35. – Ela bate no mostrador do relógio com a outra mão. – São 4h39…

Irmã Justiceira trouxe um estojo de couro falso com alça, uma aba que fecha num estalo e que protege a Bíblia ali dentro. Uma bolsa artesanal para carregar a Palavra de Deus.

Por toda a cidade, nós aguardamos o ônibus. Nas esquinas e nos pontos de ônibus, até São Sem-Pança aparecer. O Sr. Whittier está sentado perto da frente com a Sra. Clark. Conde Calúnia. Camarada Escárnia e Irmã Justiceira.

São Sem-Pança puxa a alavanca que faz a porta se abrir, e lá no meio-fio está a pequena Miss Espirro. As mangas de seu casaquinho estão cheias de lenços de papel sujos. Ela ergue a mala, que faz um barulho tão alto quanto pipoca estourando no micro-ondas. A cada degrau na entrada do ônibus, a mala chocalha como uma metralhadora ao longe, e Miss Espirro olha para nós e diz:

– Meus remédios. – Ela sacode a mala com força. – Três meses inteiros garantidos…

Por isso a regra do limite de bagagem. Para todo mundo caber.

A única regra era uma mala por pessoa, mas o Sr. Whittier não falou de que tamanho nem de que tipo.

Quando Lady Mendiga subiu a bordo, ela usava um anel com um diamante do tamanho de um milho de pipoca, e sua mão segurava uma coleira, que, por sua vez, arrastava uma mala de couro de rodinhas.

Balançando os dedos para o anel brilhar, Lady Mendiga diz:

– É meu finado marido, cremado e transformado em diamante de três quilates…

Diante disso, Camarada Escárnia apoia-se sobre o bloquinho no qual Conde Calúnia escreve e diz:

– Facelift é uma palavra só.

Algumas quadras à frente, passados alguns semáforos e dobradas algumas esquinas, Chef Assassin aguarda, carregando uma maleta de alumínio moldado que contém todas as suas cuecas elásticas, camisetas e meias dobradas em quadrados perfeitos como um origami. Além de um kit de facas profissionais. O fundo da mala está forrado com maços de dinheiro presos por elásticos, todas notas de cem. É tão pesada que ele precisa das duas mãos para erguê-la até o ônibus.

Descendo outra rua, atravessando uma ponte e dando a volta num parque, o ônibus parou num meio-fio onde aparentemente ninguém esperava. Lá, o homem que chamamos de “Elo Perdido” saiu do meio dos arbustos próximos à calçada. Ele carregava no ombro um saco de lixo preto e rasgado, de onde vazavam camisas de flanela listradas.

Olhando para Elo Perdido, mas falando com o canto da boca com Conde Calúnia, Camarada Escárnia diz:

– A *barba* dele parece coisa que Hemingway caçaria…

O mundo que ainda sonha diria que ficamos loucos. Essa gente que ainda está na cama, que ia dormir mais uma hora, depois ia lavar o rosto, as axilas e entre as pernas antes de sair para o mesmo trabalho para o qual ia todos os dias. Que vivia a mesma vida todos os dias.

Essa gente choraria ao perceber que sumimos, mas também choraria se embarcássemos num navio e cruzássemos o oceano para começar uma nova vida. Emigrantes. Pioneiros.

Naquela manhã, éramos astronautas. Desbravadores. Despertos enquanto eles dormiam.

Essa gente choraria, mas depois voltaria a ser garçonete, a pintar casas, a programar computadores.

Na parada seguinte, São Sem-Pança abriu as portas do ônibus e um gato subiu os degraus e trilhou o corredor entre as poltronas. Atrás do gato veio Diretora Negação, dizendo:

– O nome dele é Cora. – O nome completo do gato era Cora Reynolds. – Não fui eu quem deu esse nome – acrescentou a mulher, com o terninho e a saia salpicados de pelo de gato. Uma das lapelas era mais cheia que a outra.

– Coldre de ombro – falou Camarada Escárnia, aproximando-se do gravador no bolso da camisa de Conde Calúnia.

Tudo aquilo – sussurros no escuro, deixar bilhetes, guardar segredo – era nossa aventura.

Se você tivesse planos de ficar ilhado durante três meses, o que levaria?

Digamos que só pode levar uma mala, porque serão muitos, e o ônibus que levará todos à ilha deserta não é tão espaçoso assim.

O que você colocaria na mala?

São Sem-Pança trouxe caixas de torresmo e salgadinho sabor queijo, seus dedos e seu queixo alaranjados com o pó salgado. Com uma das mãos agarrada ao volante, ele virava a embalagem para derramar os salgadinhos no rosto esguio.

Irmã Justiceira trouxe uma sacola de compras cheia de roupas, com uma bolsa por cima.

Apoiando-se nos seios gigantescos, aninhando-os como um bebê, a Sra. Clark perguntou:

– Irmã Justiceira, você trouxe uma cabeça aí dentro?

E Irmã Justiceira abriu a mochila o bastante para mostrar os três buracos de uma bola de boliche preta e disse:

– Meu hobby…

Camarada Escárnia desvia os olhos de Conde Calúnia rabiscando em seu bloquinho e olha para o cabelo preto e bem trançado de Irmã Justiceira, nem um único fio escapando dos grampos.

– *Aquilo que é cabelo tingido* – diz Camarada Escárnia.

Na parada seguinte, Agente Fuxico estava com uma câmera de vídeo grudada no olho, filmando o ônibus estacionar. Ele havia trazido uma pilha de cartões de visita, que distribuiu para provar que era detetive particular. Com sua câmera cumprindo a função de máscara, já que cobria metade de seu rosto, ele nos filmou andando pelo corredor até uma poltrona vazia nos fundos, cegando todos com o refletor.

Uma quadra depois, o Casamenteiro subiu a bordo, arrastando esterco nas suas botas de caubói. Com um chapéu de palha nas mãos e uma bolsa de lona no ombro, ele se sentou, abriu um pouco a janela e cuspiu sumo de tabaco na lateral de aço escovado do ônibus.

Foi isto que trouxemos para passar três meses longe do mundo. Agente Fuxico: a câmera. Irmã Justiceira: a bola de boliche. Lady Mendiga: o anel de diamante. É disso que vamos precisar para escrever nossas histórias. Miss

Espirro: remédios e lenços. São Sem-Pança: salgadinhos. Conde Calúnia: bloquinho e gravador.

Chef Assassin: facas.

À fraca luz do ônibus, todos espiávamos o Sr. Whittier, o organizador da oficina. Nosso professor. Dava para ver o brilho e as manchas de sua careca por baixo dos poucos fios grisalhos. A gola abotoada da camisa estava erguida, uma cerca branca e engomada em volta do pescoço magro e manchado.

"As pessoas de quem vocês fugiram de fininho", dizia o Sr. Whittier, "não querem que vocês sejam esclarecidos. Elas querem saber o que esperar."

O Sr. Whittier dizia: "Vocês não podem ser as pessoas que elas conhecem e as pessoas fantásticas, gloriosas, que querem ser. Não ao mesmo tempo."

As pessoas que nos amavam de verdade, segundo o Sr. Whittier, implorariam que fôssemos. Para realizar nosso sonho. Praticar nosso ofício. E nos amariam quando voltássemos.

Dali a três meses.

Um pedacinho de vida que cada um iria apostar.

Que iríamos arriscar.

Com tanto tempo, ficaria a cargo de nossa competência produzir obras-primas. Um conto ou um poema ou um roteiro para cinema ou um livro de memórias que daria sentido à nossa vida. Uma obra-prima que seria a passagem para nos livrar da escravidão a um marido, a um pai ou a uma empresa. Que valeria nossa liberdade.

Todos nós, conduzidos pelas ruas desertas no escuro. Miss Espirro puxa um lencinho úmido da manga do casaco e assoa o nariz. Ela funga e diz:

– Saindo escondida desse jeito, fiquei com muito medo de que me vissem. – Ela enfia o lenço de volta na manga. – Eu me sinto a… Anne Frank.

Camarada Escárnia puxa o identificador de bagagem do bolso da jaqueta, os restos de uma mala abandonada. Sua vida abandonada. E, revirando a etiqueta na mão, ainda com os olhos nela, fala:

– Do meu ponto de vista…

Ela continua:

– Anne Frank tinha uma vida boa.

E São Sem-Pança, com a boca cheia de salgadinho de milho, vendo todos nós pelo retrovisor, mastigando sal com gordura, pergunta:

– Como assim?

Diretora Negação acaricia o gato. A Sra. Clark acaricia os seios. E o Sr. Whittier, a cadeira de rodas cromada.

Sob a luz de um poste, uma esquina à frente, a silhueta escura de outro pretenso escritor nos aguarda.

– Pelo menos Anne Frank nunca precisou sair em turnê para divulgar seu livro… – diz Camarada Escárnia.

E São Sem-Pança pisa nos freios e gira o volante para parar no meio-fio.

MONUMENTOS
Um poema sobre São Sem-Pança

– Esse é o emprego que eu larguei para vir para cá – diz Sem-Pança. – E a vida de que desisti.

Ele dirigia um ônibus turístico.

São Sem-Pança no palco, com os braços cruzados – tão magro
que suas mãos se tocam no meio das costas.
Lá está São Sem-Pança, só uma demão de pele sobre o esqueleto.
Suas clavículas saltam do corpo, grandes como guidões.
Suas costelas aparecem por baixo da camiseta branca, e é o cinto – não a bunda – que mantém a calça jeans no lugar.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:
as cores de casas e calçadas, placas de trânsito e carros estacionados
limpam seu rosto. A máscara do tráfego. Vans e caminhões.

Ele diz:
– Aquele emprego, o do ônibus turístico…
Eram só japoneses, alemães, coreanos, todo mundo com inglês de segunda, agarrando livrinhos
de conversação numa das mãos, sorrindo e assentindo para tudo que ele dizia
no microfone enquanto conduzia o ônibus, dobrando esquinas, descendo ruas, passando por casas de
artistas de cinema ou palcos de assassinatos sanguinolentos, apartamentos onde astros do rock tiveram overdose.
Todos os dias a mesma excursão, o mesmo mantra de homicídios, artistas, acidentes. Lugares
onde tratados de paz foram assinados. Onde presidentes passaram a noite.

Até o dia em que São Sem-Pança para diante de uma casa grande, com cerquinha branca, um desvio

para conferir se o Buick de quatro portas de seus pais está lá, se ainda é lá que os dois moram,

e vê um homem caminhando pelo quintal com o cortador de grama.

Então, ali, com seu microfone, o santo diz à sua carga no ambiente refrigerado:

– Este é São Mel.

E seu pai, forçando a vista para enxergar pelas janelas escurecidas do ônibus.

– O Santo Padroeiro da Vergonha e da Raiva – diz Sem-Pança.

Depois daquele dia, a excursão passou a incluir “O Altar de São Mel e Santa Betty”;

Santa Betty, no caso, a Santa Padroeira da Humilhação Pública.

Estacionado diante do condomínio da irmã, São Sem-Pança

aponta para

um andar alto. Lá em cima, o altar de Santa Wendy.

– A Santa Padroeira do Aborto Terapêutico.

Estacionado na frente do próprio prédio, ele diz aos passageiros do ônibus:

– Este é o altar de São Sem-Pança.

O santo em si, o peito estufado, os lábios de borracha, a camisa larga,

o reflexo no retrovisor ainda menor.

– O Santo Padroeiro da Masturbação.

Enquanto cada assento do ônibus, balançando a cabeça, inclinando o pescoço, se estica para ver

uma coisa divina.

TRIPAS
Um conto de São Sem-Pança

Inspire.

Pegue todo ar que puder.

Esta história deve durar tanto quanto você conseguir prender a respiração. Talvez um pouquinho mais. Ouça o mais rápido possível.

Um amigo meu, quando tinha 13 anos, ouviu falar de *pegging*. É quando o cara enfia um consolo na bunda. Dizem que se a próstata for estimulada com força suficiente, é possível ter um orgasmo arrasador sem usar as mãos. Naquela idade, esse meu amigo era meio maníaco por sexo. Ele tava sempre atrás do jeito mais fácil de dar uma gozadinha. Ele sai pra comprar uma cenoura e um pote de vaselina. Fazer um experimento, uma experienciazinha pessoal. Aí fica imaginando o que todos vão achar quando ele aparecer no caixa do supermercado só com uma cenoura e um pote de vaselina. Todo mundo na fila olhando. Todo mundo descobrindo o noitão que ele planejou.

Então, esse meu amigo, ele compra leite, ovos, açúcar e uma cenoura. Os ingredientes pra fazer um bolo de cenoura. E vaselina.

Como se estivesse indo pra casa meter bolo de cenoura no cu.

Lá, ele esculpe a cenoura até fazer uma arma sem ponta. Besunta ela toda e enfia no cu. E… nada. Zero orgasmo. Nada acontece, fora a dor.

Aí, o cara, a mãe dele grita: jantar. Ela diz pra ele descer naquele instante.

Ele tira a cenoura e esconde aquele troço nojento, pegajoso, na roupa suja, debaixo da cama.

Depois do jantar, ele vai procurar a cenoura, mas sumiu. Toda a roupa suja dele; enquanto ele jantava, a mãe juntou tudo pra lavar. Não tinha como ela não achar a cenoura, moldada com uma faquinha da sua cozinha, ainda lustrosa de vaselina. E fedida.

Esse meu amigo, ele passa meses esperando, debaixo de uma nuvenzinha preta, aguardando os pais irem questioná-lo. Mas eles nunca o fazem. Nunca.

Nem agora que ele já cresceu. A cenoura invisível continua pairando sobre todas as ceias de Natal, todo aniversário. Em toda caça aos ovos de Páscoa com as crianças, os netos dos pais dele, essa cenoura fantasma paira sobre todo mundo.

A coisa terrível demais para nomear.

Os franceses têm uma expressão pra isso: “Espírito da Escada”. Em francês: Esprit d’Escalier. Refere-se àquele instante em que você acha a resposta mas já é tarde demais. Digamos que você está numa festa e alguém te xinga. Você tem que responder algo à altura. E aí, sob pressão, todo mundo olhando, você diz alguma coisa ridícula. Mas assim que você sai da festa…

Assim que você começa a descer a escada… Surpresa! Surge a resposta perfeita. A retrucada perfeita, aniquiladora.

Eis o Espírito da Escada.

O problema é que nem a língua francesa tem uma expressão para as coisas imbecis que você fala quando está sob pressão. Aqueles troços imbecis, desesperados, que você pensa ou faz.

Algumas coisas são tão vis que nem merecem um nome. Tão baixas que nem vale a pena comentar.

Pensando bem, os peritos em psicologia infantil, os orientadores escolares de hoje em dia, dizem que o último pico de suicídio adolescente, em grande parte, foi dos jovens tentando se sufocar enquanto batiam umazinha. Os pais achavam o filho com uma toalha enrolada no pescoço, a toalha amarrada na barra do armário do quarto, o garoto morto. Esperma morto pra todo lado. Óbvio que os pais limpavam. Colocavam uma calça no garoto. Tentavam dar uma aparência… melhor. Intencional, pelo menos. Suicídio adolescente do tipo normal, triste.

Outro amigo meu, lá do colégio, o irmão mais velho dele é da Marinha e disse que os caras lá no Oriente Médio batem punheta de um jeito diferente. O cara estava servindo num desses países de camelo, onde vendem no mercado umas coisas que dá pra gente chamar de abridor de cartas, um abridor de cartas chique. Cada coisinha dessas é tipo uma vareta de latão ou prata polida, talvez do comprimento da mão, com uma ponta grandona, pode ser uma bolota de metal ou uma empunhadura toda trabalhada de espada. O irmão da Marinha diz que os árabes ficam de pau duro e enfiam essa vareta em toda a extensão do pau. Eles batem punheta com a vareta lá dentro, e aí gozam muito mais. É mais intenso.

É o mesmo irmão que viaja pelo mundo todo e manda expressões em francês. Expressões em russo. Dica útil pra punheta.

Depois dessa história, certo dia, o irmão mais novo do cara da Marinha não aparece na escola. Naquela noite, ele telefona pra perguntar se eu posso levar o dever de casa dele nas próximas semanas. Porque ele tá no hospital.

Tem que dividir o quarto com velhos que tão mexendo nas tripas. Diz que precisa dividir a televisão. Toda a privacidade que tem é uma cortina. Os pais dele não aparecem pra visitar. Ao telefone, ele diz que os pais tão com vontade de matar o irmão mais velho da Marinha.

Ao telefone, o cara diz que um dia antes ele tinha ficado muito chapado. Estava em casa, no quarto, jogado na cama. Acendendo uma vela e folheando algumas revistas de mulher pelada das antigas, se preparando pra bater umazinha. Isso depois de receber a dica do irmão da Marinha. Aquela de como o árabe bate punheta. O cara procura ao redor alguma coisa que sirva. Caneta é muito grande. Lápis é muito grande e áspero. Até que ele nota um rastro de cera escorrendo na lateral da vela, bem fino, que talvez sirva. Com a pontinha do dedo, o garoto arranca o rastro. Ele o esfrega na palma das mãos. Comprido, fino e lisinho.

Chapado e cheio de tesão, ele enfia a haste de cera lá, cada vez mais fundo no buraquinho de mijar, com o pau duro. Um pouco de cera fica saindo pela ponta, então ele começa o serviço.

Até hoje o cara diz que os árabes são muito espertos. Reinventaram a punheta. De costas na cama, o negócio tá tão bom que ele nem sabe onde foi parar a cera. Ele tá prestes a jorrar quando vê que a cera não tá mais pra fora.

A haste de cera entrou. Entrou demais. Tão fundo que ele nem a sente dentro do caninho de mijar.

No andar de baixo, a mãe dele grita que está na hora do jantar. Diz que ele tem que descer já. O cara da cera e o da cenoura são diferentes, mas todos nós levamos uma vida muito parecida.

Depois do jantar, o cara começa a sentir dor. É cera, então imaginou que fosse derreter lá dentro e que ele mijaria tudo. Aí a dor se espalha para as costas. Os rins. Ele não consegue ficar de pé.

O cara tá me contando isso ao telefone, da cama do hospital. Ao fundo dá pra ouvir campainhas, gente gritando. Programa de TV.

O raio X mostra toda a verdade: algo comprido e fino dobrado ao meio dentro da bexiga dele. Um V fino e comprido lá dentro, que absorve todos os minerais do mijo dele. E tá ficando maior e mais duro, revestido de cristais de cálcio, e fica se debatendo por lá, rasgando o revestimento da bexiga e

impedindo que o mijo saia. Os rins tão ferrados. O pouco que sai pelo pau dele é vermelho de sangue.

O cara e os pais, a família inteira, ficam olhando o raio X preto com o médico e as enfermeiras em volta, aquele grande V de cera brilhando em branco pra todo mundo ver, e aí ele tem que contar a verdade. Sobre como os árabes batem punheta. Foi o irmão dele quem contou, na carta que mandou lá da Marinha.

Ao telefone, ele começa a chorar.

Pagaram a cirurgia da bexiga com sua poupança para a faculdade. Uma cagada imbecil, e agora ele nunca mais vai ser advogado.

Enfiar coisa dentro de si. Se enfiar dentro das coisas. Uma vela no pau ou a cabeça na forca. A gente sabia que ia dar merda.

O que deu merda pra mim foi uma coisa que chamo de Caça às Pérolas. Que era bater punheta debaixo d'água, sentado no fundo da piscina dos meus pais. Eu pegava ar, ia lá para o fundo e tirava o calção de banho. Ficava lá sentado dois, três, quatro minutos.

Eu tinha um fôlego bom por causa de punheta. Se ficasse sozinho em casa, passava a tarde toda naquilo. Depois de bombear o esquema, meu esperma ficava lá, boiando, parecendo grandes bolhas de leite.

Depois disso, eu mergulhava pra pegar todas. Juntar tudo e limpar cada montinho numa toalha. Por isso o nome "Caça às Pérolas". Mesmo com o cloro, eu tinha que pensar na minha irmã. Ou, Deus do céu, na minha mãe.

Era meu maior medo no mundo: minha irmã virgem achando que tá apenas engordando, até que dá à luz um bebê retardado de duas cabeças. E as duas são iguais à minha. Eu, o pai *e* o tio.

No fim das contas, o que acontece contigo nunca é o que te preocupa.

A melhor parte da Caça às Pérolas era a entrada do filtro da piscina e a bomba de circulação. A melhor parte era ficar sentado pelado ali.

Como diriam os franceses: quem não gosta de uma chupada na bunda?

Enfim: num instante você é apenas um garoto batendo punheta, no outro você nunca mais vai virar advogado.

Num minuto, estou me acomodando no fundo da piscina, e o céu é azul-claro, ondulado, dois metros e meio de água acima. O mundo é silencioso, com exceção de meu coração ribombando nos ouvidos. Meu calção de banho com listras amarelas está enrolado no pescoço. Só por segurança, caso um amigo, um

vizinho, alguém apareça pra perguntar por que não fui ao treino de futebol. O sugar firme do filtro da piscina fica ali me lambendo, e eu fico ralando minha bundinha branca, curtindo a sensação.

Num instante, tenho bastante ar e meu pau na mão. Meus pais foram trabalhar e minha irmã está no balé. A casa vai ficar vazia por horas.

Minha mão me deixa perto de gozar, aí eu paro. Subo pra pegar mais ar. Mergulho de novo e me sento no fundo.

Repito várias vezes.

Deve ser por isso que as garotas gostam tanto de sentar na cara. Sucção é como dar uma cagada que não acaba nunca. Com o pau duro e aquele negócio chupando minha bunda, eu não preciso de ar. Ouço as batidas do meu coração ressoarem nos ouvidos, fico lá embaixo até pontinhos de luz começarem a surgir na minha visão. Minhas pernas se esticam, a parte de trás de cada joelho roçando no fundo. Meus dedos do pé começam a ficar azuis, e os dedos da mão se enrugam de tanto tempo na água.

Então eu deixo rolar. Começam a brotar as grandes bolhas brancas. As pérolas.

Aí eu preciso de ar. Mas quando vou dar o impulso, não consigo. Não consigo botar o pé no chão. Minha bunda tá grudada.

Qualquer paramédico pode te dizer que todo ano cerca de cento e cinquenta pessoas ficam presas desse jeito, sugadas pela bomba da piscina. A pessoa fica presa pelo cabelo, ou pela bunda, e se afoga. Todo ano acontece com um monte de gente. A maioria na Flórida.

As pessoas simplesmente não falam sobre isso. Nem os franceses falam sobre TUDO.

Dobro um joelho, um pé apoiado. Fico meio de pé e sinto o puxão na minha bunda. Coloco o outro pé pra baixo e empurro o fundo. Chuto o nada, não consigo tocar no chão, mas também não consigo chegar ao ar.

Ainda chutando só água, me debatendo com os braços, estou a meio caminho da superfície, mas não consigo ir além. O coração começa a bater alto e rápido na minha cabeça.

As luzinhas passam nos meus olhos, eu me viro e olho pra trás… mas não faz sentido. Tem uma corda grossa, parecida com uma cobra, mas é uma coisa azul esbranquiçada, umas tranças com veias, que saiu do dreno da piscina e segurou minha bunda. Tá saindo sangue de algumas veias, sangue vermelho que

debaixo d’água parece preto e que vai se soltando de uns cortezinhos na pele da cobra. O sangue se espalha, some na água. Dentro da pele azul-esbranquiçada da cobra dá pra ver uns pedacinhos de comida ainda não digerida.

É o único jeito de achar sentido naquilo: um terrível monstro marinho, uma serpente do mar, alguma coisa que nunca viu a luz do dia, estava se escondendo no fundo do dreno da piscina, esperando pra me comer.

Então… eu chuto, chuto aquela coisa pegajosa, borrachenta, cheia de nós, pele e veias, e parece que tem mais dela saindo do dreno. Agora tá quase do tamanho da minha perna, mas ainda se prende com força ao meu cu. Dou outro chute e fico a um centímetro de conseguir respirar de novo. Ainda sentindo a cobra puxando meu cu, fico a um centímetro de escapar.

Nos nós da cobra dá pra ver milho e amendoim. Dá pra ver uma bola laranja-clara ovalada. Parece aquela vitamina cavalar que meu pai me deu, a que ajuda a ganhar peso. Pra conseguir uma bolsa de atleta. Com mais ferro e ácido graxo ômega-3.

É aquela vitamina que salva minha vida.

É ela que me faz perceber que não é uma cobra. É meu intestino grosso, meu cólon saindo de mim. O que os médicos chamam de “prolapso”. São as minhas tripas que o dreno está sugando.

Os paramédicos vão dizer que uma bomba de piscina puxa trezentos litros de água por minuto. Dá uns cento e oitenta quilos de pressão. O grande problema é que lá dentro tudo é preso. O cu é só a outra ponta da sua boca. Se eu soltar, a bomba continua puxando – desenrolando minhas entranhas – até chegar na minha língua. Imagine dar uma cagada de cento e oitenta quilos e você vai entender que aquilo lá tem força pra te virar do avesso.

Tudo que posso dizer é que suas tripas não sentem tanta dor. Não como a pele. As coisas que você digere; os médicos chamam de matéria fecal. Mais pra cima fica o quimo, que é uma massa fina e gosmenta cravada de milho, amendoim e ervilhas.

É essa sopa de sangue, milho, merda, esperma e amendoim que flutua à minha volta. Mesmo com as tripas saindo pelo cu, eu segurando o que restou, mesmo assim minha primeira vontade é recolocar meu calção de banho.

Deus me livre meus pais verem meu pau.

Enquanto cerro o punho em volta do cu, com a outra mão agarro meu calção de banho de listras amarelas e o tiro do pescoço. Ainda assim, colocar o calção é

impossível.

Se quiser sentir como é o intestino, compre aquelas camisinhas de pele de carneiro. Puxe uma e desenrole. Encha de manteiga de amendoim. Pode untar com vaselina e deixar embaixo d'água. Depois tente rasgar. Tente parti-la ao meio. É muito resistente. E borrachenta. E tão viscosa que não dá pra segurar direito.

Camisinha de pele de carneiro é intestino puro.

Agora você sabe com o que eu tô lidando.

Se você soltar um segundo, fica sem as tripas.

Se nadar até a superfície pra respirar, fica sem as tripas.

Se não nadar, se afoga.

A opção é morrer agora ou morrer daqui a um minuto.

O que meus pais vão encontrar quando chegarem do trabalho é um feto gigante e nu, enrolado em si mesmo. Boiando na água nebulosa da piscina do quintal. Amarrado ao fundo por uma corda grossa de veias e tripas. O oposto do carinha que se enforca enquanto bate punheta. É o bebê que eles trouxeram do hospital treze anos atrás. Esse é o garoto que eles achavam que ia conseguir uma megabolsa de futebol americano e fazer MBA. Que ia cuidar deles quando ficassem velhos. Todos os sonhos e as esperanças dos dois. Ali, boiando, pelado, morto. À volta dele, pérolas leitosas de esperma desperdiçado.

Ou isso ou meus pais vão me achar enrolado numa toalha ensanguentada, caído a meio caminho entre a piscina e o telefone da cozinha, os restos das minhas tripas ainda saindo pelo calção de banho de listras amarelas.

O tipo de coisa que nem os franceses comentam.

Aquele irmão mais velho da Marinha, ele ensinou outra expressão boa pra gente. Uma russa. Que nem a gente diz: "Tão bom quanto injeção na testa", os russos dizem: "Tão bom quanto dente no cu."

Mnye etoh nadoh kahk zoobee v zadnetze.

Aquelas histórias que a gente ouve, de bichos que ficam presos em armadilha e arrancam a própria perna à dentadas, bom, qualquer coiote vai te dizer que umas mordidinhas são bem melhores que morrer.

Enfim… mesmo que você seja russo, quem sabe um dia vai querer os dentes lá naquele lugar.

Caso contrário, o que dá pra fazer é: se contorcer. Você prende um cotovelo atrás do joelho e puxa aquela perna até o rosto. Então morde e rasga o próprio

cu. Sem ar, você morde qualquer coisa pra conseguir respirar de novo.

Não é o tipo de coisa que se conta pra uma menina no primeiro encontro. Não se você quiser um beijinho de boa-noite.

Se eu dissesse qual é o gosto, você nunca, nunca mais comeria lula.

Não sei dizer do que meus pais tiveram mais nojo: de como eu me encrenquei ou de como eu me salvei. Quando recebi alta do hospital, minha mãe disse:

– Você não sabia o que estava fazendo, querido. Entrou em choque.

E ela aprendeu a preparar ovo pochê.

Todo mundo ficou com nojo ou pena de mim.

Tão bom quanto dente no cu.

Hoje em dia, todo mundo diz que estou muito magro. Nos jantares, as pessoas ficam em silêncio e putas porque não comi a carne de panela, que era o prato principal. Carne de panela pode matar. Presunto cozido. Qualquer coisa que precise passar mais do que algumas horas no intestino vai sair igual. Feijão-verde ou atum ralado light, vou me levantar do vaso e vê-lo igualzinho a como entrou.

Depois da ressecção radical do intestino, não dá pra digerir carne direito. A maioria das pessoas tem um metro e meio de intestino grosso. Foi sorte ter ficado com meus quinze centímetros. Portanto, nunca vou conseguir uma bolsa de atleta. Nunca vou fazer MBA. Meus dois amigos, o da cera e o da cenoura, eles cresceram e ficaram parrudos, só que eu nunca pesei um quilo a mais do que naquele dia, quando eu tinha 13 anos.

Outro grande problema foi que meus pais pagaram uma grana preta pra construir aquela piscina. Depois de tudo aquilo, meu pai contou para o cara da piscina que tinha sido um cachorro. O cachorro da família caiu na piscina e se afogou. A bomba puxou o cadáver. Mesmo depois que o cara da piscina abriu o filtro e pescou um tubo borrachento, uma meada de intestino com um grande comprimido laranja de vitamina ainda lá dentro, ainda assim, meu pai apenas disse: – O cachorro era doido pra caralho.

Até da janela do meu quarto, no andar de cima, dava pra ouvir meu velho dizendo:

– Não dava pra deixar ele sozinho nem um segundo…

Então minha irmã não menstruou.

Mesmo depois de trocarem a água da piscina, depois de eles venderem a casa

e a gente se mudar pra outro estado, depois do aborto da minha irmã, mesmo depois, meus pais nunca mais tocaram nesse assunto.

Nunca.

Essa é a cenoura invisível da minha família.

Agora você pode respirar bem fundo.

Porque eu ainda não consegui.

2.

Sob o poste seguinte estava Reverendo Ímpio, ao seu lado uma mala quadrada. Ainda é de manhã cedo, aquela hora em que toda cor é preta ou cinza. Ali, o tecido preto da mala está todo retalhado de zíperes de prata que seguem em todas as direções, um queijo suíço preto de pequenos bolsos e fendas, saquinhos e compartimentos. Reverendo Ímpio e seu rosto – carne crua avermelhada em volta de nariz e olhos, carne costurada e cicatrizes, as orelhas retorcidas e inchadas –, cujas sobrancelhas são raspadas. Então, desenhados com lápis preto, há dois arcos de surpresa que sobem quase até a linha do cabelo.

Observando-o subir os degraus do ônibus, Camarada Escárnia abre um botão da jaqueta. Fechando o botão, ela chega mais perto do gravador no bolso do Conde Calúnia.

Perto da minúscula luzinha de GRAVAR, Camarada Escárnia diz:

– O Reverendo Ímpio está usando uma blusa branca. Blusa de mulher. Com botões à esquerda.

À luz fraca do poste, os botões de strass cintilam.

Alguns metros à frente, dando a volta na curva seguinte, do lado de fora do círculo de luz do poste, escondida nas sombras, Baronesa Congelada aguarda.

Primeiro sua mão se estende para a porta aberta do ônibus, uma mão normal, as pontas dos dedos amareladas devido ao cigarro. Nada de aliança. A mão põe um estojo de maquiagem de plástico no alto dos degraus. Até que surge um joelho, uma coxa, a curva de um seio. A cintura marcada por um casaco acinturado. Então todos olham para o outro lado.

Conferimos nossos relógios. Ou olhamos pelas janelas, para os carros estacionados e as maquininhas de jornal. Para os hidrantes.

Baronesa Congelada trouxe potes e mais potes de hidratante labial, disse ela, para passar nos cantos da boca. Para quando racharem e sangrarem no frio. Sua boca é só um buraco besuntado que ela abre e fecha para falar. Sua boca é só uma prega na metade inferior do rosto.

Inclinando-se na direção de Conde Calúnia, sussurrando perto do gravador

dele, Camarada Escárnia diz:

– Ai, meu Deus…

Enquanto Baronesa Congelada ocupa sua poltrona, apenas Agente Fuxico a observa, seguro atrás da lente de sua câmera de vídeo.

Na parada seguinte, Miss América aguarda com sua roda de abdominais, uma rodinha de plástico rosa do tamanho de um prato, com cabos de borracha preta se projetando de cada lado do eixo. Você segura os cabos e se ajoelha no chão. Depois se inclina, equilibrado com a roda, e rola para a frente e para trás contraindo a barriga. Miss América trouxe a roda e *collants* cor-de-rosa, tintura de cabelo cor loiro-mel e um teste de gravidez de farmácia.

Andando pelo corredor do ônibus – sorrindo para o Sr. Whittier na cadeira de rodas, sem sorrir para Elo Perdido –, a cada passo Miss América põe um pé levemente à frente do outro, o que faz suas coxas parecerem finas, a perna da frente sempre a esconder a de trás.

– O Gingado da Modelo – diz Camarada Escárnia. Ela se aproxima do bloquinho do Conde Calúnia. – Esse tom de loiro é o que as mulheres chamam de *tonalização*.

Miss América havia usado batom para escrever um recado no espelho do banheiro, que deixou lá para o namorado encontrar, no quarto de hotel que eles dividiam, para ele encontrar antes de aparecer no programa de TV matinal: *Eu NÃO SOU gorda*.

Todos nós tínhamos deixado algum recado.

Diretora Negação, acariciando o gato, nos disse que escreveu um bilhete para todo o seu departamento, que dizia: “Vão trepar com outra coisa.” Foi o recado que ela deixou em todas as mesas, na noite passada, para sua equipe encontrar esta manhã.

Até Miss Espirro escreveu um bilhete, mesmo que ninguém fosse ler. Em spray vermelho, no banco de um ponto de ônibus, ela escreveu: “Me liguem quando acharem a cura.”

Casamenteiro deixou seu bilhete dobrado para ficar de pé na mesa da cozinha, para que não houvesse chance de sua esposa não ler. O bilhete dizia: “Faz catorze semanas que melhorei do resfriado e você ainda não me deu um beijo.” Ele escreveu: “Neste verão, é você quem vai ordenhar as vacas.”

Condessa da Antevidência deixou um bilhete que dizia a seu oficial de condicional que ele podia entrar em contato com ela através do telefone 0800-

NÃO-FODE.

Condessa da Antevidência sai das sombras usando turbante e xale de renda. Ela flutua pelo corredor do ônibus e para um instante perto de Camarada Escárnia.

– Já que vocês estão se perguntando – diz Condessa, balançando a mão flácida, um bracelete de plástico pendendo do pulso. Condessa da Antevidência diz: – Isto é um sensor de posicionamento global. Condição para eu sair antes da prisão…

Um, dois, três passos, ela passa por Camarada e Conde, a boca dele ainda meio aberta, e, sem olhar para trás, Condessa da Antevidência diz:

– Sim. – Ela toca no turbante com as unhas e diz: – Sim, eu li a mente de vocês…

Na outra esquina, passando o shopping e o motel de franquia, depois de mais uma lanchonete, Mãe Natureza está sentada no meio-fio em perfeita posição de lótus, as mãos pintadas com vinhas de hena preta apoiadas nos joelhos. Uma gargantilha com sininhos de bronze tilinta em volta do pescoço.

Mãe Natureza embarca com uma caixa de papelão em que roupas enroladas protegem garrafas de um óleo espesso. Velas. A caixa cheira a pinheiro. O odor de resina de pinheiro nas fogueiras de camping. O cheiro de manjericão e coentro num molho para salada. O cheiro de sândalo da lojinha de produtos importados. Uma franja comprida balança na bainha de seu sári.

Os olhos de Camarada Escárnia se viram para cima e revelam um branco total. Ela começa a abanar o ar com a boina preta e resmunga:

– *Pa*-tchuli…

Nossa colônia de escritores, nossa ilha deserta, terá aquecedores e ares-condicionados, ou assim nos levaram a crer. Cada um terá o próprio quarto. Muita privacidade, então não vamos precisar de muita roupa. Foi o que nos disseram.

Não temos motivo para esperar outra coisa.

O ônibus de aluguel seria encontrado, mas nós, não. Não nos três meses em que abandonaríamos o mundo. Estes três meses que passaríamos escrevendo e lendo nossos trabalhos. Aprimorando nossas histórias.

O último a subir a bordo, depois de mais uma quadra e de mais um túnel, aguardando na nossa última parada, foi Duque dos Vândalos. Os dedos manchados, borrados de lápis pastel e de carvão. As mãos sujas de tinta de

serigrafia, as roupas endurecidas de tinta salpicada. Todas essas cores ainda cinza ou pretas, Duque dos Vândalos está sentado, aguardando com uma caixa de ferramentas metálicas, com tubos de tinta a óleo, pincéis, aquarelas e acrílicas.

Ele fica parado, nos fazendo aguardar enquanto balança o cabelo loiro e torce uma bandana vermelha para fazer um rabo de cavalo. Ainda parado na porta do ônibus, Duque dos Vândalos espia o corredor e todos nós, iluminados pelo refletor da câmera de Agente Fuxico, e ele diz:

– Já tava na hora…

Não, não éramos idiotas. Nunca aceitaríamos ficar ilhados se íamos mesmo ficar longe de tudo. Ninguém estava entediado com esse mundo bobo, abaixo da média, diluído e medíocre a ponto de declarar desejo de morte. Nós, não.

Numa situação que nem esta, esperávamos, é claro, acesso rápido a tratamento médico de emergência, caso alguém tropeçasse na escada ou caso um apêndice resolvesse estourar.

Então tudo que tínhamos que decidir era: o que levar na mala.

A oficina já era pra ter água corrente quente e gelada. Sabonete. Papel higiênico. Absorvente interno. Pasta de dentes.

Duque dos Vândalos deixou para o síndico um bilhete que dizia: “Foda-se o aluguel.”

Ainda mais importante foi o que não levamos. Duque dos Vândalos não levou cigarros, sua boca triturava maços de chiclete de nicotina. São Sem-Pança não levou pornografia. Condessa da Antevidência e Casamenteiro não levaram alianças.

Como dizia o Sr. Whittier: “O que detém vocês no mundo lá fora também os deterá aqui.”

O restante do desastre não foi culpa nossa. Não tínhamos motivo, nenhum mesmo, para levar uma motosserra. Ou uma marreta, ou uma banana de dinamite. Uma arma. Não, nesta ilha deserta estaríamos totalmente, absolutamente seguros.

Antes do nascer do sol, neste doce novo dia que não veremos acontecer.

Assim fomos levados a crer. Talvez seguros demais.

Por causa de tudo isso, não levamos nada que pudesse nos salvar.

Dando a volta na esquina, seguindo por mais uma extensão de via expressa, passando por uma rampa, continuamos até que o Sr. Whittier disse:

– Vire aqui.

Agarrado à estrutura cromada de sua cadeira de rodas, ele estendeu um dedinho fino. A pele murchou e encolheu, a unha era amarelo-osso.

Camarada Escárnia arrebitou o nariz e farejou, perguntando:

– Vou ter que conviver doze semanas com esse fedor de patchuli?

Miss Espirro tossiu no punho cerrado.

E São Sem-Pança conduziu o ônibus por um beco estreito e escuro. Entre prédios tão próximos que espicaçavam o cuspe amarronzado de Casamenteiro, o tabaco que manchava a frente de seu macacão. Paredes tão próximas que o cotovelo peludo que Elo Perdido deixara descansando na janela aberta raspou no concreto.

Até que o ônibus para e a porta se abre para mostrar outra porta – esta segunda, de metal, numa parede de concreto. O beco é tão estreito que é impossível enxergar à frente. A Sra. Clark sai de sua poltrona, desce os degraus e abre um cadeado.

Então ela some lá dentro, e a porta do ônibus se abre para uma fresta de puro nada. Só escuridão. Uma fresta em que só dá para passar espremido. De dentro, sente-se o cheiro pungente de urina de rato. Misture esse cheiro com o de um livro velho e úmido semidigerido por traças. Misture o cheiro de poeira.

E, das trevas, a voz da Sra. Clark:

– Entrem, rápido.

São Sem-Pança vai se juntar a nós depois de estacionar o ônibus, para que a polícia o encontre.

Ele encobre o rastro. Para a quadras, talvez a quilômetros de distância. No lugar onde vão encontrar o ônibus, vai ser impossível rastrear até essa porta de aço no concreto no escuro. Nosso novo lar. Nossa ilha deserta.

Todos nós apinhados nesse momento entre o ônibus e o breu. Nesse último instante lá fora, Agente Fuxico nos diz:

– Sorriam.

O que o Sr. Whittier viria a chamar de “a câmera por trás da câmera por trás da câmera”.

O primeiro instante de nossa nova e secreta vida, o holofote que nos atinge, tão forte e tão rápido que deixa o escuro mais escuro que o preto. Aquele instante que nos deixa agarrados uns aos outros por casacos e cotovelos, tentando ficar de pé, piscando, cegos mas confiantes, enquanto a voz da Sra.

Clark nos conduz pela porta de aço.

Aquele instante no vídeo: a verdade sobre a verdade.

– O cheiro é muito importante – diz Mãe Natureza. Carregando sua caixa de papelão, tilintando seus sininhos, tateando no escuro. – Não riam, mas na aromaterapia dizem que nunca se deve acender uma vela de sândalo perto de incenso de murta…

CLANDESTINA
Um poema sobre Mãe Natureza

– Tentei virar freira – diz Mãe Natureza – porque precisava me esconder.

Ela não contava com o exame toxicológico.

Mãe Natureza no palco, os braços desenhados com vinhas de hena vermelha. Das pontas dos dedos

até as alças de sua bata de algodão tingido, cor de arco-íris.

No pescoço, uma gargantilha com sininhos deixou sua pele

verde. A pele que reluz de óleo de patchuli.

– Quem diria? – diz Mãe Natureza. – E não foi só urinálise.

Ela diz:

– Eles pegam uma amostra do cabelo e das unhas.

Ela diz:

– E ainda conferem antecedentes criminais.

A cláusula moral. A consulta dos antecedentes. A consulta de crédito. A etiqueta no vestuário.

* * *

No palco, descalça, em vez do refletor, em vez de sorriso ou cara fechada, um fragmento em filme do céu noturno passa sobre seu rosto.

Uma galáxia de estrelas e luas.

Os lábios vermelhos de suco de beterraba. As pálpebras manchadas de pó de açafrão.

Uma máscara de nebulosas rosadas. De planetas, com anéis e crateras.

Mãe Natureza diz:

– Eles pedem um monte de cartas de referência.

Mais um teste no polígrafo. Quatro documentos de identidade com foto.

– Quatro – repete Mãe Natureza, esticando os dedos pintados de hena.

Seus braceletes de latão e prata suja, sacudindo sininhos de vento em volta do punho. Ela diz:

– Ninguém tem quatro *documentos com foto.*…

Para se tornar freira, ela diz, é preciso fazer uma prova escrita, pior que

o vestibular e a ordem de advogados juntos. E cheio de perguntas com história, tipo:

– Quantos anjos *podem* dançar na cabeça de um alfinete?

Tudo isso, diz Mãe Natureza, só para descobrir:

– Se você se casa com Cristo de rebote.

O cabelo comprido afastado do rosto, com tranças e caindo pelas costas,

Mãe Natureza diz:

– Óbvio que não passei. Não só no toxicológico. Não passei em nada.

Não só para freira, mas em quase tudo na vida…

Ela dá de ombros, os ombros com sardas sobre as alças tingidas,

– E aqui estou.

Enquanto constelações variam, rastejam sobre seu rosto,

Mãe Natureza diz:

– Eu ainda precisava de um lugar para me esconder.

Pé ante pé
Um conto de Mãe Natureza

Não ria, mas na aromaterapia dizem que nunca se deve acender uma vela de limão-canela perto de uma vela de cravo e de uma de cedro com noz-moscada. Só não dizem por quê…

No feng shui, nunca falam sobre isso, mas só de colocar uma cama no lugar errado, é possível focar *chi* suficiente para matar uma pessoa. É possível induzir aborto numa gravidez avançada por meio da acupuntura. É possível usar cristais ou mexer na aura até provocar câncer de pele.

Não ria, mas há alguns atalhos para transformar qualquer coisa New Age numa arma.

Na última semana do curso de massagem, eles ensinam a nunca tocar na zona transversal do calcanhar. A nunca tocar no arco dorsal do pé esquerdo. Principalmente naquele prenúncio da extrema esquerda. Mas não dizem por quê. Essa é a diferença entre os terapeutas que trabalham no lado iluminado versus os que trabalham no lado sombrio da indústria.

Você vai e faz o curso de reflexologia. É a ciência de manipular o pé humano para curar ou estimular certas partes do corpo. Baseada na ideia de que seu corpo é dividido em dez meridianos de energia. O dedão do pé, por exemplo, está diretamente conectado à sua cabeça. Para curar caspa, basta massagear o pontinho logo atrás da unha do dedão. Para curar dor de garganta, basta massagear a articulação mediana do dedão. Não é o tipo de tratamento que todo plano de saúde cubra. É que nem ser médico, mas sem o salário de um médico. Esse tipo de gente que quer esfregar o espaço entre cada dedo do pé para curar tumor no cérebro geralmente não tem muita grana. Não ria, mas mesmo com anos de experiência manipulando os pés dos outros, você vai continuar pobre e esfregando o pé de gente que nunca considera a renda uma prioridade.

Não ria, mas um dia você vai encontrar a menina com quem você fez o curso de massagem. Essa menina tem a mesma idade que você. As duas já usaram colar de pérolas. Vocês duas já trançaram e queimaram sálvia seca para purificar

o campo energético. Vocês duas já tingiram tecido e ficaram descalças e foram jovens o bastante para se sentir nobres enquanto esfregavam os pés de sem-teto sujos que apareciam na clínica gratuita do curso.

Isso foi há muitos, muitos anos.

Você… você ainda é pobre. Seu cabelo começou a falhar no escalpo. Seja por causa da dieta pobre ou da gravidade, tem gente que ainda acha que você está franzindo a boca quando não está.

A menina com quem você fez o curso, você a vê saindo de um hotel chique, no centro, o porteiro segurando a porta enquanto ela sai balançando o casaco de pele e usando salto alto que reflexologista nenhum calçaria.

Enquanto o porteiro chama um táxi, você se aproxima e diz:

– Lentil?

A mulher se vira, e é ela mesma. Diamantes de verdade brilham no seu pescoço. O cabelo comprido reluz, denso, arfando em ondas de ruivo e castanho. O ar ao seu redor tem cheiro de rosas e lilás. O casaco de pele. As mãos em luvas de couro, o couro suave e claro e melhor que a pele do seu próprio rosto. A mulher se vira e ergue os óculos de sol, apoiando-os no topo da cabeça. Ela olha para você e pergunta:

– A gente se conhece?

Vocês fizeram o curso juntas. Quando eram novas… mais novas.

O porteiro segura a porta do táxi.

E a mulher diz que lembra, claro. Ela olha para o relógio de pulso, o brilho cegante dos diamantes sob o sol vespertino, e diz que em vinte minutos precisa estar do outro lado da cidade. Ela pergunta:

– Quer vir junto?

Vocês entram no banco traseiro do táxi, e a mulher entrega uma nota de vinte dólares ao porteiro. Ele toca na aba do quepe e diz que é sempre um prazer revê-la.

A mulher diz o endereço ao taxista, um lugar um pouco à frente no centro, e o táxi se encaixa no trânsito.

Não ria, mas esta mulher – Lentil, sua velha amiga –, ela desenlaça o braço com casaco de pele da alça da bolsa, ela abre a bolsa com um estalo, e dentro há nada mais que dinheiro em espécie. Um monte de notas de cinquenta e de cem dólares. Ela enfia a mão enluvada lá e encontra um celular.

Ela lhe diz:

– Não vai demorar nem um minuto.

Ao lado dela, sua saia transpassada de algodão com estampa indiana, seus chinelos e sua gargantilha com sininhos não parecem mais chiques nem étnicos. O kohl em volta dos seus olhos e os desenhos de hena esmaecidos nas costas das suas mãos sugerem que você nunca tomou um banho na vida. Ao lado dos brincos de diamantes dela, seus brincos de pingente prata, seus favoritos, parecem a decoração da árvore de Natal de um brechó.

Ao celular, ela diz:

– Estou a caminho. – Ela diz: – Posso pegar o das três, mas só por meia hora. – Ela diz tchau e desliga.

Ela toca na sua mão com uma luva suave, lisa, e diz que você parece bem. Pergunta o que tem feito.

Ah, o de sempre, você responde. Manipulando pés. Você conseguiu uma boa quantidade de clientes fiéis.

Lentil morde o lábio, olha para você e pergunta:

– Então… você ainda está trabalhando com reflexologia?

E você diz que sim. Não imagina como vai conseguir se aposentar algum dia, mas é o que paga as contas.

Ela olha para você enquanto o táxi percorre um quarteirão inteiro, sem dizer uma palavra. Então ela pergunta se você está livre na próxima hora. Ela pergunta se você gostaria de ganhar uma grana, sem impostos, fazendo manipulação dos pés a quatro mãos para o próximo cliente dela. Você só tem que cuidar de um pé.

Você nunca fez reflexologia com outra pessoa, você diz.

– Uma hora – diz ela – e a gente ganha dois mil dólares.

Você pergunta:

– Não é ilegal?

E Lentil diz:

– Dois mil por hora.

Você pergunta:

– Só precisa massagear os pés?

– Mais uma coisa – diz ela. – Não me chame de Lentil. – Ela diz: – Quando a gente chegar lá, sou Angelique.

Não ria, mas é verdade. O lado negro da reflexologia. Claro que conhecíamos cada detalhe. Sabíamos que, mexendo na superfície plantar do

dedão, é possível deixar a pessoa constipada. Que mexer na área do tornozelo próximo ao peito do pé pode provocar diarreia. Mexendo na superfície interna do calcanhar, é possível deixar a pessoa impotente ou com enxaqueca. Mas nada disso daria dinheiro, então pra que se dar ao trabalho?

O táxi para em frente a uma parede de pedras, embaixada de algum país do petróleo do Oriente Médio. Um guarda uniformizado abre a porta, e Lentil sai. Você sai. Dentro do saguão, outro guarda passa um detector de metais em você, procurando armas, facas, o que for. Outro guarda dá um telefonema de uma mesa de superfície lisa de pedra branca. Outro guarda confere o interior da bolsa de Lentil, afastando as notas para encontrar nada mais que seu celular.

Abrem-se as portas de um elevador, e outro guarda faz sinal para vocês duas entrarem. Lentil diz:

– É só fazer o que eu fizer. – Ela diz: – É a grana mais fácil que você vai ganhar.

Não ria, mas no curso corriam boatos. Que uma boa reflexóloga podia ser atraída para o lado negro. Para trabalhar em certos centros de prazer na sola do pé. Para provocar coisas sobre as quais as pessoas só sussurravam. Que as pessoas, gargalhando, chamavam de “pequete”.

O elevador se abre para um corredor comprido que leva a portas duplas. As paredes são de pedra branca polida. O chão, de pedra. As portas duplas são de vidro fosco e dão para uma sala onde um homem está sentado a uma mesa branca. Ele e Lentil se cumprimentam com beijos na bochecha.

O homem à mesa olha para você, mas fala apenas com Lentil. Ele a chama de Angelique. Atrás dele, outras portas duplas dão para um quarto. O sujeito acena para vocês duas passarem, mas fica para trás, trancando as portas. Tranca vocês lá dentro.

Dentro do quarto, há um homem deitado de bruços numa imensa cama redonda com lençóis de seda brancos. Ele está usando um pijama de seda, seda azul brilhosa, e seus pés descalços pendem da beirada da cama. Angelique tira uma das luvas. Tira a outra, e vocês duas se ajoelham no carpete fofo, cada uma trabalhando num pé.

Em vez do rosto, você enxerga apenas cabelo preto e seboso, orelhas grandes com fartos tufos negros. O resto da cabeça do homem está enterrado no travesseiro de seda branca.

Não ria, mas os boatos são verdadeiros. Ao pressionar onde Angelique pressionou, mexendo na zona de reflexo genital no lado plantar do calcanhar, ela

fez o homem gemer com a cara enterrada no travesseiro. Antes mesmo de suas mãos se cansarem, o homem está bramindo, embebido em suor, a seda azul emplastada nas costas e nas pernas. Quando ele fica em silêncio, quando você não consegue mais dizer se ele está respirando, Angelique sussurra que é hora de ir embora.

O homem à mesa entrega dois mil dólares a cada uma, em espécie.

Lá fora, na rua, um dos guardas chama um táxi para Angelique.

Entrando no banco de trás, ela lhe entrega um cartão de visita. É o telefone de uma clínica de cura holística. Embaixo do número, escrito à mão, está: “Falar com Lenny.”

Sua luva de couro macia, as rosas de seu perfume, o som de sua voz, tudo diz: “Me ligue.” As pessoas têm diversos motivos para entrar nesse ramo de massagem nos pés. A ideia de que você pode dar uma vida melhor à sua família. Dar um pouco de conforto e segurança aos seus pais. Quem sabe, comprar um carro. Um apartamento na praia, na Flórida.

O dia em que você entregou as chaves do apartamento para seus pais foi o mais feliz da sua vida. O dia em que os dois choraram e admitiram que nunca imaginaram que o neném deles viveria só de esfregar os pés sujos das pessoas. Esse é o dia pelo qual você vai pagar pelo resto da vida.

Não ria, mas não é ilegal. Você está só manipulando pés. Não acontece nada de sexual, a não ser que seu cliente tenha um orgasmo que o deixa tão fraco que ele passa alguns dias sem conseguir andar. Homem ou mulher, tanto faz. Se você pega no ponto certo do pé, eles gozam como se estivessem sofrendo um ataque epiléptico. É um orgasmo tão forte que dá para sentir o cheiro de quando eles perdem o controle do intestino. Tão forte que a maioria dos clientes só consegue olhar para você com baba escorrendo da boca e fazer um sinal, com o dedo trêmulo, para o maço de notas de cem na mesa de cabeceira ou na mesinha de centro.

Lenny liga da clínica, e você entra num jato fretado para Londres. A clínica liga, e você viaja para Hong Kong. A clínica é só Lenny, um carinha com sotaque russo que mora numa suíte do hotel Park Hampton, a quem você entrega metade da sua renda. Aí você ouve o sotaque de Lenny ao telefone, dizendo qual voo você deve pegar, em qual quarto de hotel ou ilha particular seu próximo cliente está aguardando.

Não ria, mas o lado ruim é que nunca sobra tempo para compras. A grana acumula. Seu uniforme é um casaco de pele. Para se encaixar nesse novo mundo,

você compra joias de ouro e platina, das boas. Você mantém o cabelo perfeito, brilhoso. Sentada no saguão do Ritz-Carlton, talvez veja algumas meninas e alguns meninos que fizeram curso de reflexologia com você, que agora estão de terno Armani, vestido de festa Chanel. Gente vegana, que ia trabalhar de bicicleta, mas que agora só entra e sai de limusines. Você vê essas pessoas jantando sozinhas no restaurante do hotel. Tomando drinques no bar de aeroportos particulares, aguardando o jatinho.

Os que eram sonhadores, idealistas, agora seduzidos pelo pé ante pé profissional.

Mães-terra ripongas de dreadlocks e punks de barbicha. Você os ouve ao telefone, mandando os corretores venderem tudo. Eles guardam a grana em contas no exterior e nos cofres de bancos suíços. Ficam pechinchando diamantes brutos e Krugerrands.

Garotos chamados Trout e Pony, Lizard e Oyster, que agora se chamam Dirk. Meninas chamadas Buttercup, que agora se chamam Dominique.

Com essa enxurrada de gente fazendo pé ante pé, o preço cai. Daqui a pouco, em vez de bilionários da informática e sheiks do petróleo, você vai matar tempo no bar do hotel, calçando Prada do ano passado e fazendo “rapédinhas”, vinte pratas cada. Você vai para debaixo da mesa manipular os pés de gente da convenção sentada nos fundos do restaurante. Você sai de dentro de um grande bolo falso de aniversário para pegar nos pés de times de futebol inteiros, despedidas de solteiro, só para quitar as parcelas da aposentadoria de seus pais.

É uma questão de tempo até você pegar uma micose incurável por baixo da sua refinada unha à francesa.

Você faz tudo isso só para pagar os juros da grana que pegou emprestada com Lenny e com a máfia russa. Dinheiro que você usou para comprar ações que afundaram. Ações que Lenny sugeriu. Ou para comprar as joias e os sapatos que Lenny disse que você precisava ter.

Você está no saguão do hotel Park Hampton, tentando convencer um empresário bêbado a fazer um pequete de dez dólares no banheiro masculino. E então você a vê, Angelique, andando pelo saguão, na direção dos elevadores. O cabelo lustroso. O casaco de pele arrastando-se pelo carpete atrás do salto alto. Angelique continua linda. Seus olhos a notam, e, com a mão enluvada, ela faz sinal para você se aproximar.

Quando o elevador chega, ela diz que vai subir para a suíte do Lenny na cobertura. A clínica.

Ela olha para você em seus saltos gastos, suas unhas lascadas e quebradas, e diz:

– Venha conhecer o próximo mercado em expansão…

O elevador para no quinquagésimo andar, a cobertura inteira alugada para Lenny, onde dois ternos risca de giz recheados de músculos estão parados diante da porta. É para esses brutamontes que você paga a parte de Lenny, metade de tudo que ganha. Um dos guardas anuncia os nomes de vocês num microfone preso na lapela, e as portas se abrem com um zumbido alto.

Lá dentro, são só você, Angelique e Lenny.

Não ria, mas, por mais solitária e isolada que seja sua vida de pé ante pé, a de Lenny é pior. Ali, trancado naquela cobertura, o dia inteiro de roupão, contando o dinheiro e falando ao telefone. A única mobília é uma cadeira de escritório, com o assento manchado, sujo. Tem um colchão jogado perto das paredes de vidro com vista para toda a cidade. Numa tela de computador, preços de ações passam sem parar.

Lenny se aproxima, o roupão aberto, exibindo uma cueca samba canção listrada e amassada, meias brancas encardidas. Lenny estende as mãos para o rosto de Angelique e diz:

– Minha Anja, minha preferida. – Ele segura o rosto dela e pergunta: – Como vai?

Com o salto alto, Angelique deve ser uma cabeça mais alta do que ele. Ela sorri, dizendo:

– Lenny…

E Lenny lhe dá um tapa, com força suficiente para virar o rosto dela, e diz:

– Você tá me traindo, eu sei que tá. – Lenny ergue a mão, a palma aberta, pronta para dar outro tapa, e ele diz: – Você tá pegando serviço por fora, não tá?

Com a mão enluvada na bochecha, escondendo a marca vermelha do tapa de Lenny, Angelique diz:

– Não, neném…

E Lenny baixa a mão. Vira as costas para ela. Vai olhar pelas janelas, a cidade espalhada ao lado de seu colchão.

– Neném – diz Angelique. – Quero te mostrar uma coisa nova.

Angelique olha para mim.

Ela para ao lado dele, colocando a mão enluvada em seus ombros por trás, e

diz:

– Quero te mostrar o quanto a mamãe ainda ama seu neném…

Ela faz Lenny se sentar no colchão. E se deitar. Ela tira as meias encardidas dos pés dele.

– Venha, neném – diz ela. Tira as luvas e acrescenta: – Você sabe que eu sou *ótima* com pés…

Então Angelique faz o inimaginável. Ela se ajoelha. Abre a boca, os lábios esticados e finos, e passa a língua pela sola do pé de Lenny. Angelique fecha os lábios sobre o calcanhar de Lenny, e Lenny começa a gemer.

Não ria, mas existem empregos piores do que o pior emprego que você pode imaginar. Um magnata da mídia sem histórico de pressão alta que morre de derrame no quarto do Four Seasons. O astro do rock de saúde perfeita que morre de insuficiência renal no Chateau Marmot depois de uma massagem nos pés.

Temos acesso aos pés de presidentes e sultões. CEOs e artistas de cinema. Reis e rainhas. Sabemos como fazer um assassinato encomendado parecer morte por causas naturais.

É isso que Angelique lhe conta enquanto vocês descem no elevador. Depois que Lenny gemeu e se sacudiu todo. Depois que Angelique engoliu seu pé até o demorado instante em que Lenny se sentou no colchão, agarrou o peito com as mãos e ficou com a boca escancarada enquanto ela chupava seu calcanhar. Depois que o coração dele parou, Angelique puxou os lençóis até seu pescoço. Ela limpou o batom do pé dele e lambuzou um pouco mais na boca. Depois, desconectou os telefones e disse aos guardas que Lenny ia tirar um longo cochilo.

Descendo no elevador, Angelique lhe diz que esse foi seu último pequete. Esse tipo de serviço pagava um milhão de pratas em espécie. Uma agência rival a contratou para dar cabo de Lenny, e agora ela vai sair de vez do esquema.

No bar do saguão, vocês duas tomam um coquetel para ela se livrar do gosto do pé de Lenny. Só um último drinque, de despedida. Então Angelique diz para ficar atenta ao saguão do hotel. Os homens de terno. As mulheres de casaco de pele. Todos são assassinos Rolfing, diz ela. Assassinos Reiki. Assassinos colonterapia.

Angelique diz que, em terapia com pedras curativas, só de colocar um cristal de quartzo no coração da pessoa, depois uma ametista no fígado e uma turquesa na testa, você induz um coma que leva à morte. Só de entrar numa casa e

reorganizar o quarto de alguém, um especialista em feng shui pode deflagrar doença nos rins.

– Moxabustão – diz ela, a ciência de queimar cones de incenso nos pontos de acupuntura – pode matar. Shiatsu também.

Ela bebe o que sobrou do coquetel e puxa o colar de pérolas do pescoço.

Todas essas curas e esses remédios que se dizem cem por cento naturais, ou seja, cem por cento seguras, Angelique ri. Ela diz:

– Cianureto é natural. Arsênico também.

Ela entrega as pérolas para você e diz:

– De agora em diante, eu volto a ser “Lentil”.

É assim que você quer se lembrar de Angelique, não do jeito que ela apareceu no noticiário no dia seguinte, pescada do rio num casaco de pele de marta empapado. Levaram os brincos e o relógio de diamante para parecer um assalto que terminou mal. Não com os pés acariciados até a morte, mas morta do jeito tradicional, com uma bala na nuca, logo atrás da trança francesa perfeita. Um alerta a todos os Dirks e a todas as Dominiques que quiserem abandonar o barco.

A clínica liga. Não é Lenny, é outro sotaque russo, tentando lhe conseguir clientes, mas você não confia mais neles. Os guardas viram você com Lentil. Lá na cobertura. Eles devem ter outra bala a postos para sua nuca.

Seus pais ligam da Flórida para avisar que um carro preto não para de segui-los, e que alguém liga para perguntar se os dois sabem como encontrá-la. A essa altura, você já está pulando de albergue em albergue, fazendo pequetes em becos para ter grana suficiente para sobreviver.

Você diz aos seus pais: Tomem cuidado. Você diz para eles não fazerem massagem com quem não conhecem. Do telefone público, você diz para eles não se meterem com aromaterapia. Auras. Reiki. Não riam, mas você vai passar um bom tempo viajando, quem sabe o resto da vida.

Não dá para explicar. Você está sem moedas, então diz aos seus pais:

– Adeus.

3.

Na primeira semana, comemos bife Wellington enquanto Miss América se ajoelhava diante de cada maçaneta e tentava abrir o trinco com uma espátula que pegou emprestada de Duque dos Vândalos.

Comemos robalo-riscado enquanto Miss Espirro mastigava comprimidos e cápsulas dos potinhos que sacudiam na mala. Enquanto ela tossia no punho cerrado e limpava o nariz na manga do casaco.

Comemos tetrazzini de peru enquanto Lady Mendiga brinca com seu anel de diamante. Com o aro de platina virado ao contrário, ela conversa com o grande diamante que paira na palma da mão.

– Packer? – diz ela. – Isso não tem *nada* a ver com o que me prometeram. – Lady Mendiga diz: – Como vou escrever algo profundo se o ambiente não for o… ideal?

Obviamente, Agente Fuxico está filmando o relato. E Conde Calúnia segura o gravador para captar cada palavra.

Tosse-tosse aqui. Tosse-tosse lá. Aqui, a miséria. Lá, uma vadia. Por todo lado, queixume. Miss Espirro diz que o ar está cheio de esporos de mofo tóxico.

Um roça-roça aqui. Uma tosse-tosse ali. Ninguém trabalhando. Não se escreve nada.

O magrelo São Sem-Pança, com o rosto sempre erguido, a boca escancarada, feito a de um bebê de passarinho, enquanto ele derrama *chili*, torta de maçã ou torta de carne de saquinho laminado. Seu pomo de adão sobe e desce toda vez que ele engole, a língua formando um funil para a mistureba morna passar dos dentes.

Mascando seu tabaco, Casamenteiro cuspiu no carpete manchado e disse que aquele prédio úmido, aqueles quartos escuros e com goteiras, não tinham nada a ver com a colônia de escritores que ele havia imaginado: gente escrevendo à mão, observando longos gramados; escritores comendo seu almoço em caixinhas, cada um em seu chalé. Pomares de damasco numa nevasca de pétalas brancas. Cochilos vespertinos debaixo das castanheiras. Croquê.

Mesmo antes de começar a delinear seu roteiro, a obra-prima de sua vida, Miss América disse que não ia conseguir. Seus seios estavam doloridos demais para escrever. Seus braços, cansados demais. Ela não conseguia sentir o cheiro das costeletas de vitela do almoço do dia sem vomitar um pouco os bolinhos de siri do dia anterior.

Sua menstruação estava quase uma semana atrasada.

– É a síndrome do edifício doente – disse Miss Espirro.

Com o nariz vermelho-carne-viva, já puxado para o lado, assoado numa bochecha.

Passando os dedos pelos corrimões e os espaldares esculpidos das cadeiras, Lady Mendiga nos mostrou o pó.

– Veja – disse ela ao enorme diamante em sua mão. Ela disse: – Packer? Packer, isto é inaceitável.

Em nossa primeira semana trancafiados, Miss Espirro tossia, respirando conforme as notas suaves e profundas que faria um órgão de tubos.

Miss América sacudia portas trancadas. Puxava para o lado as cortinas de veludo verde no lounge Renascença Italiana e encontrava janelas emparedadas. Com a alça de sua roda de abdominais de plástico cor-de-rosa, ela quebrou um vitral na sala de charutos estilo gótico, apenas para encontrar uma parede de cimento com uma instalação de lâmpadas para se passar por luz do sol.

No saguão francês à moda de Luís XV, todas as cadeiras e todos os sofás em veludo azul-centáurea, as paredes lotadas e tomadas de rococós de gesso e pergaminhos pintados de dourado, lá, Miss América ficou de collant rosa e pediu a chave. Seu cabelo, uma onda oceânica de loiro que se partia em cachos e repiques na nuca, ela precisava da chave para sair, nem que fosse por alguns dias.

– Você é romancista? – perguntou o Sr. Whittier.

Mesmo estirados nos braços cromados de sua cadeira de rodas, os dedos datilografavam um telegrama invisível. Tomados de veias e esculpido em rugas, os ossos de suas mãos tremiam num borrão constante.

– Roteirista de cinema – disse Miss América.

Os punhos sobre coxas cobertas de lycra rosa.

Olhando para ela, alta e esbelta.

– É claro – disse o Sr. Whittier. – Então escreva um roteiro sobre ficar cansada.

Não, na verdade Miss América precisava de um obstetra. Precisava tirar sangue. Precisava das vitaminas do pré-natal.

– Preciso encontrar uma pessoa – disse ela. Seu namorado.

E o Sr. Whittier disse:

– Foi por isso que Moisés conduziu as tribos de Israel pelo deserto…

Porque aquelas pessoas tinham vivido gerações como escravos. Porque aprenderam a ser inúteis.

Para criar uma raça de mestres a partir de uma raça de escravos, disse o Sr. Whittier, para ensinar um grupo controlado a controlar a própria vida, Moisés teve que ser um cuzão.

Sentada à beira de uma poltrona de veludo azul, Miss América continuava balançando sua cabeça loira. Seu cabelo ia para cima e para baixo. Ela entendia. Ela entendia. Então ela perguntou:

– E a chave?

E o Sr. Whittier lhe respondeu:

– Não.

Ele equilibrava nos joelhos um saquinho laminado de Frango Marsala, à sua volta o carpete azul remendado e pegajoso de mofo escuro. A cada remendo empapado, uma sombra se destrinchava em braços e pernas. Um fantasma de bolor. Puxando Frango Marsala de colher, o Sr. Whittier diz:

– Enquanto não conseguir ignorar suas circunstâncias e fazer apenas o que promete, você sempre será controlada pelo mundo.

– E você chama isso de quê? – pergunta Miss América, remexendo o ar poeirento com as mãos.

Então o Sr. Whittier diz, a primeira de um milhão de vezes:

– Só quero que cumpram sua palavra. – E: – O que os detém aqui vai detê-los pela vida inteira. O clima estará sempre carregado de alguma coisa. Seu corpo, muito dolorido ou cansado. Seu pai, muito bêbado. Sua esposa, muito fria. Vocês sempre terão uma desculpa para não viver sua vida.

– Mas e se acontecer alguma coisa? E se ficarmos sem comida? – pergunta Miss América. – Você abriria a porta, não é?

– Mas não ficamos – diz o Sr. Whittier, a boca cheia de frango com alcaparras mastigado. – Não estamos sem comida.

E não, não estamos mesmo. Ainda não.

Naquela primeira semana lá dentro, comemos curry de vegetais com arroz. Comemos salmão teriyaki. Tudo liofilizado.

De comida, tivemos feijão-verde selado em saquinhos laminados que não tinha como rasgar só com as mãos. “Antipragas”, dizia o estêncil em tinta preta de cada saquinho. Tínhamos feijão-verde antipraga, torta de frango antipraga e milho doce antipraga. Dentro de cada saquinho, alguma coisa se sacudia: gravetos, rochas e areia. Cada saquinho se inflava até virar um travesseiro prata com um bafo de nitrogênio para manter o conteúdo estéril. A lasanha bolonhesa ou o ravióli de queijo.

Antipragas ou não, Elo Perdido conseguia rasgar os saquinhos com as mãos peludas, pubianas e nuas.

Para cozinhar o jantar, a maioria das pessoas cortava os saquinhos com tesoura ou faca. Você enfiava a mão e remexia até encontrar o saquinho de chá com óxido de ferro, que colocavam para tirar qualquer resquício de oxigênio. Você pescava o saquinho e soltava em várias xícaras de água fervida. Tínhamos micro-ondas. Tínhamos garfos e colheres de plástico. Pratos de papelão. E água corrente.

Após dez páginas de um livro de vampiro, o jantar estava servido. Em vez de gravetos e água quente, o travesseirinho prateado estava recheado de bolo de carne caseiro ou estrogonofe de carne.

Nós nos sentávamos no tapete azul da escada do saguão, uma cachoeira azul encrespada, degraus tão amplos que podíamos ficar todos no mesmo sem esbarrar nos outros. Era o mesmo estrogonofe de carne que o presidente e o Congresso comeriam nos subterrâneos durante a guerra nuclear. Era do mesmo fabricante.

Outros saquinhos prateados diziam, em estêncil: “Nega Maluca”; “Bananas Foster”; Purê de batata; Macarrão instantâneo; Batatas fritas liofilizadas.

Tudo comida para se sentir bem.

Todo saquinho trazia a data de validade, que era só depois da nossa morte. Uma data que ia até depois de quase todo bebê de hoje em dia já ter morrido.

Cupcakes de morango com validade de cem anos.

Comemos cordeiro liofilizado com geleia de hortelã liofilizada enquanto Lady Mendiga descobria no fundo do coração que amava de verdade o falecido marido. Ela o amava, dizia, chorando, cobrindo o rosto com as mãos. De ombros caídos e tremendo aos soluços em seu casaco de marta. Embalando o diamante

gigante na palma da mão, ela precisava sair de lá e enterrar o marido de três quilates no lote da família.

Comemos omeletes Denver enquanto Duque dos Vândalos estourava bolas com seu chiclete de nicotina e dizia que aquela era uma péssima hora para deixar de fumar. E São Sem-Pança perdeu o tato na mão esquerda, uma lesão por esforço repetitivo, tentando chegar ao clímax sem uma imagem.

O gato de Diretora Negação, o gato chamado Cora Reynolds, comeu restos de robalo-riscado enquanto Condessa da Antevidência e Reverendo Ímpio se preocupavam se estávamos devidamente seguros. Se havíamos caído numa armadilha. Estavam inquietos, achando que alguém pudesse nos encontrar e… Disseram ao Sr. Whittier que precisavam continuar em movimento, se esconder, correr para permanecer em segurança.

Reverendo Ímpio, agarrado a um álbum de Barbra Streisand, os lábios rachados e vermelhos se mexendo enquanto lia a letra no encarte, ele disse ao gravador de Conde Calúnia:

– Eu *supus* que aqui a gente teria aparelho de som.

No visor da câmera de vídeo de Agente Fuxico, Chef Assassin levava colheradas esverdeadas de suflê de espinafre até o rosto rechonchudo, dizendo:

– Sou chef profissional. *Não* sou crítico gastronômico. Mas não posso passar três meses só com café *solúvel*…

Claro que todos diziam que ainda escreveriam suas obras, seus poemas e contos. Que concluiriam suas obras-primas. Mas não ali. Não naquele momento. Depois, lá fora.

Na nossa primeira semana lá, não conseguimos fazer nada. Fora reclamar.

– Não é desculpa – disse Miss América, segurando a barriga lisa com as mãos –, é uma vida humana.

Miss Espirro tossiu no punho. Ela fungou, os olhos inchados e avermelhados por trás das lágrimas, e disse:

– É minha vida em jogo. – E enfiou a mão no bolso em busca de outro comprimido.

E é claro que o Sr. Whittier só balançava a cabeça, discordando.

Sentado numa poltrona de veludo azul, o saguão envolto em dourado e veludo ao seu redor, o Sr. Whittier comia sopa de mariscos a colheradas, de um saquinho laminado, e disse:

– Me conte uma história sobre o pai da criança. – Dirigindo-se a Miss

América, ele disse: – Escreva pra mim a cena de como o conheceu.

E a câmera de Agente Fuxico deu zoom no rosto de Miss América para captar de perto sua reação em vídeo.

OTIMIZAÇÃO DO PRODUTO
Um poema sobre Miss América

– Estou sempre procurando – diz Miss América – o que NÃO gostar.
Toda vez que se olha no espelho.

Miss América no palco, seus cachos e espirais loiros,
ondulando e avultando-se,
para deixar seu rosto o menor possível.
O pé no salto alto, posicionado só um pouquinho à frente do outro
para fazer suas pernas se sobreporem,
e suas coxas parecerem mais
finas.
De perfil para o público, ela torce os ombros
para encarar a plateia.
Toda esta contorção esbaforida para que sua cintura pareça uma cinturinha.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme.
Seu rosto sob o véu de vídeos de ginástica.
Suas feições, seus olhos e lábios ressaltados pelo collant rosa-shocking e pelas polainas.
Sua pele de Miss América salta e dança com uma multidão de mulheres,
todas se olhando no espelho.
O filme: a sombra de um reflexo de uma imagem de uma ilusão.

Ela diz:
– Cada espiada que dou no espelho é como uma pesquisa de mercado sigilosa.
Ela é sua própria pesquisa de público-alvo.

Avaliando sua fachada numa escala de um a dez.

Todos os dias testando uma nova versão atualizada de si mesma, o

ela-ponto-cinco.

Sempre antenada para as tendências do mercado.

Seu vestido, justo como um maiô, justo como um collant,

sua meia-calça com mulheres pedalando bicicletas, rumo a lugar algum,

a mil calorias por hora.

– Na seção “Talentos” do meu programa – diz ela –, vou mostrar como desengolir.

Uma barriga cheia de sorvete de pêssego,

uma sacolinha de doces de Halloween com barrinhas de chocolate,

seis donuts com glacê,

dois cheesebúrgueres duplos.

O de sempre.

E, às vezes, esperma.

* * *

Seu rosto reluzente e tremeluzindo com exercícios aeróbicos, sua ambição imediata é

baixar a resistência inicial do consumidor.

Com a meta a longo prazo de se tornar o investimento a longo prazo de alguém.

Um bem de consumo durável.

SALA VERDE
Um conto de Miss América

Não é uma afronta pessoal quando bombas explodem. Nem quando um atirador faz um refém num estádio. Ou quando o monitoramento indica um alerta especial, e toda emissora tem que passar para a rede nacional.

Se você estiver vendo TV, primeiro a emissora e o diretor local vão passar para o formato *double-box*. O que os leigos chamam de tela dividida. Então os apresentadores vão dizer algo como: “Com as últimas notícias sobre o acidente com o transatlântico, Joe Blow de Nova York.” Isso é o que eles chamam de “passe”. Ou de “chute”.

Aí a rede nacional toma conta, e as redes locais ficam sem nada pra fazer até a transmissão especial acabar.

Nenhum assessor de comunicação quer explicar tudo isso pra cada novato que chega ali pra vender vídeos sobre ações, livros ou descascadores de cenoura de última geração.

Então, sentado na sala verde, lá nos bastidores de *Acorde, Chattanooga!*, um cara com o cabelo penteado pra trás com gel, ele explica coisas da vida pra loira.

E ela é loira demais, diz ele. Aquele loiro de farmácia que deixa os produtores doidos, porque não dá para usar as luzes direito sem a cor estourar. Alguns produtores chamam isso de “loiro-tocha-humana”. A cabeça da loira parece um incêndio.

– Faça o que precisar fazer – diz o cara de cabelo lambido para a loira –, mas, se tiver anotações, não as leia, ou a câmera vai mostrar só o topo da sua cabeça.

Produtores, diz ele, odeiam convidados que trazem anotações. Odeiam convidados que não soam naturais. Todo produtor vai dizer:

– Seja o produto. Não o force.

É irônico, mas o mesmo produtor vai te chamar de “Roda Fitness”, porque essa é a sua deixa no bloco, como está no cronograma deles. Diz “Vídeo sobre

Ações” no bloco do cara de cabelo lambido. Pro velhote, diz: “Tira-Manchas.”

A loira e o cabelo lambido, eles ficam no sofá de couro refugo na sala verde, xícaras de café velho abandonadas na mesinha em frente, uns monitores de vídeo que ficam piscando no alto, nos cantos, posicionados perto do teto. No primeiro monitor, você vê o repórter da rede nacional falando sobre o transatlântico, depois passando para o vídeo que mostra o navio de cabeça para baixo e as manchinhas de salva-vidas laranja boiando em volta. No segundo monitor, diz a loira, tem uma coisa ainda mais triste.

Naquele canto, você vê o palhaço do Bloco A, o velhão que esconde a careca, que saiu de sua cama no hotel de beira de estrada às cinco da manhã pra chegar aqui e vender essa escova tira-manchas especial que ele mesmo inventou. Pobre panaca. Botam o microfone nele, o levam para o palco, no set “sala de estar”, o que tem a floresta tropical de plantas falsas. Ele fica sob os refletores fortes enquanto os apresentadores ao vivo fazem a “conversinha” de abertura.

O set “sala de estar” é diferente do set “cozinha” e do set principal, porque tem mais plantas falsas e mais almofadas.

O palhaço acha que ganhou um bloco de dez minutos, porque a emissora está seguindo o relógio e só vai cortar para os comerciais dez minutos depois do começo. A maioria das emissoras corta em oito ou nove minutos. Desse jeito, não deixamos que a plateia fique trocando de canal e conseguimos uma audiência que justifique o bloco de quinze minutos.

– Não é bonito – diz o cabelo lambido à loira, e ele faz depressa um sinal da cruz, como bom católico –, mas antes ele que a gente.

Num segundo de demonstração do tira-manchas, o Bloco A é cortado pelo transatlântico naufragado.

Sentado na sala verde, num sofá de couro maltrapilho num ACD dois dígitos, o cabelo lambido diz que tem cerca de sete minutos para ensinar o mundo inteiro à nossa Miss América.

ACD quer dizer Área de Cobertura Direta. Boston, por exemplo, é a terceira ACD do país, porque sua mídia atinge o terceiro maior mercado consumidor. Nova York é a primeira. Los Angeles é a segunda. Dallas, a sétima.

Eles estão no fim da lista das ACDs. *Raiar de Lincoln* ou *Novo Dia em Tulsa*. Um canal que chega a um mercado consumidor que tem um total de zero consumidor.

Outro bom conselho: não vista branco. Nunca use nenhuma peça em xadrez

preto e branco, porque vai tremeluzir na câmera. E é sempre bom emagrecer.

– Olhe, só manter esse peso já dá um trabalhão – diz nossa loira para o cabelo lambido.

A pessoa que vai ao ar, a repórter local de *Chattanooga*, diz o cabelo lambido, a âncora daqui é praticamente uma boçal. O que quer que digam pra ela no ponto do ouvido são as exatas palavras que vão sair pela sua boca emplastrada de batom vermelho. O diretor poderia dizer: “Jesus, que demora! Passe logo para o Adote-um-Cão, e aí a gente corta para os comerciais…” E é exatamente isso que ela diria para as câmeras.

Uma boçal.

Nossa loirinha, atenta, não ri. Nem sequer abre um sorriso.

Então o cabelo lambido conta pra ela sobre outros repórteres que ele viu, certa vez, numa transmissão ao vivo durante um incêndio num depósito, a pessoa no ar mexendo no cabelo, olhando diretamente para a câmera ligada, ao vivo, e diz:

– Pode repetir a pergunta? Meu pinto caiu…

A repórter queria dizer “ponto”. Ponto eletrônico, diz o cabelo lambido. Ele aponta para a âncora que aparece no monitor e diz que a âncora sempre tem um penteado assimétrico. O cabelo esconde uma orelha. É porque ela tem um rádio minúsculo no ouvido, para ouvir lembretes e dicas do diretor. Caso o programa esteja demorando demais ou se eles precisarem passar para o derretimento do reator.

Essa loira está viajando com uma coisa que parece uma roda de abdominais que você fica girando no chão para perder peso. Ela usa um collant rosa com meia-calça roxa.

Sim, ela é magra e loira, mas quanto mais reentrâncias seu rosto tiver, diz o cabelo lambido, melhor você vai ficar na câmera.

– Por isso que eu trouxe minha foto do *antes* – diz ela. Inclinando-se na cadeira, curvando-se até os seios pressionarem os joelhos, ela enfia a mão numa sacola no chão. Ela diz: – Esta é a única prova de que não sou só mais uma loirinha magrela. – Ela tira uma coisa de papel da bolsa e segura a extremidade entre dois dedos. É uma foto, e a loira diz ao cabelo lambido: – Se as pessoas não veem isso aqui, acham que eu nasci assim. Nunca vão saber o que fiz da vida.

Se você aparece na TV mesmo com a mais leve gordurinha infantil, diz ele,

você parece um ninguém. Uma máscara. Uma lua cheia. Um zero bem grande inexpressivo que as pessoas não vão lembrar.

– Perder essa banha toda é a única coisa *heroica* que eu já fiz na vida – diz ela. – Se eu ganhar todo esse peso de volta, vai ser como se nunca tivesse vivido.

Entenda que, diz o cabelo lambido, a TV pega algo tridimensional – você – e transforma numa coisa bidimensional. Por isso todo mundo fica parecendo gordo na câmera. Gordo e tábua.

Segurando a foto entre duas unhas, olhando para seu antigo eu, nossa loira diz:

– Não quero ser só mais uma magrela.

Quanto ao fato de o cabelo dela ser muito "fogo", o cabelo lambido diz pra ela:

– Por isso que não se vê ruiva natural em pornô. A iluminação não fica boa.

É isso que esse cara quer ser: a câmera por trás da câmera por trás da câmera que dá a verdade final e derradeira.

Todo mundo quer ser o homem por trás das câmeras. O que pode dizer o que é bom e o que é ruim. O certo e o errado.

Nossa loira muito loira, cuja cor vai estourar nas câmeras, o cabelo lambido conta pra ela que todos os programas locais são segmentados em seis blocos com intervalos comerciais. O Bloco A, o Bloco B, o Bloco C e assim por diante. Programas tipo *Bom Dia, Fargo* e *O Sol Nasceu em Sedona*, esses estão nas últimas. Caros de produzir, se comparado a simplesmente comprar um talk show nacional para ocupar o horário.

Uma turnê promocional que nem essa é o novo teatro de revista. Ir de cidade em cidade, hotel em hotel, fazendo uma noite na televisão ou na rádio local. Vendendo seu novo modelador de cachos de última geração, seu novo tira-manchas ou sua nova roda de abdominais.

Você tem sete minutos para apresentar o produto. Isso se não encaixaram você no Bloco F – o último bloco, que na metade das ACDs acontece de cortarem do programa porque um bloco anterior demorou demais. Teve um convidado muito engraçado ou charmoso, então se demoraram nele e cortaram os comerciais. Fizeram um "bloco duplo" do cara. Ou a rede nacional interrompeu porque um navio afundou.

Por isso o Bloco A é tão especial. O programa começa, os apresentadores fazem a "conversinha" e você está no ar.

Não, daqui a pouco todo esse *know-how* que se montou a duras penas não vai ser bom pra ninguém.

Deve ser por isso que ele está ensinando a ela de graça. Sério, diz o cabelo lambido, ele devia escrever um maldito livro. É o Sonho Americano: transformar sua vida em alguma coisa que dê pra vender.

Ainda olhando para sua foto de gorda, a loira diz:

– É muito esquisito, mas essa foto da gordurama aqui vale mais que tudo – diz ela. – Antes me deixava triste só de olhar. Mas hoje é a única coisa que me deixa feliz.

Ela estende a mão, dizendo:

– Eu tomo tanto óleo de peixe que agora exalo essa coisa. – Ela balança a foto na cara do cabelo lambido. – Cheira minha mão.

A mão dela tem cheiro de mão, tipo pele, sabonete, esmalte fosco na unha.

Cheirando a mão dela, ele pega a foto. Chapada no papel, transformada apenas em altura e largura, ela é uma gorda usando uma blusa decotada com calça jeans de cintura baixa. Seu cabelo era castanho e sem graça.

Se você olhar para o que o cabelo lambido está vestindo, uma camisa rosa com gravata azul-ovo-de-tordo, terno esporte azul-escuro, é perfeito. O cor-de-rosa aquece seus tons de pele. O azul ressalta seus olhos. Antes de você abrir a boca, diz ele, tem que estar apresentável. Conteúdo apresentável, bem-vestido, feito para a TV. Se usa uma camisa amassada, gravata manchada, você vai ser o convidado cortado se o tempo ficar curto.

Qualquer emissora de TV só quer que você seja limpo, bem-vestido e charmoso. Conteúdo que agrade a câmera. Um rosto charmoso, porque um tira-manchas ou uma roda de abdominais não fala. Só conteúdo feliz, alto astral.

No monitor, a pele que pende do pescoço do velho está dobrada e plissada onde tem que entrar pela gola azul, abotoada e engomada. Mesmo assim, quando ele engole, só de ficar parado ali, mais pele se derrama da gola, do mesmo jeito que a gordura da menina da foto do *antes* se derrama pela cintura da calça jeans.

A foto nem parece da mesma pessoa. Principalmente porque ela está sorrindo na imagem.

Olhando para o monitor da sala verde, o cabelo lambido ressalta que a câmera ligada não está fazendo uma panorâmica da plateia, não faz plano aberto. Isso significa que o lugar está cheio de velhas desdentadas. A pessoa que recruta a plateia deve ter feito alguma maracutaia. Eles arrastam essas caipiras pra lá às

sete da manhã e enchem a plateia, aí a emissora promove a Feira de Artesanato da Terceira Idade. É assim que enchem esses programas de gente só pra bater palma. Perto do Halloween, só virá gente jovem, porque a emissora vai promover a arrecadação para a Casa Mal-Assombrada. Perto do Natal, a plateia é só de velhotes que querem chamar atenção para o próprio bazar beneficente. Aplauso falso em troca de publicidade grátis.

No monitor, os repórteres nacionais passam o programa pra âncora local, que passa pra um teaser enlatado sobre o programa de transformação total do dia seguinte, depois mais um passe: uma linda imagem da chuva que cai lá fora, uma fanfarrinha, e entramos nos comerciais.

O navio afundou; centenas de mortos. Filme às onze.

O cabelo lambido repassa mentalmente seu discurso sobre ações, de um jeito que inclua Atos Divinos. Desastres que não dá pra prever. E como um plano de investimentos bom e sólido pode ser de importância vital para as pessoas que dependem de você. Ele, sendo seu próprio produto. Escondendo seus propósitos.

Ele, a câmera por trás da câmera.

Por mais que o transatlântico tenha demorado para afundar, parece que o cabelo de nossa loira platinada vai ficar de fora.

Antes de voltarem dos comerciais, começando com os informes do trânsito, uma voz em off e a transmissão ao vivo de uma câmera na rodovia, antes disso a produtora escolta o tira-manchas de volta para a sala verde. A produtora passa o microfone sem fio para o Vídeo de Ações. Ela diz para a Roda Fitness:

– Obrigada por ter vindo, mas sinto muito. Lotamos e demorou demais…

E ela vai mandar a segurança escoltar nossa loira até a saída.

E assim eles encerram e passam para a transmissão da emissora – as novelas e os talk shows com os famosos – às dez em ponto.

O velho no monitor usa uma camisa e uma gravata iguais às do cabelo lambido. Olhos azuis iguais também. Ele tem tudo de que precisa. Só chegou na hora errada.

– Quero te fazer um favor – diz o cabelo lambido para a loira. Ainda segurando a foto do *antes*, da gorda, ele diz pra ela: – Aceita um conselho?

Claro, diz ela, qualquer coisa. E, ouvindo com atenção, ela pega um copo de café frio com mancha de batom na borda que combina com o batom rosa da sua boca.

A loira com o cabelo sexy, nesse momento ela é a ACD particular do cabelo

lambido.

Acima de tudo, ele lhe diz, não deixe esses Romeus de talk show matinal levarem você pra cama. Ele não está falando de quem aparece no ar. Precisa tomar cuidado com o papinho desses caras, esses que vão vender o esfregão do milagre e de como-ficar-rico de cidade em cidade. Vocês vão ficar junto em salas verdes em ACDs do país todo. Você e eles se sentindo solitários por estarem há tanto tempo na estrada. Nada além de um quarto de hotel de beira de estrada no fim do dia.

Falando por experiência pessoal, esses romances de sala verde não levam a lugar algum.

– Lembra da Moça da Meia-Calça Desfi-Nunca? – pergunta ele.

E a loira assente.

– Era minha mãe – diz o cabelo lambido.

Ela havia conhecido o pai dele quando os dois estavam em turnê de vendas, se reencontrando sempre em salas verdes como aquela. A verdade é que ele nunca se casou com ela. Largou-a assim que descobriu sobre a gravidez. Por estar grávida, ela perdeu o contrato de garota propaganda da meia-calça. E o cabelo lambido cresceu assistindo a programas tipo *Saia da Cama*, *Boulder* e *Olhe a Hora*, *Tampa*, tentando descobrir qual daqueles homens de discurso acelerado e sorriso contagiante era seu pai.

– Por isso entrei nesse negócio – conta ele à nossa loira.

Por isso que: nunca se envolva. É sua primeira regra.

A loira diz:

– Sua mãe é muito, muito bonita…

A mãe dele… Ele diz que a Meia-Calça Desfi-Nunca devia ter amianto. Ela descobriu um câncer alguns meses atrás.

– Estava feia pra burro – disse ele – quando morreu.

A qualquer momento, a porta da sala verde vai se abrir e a produtora vai entrar pedindo desculpas, mas vão ter que cortar mais um convidado. A produtora vai olhar para o cabelo loiro-brilhante da menina. A produtora vai olhar para o blazer esporte azul-marinho do cabelo lambido.

O Bloco F foi dessa pra melhor no instante em que a emissora exibiu o transatlântico. Depois o Bloco E – Cores para Casa, dizia a prompter – caiu fora quando o programa parecia condenado a durar demais. Aí o Livro Infantil encaixado no Bloco D se mandou.

A triste verdade é que, mesmo se você deixar seu cabelo do tom certo de loiro e fingir ser engraçada e alto astral, conteúdo *bom*, ainda assim um terrorista de estilete acaba com seus sete minutos. Claro que sempre dá para gravar e exibir o bloco no outro dia, mas tem grandes chances de que não façam isso. Eles têm todo o conteúdo da semana programado, e passar você para o dia seguinte significa cortar outra pessoa…

No último minuto deles sozinho, só os dois na sala verde, o cabelo lambido pergunta se pode fazer outro favor para nossa loira.

– Quer me dar o seu bloco? – sugere ela. E sorri, igual à foto. Seus dentes não são muito horríveis.

– Não – diz ele. – Mas quando alguém está sendo charmoso… quando te contam uma piada… – diz o cabelo lambido, e rasga ao meio a foto do *antes*. Junta as duas metades e rasga de novo. Quartos. Depois, oitavos. Depois, o que for. Retalhos. Pedacinhos. Confete. Ele diz: – Se você quer ser bem-sucedida neste ramo, pelo menos precisa fingir um sorriso.

Pelo menos finja que gosta de gente.

Lá, na sala verde, a boca de batom rosa da loira vai se descolando, se abrindo, abrindo, abrindo até que para. Seus lábios se entreabrem e se fecham duas, três vezes, como um peixe fora d'água, e ela diz:

– Seu *cana.*…

Então a produtora entra com o velho.

A produtora diz:

– Ok, acho que vamos com o vídeo de ações no último bloco…

O velho olha para o cabelo lambido como quem olha para o cliente de uma loja de departamentos que pediu meio milhão de unidades e diz:

– Thomas…

A loira fica ali sentada, segurando um copo de café gelado.

A produtora está tirando o microfone da parte de trás do cinto do homem. Ela entrega ao cabelo lambido.

E ele diz para o velho:

– Bom dia, pai.

Apertando a mão do cabelo lambido, o velho pergunta:

– Como vai sua mãe?

A Garota Meia-Calça Desfi-Nunca. A que ele deixou para trás.

Nossa Miss Loira se levanta. Fica de pé, para desistir, para ir para casa, para o fracasso.

E, pegando o microfone, conferindo o botão para verificar se não está ligado, o cabelo lambido diz:

– Ela morreu.

Morta e enterrada, e ele nunca vai dizer onde. Ou, se disser, vai mentir.

E *splash*.

O cabelo e o rosto dele, frios e molhados.

Encharcados de café. Café gelado. Camisa e gravata arruinadas. O cabelo lambido agora escorre pelo rosto.

Nossa loira estica a mão para o microfone e diz:

– Obrigada pelo conselho. – Ela diz: – Acho que agora *eu* sou a próxima…

E, muito pior que ser loira demais, pior que destruir a roupa e o cabelo lambido dele, é que nossa magrela ficou apaixonada pra caralho por ele.

4.

No saguão de veludo azul, alguma coisa cai escada abaixo das sombras do balcão nobre. Degrau a degrau, o barulho fica mais alto até virar retumbante, rolante, redondo-escuro, vindo do segundo andar mal iluminado. É uma bola de boliche, que bate no meio de cada degrau da escada. Que rola em silêncio negro pelo tapete azul do saguão, a bola de boliche da Irmã Justiceira que passa por Cora Reynolds lambendo as patas, depois pelo Sr. Whittier tomando café solúvel na cadeira de rodas, depois por Lady Mendiga e seu marido de diamante, até que a bola bate, negrume, nas portas duplas e desaparece no auditório.

– Packer – diz Lady Mendiga a seu diamante –, tem alguma coisa presa aqui com a gente. – Baixando a voz, quase sussurrando, ela pergunta ao diamante: – É *você*?

Aquele quadradinho de vidro que só se pode quebrar em caso de incêndio, Miss América já quebrou. A janelinha com moldura de metal pintada de vermelho, um martelinho pendurado ao lado numa corrente, ela quebra o vidro e aperta o botão de todas. Miss América faz isso no saguão. Depois, no passeio de laca vermelha à la restaurante chinês, com um monte de Budas de gesso. Depois, no vestíbulo à la templo maia do porão, com rostos de guerreiros esculpidos em madeira. Depois, na galeria das Mil e Uma Noites, atrás dos camarotes do balcão nobre. Depois, na cabine de projeção encaixada no telhado.

Nada acontece. Não soa alarme algum. Ninguém vem com um machado para derrubar as portas corta-fogo e resgatá-la. Resgatar a todos.

Nada aconteceu, e nada continuou acontecendo.

O Sr. Whittier está sentado em sua cadeira de rodas, próximo a um sofá de veludo azul no saguão, sob as folhas de vidro de um candelabro tão grande quanto uma nuvem cinza cintilante.

O Casamenteiro já chamava os candelabros de “árvores”. Uma fileira deles pendurada no centro de cada um dos salões, galerias e lounges. Ele os chamou de pomares de vidro, que crescem em correntes envoltas em veludo e enraizados no teto.

Cada um vê a própria realidade particular “do lar” nesses cômodos gigantescos.

Conde Calúnia está escrevendo em seu bloquinho. Agente Fuxico, gravando. Condessa da Antevidência, vestindo seu turbante. São Sem-Pança, comendo.

Esticando bem o braço, Diretora Negação joga um rato de borracha, que cai a meio caminho das portas do auditório. Com a outra mão, ela massageia o ombro de seu braço de arremessar enquanto o gato, Cora Reynolds, traz o rato de volta, as patas erguendo um jato de poeira fervilhante do tapete.

Assistindo a eles com um braço cruzado sobre o peito para apoiar os seios e uma mão retorcida para coçar a nuca, a Sra. Clark diz:

– Em Villa Diodati, eles tinham cinco gatos.

São Sem-Pança come crepe Suzette de um saquinho prateado, usando uma colher de plástico.

Lixando as unhas, Lady Mendiga observa cada colherada rosa pingar da embalagem até a boca de São Sem-Pança, e ela diz:

– Isso *não tem* como ser bom.

E nada mais acontece. Não acontece mais nada.

Isso até Miss América parar no meio do grupo e dizer:

– Isso é ilegal.

O que o Sr. Whittier fez foi sequestro. Ele está mantendo pessoas ali contra a vontade delas, e isso é crime.

– Quanto antes vocês cumprirem o prometido – diz o Sr. Whittier –, mais rápido esses três meses vão passar.

Arremessando o rato falso, Diretora Negação pergunta:

– O *que* é Villa Diodati?

– É uma casa no Lago Como – conta Lady Mendiga a seu diamante falso.

– Lago *Léman* – corrige a Sra. Clark.

Em retrospecto, a posição do Sr. Whittier é de que estamos sempre certos.

– Não é questão de certo ou errado – dizia o Sr. Whittier.

De fato, não há errado. Não na nossa mente. Ou na nossa realidade particular.

Você nunca pretende fazer a coisa *errada.*

Você nunca diz o que acha que é a coisa *errada.*

Na sua mente, você está sempre certo. Qualquer atitude – o que você faz, diz ou como decide se mostrar ao mundo – é automaticamente certa no momento em que você age.

Com as mãos trêmulas enquanto ergue o copo, o Sr. Whittier diz:

– Mesmo que disséssemos: “Hoje vou tomar café do jeito *errado*… numa bota suja.” Mesmo isso seria certo, pois escolhemos beber café na bota.

Porque é impossível você fazer algo errado. Você está sempre certo.

Mesmo quando diz: “Sou um idiota, estou tão errado…”, você está certo. Você está certo sobre estar errado. Você está certo mesmo quando é um idiota.

– Não importa quão imbecil seja uma ideia – dizia o Sr. Whittier –, estamos fadados a estar certos porque ela é nossa.

– Lago Léman? – sugere Lady Mendiga, de olhos fechados. Beliscando as têmporas, pressionando-as entre o dedão e o indicador, ela diz: – Villa Diodati é onde Lord Byron estuprou Mary Shelley…

E a Sra. Clark diz:

– *Não* foi.

Todos nós estamos condenados a estarmos certos. Em relação a tudo que pudermos pensar.

Neste mundo líquido e variante, onde todos estão certos e qualquer ideia é certa no momento em que você a coloca em prática, dizia o Sr. Whittier, a única certeza é o que você promete.

– Três meses, vocês me prometeram – diz o Sr. Whittier por trás do vapor do café.

É aí que acontece uma coisa, mas nada de mais.

No olhar seguinte, você sente suas pregas se apertarem. Seus dedos voam para tapar a boca.

Miss América segura uma faca numa das mãos. Com a outra, ela agarra o nó da gravata do Sr. Whittier, puxando o rosto dele para perto do dela. O café do Sr. Whittier, entornado, derramado, queimando no chão. Suas mãos pairam, tremem, rodopiam pelo ar poeirento.

O saquinho prateado de crepe Suzette instantâneo de São Sem-Pança cai, escorre pelo tapete azul-centáurea, com as cerejas vermelhas pegajosas e o chantilly reconstituído.

E o gato corre para dar uma provadinha.

Com os olhos quase tocando os do Sr. Whittier, Miss América diz:

– Então estou certa se matar você?

A faca faz parte da coleção que Chef Assassin trouxe na maleta de alumínio.

E o Sr. Whittier retribui o olhar, ele e Miss América, tão próximos que os cílios dos dois se tocam ao piscar.

– Mas você ainda estará presa – diz ele, o cabelo grisalho pendendo do crânio. Sua voz engasgada pela gravata.

Miss América aponta a faca para a Sra. Clark e pergunta:

– E ela? Ela tem a chave?

E a Sra. Clark balança a cabeça. Não. Seus olhos estão esbugalhados, mas seu biquinho de bebê continua paralisado a silicone.

Não, a chave está escondida em algum lugar do prédio. Um lugar em que apenas o Sr. Whittier pensaria em olhar.

Ainda assim, mesmo que ela o matasse, estaria certa.

Se Miss América tacar fogo no prédio e torcer para os bombeiros verem a fumaça e a salvarem antes que todos sufoquem… ela estará certa de novo.

Se Miss América enfiar a ponta da faca no globo ocular lácteo de cataratas do Sr. Whittier e arrancá-lo para o gato brincar… ela ainda estará certa.

– Diante disto – diz o Sr. Whittier, com a gravata apertada no punho cerrado dela, o rosto ficando vermelho-escuro, a voz, um sussurro –, vamos começar fazendo o que prometemos.

Três meses. Escreva sua obra-prima. Fim.

A cadeira cromada com rodas bate no chão com um estrondo assim que Miss América o solta nela. A poeira do tapete toma o ar, e as duas rodas da frente da cadeira quicam no tapete, de tão forte que é a queda. As mãos do Sr. Whittier rapidamente envolvem o pescoço para afrouxar a gravata. Ele se abaixa para pegar o copo de café no chão. Seu cabelo grisalho que escondia a careca pende para baixo, permeia as laterais da pele de seu crânio cheia de manchas.

Cora Reynolds continua comendo as cerejas e o chantilly do carpete poeirento ao lado da cadeira de São Sem-Pança.

Miss América diz:

– Ainda *não* terminou…

Ela aponta a faca para todos no saguão. Com um movimento veloz do braço, uma rápida contração dos músculos, a faca vai parar nas costas de uma poltrona

palaciana do outro lado da sala. A lâmina cravada e zunindo no veludo azul, o cabo ainda sacudindo.

Detrás de sua câmera, Agente Fuxico diz:

– *Corta.*

Cora Reynolds, com sua língua rosa-camurça, ainda lambe-lambe-lambendo o tapete pegajoso.

Conde Calúnia anota alguma coisa no bloquinho.

– Então, Sra. Clark – diz Lady Mendiga –, Villa Diodati?

– Lá eles tinham *cinco* gatos – afirma o Sr. Whittier.

– Cinco gatos e oito cachorrões – diz a Sra. Clark –, três macacos, uma águia, um corvo e um falcão.

Foi numa casa de verão em 1816, onde um grupo de jovens passou a maior parte dos dias preso por causa da chuva. Alguns eram casados, outros não. Homens e mulheres. Leram histórias de fantasmas uns para os outros, mas os livros que tinham eram terríveis. Depois daquilo, todos combinaram de escrever uma história. Qualquer tipo de história de terror. Para entreter os outros.

– Tipo a Mesa Redonda do hotel Algonquin? – pergunta Lady Mendiga ao diamante nas costas da mão.

Só um grupo de amigos sentados, tentando assustar uns aos outros.

– E o que eles escreveram? – questiona Miss Espirro.

Aquele povinho entediado de classe média tentando matar o tempo. Gente encurralada na casa de veraneio úmida e mofada.

– Nada de mais – diz o Sr. Whittier. – Só a história de *Frankenstein.*

A Sra. Clark diz:

– E *Drácula.*…

Irmã Justiceira desce a escada. Ao passar pelo saguão, ela olha embaixo das mesas, atrás das cadeiras.

– Está *lá* – diz o Sr. Whittier, erguendo o dedo trêmulo para indicar as portas duplas do auditório.

Lady Mendiga olha de soslaio para as portas do auditório, onde Miss América e a bola de boliche sumiram.

– Meu finado marido e eu éramos especialistas em tédio – diz Lady Mendiga, e nos faz esperar enquanto dá três, quatro, cinco passos pelo saguão para tirar a faca da poltrona.

Segurando a faca, olhando para a lâmina, sentindo o fio, ela diz:
– Posso contar a vocês o que gente rica e entediada faz pra matar o tempo…

USINA DE IDEIAS
Um poema sobre Lady Mendiga

– Bastam três médicos – diz Lady Mendiga – para fazer alguém desaparecer.
Pelo resto da vida.

Lady Mendiga no palco, as pernas depiladas com cera. Os cílios tingidos de rímel preto.
Os dentes clareados brilham tanto quanto as pérolas. A pele massageada.
Seu anel de diamante lampeja, claro como um farol.
Seu terninho de linho, feito a alfinete e giz, depois pregas e aparas
até não servir em mais ninguém neste mundo.
Toda ela, um monumento a ficar parada
enquanto uma equipe de peritos labuta em troca de muito dinheiro.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:
Um véu de mulheres arrastando casacos de pele. A sensação da seda se assenta sobre seu rosto.
No filme, a armadura de joias em ouro e platina, que alerta
com o lampejo vermelho de rubis e safiras amarelo-canário.
Lady Mendiga diz:
– Não é nada divertido ter um pai gênio.
Ou mãe, ou marido, ou esposa, pergunte a qualquer um. Qualquer um que seja rico.
Ainda assim, diz ela, bastam três médicos…
Graças ao Sanatório das Ideias.

– Gente muito inteligente – diz ela – só fica feliz mesmo quando é…
internada.
Se Thomas Edison estivesse vivo. Madame Curie. Albert Einstein.

Seus maridos, esposas, filhos, filhas assinariam toda a papelada necessária.

Num instante.

– Para resguardar a renda – diz Lady Mendiga.

O fluxo financeiro de honorários e verbas por patentes e invenções.

O véu de tratamentos em spa e pedicures, bailes beneficentes e camarotes de ópera enxuga

o suave rosto de Lady Mendiga,

e ela diz:

– Isso inclui meu pai. Foi pelo bem dele.

– Ele estava… se exibindo – diz ela. – Saindo com uma mulher mais nova. Usando peruca.

Não dividia mais a renda da sua linha de produtos. Rejeitava o trabalho.

Agora – três médicos depois –, lá está ele:

Com todos os outros gênios inventores. Atrás de portas trancadas.

Sem telefone.

Pelo resto da vida.

De dentro de seu véu de ilhas particulares… apresentações equestres… leilões de espólio,

Lady Mendiga diz:

– A maçã nunca cai longe da macieira.

Ela diz:

– Nós todos… somos algum tipo de gênio.

Ela diz:

– Mas alguns, em outros sentidos.

FAVELANDO
Um conto de Lady Mendiga

Depois que você desiste da televisão e dos jornais, as manhãs são a pior parte: a primeira xícara de café. É verdade que na primeira hora acordado você quer saber sobre o resto do mundo. Mas a nova regra é: nada de rádio. Nada de TV. Nada de jornal. Corte abrupto.

Se mostrar a ela um exemplar da *Vogue*, a Sra. Keyes ainda fica sem fôlego.

Chega o jornal, e ela o coloca na reciclagem. Nem tira o elástico. Nunca se sabe quando a manchete vai ser:

"Assassino Continua a Atacar Sem-Teto."

Ou: "Corpo de Mendiga Encontrado em Pedaços."

Na maioria das manhãs, durante o café, a Sra. Keyes lê catálogos. Dá para pedir pelo telefone um único e milagroso par de sapatos, e a partir daí você receberá toda semana, pelo resto da sua vida, uma pilha de catálogos. Produtos para casa. Para o jardim. Que vão poupar seu tempo. Economizar espaço. Ferramentas e invenções.

Onde antes ficava a televisão, no balcão da cozinha, ela colocou um aquário com um daqueles lagartos que mudam de cor para se adequar à decoração. Um aquário que, quando você aperta o interruptor da lâmpada que aquece, não vai dizer que mais um indigente levou um tiro e morreu, que jogaram o corpo no rio, que foi a décima quinta vítima de uma série de assassinatos de mendigos na cidade, os corpos esfaqueados, baleados e incendiados com fluido de isqueiro, moradores de rua em pânico e lutando para encontrar vaga nos abrigos à noite, apesar do novo tipo de tuberculose. Dos vagões de trem cheios. Dos defensores do social que dizem que o município mandou matar os pedintes. Você sabe de tudo isso só olhando de soslaio para a banca de jornal. Ou de entrar num táxi com o rádio alto.

Então você compra um aquário de vidro, coloca onde ficava a TV, e agora você tem um lagarto; um bicho tão imbecil que toda vez que a faxineira mexe uma pedra, o lagarto acha que foi parar a quilômetros de onde estava.

Isso se chama “encasular”: quando sua casa se torna todo o seu mundo.

O Sr. e a Sra. Keyes – Packer e Evelyn – não eram assim. Antes, bastava um golfinho morrer em uma rede de pesca de atum que eles já assinavam um cheque. Davam uma festa. Organizavam um banquete em prol de todos os que explodiram nas minas terrestres. Promoviam um jantar dançante em nome do traumatismo craniano. Da fibromialgia. Da bulimia. Um coquetel e um leilão fechado pela síndrome do intestino irritável.

Toda noite tinha um tema diferente:

“Paz Universal Para Todos os Povos”.

Ou: “Esperança pelo Futuro Vindouro”.

Imagine ir ao seu antigo baile de formatura toda noite pelo resto da vida. Toda noite, mais um palco de flores tropicais recortadas e zilhões de luzinhas brancas piscando. Uma escultura de gelo, uma fonte de champanhe e uma banda de smoking branco tocando Cole Porter. Cada palco armado para desfilar a realeza árabe e geniozinhos da internet. Gente que enriqueceu muito rápido com capital de risco. Gente que nunca fica parada no continente mais tempo do que o necessário para abastecer o próprio jatinho. Essa gente sem imaginação, que só abre uma *Town & Country* e diz: “Quero isso.”

Em todo jantar beneficente em nome da violência contra a criança, todo mundo andava com as duas pernas e comia crème brûlée com a boca, os lábios roliços com os mesmos preenchedores cutâneos. Olhavam para o mesmo relógio Cartier, marcando o mesmo horário, envoltos pelos mesmos diamantes. O mesmo colar Harry Winston em volta de um pescoço esculpido, comprido e emagrecido pela hata-ioga.

Todo mundo saía e entrava no mesmo Lexus sedã, só com cores distintas.

Ninguém se impressionava. Toda noite era um impasse total e absoluto.

A melhor amiga da Sra. Keyes, Elizabeth Ethbridge Fulton Whelps, a “Inky”, dizia que só existe um “melhor” de tudo. Certa noite, Inky disse: “Quando todo mundo pode comprar a melhor coisa, a verdade é que essa coisa fica um pouco… comum.”

Toda a Sociedade Vetusta havia sumido. Quanto mais barões da mídia recém-ungidos apareciam em um evento, menos o povo da grana antiga aparecia, fosse de ferrovia ou de transatlântico.

Inky sempre disse que se fazer ausente era o novo se fazer presente.

Foi depois de um desses coquetéis em nome das vítimas da violência armada

que os Keyes saíram à rua. Packer e Evelyn estão descendo os degraus do museu e lá se vê a grande fila de zés-ninguém em casacos de pele esperando os manobristas. Sentados num banco, há um bebum e uma mendiga que todos fingem não ver.

Nem sentir o cheiro.

Aqueles dois não são jovens. Vestem roupas que encontraram no lixo. Os fios saindo das costuras, o tecido duro e descolorido com manchas. A mendiga usa um tênis se abrindo, sem cadarços. Seu cabelo, emaranhado e amassado, aparece por baixo da tela de uma peruca, o cabelo de plástico falso tão duro e cinza quanto palha de aço.

O bebum tem um gorro marrom de tricô enterrado na cabeça. Ele está acariciando a mendiga, enfiando a mão pela frente da calça de poliéster com stretch dela e subindo a outra por baixo do moletom. A mendiga se contorce nas roupas, gemendo, passando a língua pelos lábios entreabertos.

A mendiga, no ponto em que seu moletom está levantado, a barriga dela é seca, reta. A pele é de um cor-de-rosa lisinho.

O bebum, de calça de moletom larga, tem uma tenda armada na frente da ereção. Na ponta da tenda há uma mancha preta, de algo vazando.

Packer e Evelyn devem ser os únicos que observam os dois se agarrando. Os manobristas correm entre o museu e o estacionamento no fim da quadra. A multidão de novos-ricos fica olhando para o ponteiro de segundos dar voltas em seus relógios de diamante.

O bebum pressiona o rosto da mendiga contra sua calça. Os lábios dela percorrem a mancha preta, que se espalha.

Os lábios da mendiga, Evelyn diz a Packer: ela conhece aqueles lábios.

Você ouve um barulhinho, aquele tinir agudo que faz todo mundo na fila esperando o manobrista enfiar a mão no casaco de pele em busca do celular.

Ah, meu Deus, diz a Sra. Keyes. Ela diz a Packer: aquela mendiga que o bebum está apalpando é a cara da Inky. De Elizabeth Ethbridge Fulton Whelps.

O barulho agudo soa de novo, e a mendiga baixa a mão. Ela puxa a parte inferior de uma perna da calça sem bainha, desfiando o poliéster bege, e exibe a perna envolvida com uma atadura elástica suja. Com os lábios ainda na virilha do bebum, do meio das camadas de ataduras seus dedos pegam uma coisinha preta.

O tinir agudo soa de novo.

Da última vez que Evelyn ouviu falar, Inky gerenciava uma revista. Talvez fosse a *Vogue*. Ela passava metade do ano na França, decidindo a altura em que ficariam as bainhas da próxima estação. Ficava na primeira fileira dos desfiles de Milão e fazia críticas de moda para um canal de TV a cabo. Ia ao tapete vermelho e comentava sobre quem vestia o quê no Oscar.

Aquela mendiga no banco do ponto de ônibus, ela segura o objeto preto ao lado da peruca de plástico cinza. Dedilha o aparelho e diz:

– Alô? – Tira a boca da protuberância úmida na calça do bebum e diz: – Está anotando? – Ela diz: – Lima é o novo rosa.

A voz da mendiga, diz a Sra. Keyes ao marido, ela conhece aquela voz.

Ela diz:

– Inky?

A mendiga enfia o celular de volta nas ataduras.

– Aquele bebum fedorento – diz Packer – é o presidente da Global Linhas Aéreas.

Então a mendiga ergue o olhar e diz:

– Muffy? Packer?

A mão do bebum continua enfiada na calça dela. Ela dá tapinhas ao seu lado no banco e diz:

– Que surpresa boa.

O mendigo puxa os dedos, molhados e brilhosos à luz do poste, e diz:

– Packer! Venha cá.

E é claro que Packer sempre tem razão.

Pobreza, diz Inky, é a nova riqueza. Anonimato é a nova fama.

– Mergulhador social – diz Inky – é o novo alpinista social.

O Jet Set é o sem-teto original, diz Inky. Podemos ter uma dúzia de casas – uma em cada cidade –, mas ainda vivemos carregando a mala.

Faz sentido. No mínimo porque Packer e Evelyn nunca estão sabendo das últimas de nada. Nesta temporada social, eles têm ido a apresentações equestres, vernissages e leilões, um contando ao outro que todas as socialites da Velha Guarda estavam no detox ou fazendo plástica.

Inky diz:

– Se você vai de carrinho de compras ou de Gulfstream G550, o instinto é o mesmo. Sempre em frente. Não se prenda.

Além do mais, diz ela, só é preciso ter dinheiro em espécie para entrar no Comitê de Condução da Ópera. Você faz uma doação gorda e consegue uma vaga no Comitê da Fundação do Museu.

Se você assina um cheque, vira celebridade.

Se é apunhalada até morrer em um filme de sucesso, fica famosa.

Em outras palavras: atada.

Inky diz:

– Os zés-ninguém são as novas celebridades.

O bebum da Global Linhas Aéreas, ele tem uma garrafa de vinho numa sacola de papelão marrom. O vinho, diz ele, é misturado com partes iguais de enxaguante bucal, xarope para tosse e colônia Old Spice, e depois de um drinque os quatro saem passeando pela escuridão, atravessando aquele parque aonde nunca se deve ir à noite.

A graça da bebida é que cada gole é uma decisão irrevogável. Você segue adiante, com o jogo sob controle. A mesma coisa vale para os comprimidos, os sedativos, os analgésicos: cada um que você engole é o primeiro passo definitivo para um caminho.

Inky diz:

– O público é o novo privado.

Ela diz que se você fizer check-in no hotel mais sofisticado – um desses que dá roupão branco, com orquídeas balançando perto do bidê de mármore branca no banheiro –, mesmo assim, são grandes as chances de ter uma câmera escondida para te assistir. Ela diz que o único lugar que sobrou para transar é a céu aberto. Na calçada. No metrô. As pessoas só querem ver se acharem que não podem.

Além disso, diz ela, todo esse estilo de vida champanhe-com-caviar perdeu a graça. Fugir é muito fácil quando dá para pegar o Learjet e chegar a Roma em seis horas. O mundo parece muito pequeno, muito manjado. Dar a volta ao mundo é só a oportunidade de sentir tédio em outros lugares, mais rápido. Um café da manhã sem graça em Bali. Um almoço previsível em Paris. Um jantar entediante em Nova York, e ficar com sono, bêbada, enquanto faz mais um boquete em Los Angeles.

Um monte de experiências áureas, muito próximas umas das outras.

– Como o Getty Museum – diz Inky.

– Lave, enxague, repita – diz o bebum da Global Linhas Aéreas.

No novo mundo chato de todo mundo pertencente à classe média alta, Inky diz que nada faz você gostar mais do seu bidê do que passar algumas horas mijando na rua. Pare de tomar banho até ficar fedorenta, aí o banho vai ser tão bom quanto uma viagem a Sonoma para fazer enema de lama detox.

– Pense – diz Inky – que é como um *sorbet* da pobreza.

Uma bela janelinha para a desgraça que faz você aproveitar a vida real.

– Venham com a gente – sugere Inky. Com uma mancha verde e pegajosa de xarope pra tosse no canto da boca e fios de cabelo da peruca de plástico grudados nela, Inky acrescenta: – Na próxima sexta à noite.

Feiura, diz ela, é a nova beleza.

Ela diz que todas as pessoas certas estarão lá. A Velha Guarda. Os melhores do Diretório Social. Às dez da noite, debaixo das rampas oeste da ponte.

Eles não podem, diz Evelyn. Ela e Packer, na quarta-feira à noite têm a Valsa pelo Fim da Fome na América Latina. Na quinta é o Banquete dos Aborígenes Necessitados. Na sexta há um leilão fechado em nome dos profissionais do sexo adolescentes que escaparam. Esses eventos, com todos os prêmios de acrílico polido que dão, fazem você sentir saudade do dia em que o medo número um nos Estados Unidos era falar em público.

– Basta irem ao Sheraton do centro – diz Inky. – Pedir um quarto.

Evelyn deve ter feito uma cara confusa, pois Inky diz:

– Relaxe.

Ela diz:

– É óbvio que não *ficamos* lá. Não no *Sheraton*. É só onde trocamos de roupa.

Qualquer horário depois das dez da noite de sexta, diz ela, debaixo das rampas de acesso à ponte.

O primeiro problema de Packer e Evelyn Keyes sempre é o que vestir. Para o homem, parece fácil. Basta colocar seu smoking e a calça pelo avesso. Os sapatos nos pés errados. *Voilà:* você parece um aleijado e louco.

– Insanidade – diz Inky – é a nova sanidade.

Na quarta-feira, depois da valsa pelo fim da fome, Packer e Evelyn saem do salão do hotel e dá para ouvir alguém na rua cantando “Oh Amherst, Brave Amherst”. Na rua, Frances “Frizzi” Dunlop Colgate Nelson está bebendo de latas avantajadas de licor de malte com Schuster “Shoe” Frasier e Weaver “Bones” Pullman, os três sentados, usando calças sujas com a bainha enrolada e

os pés descalços dentro do chafariz. Frizzi usa o sutiã por cima da roupa.

Deselegante, diz Inky, é o novo elegante.

Em casa, Evelyn prova uma dúzia de sacos de lixo, sacolas de plástico azul ou verde, dessas grandes, onde se coloca detritos de jardim, mas todas a deixam gorda. Para ficar bem, ela escolhe uma sacola branca e estreita feita para a lixeira da cozinha. Fica elegante, até mesmo confortável, como um vestido transpassado da Diane von Furstenberg, acinturado com um fio elétrico velho e derretido, um traço de laranja-claro, com os fios soltos e o plugue pendendo para o lado.

Nesta estação, Inky diz que todo mundo está usando a peruca ao contrário. Sapatos descombinados. Faça um buraco no meio do cobertor sujo, diz ela, use como poncho, e você está pronta para uma noite de diversão nas ruas.

Por segurança, na noite em que eles fazem check-in no Sheraton do centro, Evelyn leva três malas de roupa da loja do Exército da Salvação. Sutiãs amarelados, esticados. Casacos grossos com bolas de fibra. Pega um pote de máscara facial para sujar mais. Eles descem sorrateiros pela escada de incêndio do hotel, catorze andares, até uma porta que dá para um beco, e estão livres. São zés-ninguém. Anônimos. Sem responsabilidade de comandar coisa alguma.

Ninguém olha para eles, nem pede dinheiro, nem tenta vender nada.

Enquanto andam até a ponte, eles são invisíveis. Seguros na pobreza.

Packer começa a mancar um pouco, considerando que os sapatos estão nos pés errados. Evelyn fica com a boca escancarada. Em seguida, cospe. Sim, a menina que foi ensinada a nunca nem se coçar em público, essa menina cospe na rua. Packer cambaleia, esbarra nela, que agarra seu braço. Ele a abraça e a gira, e eles se beijam, reduzidos a apenas duas bocas molhadas enquanto a cidade ao redor desaparece.

Nessa primeira noite na rua, Inky aparece com uma coisa fedorenta dentro de uma bolsa preta de couro envernizado cheio de rachaduras. É o cheiro da maré baixa num dia de calor no litoral. Esse cheiro.

– É o novo símbolo antistatus – diz ela.

Dentro da bolsa há uma caixa de papelão para viagem do Chez Héloise. Dentro da caixa há um caroço do tamanho de um punho, cor de laranja.

– Quatro dias – diz Inky. – Fique sacudindo. Para manter as pessoas longe, é melhor que guarda-costas.

Fedor em troca de privacidade, a nova forma de proteger seu espaço. Intimidar com odor.

Dá para se acostumar a qualquer cheiro, diz ela, por mais horrível que seja.

– Você não se acostumou com o Eternity, da Calvin Klein…? – pergunta ela.

As duas, Inky e Evelyn, dão a volta no quarteirão, tirando uma folguinha da festa. Mais à frente, a trupe de uma estatueta de minissaia começa a pular para fora de uma limusine, gente magra com fone de ouvido e microfone acoplado, cada uma conversando com alguém distante. Enquanto as duas passam bamboleando, Inky tropeça, roçando a bolsa cheia de peixe podre, roçando-a nas mangas de couro e nos casacos de pele. Os guarda-costas de terno escuro. Secretárias particulares de preto sob medida.

A trupe se junta, se afastando, todos gemendo e cobrindo o nariz e a boca com a mão de unhas feitas.

Inky, ela segue andando. Diz:

– Amo fazer essas coisas.

Na cara dos novos-ricos, Inky diz que é hora de mudar as regras. Fala:

– Pobreza é a nova nobreza.

Mais à frente há uma multidão de milionários de internet e sheiks do petróleo, todos fumando em frente a uma galeria de arte. Inky diz:

– Vamos lá pedir um trocado…

Estas são as férias deles de ser Packer e Muffy Keyes, o CEO da indústria têxtil e a herdeira do tabaco. Seu pequeno retiro de fim de semana da rede de segurança social.

O bebum da Global Linhas Aéreas é Webster “Scout” Banners. Ele, Inky e Muffy encontram Skinny e Frizzi. Depois, Packer e Boater se juntam ao grupo. Em seguida, Shoe e Bones. Estão todos bêbados, brincando de adivinhação, e em certo momento Packer grita:

– Tem alguém debaixo dessa ponte que *não* vale no mínimo quarenta milhões de dólares?

E, claro, só se ouve o trânsito passando lá em cima.

Mais tarde, eles estão empurrando carrinhos de compras por um bairro *industrial.* Inky e Muffy empurram um carrinho, Packer e Scout vêm atrás.

– Olhe, eu achava que a única coisa pior que perder no amor fosse ganhar… – diz ela. – Eu era tão apaixonada pelo Scout, desde o colégio, mas você sabe que os acontecimentos… nos frustram.

Inky e Muffy, com as mãos em luvas sem dedos, para selecionar as latas

velhas, ela diz:

– Eu achava que o segredo para a felicidade fosse a cortina cair no momento certo. Um instante após a felicidade, antes de tudo ficar errado de novo.

Os alpinistas sociais acham que é muito difícil – o medo deles de usar o garfo errado, de entrar em pânico quando as tigelinhas com água e limão passam –, mas os sem-teto têm que se angustiar com muito mais coisas. Tem o botulismo. As ulcerações por causa do frio. Um lampejo de dente restaurado pode te denunciar. Uma lufada de Chanel n° 5.

Qualquer detalhezinho entre milhões que podem te revelar.

Eles se tornaram o que Inky chama de “Sem-Teto de Rotina”.

Ela diz:

– E agora? Agora eu amo Scout. Amo como se nunca tivesse me casado com ele.

Em ruas que nem aquela, parece que eles são pioneiros começando uma vida nova numa região erma. Mas em vez de ursos ou lobos com os quais se preocupar, eles têm – Inky dá de ombros e diz – traficantes e assassinos.

– Essa ainda é a pior parte da minha vida – diz ela –, mas sei que não vai durar pra sempre…

Seu novo calendário social já estava lotando. Todos aqueles mergulhos sociais… Fazer qualquer coisa na terça-feira está fora de questão, porque ela tem planos de recolher trapos com Dinky e Cheetah. Depois, Packer e Scout vão se encontrar para catar latas de alumínio. Depois, todo mundo vai para o hospital público, para que um médico jovem de olhos escuros e com sotaque de vampiro examine seus pés.

Packer diz que a latinha de alumínio é o Krugerrand das ruas.

No alto da rampa, onde os carros saem da via expressa, Inky diz:

– Pense em *high concept*. Finja que está trabalhando na divulgação de um filme, uma frase só, para a TV.

Numa folha de papelão, usando um marcador preto, Inky escreve: Mãe Solteira. Dez Filhos. Câncer de Mama.

– Você faz isso… sabe… – diz ela – e as pessoas *vêm e te dão dinheiro*.

Muffy escreve: Veterana de Guerra Aleijada. Faminta. Quero ir pra casa.

E Inky diz:

– Perfeito. Você acabou de lançar *Cold Mountain*.

Esse é o camping urbano deles.

O esconderijo é a céu aberto. Esconder-se à vista de todos.

Não há ninguém mais fácil de ignorar do que os sem-teto. Você pode ser Jane Fonda ou Robert Redford, mas se estiver empurrando um carrinho de compras pela rua ao meio-dia, usando três camadas de roupa suja e resmungando impropérios entredentes, ninguém vai reparar em você.

Eles podiam fazer isso pelo resto da vida. Scout e Inky, eles têm planos de entrar na lista de auxílio para comprar um apartamento. Querem ficar em salas de espera para conseguir o tratamento odontológico grátis oferecido por estudantes de odontologia. Vão tentar ganhar metadona de graça, depois galgar até conseguir heroína. Instrução vocacional para adultos. Fritar hambúrguer. Aprender a dirigir e lavar roupa, depois subir até chegar à classe média.

À noite, quando Packer e Evelyn se abraçam debaixo de uma ponte ou num papelão aberto em cima de um bueiro quente, fumegante, com as mãos dele dentro da calça dela, levando-a ao clímax enquanto estranhos passam ao lado na calçada, os dois nunca estiveram tão apaixonados.

Mas Inky tem razão. Nada dura para sempre. O fim chega rápido, ninguém sabe ao certo o que aconteceu até aparecer no jornal do dia seguinte.

Eles estão dormindo na porta de algum galpão, sentindo-se mais em casa do que já se sentiram em Banff ou Hong Kong. Mas seus cobertores começaram a ter o mesmo cheiro. Suas roupas – seus corpos – parecem uma casa. Assim como os braços de Packer em volta da esposa podiam ser um duplex na Park Avenue. Uma casa de veraneio em Creta.

É naquela noite que uma limusine preta para no meio-fio, os freios guinchando e um pneu subindo na calçada. Os faróis, dois círculos claros, brilham direto no Sr. e na Sra. Keyes, acordando-os. A porta de trás se abre, e os gritos se derramam do banco traseiro. Com a cabeça saindo na frente, os braços e as mãos voando, uma menina cai na calçada. O cabelo escuro e comprido esconde o rosto. Ela está nua e se arrasta nas mãos e nos joelhos para fugir do carro.

Packer e Evelyn, entocados na casa de trapos e nos cobertores úmidos, e a menina nua está correndo na direção deles.

Atrás dela, um sapato preto masculino sai pela porta aberta do carro. Seguido de uma perna de calça escura. Um homem usando luvas de couro preto sai do banco de trás enquanto a menina fica de pé e grita. Ela berra: Por favor. Grita por socorro. Tão próximo dali que dá para ver um, dois, três brincos numa das

orelhas. A outra não existe mais.

O que parece uma trança comprida na verdade é sangue escorrendo pelo pescoço dela. Onde antes ficava uma orelha, só dá para ver uma crista recortada de carne.

A menina chega aos Keyes, que só deixam os olhos à mostra debaixo do cobertor.

Quando o homem a puxa pelo cabelo, a menina se agarra aos trapos deles. Quando o homem a levanta, enquanto ela chuta e chora, e a coloca no carro, a menina puxa os cobertores, revelando-os ali, ainda semiadormecidos, piscando diante dos faróis fortes do carro.

O homem deve tê-los visto. O motorista do carro deve ter visto os dois ali.

A menina grita:

– Por favor. – Ela berra: – A placa…

E é puxada de volta para dentro. A porta do carro bate e os pneus cantam, deixando para trás apenas o sangue da menina e as marcas de borracha preta. Na sarjeta, com seus copos de papel da lanchonete, caída ou chutada durante a luta, uma orelha decepada e pálida cintila com dois brincos de argola ainda presos.

É durante o café da manhã, uma omelete de cogumelos gordurosos, muffins ingleses, café morno e bacon frio, servido na suíte do Sheraton, que eles veem o jornal. No noticiário local, eles descobrem que uma herdeira do petróleo brasileiro foi sequestrada. A foto é a da menina nua de cabelo preto comprido da noite anterior, mas ela está sorrindo e segurando um troféu com um jogadorzinho de tênis no topo.

Segundo o jornal, a polícia não tem nenhuma testemunha.

Claro que os Keyes poderiam mandar um recado, mas eles não viram o rosto de ninguém. Não viram a placa. Só viram a menina. O sangue. Packer e Evelyn não têm como ajudar. Se procurarem a polícia, só vão conseguir se humilhar. Já dava para imaginar as manchetes:

“Casal da Alta Sociedade Vai Favelar Por Diversão.”

Ou: “Bilionários Brincando de Gente Pobre.”

Deus os livre se falarem de Inky e Scout, de Skinny, de Shoe, de Bones.

Packer e Evelyn se expondo ao ridículo não salvaria a pobrezinha. O sofrimento deles não diminuiria o dela nem por um instante.

No jornal da semana seguinte, descobrem que a herdeira sequestrada foi encontrada morta.

Ainda assim, Inky não estava preocupada. Gente pobre e suja não tem com o que se preocupar na rua. A menina que foi morta era nova. Parecia limpa, bonita e rica.

– Não ter nada a perder – disse Inky – é a nova riqueza.

E Packer disse:

– Lave, enxague e repita.

Não, Inky não ia desistir de sua felicidade e voltar a ser rica e famosa. E cada vez mais, nessas noites, Packer ia com ela. “Para protegê-la”, disse ele.

Numa dessas noites, Evelyn está no Jantar Dançante Beneficente Contra o Câncer de Cólon quando seu celular toca. É Inky, e ao fundo ela ouve um homem gritar. A voz de Packer. Ao telefone, Inky respira pesado, dizendo:

– Muffy, por favor. Muffy, por favor, estamos perdidos e tem alguém atrás de nós. – Ela diz: – Já tentamos a polícia, mas…

E a ligação cai.

Como se ela houvesse entrado num túnel. Sob um viaduto.

A manchete do jornal do dia seguinte é:

“Editora e CEO da Indústria Têxtil Apunhalados até a Morte.”

Agora, quase todas as manhãs, ela evita uma nova manchete:

“Mendiga Encontrada Em Pedaços.”

Ou: “Assassino Continua Perseguindo Sem-Teto.”

Em algum lugar, toda noite, aquela limusine preta está à procura da Sra. Keyes, a única testemunha do crime. Alguém está matando os sem-teto que talvez sejam ela. Qualquer um vestindo trapos e que durma sob vários cobertores.

Depois disso, Evelyn corta tudo. Ela cancela a assinatura do jornal. Para substituir a TV, compra o aquário de vidro com o lagarto que muda de cor para combinar com qualquer esquema cromático.

Hoje em dia, a Sra. Keyes é o oposto de um sem-teto. Ela tem teto até demais. Está sobrecarregada de teto. Entocada em casa. Ela lê os catálogos. Olha as fotos acetinadas de ornamentos de jardim. Joias com diamantes feitos com os resquícios cremados de seus entes queridos e falecidos.

Claro que ela sente falta dos amigos. Do marido. Mas é como Inky diria: estar ausente é o novo estar presente.

E ela ainda compra ingressos para os eventos beneficentes. Os leilões

fechados e os recitais de dança. É importante saber que ela está fazendo sua parte para deixar o mundo um pouco melhor. Depois, ela gostaria de nadar com baleias cinzentas ameaçadas de extinção.

Dormir sob o dossel de uma floresta tropical desmatada.

Fotografar as zebras ameaçadas de extinção. Eco-favelagem.

É importante ser consciente. Ela ainda quer fazer a diferença.

5.

Naquele verão em Villa Diodati, conta a Sra. Clark, eram apenas cinco pessoas:

O poeta Lord Byron.

Percy Bysshe Shelley e sua amada, Mary Godwin.

A meia-irmã de Mary, Claire Claremont, que estava grávida de Byron.

E o médico de Byron, John Polidori.

Enquanto ouvimos, estamos sentados em volta do aquecedor elétrico na sala de charutos do balcão do andar de cima. A sala de charutos em estilo gótico. Cada um de nós se acomodou numa *bergère* de couro amarelo, ou num sofá com estofado em ponto cruz, ou numa namoradeira atapetada que arrastamos de algum lugar, as pernas esculpidas deixando trilhas eriçadas nos tapetes sujos, poeirentos.

Todos nós aqui, exceto Lady Mendiga, que foi para a cama mais cedo. E Miss América, que foi arrombar fechaduras.

O aquecedor elétrico é só uma luz que gira sob um leito de pedaços de vidro vermelhos e amarelos colados. Luz sem calor. Todas as nossas árvores de cristal pendentes estão desligadas, e a luz vermelha e amarela dançando na nossa cara, formas de luz vermelha e amarela passando pelos lambris da parede e onde o assoalho de pedras lisas se encaixa.

Só essas cinco pessoas, diz a Sra. Clark, entediadas e trancadas na casa por causa da chuva. Shelley e companhia. Eles se revezavam lendo um para o outro uma coleção de histórias de fantasma alemã chamada *Fantasmagoriana.*

– Lord Byron – diz Sra. Clark – não suportava aquele livro.

Byron disse que havia mais talento naquela sala que no livro que liam. Ele disse que todos ali podiam escrever uma história de terror melhor. E deveriam, cada um a sua, escrever uma história.

Isso foi quase um século antes de *Drácula*, de Bram Stoker, mas daquele verão saiu *O vampiro*, do Dr. John Polidori, e a figura moderna do demônio que

chupa sangue.

Numa dessas noites chuvosas, de trovões e relâmpagos sobre o lago Léman, Mary Godwin, aos 18 anos, teve o sonho que se tornaria a lenda de Frankenstein. Os dois monstros serviriam de base para incontáveis livros e filmes que se seguiram.

Até mesmo a própria festa tinha se tornado uma lenda. Às margens do lago Léman, os hotéis colocaram telescópios nas janelas com vista para o lago, de forma que os hóspedes pudessem assistir ao que todos dizem ter sido uma orgia incestuosa. Turistas da classe média, entediados durante as férias de verão, deixaram seus maiores medos sob o teto de Lord Byron. Eram só alguns jovens tentando viver longe das milhões de regras da nossa cultura, enquanto gente os espionava por telescópios, na expectativa de ver monstros.

Ali, éramos o equivalente moderno do povo de Villa Diodati.

Éramos a versão moderna da Mesa Redonda do hotel Algonquin.

Apenas pessoas contando histórias umas para as outras.

Gente procurando uma ideia que pudesse ecoar para sempre. Ecoar em livros, filmes, peças de teatro, músicas, TV, camisetas, dinheiro.

Eram estes mesmos rostos – três vezes mais, uma multidão – quando nos conhecemos pessoalmente nos fundos de um café. Nós: os rostos que entraram na lista final. Mesmo então, Condessa da Antevidência já usava um turbante, sua marca registrada. Duque dos Vândalos, seu rabo de cavalo loiro. Elo Perdido, seu nariz protuberante e a selva escura que é sua barba.

Do mesmo jeito que hoje fofocam sobre Villa Diodati, com o tempo as pessoas começarão a falar daquele café. Gente que nunca viu o anúncio vai jurar que esteve lá. Eles eram espertos e não aceitaram ir para o retiro. Caso contrário, talvez estivessem mortos. Ou ricos. Com o tempo, aquele café, com prateleiras de jornal gratuito e um quadro de avisos cheio de cartões de visita que ofereciam hidrocolonterapia e orientação holística para animais de estimação, aquele café teria que ser do tamanho de um estádio para abrigar todo mundo que vai dizer que esteve lá naquela noite.

Aquela noite se tornará uma lenda.

A Mitologia de Nós.

O povinho da fumaça, os poetas, donas de casa e nós, lá com nossos copinhos de café, nós ouvimos a Sra. Clark falar. Seus seios pulando e aquele biquinho de silicone que provocava risos. Quando perguntaram se havia um

número de telefone para alguém do mundo exterior poder entrar em contato com quem estivesse no retiro, a Sra. Clark respondeu: Claro. Ela respondeu:

– É 0800-NÃO-FODE.

Naquele instante, alguns deram pra trás.

Ou seja: zero. Zero contato com o mundo exterior. Zero televisão, zero rádio, zero telefone, zero internet. Só você e o que levar na mala. Uma única mala.

Ou seja: mais gente deu pra trás.

Os que deram pra trás: os sobreviventes do primeiro round. Os espertos, que puderam contar a própria história. A câmera por trás da câmera por trás da câmera, diria o Sr. Whittier. Eles vão ter a verdade definitiva… mas só daquela noite.

Aqueles pobres idiotas passados pra trás.

Todos nós vimos o anúncio, mas cada um a seu modo. Em vários quadros de avisos pela cidade, dizia:

RETIRO DE ESCRITORES:

ABANDONE SUA VIDA DURANTE TRÊS MESES.

Simplesmente suma. Deixe para trás tudo que impede você de criar sua obra-prima. Seu emprego, sua família e seu lar, todas as obrigações e distrações, deixe tudo em espera *por três meses.* Viva com gente que pensa como você, num ambiente que dá apoio à imersão total em seu trabalho. Comida e abrigo de graça para aqueles que se qualificarem. Aposte uma fração mínima da sua vida na chance de criar um novo futuro como poeta, romancista ou roteirista profissional. Antes que seja tarde demais, viva a vida com a qual sempre sonhou. Vagas extremamente limitadas.

O anúncio era impresso num cartão pautado. Uma folhinha de receita. Encaixado numa linha tracejada, como um cupom que você recortou. E na parte inferior havia um número. Era o telefone da Sra. Clark, colado ao quadro de avisos de cortiça no saguão da biblioteca. Perto do banheiro nos fundos do supermercado. Na lavanderia. Aquele anúncio no cartão pautado: numa semana estava em toda parte. Na semana seguinte, sumira de todo lugar.

Todos os cartões haviam desaparecido.

Quem viu, ligou para o telefone e ouviu uma gravação da Sra. Clark informando qual era o café, o horário e a data em que deveriam se encontrar.

Em nossa mente, ali, à luz da falsa lareira vermelha e amarela, já conseguíamos imaginar o futuro: a cena em que contávamos aos outros como havíamos enfrentado esta pequena aventura, que um cara louco havia nos trancado num teatro antigo durante três meses. Já estávamos piorando tudo. Exagerando. Diríamos que o lugar era congelante. Que não tinha água corrente. Que era preciso racionar comida.

Nada disso era verdade, mas a história fica melhor assim. Não, íamos distorcer a verdade. Expandir. Esticar. Para dar mais efeito.

Criaríamos nossa orgia incestuosa de pessoas e animais, para o mundo inteiro fofocar sobre isso.

O pequeno camarim dos bastidores que cada um ganhou, quando falássemos, ia se encher de aranhas venenosas. Ratos famintos. Não só o pelo do gato da Diretora Negação por toda parte.

Um fantasma. Iríamos inserir um fantasma no teatro decrépito para construir a história, dar espaço para efeitos especiais. Ah, nós mesmos íamos assombrar o lugar, enchê-lo de almas penadas.

Havíamos transformado nossa vida numa aventura horripilante. Uma história de terror real com final feliz. Uma provação da qual sairíamos vivos para contar.

Com exceção de Lady Mendiga, com seu marido morto na mão. De Miss América, com seu feto, que ia crescendo como uma bola de neve, célula a célula, em seu ventre. E de Miss Espirro, com sua alergia a mofo. O restante de nós queria mais. Mais dor e sofrimento para angariar depois, em talk shows em rede nacional. Os programas de TV sobre os quais Miss América falava. Mesmo que uma boa história nunca brotasse, mesmo que nunca escrevêssemos nossa obra-prima, esses três meses juntos, trancafiados, seriam o suficiente para um livro de memórias. Um filme. Um futuro sem um emprego formal. Só ser famoso.

Uma história que valia a pena vender.

Por enquanto, sentados em volta da lareira de vidro, estamos afinando os detalhes que precisamos lembrar para criar esta cena em rede nacional. Para podermos dar consultoria “no set” e deixar o filme “autêntico”. A história de como fomos sequestrados e mantidos reféns, de como Miss Espirro ficava mais doente e o bebê dentro de Miss América crescia a cada dia.

Ninguém vai dizer, mas a morte de Miss Espirro proporcionaria um clímax de terceiro ato perfeito. Nosso momento mais macabro.

O final perfeito seria do senhorio entrando lá quando o aluguel vencesse,

bem a tempo de resgatar a frágil Miss América. Lady Mendiga demente. Alguns de nós sairíamos mancando, com os olhos semicerrados, chorando ao ver o sol. O restante seria colocado em macas e ganharia um passeio de ambulância com sirene até o hospital. O filme podia se adiantar um pouco para nos mostrar lado a lado enquanto Miss América dava à luz. Depois, mais um salto, para nos mostrar no funeral de Miss Espirro. O fantasma da pobre Miss Espirro, sacrificado para dar graça ao enredo.

Teríamos a câmera de Agente Fuxico para dar apoio de vídeo. Os audiocassetes de Conde Calúnia para o *voice-over*.

Então, para finalizar, Miss América daria o nome de Miss Espirro para o bebê, seja lá qual for o verdadeiro nome dela. Fechando o círculo. A vida seguindo em frente, renovada. Pobre e frágil Miss Espirro.

Na história do filme-livro-camiseta, todo mundo amaria Miss Espirro… toda a sua coragem… seu humor contagiante.

Suspiro.

Não, a não ser que um de nós consiga arrancar um *Frankenstein* ou *Drácula* de última geração, nossa história terá que ficar bem mais dramática antes que valha a pena vender. Precisamos que tudo fique muito, muito pior antes que termine.

Dane-se a ideia de criar uma história original. Não há por que escrever uma falsa ficção. Exige empenho demais, e a recompensa não vale a pena.

Ainda mais dividido entre dezessete. Os royalties. Em dezesseis, subtraindo a condenada Miss Espirro.

Todos nós, em silêncio, dando a ordem para ela: *Tussa.*

Anda, morre logo.

Não, quando os outros se mandaram daquele encontro no café, nós éramos os espertos. Sim, parecia um investimento doido que só podia acabar mal, mas, oras – *parecia um investimento doido que só podia render muita grana.*

Todos nós ali sentados, em silêncio, dando a ordem para Miss Espirro: *Tussa.*

Todos nós, torcendo para ela nos ajudar a conquistar fama.

Por isso Reverendo Ímpio cortou a fiação de todos os alarmes de incêndio. Bem na hora em que entramos. Pelo menos foi o que ele contou a Casamenteiro. Ímpio aprendeu essas coisas de fiação quando era milico, e Elo Perdido ajudou segurando a lanterna. Por desencargo de consciência, conferiram as linhas telefônicas. As que eles encontraram funcionando, Elo Perdido e seus músculos

peludos arrancaram da parede.

Por isso Condessa da Antevidência enfiou os dentes dos garfos de plástico em cada fechadura e quebrou. Para não ter como ninguém usar uma chave. Para o caso de seu oficial de condicional conseguir rastreá-la pelo bracelete. Não, ninguém ali queria ser salvo… ainda não.

Era só todo mundo apostando no confiável. Cenas que não entrarão no filme. Vai parecer obra do Sr. Whittier. Do sádico, maligno e velho Sr. Whittier.

Nossa equipe contra a da Sra. Clark e do Sr. Whittier já começa a se formar.

Miss América e Miss Espirro já são pontos de virada na trama. Nossos sacrifícios. Condenadas.

Nas formas vermelhas e amarelas da lareira elétrica, nos lambris de madeira esculpida da sala de charutos em estilo gótico, enfiados na almofada de sua *bergère* de couro, o queixo da Sra. Clark cai cada vez mais, quase tocando o decote. Ela pergunta: Irmã Justiceira encontrou a bola de boliche?

E Irmã balança a cabeça: Não. Ela toca no mostrador do relógio de pulso e diz:

– O crepúsculo oficial acontece daqui a quarenta e cinco… quarenta e quatro minutos.

Miss Espirro tosse – uma tosse comprida, retumbante, de cascalho molhado –, e fazemos esforço para *não* comemorar. Ela procura um comprimido no bolso, uma cápsula, mas sua mão volta vazia.

Irmã Justiceira pede licença e começa a descer a escada rumo ao saguão, em direção à cama, sumindo a cada passo, ficando menor, até o alto de seu cabelo tingido de preto sumir.

Nossa Miss América está em outro lugar, ajoelhada diante de uma maçaneta, tentando arrombar a fechadura. Ou acionando um alarme de incêndio que sabemos que não vai funcionar.

Graças a Reverendo Ímpio.

A luz vermelha brilha no gravador de Conde Calúnia. Agente Fuxico passa a câmera de vídeo de um olho para o outro.

E, do pé da escada, vem um grito. Um uivo demorado de mulher. A voz de Irmã Justiceira, nos dizendo para ir depressa. Ela tropeçou em alguma coisa.

Lady Mendiga. Uma mancha nova. Uma faca envolta nos dedos. À sua volta, um lago escuro de seu sangue se espalhando no tapete azul do saguão.

Uma trança preta e comprida parece descer pela lateral de seu rosto e sumir

na gola do casaco de pele. Mas, no último degrau, quando ela está em tamanho real, descobrimos que a trança preta é sangue. Por baixo do cabelo esculpido naquele lado do rosto, sua orelha sumiu. Lá, espalhada, ela estende uma mão vermelha e rosa, um brinco de pérola brilhante no meio da ostra-confusão, refletindo a lareira falsa. Na palma da mão, fechada perto da orelha rosada, o diamante do marido falecido.

Enquanto todos nós olhamos para ela no pé da escada, Lady Mendiga sorri. Sua cabeça vira para o lado, para nos olhar, e ela diz:

– Estou sangrando… estou sangrando tanto…

Além do rosto e das mãos pálidas, um rastro de sangue parece escorrer para sempre. Seus dedos relaxam, a faca escorrega para o tapete, e ela diz:

– Agora, Sr. Whittier, você vai ter que me deixar ir para casa…

Cutucando Conde Calúnia, Camarada Escárnia diz:

– O que foi que eu disse? Olhe. – Ela indica com o queixo o alto da trança ensanguentada e diz: – Agora dá pra ver a cicatriz do facelift.

E Lady Mendiga está morta. É Irmã Justiceira quem diz, com um dedo no pescoço dela. O sangue manchando o dedo de Irmã.

A essa altura, nosso futuro está definido. Pronto. Esta será nossa poupança, contar para os outros como testemunhamos um ser humano inocente ser levado ao suicídio, somando-se a história de Lady Mendiga favelando. A tragédia de seu marido. O sequestro da herdeira do petróleo brasileiro. Dane-se a ideia de inventar monstros. Aqui era só questão de olhar em volta. Prestar atenção.

No visor da câmera, Agente Fuxico volta a fita e assiste Lady Mendiga contar sua história no palco. Contar e recontar.

Nosso fantoche. O ponto alto da trama.

Conde Calúnia rebobina o gravador e ouvimos e reouvimos o grito de Irmã Justiceira.

Nosso papagaio.

E à luz vermelha e amarela da lareira de vidro, o Sr. Whittier diz:

– Então já começou…

– Sr. Whittier? – chama a Sra. Clark.

Sr. Whittier, nosso vilão, nosso mestre, nosso diabo, quem amamos e idolatramos por nos torturar, suspira. Observando o corpo de Lady Mendiga, uma de suas mãos trêmulas, remexidas, vibrantes, ergue-se para tapar a boca, e

ele boceja.

Observando o defunto, Diretora Negação acaricia o gato em seus braços, o pelo laranja-malhado caindo e cobrindo tudo.

Baronesa Congelada e Condessa da Antevidência se ajoelham ao lado do corpo. Sem chorar, mas com os olhos tão arregalados que dá para ver o branco em torno da íris, como ficariam os olhos diante de um bilhete premiado de loteria.

Observando o corpo, São Sem-Pança dá colheradas no espaguete frio de um saquinho laminado. Pelo de gato a cada mordida avermelhada, pingando.

Somos nós contra nós contra nós nos próximos três meses.

Do alto da escada, sentado na cadeira de rodas, o Sr. Whittier assiste. Ao lado dele, Conde Calúnia mexe na caneta e no bloquinho, ainda tomando nota.

Apontando o dedo trêmulo, o Sr. Whittier diz:

– Você: você está anotando tudo?

Sem desviar os olhos de sua versão da verdade, Conde assente: sim.

– Então… nos conte uma história – pede o Sr. Whittier. – Volte para a lareira – diz ele, girando a mão tremulante. – Por favor.

E Conde Calúnia sorri. Passa para a próxima página vazia em seu bloquinho e tampa a caneta. Erguendo o olhar, diz:

– Alguém aqui se lembra daquele programa de TV das antigas, *Meu Vizinho Danny*?

Com a voz arrastada e retumbante, ele diz:

– Um dia… – Ele diz: – Um dia, minha cachorra comeu lixo embrulhado em papel-alumínio…

SEGREDOS DO OFÍCIO
Um poema sobre Conde Calúnia

– Aquela gente que fica na fila – diz o Conde – uma semana antes da estreia do filme…

Essa gente é paga pra ficar na fila.

Conde Calúnia no palco, com uma mão erguida, segurando um papel,

o papel branco, tapando o rosto.

O restante dele num terno azul, gravata vermelha. Sapatos marrons lustrados.

No punho da mão erguida, um relógio de ouro no qual está gravado: “Parabéns”.

No palco, em vez de um holofote, em vez de um rosto, está projetado no papel em letra tamanho 72:

JORNALISTA LOCAL VENCE PRÊMIO PULITZER

Atrás da manchete, Conde diz:

– Essa gente passa a vida esperando na fila…

Um sucesso de bilheteria após o outro.

Os estúdios de cinema levam os supostos fãs de

cidade em cidade.

De ficção científica a super-herói.

Toda semana uma cidade nova, um hotel novo, uma nova classificação indicativa de 13 anos que eles fingem idolatrar.

As roupas de papelão e papel-alumínio, com cara de feitas em casa,

é o Departamento de Figurino que faz e manda com antecedência.

Todo esse empenho para fazer a mídia local exibir matéria, para uma divulgação gratuita.

Gerar um burburinho confiável de que todo mundo vai amar o filme.

Todo esse gasto de tempo e de dinheiro se chama “semear audiência”.

No bolso da camiseta pisca a luzinha vermelha do gravador que registra cada palavra.

Quando Conde pergunta:

– Quem é o maior idiota?

O repórter que se recusa a inventar um sentido para a vida?

Ou o leitor que quer esse sentido?

E que se dispõe a aceitar o sentido apresentado pelas palavras de um estranho?

Por trás do jornal, Conde Calúnia diz:

– O jornalista tem o direito…

“… e o dever de destruir

“os bezerros de ouro que ajuda a criar.”

Canção de despedida
Um conto de Conde Calúnia

Um dia, minha cachorra come lixo embrulhado em papel-alumínio e tem que fazer uma radiografia que custou mil dólares. O terreno atrás do meu prédio é cheio de lixo e vidro quebrado. Lá, onde as pessoas estacionam, tem poças de anticongelante esperando para envenenar qualquer cachorro ou gato.

Mesmo sendo careca, o veterinário parece um melhor amigo das antigas. Tipo um garoto com quem eu cresci. Um sorriso que vi todos os dias da minha infância. A covinha no queixo, as sardas no nariz, conheço todas. O espaço entre os dois dentes da frente. Sei que ele assobiava por ali.

Aqui e agora, ele dá uma injeção na minha cachorra. De frente para uma mesa de aço prateado, numa sala gelada, branca, de azulejos, segurando a cadela pela pele do pescoço, ele fala alguma coisa sobre dirofilariose.

Na lista telefônica, quando o encontrei, eu estava cego de tanto chorar, com medo de minha cachorra morrer. Ainda assim, lá estava o anúncio: Kenneth Wilcox, Veterinário. Não sei por quê, mas amei seu nome. Por algum motivo. Meu salvador.

Agora, puxando as orelhas da cadela e olhando lá dentro, ele fala alguma coisa sobre cinomose. No bolso do peito do jaleco está bordado “Dr. Ken”.

Até o som da voz dele é um eco de tempos distantes. Já o ouvi cantar “Parabéns pra você”. Gritar “Primeiro strike!” num jogo de beisebol.

É ele mesmo: um velho amigo, alto demais, a pele das pálpebras inchada, escurecida, caída. A papada no queixo. Seus dentes parecem meio amarelados e seus olhos não são mais tão azuis quanto deveriam. Ele diz:

– Ela parece bem.

Eu pergunto: quem?

– Sua cachorra – responde ele.

– Onde você estudou? – pergunto, ainda olhando para ele, para sua cabeça calva e seus olhos azuis.

Ele diz que foi numa faculdade da Califórnia. Da qual eu nunca ouvi falar.

Ele era criança quando eu era criança, e de alguma forma a gente cresceu junto. Ele tinha um cachorro chamado Skip e andava descalço no verão, sempre indo pescar ou construir uma casa na árvore. Ao olhar para ele, o imagino numa tarde fria construindo um boneco de neve perfeito enquanto a avó observa da janela da cozinha. Eu chamo:

– Danny?

E ele ri.

Na mesma semana, proponho uma matéria sobre ele a um editor. Sobre como o encontrei, como encontrei o pequeno Kenny Wilcox, o ator mirim que interpretou Danny no seriado *Meu Vizinho Danny*, um milhão de anos atrás. Dannyzinho, aquele garoto com quem todo mundo cresceu, agora é veterinário. Ele mora numa casinha geminada em algum bairro suburbano. Corta a própria grama. Esse é ele, careca e na meia-idade, acima do peso, ignorado.

A estrela que perdeu o brilho. Ele está feliz e mora numa casa de dois quartos. De cada olho seu saem linhas de riso. Ele toma remédio para controlar o colesterol. É o primeiro a admitir, depois de tantos anos sendo o centro das atenções, que é meio solitário. Mas feliz.

O importante é que o Dr. Ken aceitou. Claro que ele dará uma entrevista. Um breve perfil para a Seção de Variedades da edição de domingo.

O editor para quem eu faço a proposta, ele gira a tampa da caneta esferográfica no ouvido, cavando cera. Parece mais que entediado.

Esse editor me diz que os leitores não querem ler matérias sobre alguém que nasceu bonito e talentoso, que recebia uma fortuna para aparecer na TV e hoje vive feliz para sempre.

Não, ninguém quer um final feliz.

Os leitores querem ler sobre Rusty Hamer, o garotinho de *Make Room for Daddy*, que se suicidou com um tiro. Ou Trent Lehman, o menino fofo de *Nanny e o Professor*, que se enforcou na cerca de um playground. A pequena Anissa Jones, que interpretou Buffy em *Encrencas em Família*, agarrada à boneca chamada Sra. Beasley, que engoliu a maior dose de barbitúricos já vista na história do Condado de Los Angeles.

É isso que os leitores querem. O mesmo motivo pelo qual vamos às pistas de corrida ver os carros batendo. Por isso os alemães dizem: “*Die reinste Freude ist die Schadenfreude.*” Nossa maior alegria é quando vemos alguém que invejamos

se dar mal. Não há alegria mais genuína. A alegria que sentimos quando uma limusine vira para o lado errado numa via de mão única.

Ou quando Jay R. Smith, o Pinky da série de 1926 *Os Batutinhas*, foi encontrado morto, esfaqueado, no deserto perto de Las Vegas.

O tipo de alegria que sentimos quando Dana Plato, a garotinha de *Minha Família é uma Bagunça*, foi presa, posou nua na *Playboy* e tomou um monte de comprimidos para dormir.

Gente na fila do supermercado, recortando cupons, envelhecendo, são essas manchetes que vendem jornal pra essa gente.

A maioria quer ler sobre Lani O'Grady, a filha bonitinha de *Oito é Demais*, encontrada morta num trailer com a barriga lotada de Vicodin e Prozac.

Sem ninguém mal, diz meu editor, não tem matéria.

Kenny Wilcox feliz, com rugas de sorriso, não venderia.

O editor me diz:

– Encontre Wilcox com pornografia infantil no computador. Um cadáver escondido em casa. Aí você terá uma matéria.

O editor diz:

– Melhor ainda: ache ele com todas essas coisas que falei, só que morto.

Na semana seguinte, minha cachorra toma uma poça de anticongelante. Minha cachorra se chama Skip que nem o cão do pequeno Danny em *Meu Vizinho Danny*. Minha Skip, minha bebê, é branca com grandes manchas pretas e uma coleira vermelha, igual na TV.

A única cura para anticongelante é lavagem intestinal. Depois, é preciso encher a barriga dela com carvão ativado. Achar uma veia e dar etanol puro para o cachorro. Álcool para lavar os rins. Para salvar minha cachorra, meu bebê, preciso deixá-la muito bêbada. Ou seja, isso significa mais uma visita ao Dr. Ken, que diz: Claro, semana que vem está ótimo para a entrevista. Porém, ele me avisa: Sua vida não é lá muito empolgante.

Eu lhe digo: Confie em mim. Escrever bem significa pegar os fatos comuns e mostrá-los de um jeito sexy. Não se preocupe com sua história de vida, eu digo, deixe isso comigo.

Hoje em dia, seria bom ter uma boa matéria de encomenda. Venho escrevendo como freelancer faz alguns anos. Desde que me deram um pé na bunda das pautas de variedades. A grana era boa, os *junkets* eram legais, garfar algumas frases pra estreia de cinema, dividir uma estrela com uma mesa cheia de

jornalistas durante dez minutos, todo mundo tentando não bocejar.

Estreias de filme. Lançamentos de disco. Lançamentos de livro. Fluxo constante de trabalho, mas era só dar uma opinião errada que você perdia o bem-bom. Se um estúdio de cinema ameaça cortar os anúncios, abracadabra: seu nome desaparece do jornal.

Estou pobre porque tentei avisar as pessoas. Numa resenha, eu disse que o público deveria gastar seu dinheiro em outra coisa, e desde então caí fora do esquema. Só um filminho de terror e todo poder que tinha por trás dele, e eu acabei implorando para escrever obituário. Escrever legenda de foto. Qualquer coisa.

É trapaça pura, construir um castelo de cartas que você não pode derrubar. Você passou todos esses anos empilhando nada, criando uma ilusão. Transformando um ser humano num astro do cinema. Seu verdadeiro pagamento está na retaguarda do negócio. Então você tem a chance de puxar o tapete. Derrubar as cartas. Mostrar o galã cavalheiresco enfiando um esquilinho no cu. Mostrar que a queridinha do país rouba lojas e anda chapada de analgésico. A deusa que bate nos filhos com um cabide.

O editor tem razão. Ken Wilcox também. A vida dele é uma entrevista que ninguém nunca vai comprar.

Para me preparar, passo a semana inteira antes de nossa conversa pesquisando na internet. Baixo arquivos da antiga União Soviética. De outro tipo de ator mirim: garotos colegiais russos sem pelos pubianos chupando velhos gordos. Garotas tchecas que ainda não menstruaram trepando com macacos. Salvo todos esses arquivos num CD.

Certa noite, prendo a coleira na Skip e arrisco um longo passeio pela minha vizinhança. Ao voltar para o apartamento, meus bolsos estão cheios de saquinhos de plástico e envelopinhos de papel. Pedacinhos de papel-alumínio. Percodans. Oxicodona. Vicodin. Crack e heroína.

A entrevista, escrevo catorze mil palavras antes de Ken Wilcox abrir a boca. Antes de nos sentarmos juntos.

Ainda assim, para manter as aparências, levo meu gravador. Levo meu bloquinho e finjo fazer anotações com algumas canetas falhando. Levo uma garrafa de vinho tinto batizado com Vicodin e Prozac.

Na casinha suburbana de Ken, seria de se esperar uma estante de vidro lotada com troféus cheios de poeira, fotos bonitas, prêmios de bom cidadão. Um memorial à sua infância. Não tem nada disso. O dinheiro que ele tem está

guardado no banco, rendendo juros. Sua casa se resume a um carpete marrom e paredes pintadas, além de cortinas listradas em todas as janelas. Banheiro de azulejo cor-de-rosa.

Sirvo vinho tinto para ele e o deixo falar. Peço para fazer uma pausa, fingindo que estou anotando as frases exatas.

E ele tem razão. A vida dele é mais chata que a reprise de um filme em preto e branco.

Por outro lado, a matéria que eu já escrevi é ótima. Minha versão aborda a longa derrocada de Kenny, do auge até a mesa de autópsia. Falo sobre como ele perdeu a inocência com uma longa lista de executivos de emissoras na campanha para ser Danny. Para agradar os patrocinadores, ele se tornou bibelô sexual. Usava drogas para se manter magro. Para atrasar a puberdade. Para passar a noite acordado, gravando uma cena atrás da outra. Ninguém, nem seus amigos e sua família, ninguém sabia até onde ia seu vício em drogas e a necessidade perversa de atenção. Mesmo depois de sua carreira ter entrado em colapso. Inclusive, ele só virou veterinário para ter acesso a drogas decentes e transar com animais.

Quanto mais vinho Ken Wilcox bebe, mais ele diz que sua vida só começou depois que *Meu Vizinho Danny* foi cancelada. Depois de oito temporadas como Danny Bright, ele é tão real quanto suas lembranças do segundo ano parecem reais. Só momentos turvos, sem relação. A cada dia, cada fala era só algo que você fixava um tempo para passar num teste. A fazendinha bonita em Heartland, em Iowa, era uma fachada. Dentro das janelas, atrás das cortinas de renda, havia um terreno baldio que era pura guimba de cigarro. A atriz que interpretava a avó de Danny, se estivessem falando no mesmo plano, ela soltava perdigotos. Saliva esterilizada: mais gim tônica que saliva.

Bebericando o vinho tinto, Ken Wilcox diz que sua vida agora é muito mais importante. Tratar de animais. Salvar cachorras. A cada gole, sua fala se quebra em palavras que ficam cada vez mais espaçadas. Pouco antes de seus olhos se fecharem, ele pergunta como está Skip.

Minha cachorra, Skip.

E eu digo a ele: Bem, Skip está ótima.

E Kenny Wilcox, ele diz:

– Que bom. Fico feliz em saber…

Ele está dormindo, ainda sorrindo, quando enfio a arma na sua boca.

“Feliz” não ajuda ninguém.

Uma arma sem registro. Minha mão numa luva, a arma na boca dele com o dedo em volta do gatilho. Kennyzinho no sofá, nu, o pau azeitado de vaselina e um vídeo do seriado dele passando na TV. O golpe final é a pornografia infantil que coloquei no HD dele. As fotos de gente comendo criancinhas, impressas e coladas nas paredes do quarto.

Os saquinhos de analgésico estão enfiados debaixo da cama. A heroína e o crack, enterrados no pote de açúcar.

Em questão de um dia, o mundo vai deixar de amar Kenny Wilcox para odiar Kenny Wilcox. Meu Vizinho Dannyzinho vai passar de ícone da infância a monstro.

Na minha versão da noite passada, Kenneth Wilcox balançando a arma pra lá e pra cá. Ficou berrando, mas ninguém se importou. O mundo o havia usado e descartado. Ele bebia e engolia comprimidos o dia inteiro e dizia que não tinha medo de morrer. Na minha versão, ele morreu depois que fui para casa.

Na semana seguinte, vendi a matéria. A última entrevista com uma estrela mirim amada por milhões de pessoas ao redor do mundo. Uma entrevista realizada poucas horas antes de seu vizinho encontrá-lo morto, vítima de suicídio.

Na semana seguinte, sou indicado ao Prêmio Pulitzer.

Algumas semanas depois, eu ganho. São só dois mil dólares, mas a recompensa mesmo vem a longo prazo. Além do mais, não tem um dia em que eu não recuse trabalho. Que meu agente não negocie propostas. Não, só faço coisas grandiosas, que envolvem grana alta. Matéria de capa de revista grande. Público nacional.

Além do mais, meu nome significa Qualidade. Minha assinatura quer dizer Verdade.

Você confere minha agenda de contatos e só há nomes que você conhece dos pôsteres de cinema. Estrelas do rock. Autores best-seller. Tudo que toco, transformo em Fama. Eu me mudo de meu apartamento para uma casa com quintal para Skip correr. Temos jardim e piscina. Quadra de tênis. TV a cabo. Quitamos as mil e tantas pratas de dívida dos raios X e do carvão ativado.

Claro que ainda dá pra ligar num canal a cabo e ver Kenneth Wilcox, o garotinho que ele era, assobiando e jogando beisebol, antes de virar o monstro com gim cuspido na cara. Dannyzinho e seu cão, andando descalço por

Heartland, Iowa. Seu fantasma da reprise mantém minha história viva, o contraste. As pessoas adoram conhecer a minha verdade daquele garotinho que parecia tão feliz.

"Die reinste Freude ist die Schadenfreude."

Esta semana, minha cachorra escava uma cebola e come.

E eu vou ligando de veterinário em veterinário, tentando encontrar alguém que possa salvá-la. A essa altura, dinheiro não é mais problema. Posso pagar qualquer valor.

Eu e minha cachorra temos uma vida ótima. Somos muito felizes. Enquanto estou ao telefone, folheando a agenda de endereços, minha Skip, minha bebê, para de respirar.

6.

– Vamos começar pelo fim – dizia o Sr. Whittier.

Ele dizia:

– Vamos começar entregando a trama.

O sentido da vida. A teoria do campo unificado. A grande razão por trás de tudo.

Estaríamos sentados na galeria das Mil e Uma Noites, de pernas cruzadas em travesseiros e almofadas de seda manchados de mofo. Poltronas e sofás que fediam a roupa suja quando você se sentava e fazia o ar escapulir. Lá, debaixo do domo alto e ecoante, em cores de joias que nunca veriam a luz do dia, que nunca esmaecem, em meio às lâmpadas de latão penduradas, cada uma com uma luz vermelha, azul ou laranja brilhando pela jaula de desenhos recortada no latão, o Sr. Whittier ficava lá, sentado, comendo alguma coisa seca que pegava de um saquinho laminado.

Ele dizia:

– Vamos resolver desde já qual é a grande surpresa da história.

A terra, dizia ele, é só uma grande máquina. Uma grande indústria de processamento. Uma fábrica. Essa é a grande resposta. A grande verdade.

Pense numa máquina de lapidar pedra, um daqueles tambores, que gira e gira e gira vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, cheia de água, pedra e cascalho. Triturando tudo. Dando voltas e voltas. Polindo aquelas pedras feias e ásperas até deixá-las lisinhas. Isso é a terra. Por isso ela gira. Nós somos as pedras. E o que acontece com a gente – o drama, a dor, a alegria, a guerra, a doença, a vitória e a violência –, ora, isso é só a água e a areia nos erodindo. Triturando-nos. Para nos polir, bem bonitos.

Era isso que o Sr. Whittier contava.

Liso que nem vidro, esse é nosso Sr. Whittier. Polido pela dor. Polido e brilhante.

Por esse motivo amamos conflitos, diz ele. Amamos odiar. Para deter uma

guerra, declaramos guerra. Temos que exterminar a pobreza. Temos que combater a fome. Fazemos campanha, desafiamos, derrotamos e destruímos.

Como seres humanos, nosso primeiro mandamento é:

Alguma coisa tem que acontecer.

O Sr. Whittier não fazia ideia do quanto estava certo.

Quanto mais a Sra. Clark falava, mais percebíamos que aquilo não seria Villa Diodati. A moça que escreveu *Frankenstein* era filha de dois escritores: professores conhecidos por livros com ideias revolucionárias, de nomes como *Justiça política* e *Uma reivindicação dos direitos da mulher*. Pessoas famosas visitavam sua casa o tempo todo.

Não éramos uma trupe de cabeçudos, de traças de livro, numa casa de veraneio.

Não, a melhor história que íamos tirar daquele prédio seria só a da nossa sobrevivência. Como a louca Lady Mendiga morreu embalada nos nossos braços chorosos. Ainda assim, essa história teria que bastar. Já empolga o bastante. Já assusta e já é perigosa o bastante. Teríamos que garantir que fosse.

O Sr. Whittier e a Sra. Clark estavam muito ocupados com sua lenga-lenga. Precisávamos que pegassem mais pesado com a gente. Nossa história precisava que eles nos açoitassem, nos espancassem.

Não nos matassem de tédio.

– Qualquer apelo à paz mundial é uma mentira – dizia o Sr. Whittier. – Uma mentira linda, muito linda.

Só mais uma desculpa para lutar.

Não, nós adoramos a guerra.

Guerra. Fome. Epidemias. É a rota mais veloz para o esclarecimento.

– É sinal de uma alma muito, muito jovem – dizia o Sr. Whittier – tentar consertar o mundo. Tentar e salvar qualquer um de sua cota de desgraça.

Sempre amamos a guerra. Nascemos sabendo que a guerra é o motivo pelo qual estamos aqui. E amamos epidemias. Câncer. Amamos terremotos. Nesse parque de diversões que chamamos de planeta Terra, o Sr. Whittier diz que adoramos incêndios florestais. Vazamentos de petróleo. Assassinatos em série.

Amamos terroristas. Sequestradores. Ditadores. Pedófilos.

Meu Deus, como amamos as notícias de TV. As imagens de gente enfileirada ao lado de uma vala gigante, aguardando os tiros do pelotão de fuzilamento. As

fotos lustrosas na revista, de pessoas cujo cotidiano foi despedaçado por homens-bomba. Os boletins do rádio sobre engavetamentos na via expressa. Deslizamentos de terra. Navios afundando.

Com as mãos trêmulas de telegrafar o ar, o Sr. Whittier dizia:

– Amamos acidentes aéreos.

Adoramos poluição. Chuva ácida. Aquecimento global. Fome.

Não, o Sr. Whittier não fazia ideia…

Duque dos Vândalos pegou todos os saquinhos de tudo que levava beterraba. Qualquer saquinho laminado que tivesse beterraba ralada dentro, seca que nem ficha de pôquer.

São Sem-Pança fez um furo em todos os saquinhos que tivessem algum tipo de carne de porco, galinha ou vaca. Carne, no caso, é algo que ele nunca consegue digerir.

Todos os saquinhos laminados estufados de nitrogênio, organizados por tipo de comida, enfiados em caixas marrons de papelão ondulado. Nas caixas com a etiqueta SOBREMESA havia sacos com biscoitos secos, chacoalhando como fariam sementes dentro de uma abóbora seca. Dentro das caixas com a etiqueta APERITIVOS, asas de galinha congeladas crepitavam feito ossos velhos.

Por causa do medo de ficar gorda, Miss América pegou cada caixa com a etiqueta SOBREMESAS e usou a faca de trinchar de Chef Assassin para fazer buracos nos saquinhos.

Só para acelerar nosso sofrimento. Via expressa para o esclarecimento.

Um buraco, e o nitrogênio vaza. Entram bactérias e ar. Todos os esporos que estavam matando Miss Espirro, carregados pelo ar úmido e quente, que eles iam comer e reproduzir em cada cantinho prateado de porco agridoce, de peixe à milanesa, de salada de macarrão.

Antes de Agente Fuxico entrar sorrateiramente no saguão para estragar todos os crepes Suzette, ele se certificava de que não havia ninguém por lá.

Antes que Condessa da Antevidência se esgueirasse pelo saguão para apunhalar cada saquinho laminado que pudesse conter resquícios de coentro, ela se certificava de que Agente Fuxico já tinha ido embora.

Cada um de nós só estragava a comida que odiava.

De pernas cruzadas na galeria das Mil e Uma Noites, em meio aos pilares de gesso esculpidos para parecer elefantes apoiados nas patas de trás, para apoiar o teto com as patas da frente, seus dentes esmagando mais um punhado de

gravetos e pedras ressecados, o Sr. Whittier dizia:

– No fundo, todos adoramos torcer contra o time da casa.

Contra a humanidade. Somos nós contra nós. Você, vítima de si mesmo.

Adoramos a guerra porque é o único jeito de encerrar nosso trabalho aqui. A única maneira que teremos de encerrar nossas almas aqui na Terra: a grande usina de processamento. A máquina de lapidar. Através da dor, da raiva e do conflito, é o único caminho. Até o quê, não sabemos.

– Mas esquecemos muitas coisas ao nascer.

Ao nascer, é como se você entrasse num prédio. Você se tranca num prédio sem janelas para o exterior. E depois que está tempo suficiente lá dentro, você esquece como é lá fora. Sem um espelho, você esqueceria até mesmo o próprio rosto.

Ele parecia nunca notar que um de nós estava sempre ausente da galeria. Não, o Sr. Whittier só falava sem parar, enquanto alguém ia sorrateiramente lá embaixo destruir um saquinho laminado que listasse pimentão-verde entre os ingredientes.

Foi assim que aconteceu. Como ninguém ficou sabendo que todos os outros tinham o mesmo plano, cada um de nós queria aumentar a aposta um pouco mais. Para garantir que a equipe de resgate não nos encontrasse com saquinhos laminados de comida nutritiva, sofrendo de nada além de tédio e gota. Cada sobrevivente sofredor vinte quilos mais pesado do que quando o Sr. Whittier nos fez reféns.

Claro que todos queriam deixar comida suficiente para durar até sermos *quase* resgatados. Naqueles últimos dias, quando estávamos realmente jejuando, famintos e sofrendo – ao recontar, podíamos dizer que foram semanas.

No livro. No filme. Na minissérie para TV.

Íamos passar fome só o suficiente para conseguir o que Camarada Escárnia chamava de “Maçã do Rosto de Campo de Concentração”. Quanto mais reentrâncias seu rosto tiver, melhor você vai ficar na TV, diz Miss América.

Aqueles saquinhos à prova de rasgo eram tão duros que todos imploramos a Chef Assassin por uma faca de sua belíssima coleção de facas de descascar, facas de chef, facas de carne, cutelos e tesouras de cozinha. Com exceção de Elo Perdido e sua mandíbula à la armadilha de urso: ele simplesmente usava os dentes.

– Vocês são permanentes, mas esta vida, não – dizia o Sr. Whittier. –

Ninguém pensa em visitar um parque de diversões e ficar lá para sempre.

Não, estamos só de visita, o Sr. Whittier sabe. E nascemos aqui para sofrer.

– Se vocês aceitarem isto, podem aceitar tudo que acontece no mundo.

A ironia é que, se você aceitar isso, nunca mais vai sofrer. Pelo contrário, vai buscar torturas. Vai curtir a dor.

O Sr. Whittier não fazia ideia do quanto estava certo.

Em certo momento, naquela noite, Chef Assassin entrou no salão, ainda com a faca de desossar na mão. Olhou para o Sr. Whittier e disse:

– A máquina de lavar roupa quebrou. Agora você tem que nos deixar ir embora…

O Sr. Whittier ergueu o olhar, ainda mastigando um pouco de tetrazzini de peru desidratado, e perguntou:

– O que há de errado com a máquina?

E Chef Assassin ergueu algo na outra mão, não a faca, uma coisa solta, pendurada. Ele disse:

– Um cozinheiro louco, um refém, cortou a tomada…

O objeto pendendo de sua mão.

Depois daquilo, não conseguimos lavar roupa, mais um ponto de virada na trama que seria nossa galinha dos ovos de ouro.

Naquele momento, o Sr. Whittier resmungou e enfiou os dedos da mão no cós da calça. Ele disse:

– Sra. Clark? – Seus dedos apertaram o local por baixo do cinto, e ele disse: – Ai, *isso* dói…

Observando o velho e rodopiando a tomada cortada, Chef Assassin diz:

– Tomara que seja câncer.

Com os dedos ainda dentro da calça, afundado em almofadas árabes, o Sr. Whittier se inclina para apoiar a cabeça nos joelhos.

A Sra. Clark dá um passo à frente e diz:

– Brandon?

E o Sr. Whittier escorrega para o chão, os joelhos puxados até o peito, gemendo.

Em nossas mentes, para o filme, esta cena está sendo estrelada por um ator se retorcendo de dor fingida no carpete oriental vermelho e azul. Em nossas cabeças, todos nós estamos anotando: “Brandon!”

A Sra. Clark se agacha para pegar o saquinho laminado vazio no chão, entre as almofadas de seda. Os olhos dela se estreitam ao passar pelas palavras na etiqueta, e ela diz:

– Ah, Brandon…

Todos nós tentando ser a câmera por trás da câmera por trás da câmera. A última história na fila. A verdade.

Nos futuros filme e minissérie de TV, na versão deles desta cena, estamos todos orientando uma atriz famosa, vencedora de concurso de beleza, a dizer:

– Ah, meu Deus, Brandon! Ah, meu caro, meu doce, meu sofrido Jesus!

A Sra. Clark estende o saquinho para ele ver e diz:

– Você acabou de comer o equivalente a dez pratos de peito de peru… – Ela pergunta: – Por quê?

O Sr. Whittier geme.

– Porque ainda estou em fase de crescimento… – diz ele.

Na versão futura, a vencedora de concurso de beleza grita: “Você está se rasgando por dentro! Vai explodir como um apêndice!”

Na versão para o cinema, o Sr. Whittier está gritando, sua camiseta bem esticada sobre a barriga inchada, as unhas arrancando os botões. Então a pele tensa começa a rasgar, da maneira como se abre uma meia de nylon. O sangue começa a jorrar, como uma baleia soprando pelo espiráculo. Um chafariz de sangue que faz a plateia gritar.

Na realidade, a camisa dele parece um pouco apertada. Suas mãos desafivelam o cinto. Abrem o botão da calça. O Sr. Whittier peida.

A Sra. Clark oferece um copo d’água para ele.

– Aqui, Brandon. Beba um pouco.

E São Sem-Pança diz:

– Água, não. Só vai piorar.

O Sr. Whittier: o corpo dele se retorce até ficar estirado com a barriga no tapete vermelho e azul. A respiração fica mais acelerada e curta, como um cão arfando.

– É o diafragma – afirma São Sem-Pança.

A comida se expande no estômago, que já está absorvendo umidade e bloqueando o início do duodeno. Os dez pratos de tetrazzini de peru estão inflando, subindo, comprimindo seu diafragma, de tal forma que seus pulmões

não conseguem inalar.

Enquanto explica, São Sem-Pança continua comendo punhados de alguma coisa congelada de seu saquinho laminado. Mastigando e falando ao mesmo tempo.

Outra coisa que pode estar acontecendo lá dentro é o estômago se partindo, emporcalhando a cavidade abdominal com sangue, bile e grandes pedaços de peito de peru. Bactérias vazando do intestino delgado. Que leva a peritonite, diz São Sem-Pança, uma infecção do revestimento da cavidade abdominal.

Na nossa versão cinematográfica, São Sem-Pança é alto, tem um nariz reto e usa óculos de armação grossa. Tem cabelo grosso e rebelde. Usa um estetoscópio pendurado no peito enquanto diz *duodeno* e *peritonite. Não* de boca cheia. No filme, ele estende uma das mãos, a palma erguida para cima, e ordena: "Bisturi!"

Na versão baseada-numa-história-real, nós fervemos água. Damos goles de conhaque e uma bala para o Sr. Whittier morder. Secamos a testa do Sr. Whittier com uma esponjinha enquanto um relógio faz tique-taque, tique-taque, tique-taque, bem alto.

As nobres vítimas salvando seu vilão. Assim como ajudamos a consolar a pobre Lady Mendiga.

Na realidade, só ficamos ali parados. Abanando o fedor do peido. Talvez estejamos nos perguntando como o Sr. Whittier vai interpretar a cena, se ele vai viver ou morrer. Precisamos muito de um diretor. Alguém que diga a cada um de nós o que o personagem faria.

O Sr. Whittier só geme, apertando o estômago.

A Sra. Clark se inclina na direção dele. Com os seios assomando, ela diz:

– Alguém me ajude a levá-lo até o quarto…

Mas ninguém se mexe para ajudar. Precisamos que ele morra. Ainda podemos transformar a Sra. Clark na vilã maligna.

Então Miss América fala. Ela para ao lado do estômago inchado, do rosto para baixo, da bainha da camisa para fora da calça, do elástico da cueca aparecendo conforme a calça desce. Miss América levanta a perna e – *hunf!* – chuta a lateral da barriga dele. Então ela diz:

– Cadê a porra da chave?

E a Sra. Clark torce o braço dela e a empurra para trás, afastando-a do corpo. Ela diz:

– Sim, Brandon. Precisamos levá-lo para o hospital.

A seu modo, foi o Sr. Whittier. Ele nos deu a chave. Seu estômago se rasgando por dentro, suas cavidades se enchendo de sangue, a refeição de peru desidratado ainda se dilatando, absorvendo sangue, água e bile, aumentando cada vez mais até que sua barriga parecesse a de uma grávida. Até seu umbigo saltar, ficar acentuado como um dedinho.

Tudo isso acontece diante do refletor da câmera de Agente Fuxico, ele gravando por cima da morte de Lady Mendiga. Substituindo a cena trágica de ontem pela de hoje.

Conde Calúnia aproxima o gravador, usando a mesma fita cassete, apostando que este horror será pior que o último.

Neste instante, temos um ponto de virada com o qual nunca ousamos sonhar. O clímax do primeiro ato que faria nossas vidas valerem dinheiro vivo. O Sr. Whittier estourando, o evento que poderíamos testemunhar para nos tornarmos famosos, celebridades reconhecidas. Assim como a orelha de Lady Mendiga, a barriga do Sr. Whittier se rompendo era nossa passagem. Um cheque em branco. Um passe livre.

Estávamos incorporando tudo. Absorvendo o acontecimento. Digerindo a experiência para virar história. Um roteiro de cinema. Algo que poderíamos vender.

O jeito como sua barriga de abóbora cedeu, ficando um pouco mais plana quando a pressão colapsou seu diafragma. Observamos como seu rosto, sua boca escancarada, seus dentes queriam morder mais ar. Mais ar.

– Hérnia inguinal – diz São Sem-Pança.

E todos nós dissemos baixinho aquelas palavras, para lembrar melhor.

– Para o palco… – diz o Sr. Whittier, o rosto enterrado no tapete poeirento. E acrescenta: – Estou pronto para recitar…

Hérnia inguinal… ecoa na cabeça de todos. O que aconteceu até então não daria uma piada boa. Todos esses idiotas enganados a entrar num prédio e ficarem presos. O mestre do picadeiro fica com gases e nós fugimos. NÃO é assim que vai ser.

Mãe Natureza já tem planos de tirar sua gargantilha de sininhos e arranjar água para ele.

Diretora Negação tem planos de passear com Cora Reynolds pelo corredor do quarto dele e contrabandear um grande jarro d’água.

Elo Perdido se vê na ponta dos pés até o camarim do Sr. Whittier a noite

inteira, dando água com as mãos em concha para ele até o homem fazer: ca-buum.

– Tess, por favor – diz o Sr. Whittier. – Me ajude a ir para cama?

E todos nós fazemos uma anotação mental: *Tess e Brandon, nossos carcereiros.*

– Rápido, para o palco… Estou com frio – diz o Sr. Whittier enquanto Mãe Natureza o ajuda a ficar de pé.

– Deve ser o choque – diz São Sem-Pança.

Na versão que vamos vender, ele já se foi. Um vilão vai morrer e sua vilã vai nos atormentar com toda a sua ira. Madame Tess, a que nos mantém presos. Privando-nos de comida. Forçando-nos a usar trapos sujos. Nós, no caso, as vítimas inocentes.

São Sem-Pança se levanta para apoiar um braço ao redor do Sr. Whittier. Mãe Natureza ajuda. A Sra. Clark aparece com um copo d'água. Conde Calúnia, com seu gravador. Agente Fuxico, com a câmera de vídeo.

– Confie em mim – diz São Sem-Pança. – Eu entendo muito do sistema digestivo humano.

Como se ainda precisássemos que ela morresse, Miss Espirro espirra diante de seu punho fechado. Miss Espirro, a futura fantasma.

Limpando o borrifo do braço, Camarada Escárnia diz:

– Que nojo! – Ela diz: – Você foi criada numa bolha de plástico ou coisa do tipo?

Miss Espirro diz:

– É, praticamente.

Casamenteiro pede licença, dizendo que está cansado e precisa dormir. E ele se esgueira para o porão para sabotar a calefação.

Ele não tinha como adivinhar, mas Duque dos Vândalos chegou antes.

Isso deixa o resto de nós sentados nas almofadas e nos travesseiros de seda sarapintados de bolor sob o domo das Mil e Uma Noites. O saquinho laminado de tetrazzini de peru vazio no carpete. Os pilares com elefantes esculpidos.

Em nossas mentes, todos estão anotando: *Eu entendo muito do sistema digestivo humano…*

E nada mais acontece. Não acontece mais nada.

Até que o restante de nós se levanta e bate nas roupas para tirar a poeira.

Seguimos para o auditório, com os dedos cruzados para ouvir as últimas palavras do Sr. Whittier.

EROSÃO
Um poema sobre o Sr. Whittier

– Seguimos cometendo os mesmos erros que cometíamos quando éramos homens das cavernas – diz o Sr. Whittier.

Então talvez devêssemos mesmo lutar, odiar e torturar uns aos outros…

O Sr. Whittier conduz sua cadeira de rodas até a beirada do palco, com suas mãos manchadas, a cabeça calva.

As dobras de sua calça parecem pender

de seus olhos tão grandes, seus olhos nublados, cinza-aquosos.

A argola em uma das narinas, os fones de ouvido de seu CD player em volta das rugas e dobras do pescoço de carne-seca.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme em preto e branco:

A cabeça do Sr. Whittier está tomada por imagens de exércitos de cinedocumentário em marcha.

Sua boca e seus olhos desaparecem em meio a botas e baionetas que se espalham e se misturam às bochechas.

Ele diz:

– Talvez sofrimento e desgraça sejam o objetivo da vida.

Considere a Terra uma grande usina de processamento, uma fábrica.

Imagine um tambor, um daqueles usados para polir pedras.

Um tambor girando, cheio de água e areia.

Considere que sua alma é jogada lá dentro como uma rocha, matéria-prima ou recurso natural, petróleo bruto, minério.

E todo conflito e toda dor são apenas o abrasivo que nos acossa, que pole nossas almas, que nos refina,

que nos ensina e nos arremata vida após vida.

Depois, considere que foi você quem escolheu saltar ali, repetidamente,

sabendo que o sofrimento é o motivo que há para vir à Terra.

O Sr. Whittier, de dentes demais apinhados na mandíbula estreita,

de sobrancelhas de galho seco, as orelhas de morcego do Sr. Whittier se alargam

com os exércitos a marchar,

e ele diz:

– A única alternativa é: somos todos eternamente burros.

Lutamos em guerras. Lutamos pela paz. Lutamos contra a fome. Amamos lutar.

Lutamos, lutamos e lutamos, com armas, dentes ou dinheiro.

E o planeta nunca fica nem um tiquinho melhor do que antes.

Inclinando-se para a frente, com as mãos agarrando os braços da cadeira de rodas,

conforme os exércitos de atualidade marcham pelo seu rosto, as tatuagens ambulantes

com suas metralhadoras, seus tanques e sua artilharia,

o Sr. Whittier diz:

– Talvez estejamos vivendo exatamente do jeito que devíamos viver.

Talvez nosso planeta-usina esteja processando nossas almas… muito bem.

IDADE DE CACHORRO
Um conto de Brandon Whittier

Essas anjas. É assim que elas se veem. Essas agentes da misericórdia.

Com a aparência muito melhor do que Deus lhes deu, com seus maridos ricos, boa genética, ortodontia e dermatologia de qualidade. As mães que-ficam-em-casa, os filhos adolescentes no colégio. Mães que-ficam-em-casa, mas não donas de casa. Não esposas à toa.

Instruídas, sim, mas não muito inteligentes.

Elas têm ajuda para todo trabalho pesado. Especialistas contratados. Se usarem o saponáceo errado, vão inutilizar o balcão de granito e o azulejo de pedra calcária. Com o fertilizante errado, o paisagismo pega fogo. Com a tinta errada, todo o seu empenho e o investimento meticulosos vão por água abaixo. Com as crianças no colégio e Deus no escritório, as anjas têm muito tempo para matar.

Portanto, aqui estão. Voluntárias.

Onde elas não têm como ferrar nada importante. São elas que empurram o carrinho da biblioteca no centro de repouso. Entre a ioga e o clube de leitura. Penduram a decoração de Halloween no lar de idosos. Em qualquer asilo de terceira idade, você as encontra: as anjas do tédio.

Essas anjas de sapatilhas feitas à mão na Itália. Com suas boas intenções, seu diploma em história da arte e longas tardes até que os filhos cheguem do futebol ou do balé depois da aula. Essas anjas, belíssimas em seus vestidos de verão com estampa floral, o cabelo lavado e preso. E sorrindo. Sempre sorrindo. Toda vez que você arrisca um olhar.

Com uma bela palavra para dizer a cada paciente. Um comentário sobre a bela coleção de cartões de melhoras que você organizou na mesa de cabeceira. Que belas violetas africanas você cria nos vasos do parapeito.

O Sr. Whittier ama essas anjas.

Para o Sr. Whittier, o velho de careca manchada do fim do corredor, elas

sempre dizem: Que belos cartazes *butt-rock* de luz negra ele colou na parede em cima da cama. Que skate colorido que ele apoiou ao lado da porta.

O velho Sr. Whittier, o anão de olhos esbugalhados Sr. Whittier, ele pergunta:

– O que tá pegando, mocinhas?

E as anjas riem.

Riem desse velho que ainda brinca de ser jovem. Tão meigo, tão jovem de coração.

O querido, o bonachão Sr. Whittier, acessando a internet e lendo revistas de snowboard. Com seus CDs de hip-hop. Boné virado para trás. Como um aluno do ensino médio.

Uma versão anciã dos adolescentes de seu tempo. Elas não têm como não retribuir o flerte. Não têm como não gostar dele, pelo menos um pouquinho, com aquela calvície sarapintada, o boné com a aba para trás, o fone de ouvido, escutando rock *head-banger* tão alto que chega a vazar.

O Sr. Whittier no corredor, com sua cadeira de rodas estacionada, a mão aberta, a palma virada para cima, ele diz:

– Bate aí…

E todas as voluntárias o fazem ao passar.

Sim, por favor. É assim que as anjas querem ser quando chegarem aos 90 anos: mandando ver. Antenadas nas tendências. Não um fóssil, que é como se sentem atualmente…

Em tantos sentidos, aquele idoso parece mais jovem do que qualquer uma das voluntárias de 30 ou 40 e poucos anos. Essas anjas de meia-idade com metade ou um terço da idade dele.

O Sr. Whittier, com suas unhas pintadas de preto. Uma argola prata que faz volta naquela narina de velho, descomunal. Em volta do tornozelo, uma tatuagem de arame farpado acima da pantufa de papelão.

Um anel de caveira bojudo balança, solto, em torno de um dedo rígido como graveto.

O Sr. Whittier, piscando os olhos leitosos de catarata, dizendo:

– Que tal ser meu par no baile…?

As anjas ficam ruborizadas. Dando risadinhas com seu velhinho confiante e engraçado. Elas se sentam no colo dele na cadeira de rodas, com suas coxas tonificadas pelo personal trainer empoleiradas nos joelhos ossudos, pontiagudos.

É normal que, algum dia, uma anja caia de amores por ele. E contará para a enfermeira-chefe ou para um assistente-hospitalar sobre o quanto o espírito juvenil do Sr. Whittier é maravilhoso. O quanto ele é cheio de vida.

Diante disso, a enfermeira vai olhar para trás, sem piscar, ficando boquiaberta por um instante, em silêncio por um momento, antes de dizer:

– É claro que ele age como um jovem…

A anja diz:

– Todos nós devíamos ser assim, cheios de vida.

Com esse espírito tão vivo. Com esse vigor. Esse viço.

O Sr. Whittier é muito inspirador. Isso elas sempre dizem.

Essas anjas da misericórdia. Anjas da beneficência.

As anjas tolinhas, tão tolinhas.

E a enfermeira ou o enfermeiro vai dizer:

– A maioria aqui também tinha esse vigor. – Tomando seu rumo, a enfermeira vai dizer: – Quando tínhamos a idade dele.

Ele não é velho.

É assim que a verdade acaba vazando.

O Sr. Whittier sofre de progéria. Na verdade, ele tem 18 anos. Um adolescente prestes a morrer de velhice.

Uma em cada oito milhões de crianças desenvolve a síndrome de Hutchinson-Gilford. Um defeito genético na proteína lamina A faz as células desandarem. Faz com que elas envelheçam num ritmo sete vezes mais acelerado que o normal. Fazem o adolescente Sr. Whittier, com dentes apinhados e orelhas grandes, a pele cheia de veias e os olhos esbugalhados, parecer ter 126 anos.

– Daria para dizer… – diz ele às anjas sempre, desmerecendo a preocupação delas com sua mão enrugada. – Daria para dizer que envelheço em idade de cachorro.

Daqui a um ano, ele vai morrer de problemas cardíacos. De velhice, antes dos 20.

Depois disso, a anja some por um tempo. A verdade é que aquilo é triste demais. Ali está um garoto, talvez mais novo que um dos adolescentes que ela tem em casa, morrendo sozinho num asilo. Esta criança, ainda tão cheia de vida e querendo ajuda, buscando entre as únicas pessoas em torno – ela – antes que seja tarde demais.

É demais para absorver.

Ainda assim, em toda aula de ioga, toda reunião de pais e professores, toda vez que ela olha para um adolescente, a anja sente vontade de chorar.

Ela tem que fazer alguma coisa.

Então ela volta, com o sorriso um tom abaixo. Ela lhe diz:

– Eu entendo.

Ela contrabandeia uma pizza. Um videogame novo. E diz:

– Diga seu desejo e vou ajudar a realizá-lo.

A anja conduz sua cadeira de rodas pela saída de incêndio para passar um dia andando de montanha-russa. Ou passeando no shopping. Um velhaco adolescente e uma bela mulher, com idade para ser mãe dele. Então ela deixa que ele a destrua no paintball, a tinta arruinando seu cabelo. E a cadeira de rodas. Ela resolve encarar o laser tag. E ainda carrega várias vezes a carcaça seminua e enrugada dele até o alto de um toboágua numa tarde quente de verão.

Como ele nunca ficou chapado, a anja rouba da caixinha onde o filho esconde a erva e ensina o Sr. Whittier a usar um vaporizador. Eles conversam. Comem batata frita.

A anja, ela diz que o marido se tornou sua carreira. Os filhos estão crescendo e se distanciando dela. A família está desmoronando.

O Sr. W., ele diz que os pais não conseguiram lidar com sua doença. Eles têm mais quatro filhos para criar. Só assim puderam pagar o asilo, transformando-o num tutelado. Depois disso, passaram a visitá-lo cada vez menos.

E, ao contar isso, com um violão tocando ao fundo, o Sr. W. começa a chorar.

Seu maior desejo era amar alguém. Fazer amor de verdade. Não morrer virgem.

Naquele instante, com as lágrimas ainda rolando dos olhos vermelho-chapados, ele diria:

– Por favor…

Aquele garotinho velho e enrugado, fungando e dizendo:

– Por favor, não me chame de *senhor.*

Enquanto a anja acariciasse sua cabeça calva com manchas, ele diria:

– Meu nome é Brandon.

E esperaria.

E ela diria:

Brandon.

Claro que, depois disso, eles trepariam.

Ela, carinhosa e paciente. Santa e puta. Suas pernas compridas, torneadas pela ioga, abrem-se diante do duende nu e cheio de rugas.

Ela, o altar e o sacrifício.

Nunca tão linda quanto agora, perto daquela pele manchada, idosa e cheia de veias. Nunca tão poderosa quanto se sentiu enquanto ele babava e tremia sobre seu corpo.

E, porra – para alguém que é virgem –, ele não se faz de rogado. Começa num papai e mamãe, depois bota uma das pernas dela para o alto. Depois pega os pés dela, segura-os com firmeza pelos tornozelos e deixa que emoldurassem seu rosto arfante.

Agradecendo a Deus pela ioga.

Durão de Viagra, ele a coloca de quatro, estilo cachorrinho, chegando a tirar o pau e cutucar o ânus até ela mandar parar. Ela está doída e chapada, e quando ele dobra suas pernas para que ela fique com os pés atrás da cabeça, seu sorriso brilhante e falso de anja volta.

Depois de tudo aquilo, ele goza. Nos olhos dela. No cabelo dela. Ele pede um cigarro que ela não tem. Pegando o vaporizador no chão ao lado da cama, ele o acende mais uma vez e nem oferece um tapa.

A anja, ela se veste e enfia o vaporizador do filho no casaco. Enrola uma echarpe em volta do cabelo pegajoso e faz menção de ir embora.

Às suas costas, assim que ela abre a porta para o corredor, o Sr. Whittier dizia:

– Sabe, eu também nunca recebi um boquete…

Enquanto ela sai do quarto, ele ri. Ri.

Depois daquilo, ela está dirigindo quando o celular toca. É Whittier sugerindo bondage, drogas melhores, boquetes. E quando a anja finalmente lhe dissesse:

– Não posso…

– Brandon… – diria ele. – Meu nome é Brandon.

Brandon, diria ela. Não podia vê-lo, não mais.

Então ele diria: ele mentiu. Quanto à idade.

Ao telefone, ela perguntaria:

– Você não tem progéria?

E Brandon Whittier diria:

– Não tenho 18 anos.

Ele não tinha 18, e sua certidão de nascimento podia provar. Tinha 13. Agora era vítima de abuso de menor.

Mas, pela devida grana, ele não abriria o bico para os policiais. Dez mil, e ela não enfrentaria um drama no tribunal. Não seria manchete de primeira página. Toda a sua vida de benemerência e investimentos reduzida a pó. Tudo por causa de uma rapidinha com um garoto. A emenda pior do que o soneto: ela, a pedófila, a criminosa sexual que precisaria registrar seu paradeiro pelo resto da vida. Talvez se divorciar e perder a guarda dos filhos. Sexo com um menor de idade acarretaria numa sentença compulsória de cinco anos.

Por outro lado, dali a um ano ele estaria morto de velhice. Dez mil era um pequeno preço a pagar pelo resto da vida dela.

Dez mil e quem sabe um boquetinho rápido, pelos velhos tempos…

Então é claro que ela paga. Todas pagavam. Todas as voluntárias. As anjas.

Nenhuma voltava ao asilo, por isso elas nunca se encontravam. Cada anja se achava única. Na verdade, havia mais de uma dúzia.

E a grana? A grana se acumulava. Até o Sr. Whittier ficar muito velho, muito cansado e muito entediado para só trepar.

– A mancha no tapete do saguão… – dizia ele. – Já perceberam que essa mancha tem pernas e braços?

Igual às moças voluntárias, tínhamos caído na armadilha de um garoto em corpo de velho. Um garoto de 13 anos morrendo de velhice. A parte de a família tê-lo abandonado: aquilo era verdade. Mas Brandon Whittier não ia mais morrer ignorado e sozinho.

E, da mesma forma que ele havia trepado com uma anja atrás da outra, aquele não era seu primeiro experimento. Não fomos seus primeiros ratinhos de laboratório. E, até uma daquelas manchas voltar para assombrá-lo, ele nos disse, não seríamos os últimos.

7.

A manhã começa com uma mulher gritando. A voz da mulher, a gritaria, é Irmã Justiceira. No intervalo de cada grito dá para ouvir um punho batendo na madeira. Dá para ouvir uma porta chacoalhando na moldura. Depois, os gritos voltam.

Irmã Justiceira berra:

– Ei, Whittier! – Irmã Justiceira grita: – O amanhecer está atrasado, porra…!

Depois o punho, socando.

Do lado de fora dos nossos quartos, nossos camarins nos bastidores, o corredor está escuro. O palco e o auditório estão escuros. Breu total, com exceção da luz fantasma.

Todos se levantam, pegam algumas roupas, sem terem certeza se dormiram uma hora ou uma noite inteira.

A luz fantasma é uma lâmpada solitária no meio do palco. Reza a lenda que ela não deixa fantasmas entrarem quando o teatro está vazio e escuro.

Nos teatros, antes da eletricidade, dizia o Sr. Whittier, a luz fantasma funcionava como uma válvula de pressão. Ela chamejaria e arderia mais forte caso houvesse um surto na tubulação de gás, e não deixaria o local explodir.

De qualquer maneira, a luz fantasma significava boa sorte.

Até aquela manhã.

São os berros que nos acordam primeiro. Depois, é o cheiro.

O doce odor do lodo preto que Lady Mendiga encontrava no fundo de uma caçamba de lixo quando favelava. É o fedor da caçamba pegajosa e pastosa do caminhão de lixo. Cheiro de cocô de cachorro e carne velha. Mastigada, engolida e compactada. O cheiro de batata velha derretendo numa poça preta debaixo da pia da cozinha.

Prendendo a respiração, tentando não sentir o cheiro, vamos tateando até sair das nossas portas e atravessar o corredor, passando pelo breu, em direção aos berros.

Aqui, noite e dia são questão de opinião. Até agora, só aceitamos confiar no Sr. Whittier. Sem ele, o fato de ser manhã ou tarde gera um debate. Não entra luz de fora. Nenhum sinal de telefone. Nenhum som.

Ainda socando a porta, Irmã Justiceira grita:

– A alvorada oficial foi há oito minutos!

Não, um teatro é construído para excluir a realidade externa e deixar os atores construírem a própria realidade. As paredes têm duas camadas de concreto com serragem no meio. De maneira que sirenes de polícia ou barulho do metrô não estraguem o encanto da morte falsa de alguém no palco. Que alarmes de carro nem britadeiras transformem um beijo romântico num acesso de riso.

O pôr do sol ocorre apenas quando o Sr. Whittier olha para o relógio e diz boa-noite. Ele sobe até a cabine de projeção e baixa os disjuntores, escurecendo as luzes no saguão, nos vestíbulos, nos salões, depois nas galerias e nos lounges. A escuridão nos conduz ao auditório principal. Essa penumbra vai caindo de sala em sala até que a única luz restante é a dos camarins, nos bastidores. Ali, nós dormimos. Cada camarim tem uma cama, um banheiro, um chuveiro e uma privada. Espaço suficiente para uma pessoa e uma mala. Ou cesta de vime. Ou caixa de papelão.

A manhã é quando ouvimos o Sr. Whittier no corredor dos nossos quartos, berrando bom-dia. Um novo dia é quando as luzes voltam a se acender.

Até esta manhã.

Irmã Justiceira grita:

– Você está desafiando as leis da *natureza.*…

Aqui, sem janelas nem luz do dia, Duque dos Vândalos diz que poderíamos estar trancados numa estação espacial da Renascença Italiana. Poderíamos estar no fundo do mar, dentro de um submarino maia da antiguidade. Ou o que Duque chama de mina de carvão à moda de Luís XV, ou abrigo antibombas.

Aqui, no meio de uma cidade qualquer, a centímetros dos milhões de pessoas caminhando, trabalhando e comendo cachorro-quente, estamos isolados.

Aqui, tudo que parece uma janela, decorada com veludo e tapeçaria, ou montada com vitrais, é falso. É um espelho. Ou a luz solar fraca por trás dos vitrais é de lâmpadas tão pequenas que faz com que o crepúsculo seja eterno nas janelas altas e arqueadas da sala de charutos em estilo gótico.

Continuamos caçando saídas. Ainda paramos diante de portas trancadas e gritamos por ajuda. Só não demais nem muito alto. Não até nossa história dar um

bom filme. Até cada um de nós se tornar um personagem magro o suficiente para um astro do cinema interpretar.

Uma história que nos salve das histórias de nosso passado.

Em frente ao camarim do Sr. Whittier, Irmã Justiceira soca a porta, berrando:

– Ei, Whittier! Você vai ter muitas explicações para nos dar esta manhã.

Deu para ver o hálito da Irmã soltando fumacinha a cada palavra.

O sol não se levantou.

O ar está gelado e fedido.

A comida acabou.

O restante de nós, juntos, diz para Irmã Justiceira: *Shhh*. Gente *de fora* pode ouvir e vir nos salvar.

Uma tranca faz um clique, e a porta do camarim se abre para revelar a Sra. Clark de roupão. Com as pálpebras vermelhas, semicerradas, ela sai para o corredor e bate a porta com força.

– Escute aqui, moça – diz Irmã Justiceira. – Você precisa tratar melhor os seus reféns.

Duque dos Vândalos está atrás dela. O mesmo Duque dos Vândalos que foi ao porão na noite passada e cortou com uma faca de pão todos os fios que alimentavam o ventilador da caldeira.

A Sra. Clark coça os olhos com uma das mãos.

Detrás da câmera, Agente Fuxico diz:

– Vocês sabem que horas são?

Ao gravador de Conde Calúnia, Camarada Escárnia diz:

– Sabiam que não tem água quente?

Camarada Escárnia, a que seguiu os canos de cobre pelo teto do porão e foi com eles até o aquecedor de água, onde desligou o gás. Ela devia saber. Arrancou a manopla da válvula de gás e a jogou no ralo.

– Vamos entrar em greve – diz o magricela São Sem-Pança. – Não vamos escrever nenhuma porra de *Frankenstein* brilhante pra caralho nesse frio.

Hoje de manhã: sem aquecimento. Sem água quente. Sem comida.

– Escute aqui, moça – diz Elo Perdido.

Sua barba quase esfrega a testa da Sra. Clark, de tão colado que ele fica no corredor estreito que dá para os camarins. Ele passa os dedos sob a lapela do roupão da Sra. Clark. Inclinando-se para apoiar seu peito no dela, Elo Perdido

dobra o cotovelo e a ergue do chão, com o punho cheio de flanela.

A Sra. Clark, com as pantufas chutando o ar, as mãos agarrando o punho peludo que a segura, os olhos esbugalhados, jogando a cabeça para trás até seu cabelo encostar na porta fechada. A cabeça dela bate na porta com um estrondo.

Sacudindo-a no ar, Elo Perdido diz:

– Diz pro teu velhote que ele vai ter que dar comida pra gente. E calefação. Ou tira a gente daqui… agora.

A gente: nós, as vítimas inocentes de um louco maligno, sequestrador, que dorme demais.

No saguão de veludo azul, não teremos nada para o café da manhã.

Saquinhos que contêm qualquer coisa feita de fígado, eles foram furados até ficarem com dez ou quinze buracos. Todo mundo furou aqueles saquinhos.

No saguão, todo saquinho laminado ficou reto. Todos tivemos a mesma ideia.

Mesmo que a caldeira não funcione e o ar esteja gelado, a comida já estragou.

– Precisamos enrolá-lo – diz a Sra. Clark.

Enrolar e transportar o corpo para os fundos do porão, junto de Lady Mendiga.

– Esse cheiro – diz ela – não é da comida.

Não pedimos detalhes sobre a morte dele.

Foi melhor o Sr. Whittier ter morrido fora de cena. Isso nos dá a chance de roteirizar o pior: os olhos se revirando ao ver a barriga inchar cada vez mais durante a noite, até ele não ver mais os pés. Até que uma membrana ou músculo se parte, nas entranhas, e ele sente a precipitação de comida quente inundar os pulmões. Atacar o fígado e o coração. Em seguida, ele sente os calafrios do choque. O cabelo grisalho no peito fica encharcado de suor frio. O rosto está pingando de suor. Braços e pernas tremendo de frio. Primeiros sinais do coma.

Ninguém nunca acreditaria na Sra. Clark, agora que ela é a nova vilã da história. Nossa nova opressora supermegera.

Não, podemos armar a cena. Vamos fazer com que ele grite em meio ao delírio. O Sr. Whittier ficará pálido e se esconderá por trás dos dedos abertos, dizendo que o diabo está atrás dele. Ele vai berrar pedindo socorro.

Vai entrar em coma. E morrer.

São Sem-Pança, com suas palavras complicadas sobre o peritônio, o duodeno, o esôfago, ele vai saber o termo oficial do que deu errado.

Em nossa versão, vamos nos ajoelhar ao lado da cama de Whittier, para rezar por ele. Pobres de nós, inocentes, famintos e trancados aqui, mas ainda orando pela alma eterna de nosso diabo. Depois, uma transição diminuindo o foco e entram os comerciais.

Isso que é cena para sucesso de bilheteria. Uma cena que berra *Indicado ao Emmy*.

– Isso é o mais legal nos mortos – diz Baronesa Congelada, passando batom em cima do batom. – Eles não têm como te corrigir.

Ainda assim, uma boa história quer dizer: sem calefação. Lenta inanição significa: sem café da manhã. Roupas sujas. Talvez não sejamos tão espertos quanto Lord Byron e Mary Shelley, mas toleramos algumas merdas para nossa história dar certo.

O Sr. Whittier, nosso monstro velho e morto.

A Sra. Clark, nosso novo monstro.

– Hoje – diz Casamenteiro – será um longo dia.

E Irmã Justiceira ergue a mão, seu relógio de pulso exibindo um brilho verde-radioativo no corredor escuro. Irmã Justiceira sacode o relógio para fazê-lo brilhar, e ela diz:

– Hoje o dia vai ser do tamanho *que eu quiser que seja.*…

À Sra. Clark, ela diz:

– Agora me mostre como se liga a porra das luzes.

E Elo Perdido solta as pantufas dela no chão.

A Sra. Clark e Irmã, elas vão tateando pela escuridão, sentindo as paredes úmidas do corredor, andando em direção ao cinza da luz fantasma no palco.

O Sr. Whittier, nosso novo fantasma.

Até o estômago de São Sem-Pança ronca.

Para reduzir o estômago, diz Miss América, há mulheres que bebem vinagre. Fome braba pode machucar nesse nível.

– Me contem uma história – pede Mãe Natureza. Ela acendeu uma vela de maçã e canela com marcas de mordida na cera. – Qualquer uma – diz ela. – Me contem uma história para que eu nunca mais queira comer, nunca mais…

Diretora Negação, abraçando seu gato, diz:

– Uma história pode acabar com o *seu* apetite, mas Cora vai continuar com fome.

E Miss América diz:

– Diga pra esse seu gato que daqui a alguns dias ele vai se qualificar pra comida.

Os seios cor-de-rosa na roupa de lycra já parecem maiores.

E São Sem-Pança diz:

– Por favor, tem como alguém tirar, por favor, minha cabeça do meu estômago? – Sua voz está diferente, suave e seca, pela primeira vez sem comida na boca.

O fedor é grosso como uma neblina. Aquele cheiro que ninguém quer sentir.

E, caminhando em direção ao palco, rumo ao círculo em torno da luz fantasma, Duque dos Vândalos diz:

– Antes de eu vender meu primeiro quadro… – Ele olha para trás, a fim de ter certeza de que estamos prestando atenção, e Duque continua: – Eu era o oposto de um ladrão de quadros…

Enquanto isso, de aposento em aposento, o sol começa a surgir.

E, em nossas mentes, todos nós anotamos: *O oposto de um ladrão de quadros.…*

SOB CONTRATO
Um poema sobre Duque dos Vândalos

– Ninguém chama o Michelangelo de putinha do Vaticano – diz Duque dos Vândalos.

Só porque ele implorou por trabalho ao papa Júlio II.

Duque no palco, o queixo sujinho, a barba rala, uns poucos pelinhos,

que dá voltas e voltas, amassando e moendo

um tablete de nicotina.

Sua camiseta cinza e sua calça de lona estão salpicadas com respingos secos de tinta vermelha, vermelho-escura,

amarela, azul e verde, marrom, preta e branca.

Seu cabelo jogado para trás, um emaranhado de fios, tingido de preto com óleo

e polvilhado com flocos de caspa.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:

um show de slides com retratos e alegorias, naturezas mortas e paisagens.

Toda esta arte antiga usa o rosto dele, o peito dele, seus pés com meia em sandálias

como parede de uma galeria.

Duque dos Vândalos, ele diz:

– Ninguém chama Mozart de putinha corporativa

por ter trabalhado para o arcebispo de Salzburgo.

E depois ter composto *A Flauta Mágica*

e composto *Eine Kleine Nachtmusik*

pago com o troco de Giuseppe Bridi e sua fortuna com a indústria da seda.

Tampouco chamamos Leonardo da Vinci de vendido,

de putinha,
por ter trocado tinta pelo ouro do papa Leão X e de Lorenzo de Médici.

– Não – diz Duque. – Nós olhamos *A Última Ceia* e a *Mona Lisa*
e nunca pensamos em quem pagou as contas de sua criação.
O que interessa, diz ele, é o que o artista deixa para trás, a obra de arte.
E não como pagava o aluguel.

AMBIÇÃO
Um conto de Duque dos Vândalos

Um juiz chamou de “ato danoso”. Outro chamou de “destruição de propriedade pública”.

Em Nova York, depois que os guardas o flagraram no Museu de Arte Moderna, o juiz fez a última afronta: reduziu a acusação a “descarte de lixo em local público”. Depois do Museu Getty de Los Angeles, o juiz chamou o que Terry Fletcher fazia de “grafite”.

No Getty ou no Frick ou na National Gallery, o crime de Terry era sempre o mesmo. As pessoas não chegavam a um acordo em relação ao nome.

Nenhum desses juízes sabia sobre o meritíssimo Lester G. Myers, do Tribunal do Condado de Los Angeles, colecionador de arte e cara muito gente fina. Nem sobre o crítico de arte Tannity Brewster, escritor e conhecedor de tudo que é cultural. E, relaxe, de jeito nenhum sabiam sobre o galerista Dennis Bradshaw, famoso pela Galeria Pell/Mell, onde as pessoas levarem tiros pelas costas é mera coincidência. Algo que acontecia só de vez em quando.

Não, qualquer semelhança entre esses personagens e outra pessoa viva ou morta é pura coincidência.

Esta história é totalmente inventada. Ninguém existe de verdade, exceto o Sr. Terry Fletcher.

Continue acreditando nesta história. Nada disto é real.

A ideia básica veio da Inglaterra, onde estudantes de arte vão ao correio e pegam de graça pilhas de etiquetas de endereçamento. Toda agência dos correios tem pilhas e pilhas dessas etiquetas, cada uma do tamanho da sua mão com os dedos retos e unidos. Fácil de esconder na palma. As etiquetas têm um fundo de papel-manteiga que se descola. Por baixo há uma camada de cola feita para grudar em qualquer coisa para sempre.

Esse era o glamour. Artistas jovens – zés-ninguém, na verdade – podiam ficar no estúdio pintando uma miniatura perfeita. Ou esboçar um estudo em carvão depois de passar uma base de tinta branca sobre o adesivo.

Depois, com o adesivo na mão, eles montavam sua minimostra. Nos pubs. Nos vagões de trem. Nos assentos de táxis. E o trabalho deles ficaria lá em "exposição" por mais tempo do que se imaginaria.

O correio fazia aqueles adesivos com um papel tão chinfrim que ninguém conseguia descolar. O papel se rasgava em partículas e flocos nas extremidades e ainda assim a cola ficava. A cola bruta, de aparência granulosa e amarelada que nem ranho, juntando pó e fuligem até virar uma mancha preta muito pior que a pinturinha de escola de arte que fora. As pessoas descobriram que qualquer obra de arte era pior do que a cola feia que ficava para trás.

Então… as pessoas deixavam a arte ali, exposta. Em elevadores e banheiros públicos. Em confessionários de igreja e provadores de loja. A maioria eram lugares onde retoques na pintura cairiam bem. A maioria dos pintores já ficava feliz que seu trabalho fosse visto. Para sempre.

Mesmo assim… se você quer ver exagero, entregue a ideia para um americano.

Para Terry Fletcher, a grande sacada surgiu quando ele estava na fila para ver a *Mona Lisa*. Por mais perto que ele chegasse, a pintura não ficava maior. Ele tinha livros de arte maiores do que aquele quadro. Ali estava a pintura mais famosa do mundo, e era menor que uma almofada de sofá.

Em qualquer outro lugar, seria muito fácil botar o quadro dentro do casaco e cruzar os braços por cima. Roubar.

Ele se aproximava mais da pintura, mas nem assim ela passava a ser milagrosa. Ali estava a obra-prima de Leonardo da Vinci, e não parecia algo pelo qual valesse a pena ter ficado o dia inteiro em pé numa fila em Paris.

Foi a mesma desilusão que Terry Fletcher sentiu depois de ver o antigo petróglifo do flautista dançante, Kokopelli, depois de vê-lo pintado em gravatas e esmaltado em tigela de cachorro. Fixado em tapetes de banheiro e proteções de assento de privada. Quando, enfim, foi ao Novo México e viu o original, martelado e pintado num rochedo, a primeira coisa que pensou foi: *Que brega.*…

Todas as velhas obras-primas atraentes de reputação inflada, os adesivos dos correios britânicos, tudo isso queria dizer que ele podia fazer melhor. Ele podia pintar melhor e levar seu trabalho aos museus, escondidos e embalados dentro do casaco. Nada muito grande, mas podia colocar fita dupla-face atrás e, no momento certo… grudar o quadro na parede. Bem ali, para o mundo inteiro ver, entre Rubens e Picassos… uma tela original de Terry Fletcher.

Na Galeria Tate, juntando uma multidão em torno do quadro *Tempestade de*

Neve: Aníbal e o Exército atravessando os Alpes, de Turner, lá estaria a mãe de Terry, sorrindo. Ela estaria secando as mãos numa toalha de prato listrada de branco e vermelho. No Museu do Prado, entre as infantas de Velázquez, estaria sua namorada, Rudy. Ou seu cachorro, Boner.

Claro: era o trabalho dele, a assinatura dele, mas o importante era levar glória às pessoas que ele amava.

Que pena que a maior parte de seu trabalho fosse parar no banheiro do museu. Era o único espaço que não tinha guardas nem câmeras de segurança. Durante as horas de menor movimentação, ele podia até entrar no banheiro feminino e pendurar o quadro.

Nem todo turista entrava em toda galeria do museu, mas todos iam ao banheiro.

A aparência da pintura praticamente não importava. O que fazia dela arte, uma obra-prima, aparentemente dependia do local em que estava pendurada… da opulência que a moldura exibia… e ao lado de quais obras ela estava. Se ele fizesse a devida pesquisa, encontrasse a moldura clássica certa e pendurasse sua tela no meio de uma parede lotada, ela ficaria lá por três dias, às vezes por semanas, até ele receber um telefonema da equipe do museu. Ou da polícia.

Então vieram as acusações: ato danoso, destruição de propriedade pública, grafitagem.

“Lixo em espaço público”, disse um juiz a respeito de suas obras, despachando para Terry uma multa e uma noite na cadeia.

Na cela em que a polícia enfiou Terry Fletcher, todos antes dele haviam sido artistas, raspando a tinta verde para fazer desenhos nas paredes. E depois assinavam o nome. Petróglifos mais originais que Kokopelli. A *Mona Lisa.* Por nomes que não eram o de Pablo Picasso. Foi naquela noite, ao olhar para as imagens, que Terry quase desistiu.

Quase.

No dia seguinte, um homem apareceu em seu estúdio, onde moscas pretas circundavam uma pilha de frutas que Terry vinha tentando pintar quando foi preso. Ele era o crítico de arte mais proeminente de um conglomerado de jornais. Era amigo do juiz da noite anterior, e o crítico disse, sim, ele achou a história engraçada pra cacete. A história perfeita para sua coluna sobre o mundo da arte, distribuída para vários jornais. Apesar do doce odor de fruta podre, das moscas zumbindo, aquele homem disse que adoraria ver o trabalho de Terry.

– Muito bom – disse o crítico, olhando uma tela atrás da outra, cada uma delas do tamanho certo para caber sob o casaco. – Muito, muito bom.

As moscas pretas continuaram circundando o local, pousando nas maçãs manchadas e nas bananas escuras, depois zumbindo em volta dos dois homens.

O crítico usava óculos com lentes da grossura da portinhola de um navio. Ao conversar com ele, você teria vontade de gritar, da forma que gritaria com alguém numa janela do andar de cima, dentro de uma casa enorme, e que não aparece para atender a porta.

Ainda assim, ele, com certeza, decididamente, inegavelmente, NÃO ERA Tannity Brewster.

Os melhores quadros, Terry lhe disse, ainda estavam confiscados, como prova para julgamentos futuros.

Mas o crítico disse que isso não importava. No dia seguinte, ele trouxe um galerista e uma colecionadora de arte, os dois famosos porque suas opiniões estavam o tempo todo em revistas de circulação nacional. O grupo ficou observando as obras. Ficaram repetindo o nome de um artista famoso pelas gravuras sujas de celebridades mortas e que deixava uma assinatura gigante em spray vermelho.

Acho importante ressaltar: o galerista não era Dennis Bradshaw. E quando falava, a colecionadora de arte tinha um sotaque do Texas. Seu cabelo loiro-avermelhado era da exata cor de casca de laranja, a mesma dos seus ombros e pescoço bronzeados, mas ela não era Bret Hillary Beales.

Aquela era uma personagem totalmente inventada. Mas, ao olhar para o quadro dele, ela não parava de usar o termo “lucro certo”.

Ela exibia até uma pequena tatuagem que dizia “Sugar” em letra cursiva, no tornozelo, logo acima da sandália, mas ela não era de maneira alguma, absolutamente não, não, NÃO ERA a Srta. Bret Hillary Beales.

Não, esse crítico, essa colecionadora de arte e esse galerista inventados, que não existiam, finalmente dizem ao nosso artista: o trato é o seguinte. Eles tinham milhões investidos na obra do artista das gravuras sujas, mas sua produção atual estava lotando o mercado de arte. Ele ganhava dinheiro com o volume, mas isso detonava o valor das obras anteriores. O valor do investimento que eles haviam feito.

O trato era o seguinte: se Terry Fletcher matasse o gravurista, aí o crítico de arte, o galerista e a colecionadora tornariam Terry famoso. Iriam transformá-lo

num investimento certo. Suas obras seriam vendidas por fortunas. Os quadros de sua mãe e da namorada, do cachorro e do hamster, eles iam ganhar o impulso de que precisavam para virar clássicos como a *Mona Lisa*. Como Kokopelli, o deus da trapaça dos hopis.

Em seu estúdio, as moscas pretas ainda circundavam a mesma pilha de maçãs molengas e bananas flácidas.

E, se ajudar, eles disseram a Fletcher, o gravurista só ficou famoso porque assassinou um escultor preguiçoso, que, por sua vez, havia matado um pintor incômodo, que havia trucidado um autor de colagens que se vendera para o mercado.

Toda essa gente estava morta enquanto seus trabalhos continuavam expostos em museus, como uma conta de banco que a cada minuto vai ficando mais gorda, como uma bola de neve. E nem um valor muito bonito, conforme as cores iam ficando marrons feito os girassóis de Van Gogh, a tinta e o verniz rachando e amarelando. Sempre menores do que o que as pessoas esperam depois de um dia na fila.

O mercado de arte funcionava assim havia séculos, disse o crítico. Se Terry resolvesse não aceitar sua primeira "encomenda" de verdade, não havia problema. Mas ele ainda tinha um longo futuro de processos judiciais inacabados e acusações pendentes. Esse povo das artes poderia colocar tudo debaixo do tapete só com um telefonema. Ou podia piorar sua situação. Mesmo se não fizesse nada, Terry Fletcher ainda poderia ir para a prisão por muito, muito tempo. Naquela cela verde e toda riscada.

E, além do mais, quem ia acreditar na palavra de um presidiário?

Então, Terry Fletcher, ele diz: sim.

O fato de ele nunca ter conhecido o gravurista ajuda. O dono da galeria lhe dá uma arma e lhe diz para usar uma meia de nylon na cabeça. A arma é do tamanho da sua mão com os dedos retos e unidos. Fácil de esconder na palma, do tamanho de um adesivo, mas que sempre cumpre o serviço. O gravurista desleixado vai ficar na galeria até fechar. Depois disso, vai caminhando para casa.

Naquela noite, Terry Fletcher lhe dá três tiros – *pow, pow, pow* – pelas costas. Um serviço mais rápido do que pendurar seu cão, Boner, no Guggenheim.

Um mês depois, Fletcher tem sua primeira exposição na galeria.

NÃO É a Galeria Pell/Mell. Tem os mesmos azulejos em xadrez preto e rosa

no chão, um dossel listrado combinando na porta e a multidão esperta que investe em arte, mas é outra galeria, uma vamos-fingir-que. Lotada de *falsa* gente esperta.

Depois disso, a carreira de Teddy fica complicada. Pode-se dizer que ele fez o serviço muito bem, porque o crítico de arte o manda matar um artista conceitual na Alemanha. Uma artista performática em São Francisco. Um escultor cinético em Barcelona. Todo mundo acha que Andy Warhol morreu de cirurgia na vesícula. Você pensa que Jean-Michel Basquiat morreu de overdose de heroína. Que Keith Haring e Robert Mapplethorpe morreram de aids.

A verdade é que… você pensa o que os outros querem que você pense.

Durante todo esse tempo, o crítico diz que se Fletcher der pra trás, o mundo da arte vai culpá-lo pelo primeiro assassinato. Ou coisa pior.

Terry pergunta: O que é pior?

E eles não respondem.

Se você quer exagero, entregue a ideia para um americano.

Entre ter que matar todo artista vendido, todo artista preguiçoso, desleixado, Terry Fletcher não tem mais tempo para fazer sua arte. Até mesmo os retratos de Rudy e de sua mãe parecem apressados, confusos, como se ele não se importasse mais. Cada vez mais ele vem soltando várias versões do Kokopelli dançante e flautante. Ele amplia fotos da *Mona Lisa* até ficar do tamanho de uma parede e as pinta à mão com cores para decoração de ambientes em voga nesse ano. Ainda assim, se sua assinatura está embaixo, as pessoas compram. Os museus compram.

E depois desse ano de famoso…

Depois desse ano, ele está numa galeria de arte, conversando com o proprietário. O mesmo homem que um ano atrás lhe emprestou uma arma. Que NÃO é Dennis Bradshaw. A rua lá fora está escura. Seu relógio de pulso marca onze horas. O galerista diz que precisa fechar e ir para casa. Seja lá o que tenha acontecido com aquela arma, Terry não sabe o que foi.

O galerista abre a porta da frente, e a calçada está escura. O dossel listrado de preto e rosa. A longa caminhada até sua casa.

Lá fora, nos postes, estão coladas pinturas de gente que você nunca vai saber quem são. A rua está tomada de obras de arte sem assinatura. É essa longa caminhada no escuro que vai acontecer, se não nessa noite, talvez em alguma. Ao dar o próximo passo, toda noite será uma caminhada rumo ao mundo em que

todo artista quer uma chance de ser conhecido.

8.

Estamos no vestíbulo maia, as paredes cobertas de gesso, escavadas para parecer rocha vulcânica. A rocha vulcânica falsa é esculpida para parecer guerreiros de sunga e cocar. Os guerreiros usam capas de pele com manchas para parecerem onças. A sala inteira conta a história que quer que você tome por verdade.

Papagaios de gesso esculpido soltam penas em arco-íris em laranja e vermelho.

Das rachaduras falsas e de pedaços do gesso que desmoronam, feitos para parecerem antigos, muito acima das nossas cabeças brotam tranças de orquídeas roxas de papel.

– O Sr. Whittier tinha razão – diz a Sra. Clark, olhando ao redor. – Somos nós que criamos o drama que preenche nossa vida.

Só a poeira esmaece as penas laranja e as flores roxas. O falso pelo de onça cobre os sofás de madeira escura. Os sofás e os rostos de guerreiros lúbricos e a rocha vulcânica falsa estão todos mesclados por teias de aranha cinzentas.

A Sra. Clark diz: Às vezes parece que passamos a primeira metade da nossa vida à procura de algum desastre. Depois olha para os seios fartos; um olhar quase impossibilitado pelos lábios proeminentes. Quando jovens, diz ela, queremos algo que nos atrase e nos mantenha presos a um lugar tempo o bastante para olhar sob a superfície do mundo. Esse desastre pode ser um acidente de carro ou uma guerra. Para nos deixar pasmos. Pode ser um câncer ou uma gravidez. O importante é que nos pegue de surpresa. Aquele desastre nos impede de levar a vida que planejávamos quando crianças, uma vida de corrida impetuosa.

– Ainda criamos o drama e a dor de que precisamos – diz a Sra. Clark. – Mas esse primeiro desastre é uma vacina, uma inoculação.

Sua vida inteira, diz ela, você sai à procura do desastre – você está fazendo testes para estrelar esse desastre –, para que esteja bem ensaiado quando o desastre definitivo finalmente aparecer.

– Para quando você morrer – diz a Sra. Clark.

Aqui no vestíbulo maia, os sofás e as poltronas de madeira escura são esculpidos para parecerem altares no alto das pirâmides a que os sacrifícios humanos subiam para ter o coração arrancado.

O tapete é como um calendário lunar, círculos dentro de círculos, com estampas laranja-sobre-preto, grudentos por causa dos refrigerantes derramados. Aos nossos pés surge uma mancha bolorenta com braços e pernas.

Nas almofadas de pelo falso ainda dá para sentir cheiro de pipoca.

Essa é a teoria dela. A extensão da Sra. Clark à teoria do Sr. Whittier.

Temos dor, ódio, amor, alegria e guerra no mundo porque são coisas que queremos. E queremos que todo este drama nos prepare para o teste de, algum dia, encarar a morte.

Mãe Natureza, sentada com os braços estendidos à frente feito uma sonâmbula, ela abre bem os dedos e olha para os desenhos de hena preta e manchada pintados em sua pele. Com os dedos de uma das mãos, ela tateia a base de cada dedo da outra. Sentindo o osso, conferindo a espessura, Mãe Natureza diz:

– Você acha que Lady Mendiga estava pronta? – Ela diz: – Você acha que o Sr. Whittier estava?

E a Sra. Clark dá de ombros. Ela pergunta:

– Isso importa?

Sentada na pele falsa ao lado de Mãe Natureza, Diretora Negação amarrou uma meia de nylon no punho esquerdo. Com a mão direita, ela torce a meia mais forte, e os dedos da mão esquerda ficam brancos. Tão brancos que até mesmo o pelo pálido do gato parece preto em contraste. Até que aqueles dedos branco-azulados sem sensação murcham e cedem, ficando flácidos desde o pulso.

Em seu colo, São Sem-Pança mexe no polegar da mão direita, afagando o dedo para cima e para baixo com o punho esquerdo. Sentindo os calombos e as articulações do polegar para que nunca seja esquecido. Depois que ele se for.

Todos nós estamos sentados aqui, observando um ao outro. Esperando o próximo ponto de virada ou os próximos diálogos para captar e encaixar em nossa próxima versão rentável da verdade.

Agente Fuxico foca o refletor da câmera em cada um deles. O pequeno microfone de Conde Calúnia espreita do bolso de sua camisa.

Esse momento prenuncia o verdadeiro horror do que vem a seguir. Esse

momento já está sendo gravado por cima da morte do Sr. Whittier, que foi gravado por cima da morte de Lady Mendiga, que foi gravado por cima de Miss América com uma faca no pescoço do Sr. Whittier.

Mãe Natureza pergunta à Sra. Clark:

– Então por que você o amava?

– Não vim até aqui por *amor* – diz a Sra. Clark. E para Agente Fuxico, ela diz: – *Não* aponte essa câmera para mim. Fico horrível no vídeo… – Ainda assim, no calor do refletor, a Sra. Clark sorri com os dentes cerrados, um sorriso de palhaço com seus lábios de bexiga d'água, e diz: – Vim aqui porque vi um anúncio…

E confiou naquele homem que não conhecia? Ela o seguiu, o ajudou? Mesmo sabendo que ele a deixaria trancada atrás de uma porta? Não faz sentido. Reverendo Ímpio, com seu rosto de carne costurada, as sobrancelhas raspadas, as unhas tão grandes que não consegue fechar a mão, ele diz:

– Mas você chorou…

– Todo apóstolo ou discípulo – explica a Sra. Clark –, por mais que esteja correndo atrás de seu salvador, corre para fugir de outra coisa na mesma medida.

Com os guerreiros esculpidos nos observando, as orquídeas de papel tingidas e dobradas para parecerem naturais, a Sra. Clark diz que tinha uma filha. Um marido.

– Cassie tinha 15 anos – diz ela.

Ela diz:

– O nome dela era Cassandra.

A Sra. Clark diz: Às vezes, quando a polícia encontra uma cova rasa ou o corpo desovado de uma vítima de homicídio, os detetives escondem um microfone. Procedimento padrão.

Ela assente para Conde Calúnia, para o gravador em seu bolso.

A polícia vai se esconder perto do lugar e ficar ouvindo por dias, às vezes semanas. Porque quase sempre o assassino vai voltar e conversar com a vítima. Praticamente toda vez. Precisamos contar nossa história de vida para alguém, e o assassino só pode discutir o crime com a pessoa que não vai castigá-lo. Sua presa.

Até um assassino precisa conversar, contar sua história, precisa tanto que se senta ao lado da cova de um corpo podre e fica lá por horas de blá-blá-blá. Até encontrar um sentido naquilo. Até ser capaz de convencer a si mesmo com a

história de sua nova realidade. A realidade de que: ele estava certo.

Por isso a polícia espera.

Ainda sorrindo, ela diz:

– E é por isso que estou aqui. – A Sra. Clark diz: – Assim como o restante de vocês, eu só queria contar minha história…

Ainda dentro do círculo cálido do refletor de Agente Fuxico, a Sra. Clark diz:

– Por favor.

Ela une as mãos para cobrir o rosto. Entre os dedos bem firmes, ela diz:

– Foi uma câmera de vídeo que destruiu meu casamento…

RETROSPECTO
Um poema sobre a Sra. Clark

– Você está treinando um novo funcionário – diz a Sra. Clark – para ficar com seu emprego velho e chato.

Quando cria uma criança.

A Sra. Clark no palco, com os braços cruzados, as mãos segurando o cotovelo oposto

para embalar seios escolhidos por uma mulher de maior coragem.

Com costas muito mais fortes.

Os seios, agora um lembrete de todos os erros que ela esperava que pudessem salvá-la.

As pálpebras estão tatuadas com o tom laranja tão chique de

duas décadas atrás,

os lábios siliconados do tamanho e da forma de ventosas,

depois tatuados num tom desbotado de pêssego gelado.

O penteado e as roupas da Sra. Clark, congelados no tempo, na época em que ela perdeu a coragem e parou de correr riscos.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:

Filmes caseiros mostram uma garotinha usando chapéu de aniversário, preso

sob o queixo por um elástico,

assoprando cinco velas de aniversário.

– Antes de ser demitida – diz a Sra. Clark –, você prepara essa outra pessoa dizendo…

Não toque. Está quente!

Tire os pés do sofá!

E… nunca compre *nada* que tenha zíper ou nylon.

A cada sermão, você é obrigada a rever toda
decisão que já tomou
ao longo do encadeamento de lições de toda a sua vida.
E depois de todos esses anos, você vê o pouco de que dispõe,
como sua vida e sua formação foram limitadas.
Como foram escassas sua coragem e sua curiosidade.
Sem falar nas expectativas.

A Sra. Clark no palco, ela suspira, os seios inflados como suflês
ou pães, que depois caem, assentam-se, descansam.
Ela diz que talvez o melhor conselho seja aquele que você não pode contar a ela de forma alguma:
Preserve-se como centro do mundo,
seja a melhor autoridade que há em tudo,
especialista em todos os tópicos,
infalível,
onisciente.
Sempre, todo dia, para o resto da vida:
Use anticoncepcional.

PÓS-PRODUÇÃO
Um conto da Sra. Clark

Tess e Nelson Clark, nos primeiros dois dias, continuaram vivendo como se nada houvesse acontecido. Ou seja: ainda vestiam as roupas de trabalho e destrancavam a porta do carro. Dirigiam até o serviço. À noite, se sentavam à mesa da cozinha em silêncio. Comiam alguma coisa.

E aí?

A locadora ligaria dizendo que precisava das câmeras de volta.

Nelson estava em casa, com Tess, ou não estava.

No terceiro dia, ela só saiu da cama para ir ao banheiro. Não se deu ao trabalho de ligar para o trabalho e avisar que estava doente. Seu coração seguiria batendo, batendo, independentemente do que ela tentasse. O que não quer dizer que ela tentou alguma coisa.

Não valia o esforço começar a beber ou tirar medidas do carro para achar uma mangueira grande o bastante para ir do cano de descarga à janela do motorista. De jeito nenhum valia o esforço de consultar um médico do plano de saúde e mentir até que ele receitasse um bom remédio para dormir. Tudo mais que ela pudesse fazer, tipo enfiar uma navalha no punho, tomar esse tipo de atitude só passaria a ideia de mais um plano imbecil para resolver todos os problemas.

As luzes e a câmera ainda estavam ao redor da cama dos Clark.

Cometer suicídio parecia só mais um plano agressivo para dar um jeito na sua vida. Se ela ligasse as luzes e a câmera, eles poderiam ter a morte gravada em fita. Um *snuff* em duas partes. Uma minissérie. Mais um Grande Projeto. Matar-se seria só isso: Tess Clark cumprindo seu dever. Outro início, meio e fim.

Ir para o trabalho simplesmente parecia loucura. Comer outra refeição fazia tanto sentido quanto plantar bulbos de tulipa à sombra de uma bomba atômica caindo do céu.

Agora isso tudo é passado, mas foi Nelson quem conferiu a poupança. Foi

ele quem disse que tinham como sustentar um bebê se fizessem um vídeo pornô.

– Um dia – diz a Sra. Clark – isso vai acontecer com você, e naquele segundo sua vida vai parecer que tem cem anos a mais do que devia…

No quinto dia deitados na cama, eles juravam que tinham vivido para sempre. Ficar deitado na cama dia após dia provavelmente dá a sensação de ser um vampiro. Imagine ficar milhares de anos vivo e seguir cometendo os mesmos erros idiotas. Por milhares de anos você segue frequentando os mesmos bares, as mesmas boates, e acha que está se divertindo muito. Você imagina que é o centro das atenções. Tem um marido que você acha lindo. Acha que os dois são gostosões.

Os Clark achavam que muitos casais enriqueciam fazendo vídeo pornô. A indústria do filme caseiro só é popular porque o pornô em vídeo criou essa demanda. Todos os casais, com exceção deles, estavam ganhando um extra nas horas livres. Outros casados não ficam desperdiçando sexo, sem serem vistos, sem serem apreciados por desconhecidos. Primeiro, eles alugariam uma câmera e um programa de edição. Achariam um distribuidor para o filme. E já que eram casados, disse Nelson, não seria pecado.

Agora não faz muito sentido sair da cama e apagar a fita. Seria como quebrar um espelho por ter lhe mostrado a verdade. Tipo matar o mensageiro de más notícias.

– Só de ficar na cama, dia após dia – diz a Sra. Clark –, você percebe que não são as estacas de madeira que matam os vampiros.

É toda a bagagem emocional e todas as decepções que eles têm que carregar século após século.

Você quer imaginar que está ficando sempre mais engraçado e mais inteligente. Desde que se esforce, está se dirigindo à Grande Vitória. É assim que você se sentiria como um vampiro, quem sabe nos primeiros duzentos anos. Depois disso, só lhe restam os relacionamentos fracassados multiplicados por duzentos.

E aí?

O problema da juventude eterna é que você tende a procrastinar. Então os Clark aprenderam sozinhos a gravar um vídeo. Isso incluía Nelson barbeando os pelos base do pau, para que parecesse maior. Tess colocou implantes nos seios do tamanho que sua coluna aguentava. Após um simples cochilo vespertino, ela ficou com o busto autossustentável que só se vê em filmes adultos. Os lábios foram rosqueados com tubos de espuma, o que lhe deixou com aquela boquinha

de boquete pelo resto da vida. Os Clark marcaram sessões de bronzeamento, vinte minutos, duas vezes por dia. Liam em voz alta um para o outro, que editar um vídeo se faz com o *time code* exato que se dá a cada momento da fita.

Todo instante é codificado com a hora, minuto, segundo e frame exatos. O código 01:34:14:25 quer dizer a primeira hora, o trigésimo quarto minuto, o décimo quarto segundo, o vigésimo quinto frame do vídeo. Até mesmo para editar um vídeo pornô, é preciso criar uma falsa realidade. Você tem que sugerir uma relação ao aproximar um fato de outro. Esse trajeto de imagens precisa levar o espectador de um ato sexual ao seguinte. É necessário fingir continuidade. A ilusão tem que fazer sentido.

Eles conseguiram a maior parte das cenas de oral antes de 10:22:19:02.

Depois, fizeram boa parte das cenas de genital até 25:44:15:17.

Gravaram alguns perianal e perivaginal até 31:25:21:09.

E terminaram com o anal em 46:34:07:15.

Já que esses filmes sempre terminam do mesmo jeito, a história de como se chega lá, a jornada até o grande orgasmo, é isso que é mais importante. O orgasmo: pura formalidade. Aproveitamento de cena.

Outra coisa a se ter em mente é que, em média, um plano em vídeo tem de oito a quinze segundos. Tess e Nelson teriam que trabalhar juntos por uns vinte segundos de cada vez. Depois desse tempo, eles se levantavam e apertavam o PAUSE. Mudavam a câmera para um novo ângulo e alteravam a iluminação. Filmavam mais vinte segundos. O casamento deles ainda era daqueles em que o sexo continuava divertido, mas, depois do primeiro dia de filmagem, a única coisa que os mantinha na ativa era pensar na grana que iam ganhar. A grana e o bebê.

– Nós dois estávamos – contou a Sra. Clark – cheios daquela energia que faz os cachorros balançarem o rabo logo antes de ganhar ração.

Tess e Nelson, eles nunca tiveram uma aparência melhor do que antes de gravar aquele filme. Essa foi a pior parte. Passaram quase uma semana inteira no quarto. Mesmo conectados só vinte segundos por vez, eles devem ter feito um total de quarenta e oito horas de sexo. As luzes quentes sugavam o calor de suas peles bronzeadas.

Para se manterem excitados, colocaram uma TV fora de enquadramento, onde ficava passando pornô a que assistiam enquanto eram gravados. Aqueles vídeos viraram os cartões ou o TelePrompTer para eles imitarem. Tal qual os

Clark, as pessoas em cada filme pareciam olhar para fora da câmera, para um filme deles. Essa cadeia de voyeurismo, os Clark assistindo a alguém assistindo a alguém: era uma sensação boa. O vídeo que Tess e Nelson viam devia ter no mínimo cinco anos. Os homens tinham costeletas compridas e as mulheres usavam brincos com pingente e sombra azul brilhante. A idade do filme a que *essa* gente assistia era impensável, mas era bom saber que todos eles estavam encadeados ao longo da história.

O pessoal do vídeo, eles pareciam da idade dos Clark na frente da câmera, mas agora estariam na terceira idade. Pareciam jovens, com músculos torneados nas pernas e nos braços, mas se movimentavam depressa, como se o que estivessem vendo fora do enquadramento fosse um relógio.

Para ajudar o outro a sorrir, Tess e Nelson se revezavam dizendo o que fariam com o dinheiro.

Comprariam uma casa.

Viajariam para o México.

Fariam filmes de verdade. Longas-metragens. Abririam uma produtora independente e nunca mais trabalhariam para os outros, nunca mais.

Chamariam o bebê de Cassie, se fosse menina.

Baxter, se fosse menino. Em vez da filmagem do parto, um dia eles mostrariam ao filho o filme da concepção. Baxter veria como seus velhos eram sarados e estavam com tudo em cima. Pareceriam tão modernos…

E depois daquilo eles nunca, nunca mais precisariam transar.

Quanto pior ficava o trabalho, mais eles esperavam ganhar. Quanto mais doía tocar a pele rachada, ou se deitar naquele colchão frio, empapado de suor, mais bonito tinha que ser o futuro. O rosto doía de tanto sorrir. A pele ardia por causa das carícias. Conforme prosseguia a maratona, a recompensa se tornava cada vez mais impossível.

Então, tão rápido quanto um médico diagnosticando uma doença fatal, tão rápido quanto um juiz decretando uma pena de morte, eles terminaram.

Os Clark haviam feito tudo que podiam imaginar um ao outro. Só lhes restava editar a fita.

E, supostamente, essa era a parte divertida.

A diferença entre como você é e como você se vê já basta para matar a maioria das pessoas.

E talvez o motivo pelo qual vampiros não morrem é que eles não conseguem

se ver em fotos nem espelhos.

– Não tinha edição – diz a Sra. Clark – que nos salvasse.

Não tinha exercício aeróbico nem cirurgia plástica que os deixasse da maneira que eles imaginavam ser antes de assistir à fita. Tudo que viram foram dois bichos sem pelo, sem pelo e de um tom escuro de cor-de-rosa, proporções muito distorcidas, tal como dois vira-latas de perna curta, pescoço comprido e torso grosso sem cintura definida. Eles exibiam grandes sorrisos de armadilha de urso um para o outro, enquanto os olhos disparavam para a câmera com o intuito de ter certeza de que alguém ainda prestava atenção. Encolhiam a barriga até ficar reta.

Pior que a feiura cotidiana deles era a prova de que estavam ficando velhos. Os lábios faziam bomba de sucção um no outro, e a pele caída parecia folgada e estofada em todo orifício. Os corpos balançavam juntos como se fossem uma máquina velha e terrível forçada a trabalhar em velocidade máxima até quebrar.

A ereção de Nelson parecia distorcida e suja, algo saído da lixeira nos fundos de uma pastelaria chinesa. Os lábios e os seios de Tess pareciam gigantes até para uma atração de circo, as cicatrizes ainda num tom ardente de vermelho.

E aí?

Tess Clark chorou enquanto eles viam a si mesmos em todos os ângulos, em todas as posições. Cada parte deles, da sola dos pés até os escalpos, os segredos que guardavam entre as pernas, os pelos que escondiam sob os braços, assistiram a tudo até a fita acabar e eles ficarem parados, sentados no escuro.

Eles eram só aquilo.

Depois daquilo, até chorar parecia outra maneira condenada de superar aquele momento. Qualquer emoção parecia um jeito bobo e inútil de negar o que tinham visto. Qualquer ação significaria recomeçar com outro sonho imbecil, condenado.

Eles podiam fazer outro filme. Fundar uma produtora. Só que agora, fizessem o que fizessem, saberiam que não era real. Nunca seriam como se imaginavam.

E por mais que tentassem, por mais grana que ganhassem, os dois iam morrer.

Em dois dias de câmera alugada, eles haviam consumido todo o interesse que um tinha pelo outro, acumulado ao longo da vida. Não restava mistério algum.

As luzes e a câmera, a Locadora ABC não parava de ligar para eles

devolverem. A empresa continuou cobrando o aluguel no cartão de crédito até os Clark deverem mais do que tinham na poupança.

No dia em que Nelson Clark saiu da cama, para guardar a câmera e as luzes, para levá-las de volta, naquele dia ele não retornou para casa.

Na semana seguinte, a menstruação da Sra. Clark também não veio.

– Esses dois peitões – disse a Sra. Clark – eram para virar dedução no imposto.

Só a aparência de uma coisa grande e maternal. E agora havia um bebê a caminho.

Nelson Clark nunca voltou para casa. Numa cidade daquele tamanho, todo ano milhares de maridos vão embora. Crianças saem de casa. Esposas fogem. Pessoas desaparecem.

E aí?

Tess Clark queimou a fita, mas ela passa toda vez que seus olhos se fecham. Até hoje, quase dezesseis anos depois. Mesmo agora que sua filha nasceu, cresceu e morreu.

O bebê que ela batizou de: Cassandra.

9.

É no lounge Renascença Italiana que a Sra. Clark encontra Diretora Negação caída sobre uma grande mesa de madeira escura. Está pingando sangue de todos os cantos da mesa. O sangue pegajoso já salpicado com uma camada de pelo de gato. Diretora Negação com uma corda feita de meia-calça de nylon amarrada no punho. Um cutelo afundado na mesa. Por cima da meia-calça de nylon, a mão de Diretora jaz pálida numa poça vermelho-escura.

No chão, debaixo da mesa, Cora Reynolds mastiga o indicador decepado.

– Minha cara – diz a Sra. Clark, olhando para os tocos ensanguentados e incrustados enquanto Diretora enrola o restante da seda amarela em volta. O sangue encharca o amarelo. A Sra. Clark dá um passo à frente para ajudar, para amarrar a seda com mais força, e pergunta: – Quem fez isso com você?

Diretora Negação torce o torniquete de nylon com mais força, dizendo:

– Foi você.

Nesse momento, todo mundo está procurando uma vantagem.

Todos queremos alguma maneira de aumentar nosso papel. De colocar nosso personagem no holofote depois que formos resgatados.

Além disso, é um jeito de alimentar o gato.

Quem puder demonstrar mais sofrimento, mais cicatrizes, vai ser o protagonista na mente do público. Se o mundo lá fora arrombasse a porta para nos salvar nesse momento, Diretora Negação seria a maior vítima, exibindo os cotocos de dedos decepados, ostentando-os para arrecadar piedade. Fazendo de si mesma a protagonista. O primeiro bloco de qualquer talk show.

Fazendo de nós o elenco de apoio.

Para não ser superado, o magrelo São Sem-Pança pegou um cutelo emprestado de Chef Assassin e podou o dedão da mão direita. Uma dedãoectomia radical.

Para não ser ofuscado, Reverendo Ímpio pediu o cutelo emprestado e talhou os dedinhos de cada pé.

– Para ser famoso – disse ele – e, depois, usar salto alto *bem* estreito.

O papel de parede verde e as cortinas de seda do lounge Renascença Italiana, o verde está salpicado de sangue que mais parece preto sob a luz elétrica. O chão parece meio grudento, o tapete dá a impressão de que todo passo quer arrancar seus sapatos.

Elo Perdido diz que perder um dedo faz você parar de pensar na fome. Elo Perdido está usando vestes de bispo, os pelos do peito negro brotando na gola, tudo de brocado branco bordado com ouro costurado nas beiradas. Ele está usando uma peruca branca que faz sua cabeça quadrada e sua barba desgrenhada parecerem duas vezes maiores.

Com rabo de cavalo, Duque dos Vândalos usa uma camisa de camurça e calça com franjas balançando por toda a costura lateral. Mascando o chiclete de nicotina. Mãe Natureza sai mancando por aí, mancando em sandálias de salto alto que exibem os dedinhos que ela decepou, sua gargantilha de sininhos tinindo a cada passo manco. Mordiscando uma vela aromoterápica de cravo com noz-moscada.

Todos nós estamos nos aquecendo com blusas de poeta cheias de babados, à la Lord Byron. Ou com as saias compridas de Mary Shelley, cheias de anáguas. Capas de Drácula forradas com cetim vermelho. Botas de Frankenstein.

É nesse momento que São Sem-Pança pergunta se ele pode ser o que se apaixona.

Todo épico precisa de uma subtrama romântica, diz ele, segurando a calça com uma das mãos. Para suprir todas as demandas do marketing, precisamos de dois jovens vivendo um amor louco e intenso, mas que são afastados por um vilão cruel.

São Sem-Pança e Miss Espirro, conversando no lounge Renascença Italiana com as cadeiras bordadas e estandartes de seda verde entre janelas altas de espelho, era ali o lugar para surgir um romance.

– Eu achava que ia me apaixonar por Camarada Escárnia – diz São Sem-Pança.

Perto deles, o cutelo está enfiado na comprida mesa de madeira: o fantasma do Sr. Whittier aguardando sua próxima vítima.

Assoando o nariz, Miss Espirro pergunta: Sem-Pança já perguntou a Camarada Escárnia se ela também está apaixonada? Depois que formos resgatados, durante a parte de marketing e divulgação na mídia, os dois que

lutaram para ficar juntos vão ter que pelo menos fingir que estão apaixonados. Como eles atuam aqui dentro não interessa, mas assim que as portas se abrirem, vão precisar se beijar e se abraçar toda vez que uma câmera se virar para eles. Vai ter gente esperando um casamento. Quem sabe, até mesmo filhos.

Piscando os olhos injetados, Miss Espirro diz:

– Escolha uma garota que você consiga amar de mentira pelo resto da vida…

São Sem-Pança diz:

– Quem sabe Condessa da Antevidência e eu?

Do ponto de vista de São Sem-Pança, ser casado de mentira era melhor que decepar os dedos. Qualquer mulher ali tinha que aproveitar a oportunidade.

E, sorrindo, o rosto quase colando no dele, Miss Espirro diz:

– Quem sabe você e *eu*?

E São Sem-Pança diz:

– Quem sabe Baronesa Congelada?

– Ela não tem lábios – diz Miss Espirro. – É sério, ela *realmente* não tem lábios.

E Miss América?

– Ela já vai ficar famosa por estar grávida – afirma Miss Espirro. E acrescenta: – Não estou grávida, *e eu tenho lábios*…

Diretora Negação já cortou os dedos. Irmã Justiceira também: da mão e do pé, usando a mesma faca de descascar que Lady Mendiga pegou emprestada de Chef Assassin para rasgar a orelha. O plano deles, depois que formos resgatados, é contar ao mundo como o Sr. Whittier os torturou ao cortar um pedacinho por cada dia em que eles não produziam uma obra-prima. Ou… a Sra. Clark é quem cortava enquanto o Sr. Whittier segurava a vítima, aos berros, em cima da grande mesa de madeira escura do lounge Renascença Italiana.

A mesa já está toda retalhada de cortes de ensaio, cortes nervosos e cortes de sucesso com o cutelo de Chef Assassin.

– Ok – diz São Sem-Pança. – E Mãe Natureza?

Tudo certo, ele só quer um carinho nos pés, outro jeito de dar uma gozadinha. Um pequete. Outro método sem as mãos além da cenoura invisível, da cera de vela e da piscina. Não tanto uma subtrama romântica, mas, sim, uma necessidade sexual.

Melhor ainda, diz Miss Espirro. Ela diz:

– Você sabe o que Mãe Natureza fez com o nariz, não sabe?

Pobre Miss Espirro, ela ainda tossia e tossia com os esporos de mofo que tínhamos que respirar, mas o sofrimento dela não era nada comparado ao de Mãe Natureza, que pegou emprestada uma faca de filé de peixe para rasgar cada narina, até a ponte do nariz. Os sininhos tinindo e suas crostas borrifando para todo canto sempre que ela ria.

Ainda assim, precisamos da subtrama romântica. *Qualquer* enredo romântico.

Sério, foi o Sr. Whittier quem rasgou o nariz de Mãe Natureza.

– Mas ele morreu – diz a Sra. Clark.

O Sr. Whittier fez isso antes de morrer, diz Elo Perdido. Se todo mundo começar a cortar os dedos e as orelhas, ninguém vai sair daqui com uma bela de uma cicatriz. Um cotoco que eles possam exibir em close em rede nacional. O Sr. Whittier fez aquilo para afastar São Sem-Pança e Mãe Natureza. Para puni-los por terem se apaixonado.

Na nossa versão do que aconteceu, cada dedo do pé ou da mão foi comido pelos vilões em quem ninguém vai acreditar.

Casamenteiro anda perguntando, tentando achar alguém disposto a podar seu pênis. Porque é perfeito – aquela tortura combina perfeitamente com uma piada de sua família.

Um corte, diz ele, e todos os seus problemas estão resolvidos. Só um pênis decepado na areia.

– Além disso, não o tenho usado pra nada – diz Casamenteiro, e sorri. Piscadela, piscadela.

Até o momento, ninguém se voluntariou a pegar o cutelo. Não por ser muito nojento, horrível demais, mas porque isso o colocaria no banco do motorista. Pênis decepado é algo que ninguém consegue superar.

Ainda assim, se ele o fizesse – e sangrasse até a morte –, isso significa que os royalties seriam divididos entre quinze. Catorze, se Miss Espirro se apressasse e sufocasse com o mofo. Treze, se Miss América tivesse a consideração de morrer no parto.

Todo mundo dando seus restinhos para o gato, Cora Reynolds está ficando imensa.

– Se você podar seu pau – diz Diretora Negação –, não dê de comer para meu gato.

Ela diz:

– Não é uma coisa que eu queira lembrar toda vez que Cora lamber meu rosto…

Foi enquanto procurávamos ataduras que achamos as fantasias. Nos bastidores, estávamos catando roupa limpa para rasgar e fazer ataduras, e lá estavam vestidos e casacos que sobraram do vaudeville e da opereta. Dobrados com papel-toalha e anfetamina, em baús e sacos de lixo, havia saias rodadas e togas. Kimonos e kilts. Botas, asas e armaduras.

Graças à Sra. Clark, que cortou o plugue da máquina de lavar, todas as roupas que trouxemos estavam fedendo a sujeira e suor. Graças ao Sr. Whittier, que estragou a caldeira, o prédio estava ficando mais frio a cada dia. Então começamos a usar essas túnicas, sarongues, coletes. Brocados de veludo e cetim. Chapéu de colono com fivela de prata. Luvas de couro branco até o cotovelo.

– Essas salas… – diz Condessa da Antevidência, tropeçando em seu turbante, decepando os dedos do pé, mas não o bracelete de plástico que leva no pulso. – Essas roupas… esse sangue todo… me fazem me sentir no conto de fadas mais deprimente dos Irmãos Grimm.

Usávamos estolas de pele feitas de bichinhos, um mordendo o outro na bunda. Martas, furões e doninhas. Mortos, mas com os dentes ainda enterrados fundo.

Ali, no lounge Renascença Italiana, apoiado num joelho, segurando a mão ensanguentada e olhando para o nariz cortado dela, São Sem-Pança disse a Mãe Natureza:

– Pode fingir que me ama pelo resto da vida?

E ali, ajoelhando-se, escorregando o diamante de três quilates vermelho e grudento que ele havia arrancado da mão de Lady Mendiga, São Sem-Pança colocou Lorde Mendigo morto e cintilante no dedo avermelhado de hena de Mãe Natureza.

E seu estômago roncou.

E ela riu, com sangue e cicatrizes… por todo o corpo.

Agora até aquelas camisas de seda e lençóis estão duros e manchados de sangue. Os dedos das luvas estão vazios. Sapatos e botas cheios de bolas de meia para substituir os dedos faltantes.

As estolas de pele, as doninhas e os furões, macios como pelo de gato.

– Continuem alimentando esse gato – diz Miss América – que ele vai ser

nosso jantar de Ação de Graças.

– Não fale isso nem de brincadeira – diz Diretora Negação, coçando a barriga gorda do gato. – Corinha é minha *neném*…

Com as raízes do cabelo platinado já crescidas, castanhas, uma espécie de régua para contar o tempo que estamos presos, Miss América observa o gato arrancar a pele de mais um dedo. Olhando para cima, para Diretora Negação, ela diz:

– Se foi você quem pegou minha roda de abdominais, eu a quero de volta. – Mantendo as mãos a pouca distância uma da outra, Miss América diz: – É rosa, de plástico, mais ou menos *desse* tamanho. Você lembra.

Tirando a camada de pelo de gato das ataduras de seda amareladas e pegajosas, Diretora pergunta:

– E seu filho que ainda não nasceu?

E, acariciando a própria barriguinha, Miss América diz:

– Casamenteiro devia *me* dar o pênis para comer. – Ela diz: – Sou eu quem *não* está comendo por dois…

Descrição do cargo
Um poema sobre Diretora Negação

– O policial – diz Diretora Negação – tem que proteger o adorador de Satã.
Você não tem chance de escolher um ou outro.

Diretora Negação no palco, as mangas de seu blazer de tweed somem nas costas,
onde as mãos se unem,
escondidas, como se você estivesse diante do pelotão de fuzilamento.
O cabelo dela, salpicado de cinza e cortado para parecer eriçado de propósito.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:
Um vídeo de segurança, granulado, preto e branco,
de suspeitos presos, em fila para
uma testemunha identificar.
Os suspeitos brigando com as algemas, ou com o casaco puxado para cima
para esconder o rosto ao entrar no tribunal.
No palco, Diretora Negação de pé, com a protuberância do coldre de ombro
enchendo uma lapela do blazer.
A saia de tweed com a bainha tapando o tênis de corrida branco, os cadarços com dois nós.

Ela diz:
– Um oficial da lei tem que morrer praticamente por
todo mundo.
Você morre por gente que chuta cachorro.
Viciados. Comunistas. Luteranos.
Você morre para proteger e servir os riquinhos com herança.

Pedófilos. Pornógrafos. Prostitutas.
Se aquela próxima bala tiver seu nome.

Com o rosto cheio de vítimas e criminosos, em preto e
branco,
Diretora Negação diz:
– Você pode morrer por quem vive na base da assistência…
Ou por drag queens.
Por gente que te odeia, ou por gente que vai te chamar de herói.
Quando chegar sua vez, não há como discriminar.

– E, se for muito burro – diz Diretora Negação –, você morre com esperança.
Você deixou o mundo um pouco melhor.
E talvez, só talvez, sua morte
seja a última.

ÊXODO
Um conto de Diretora Negação

Por favor, entenda.

Ninguém aqui vai defender o que Cora fez.

Talvez há dois anos tenha sido a única vez que aconteceu alguma coisa como essa. Na primavera e no outono, a equipe do condado tem que fazer uma retomada de boca a boca. Ressuscitação cardiopulmonar. Cada grupo precisa se reunir na enfermaria para praticar massagem cardíaca na boneca. Formam duplas, a diretora bombeia o peito, a outra pessoa se ajoelha, segurando o nariz e soprando ar pela boca. A boneca é uma Ressusci Tânia, só um torso, com a cabeça. Sem braço nem perna. Lábios azuis de borracha. Olhos moldados, abertos, fixos. Olhos verdes. Mas quem quer que faça essas bonecas colou cílios compridos demais nela. Colaram uma peruca glamourosa, um cabelo ruivo tão liso que não dá para sentir os dedos passando até que outra pessoa diz:

– Calma lá…

Enquanto se ajoelhava perto da boneca e esticava suas unhas vermelhas no peito, a diretora da agência, a diretora Sedlak, disse que todas aquelas bonecas Ressusci Tânia eram moldadas a partir da máscara de morte de uma garota francesa.

– É verdade – confirmou ela ao grupo.

Esse rosto no chão é o rosto de uma suicida que acharam no rio há mais de um século. Os mesmos lábios azuis. Os mesmos olhos sem vida. Todas as Ressusci Tânia são moldadas com o rosto dessa jovem que se jogou no rio Sena.

Se a menina morreu de amor ou solidão, nunca descobriremos. Mas os detetives usaram gesso para fazer uma máscara do rosto da falecida, para ajudar a descobrir seu nome, e décadas depois um fabricante de brinquedos se tornou dono dessa máscara e a usou para moldar o rosto da primeira Ressusci Tânia.

Apesar do risco de alguém numa escola, fábrica ou pelotão do Exército um dia se abaixar e reconhecer o corpo de sua irmã, mãe, filha, esposa falecida há muitos anos, é exatamente esta a morta que é beijada por milhões. Por muitas

gerações, milhões de estranhos já colaram a boca na dela, esses lábios sendo aqueles exatos lábios que se afogaram. Pelo restante da história, em todo o mundo, pessoas tentarão salvar essa mesma falecida.

A mulher que só queria morrer.

A menina que se transformou em objeto.

Ninguém mencionava essa última parte. Mas ninguém precisava.

Então, no ano passado, Cora Reynolds estava num grupo que foi à enfermaria e tirou a Ressusci Tânia da maleta azul de plástico. Eles a abrem em cima do assoalho de linóleo. Passam um algodão com peróxido de hidrogênio na boca. Procedimento padrão de higiene. Mais uma diretriz do condado. A diretora Sedlak se abaixa para apoiar as palmas das mãos no centro do peito de Tânia. Sobre o esterno. Alguém se ajoelha mais perto para apertar o nariz de Tânia. A diretora empurra o peito de plástico. E o cara ajoelhado, com a boca sobre a de borracha de Tânia, ele começa a tossir.

Inclina-se para trás, tossindo, sobre os calcanhares. Depois cospe. *Splat*, bem no linóleo da enfermaria, ele cospe. O cara da boca limpa a boca com as costas da mão e diz:

– Cacete, isso fede.

As pessoas em volta, entre elas Cora Reynolds, o restante da turma, se aproximam.

Ainda agachado, o cara da boca diz:

– Tem alguma coisa dentro dela. – Ele tapa a boca e o nariz com a mão. O rosto contorcido de lado, longe da boca de borracha, mas ainda observando, ele diz: – Vá lá. Aperte ela de novo. Aperte com força.

A diretora, inclinada e com as palmas das mãos apoiadas no peito de Tânia, as unhas pintadas de vermelho-escuro, ela aperta.

E uma grande bolha é inflada dos lábios de borracha azul de Tânia. Um líquido, um molho de salada, fino e pastoso, uma bolha que continua inflando. Uma pérola cinza e gordurosa. Depois, uma bola de pingue-pongue. De beisebol. Até que estoura. Respingando a sopa branca encardida por tudo quanto é canto. Essa cultura fina, aquosa, que solta uma nuvem de fedor pela sala.

Até aquele dia, qualquer um podia usar a enfermaria. Trancar a porta. Abrir a cama de armar e tirar um cochilo na hora do almoço. Se estiver com dor de cabeça. Ou com cólica. O kit de primeiros socorros, é lá que pegam. Todas as ataduras, aspirina. Não precisa da autorização de ninguém. Tudo que tem lá é a

cama de armar, um pequeno armário com uma pia de metal para lavar as mãos, um interruptor na parede. A maleta azul de plástico destrancada onde se guarda a Ressusci Tânia.

O grupo, eles viram a boneca de lado, e do canto da boca de borracha macia dela, primeiro sai um *ping*, *ping*, *ping*, depois um fluxo fininho de sopa de aveia. Parte daquela meleca aguada lava sua bochecha de borracha rosa. Parte se infiltra entre os lábios e os dentes de plástico. A maior parte forma uma poça no linóleo.

A boneca, agora uma pessoa francesa. Uma menina que se afogou. Uma vítima de si mesma.

Todo mundo ali parado, respirando por trás da mão na boca ou de um lenço. Piscando por causa do cheiro, que faz os olhos lacrimejarem. As gargantas sobem e descem por baixo da pele do pescoço conforme engolem repetidamente mais ar para que os ovos mexidos, o bacon, o café, a aveia com leite, o iogurte de pêssego, os muffins e o queijo cottage não subam, para que fiquem bem no fundo da barriga.

O cara da boca pega a garrafinha de peróxido de hidrogênio e inclina a cabeça para trás. Virando um gole duplo na boca, ele infla as bochechas. Posiciona a cabeça na direção do teto, de olhos fechados, a boca aberta, gargarejando com peróxido. Então coloca a cabeça para a frente de forma que possa cuspir tudo na piazinha de metal.

A sala, todos respirando aquele cheiro de lavanderia, do peróxido, misturado ao odor de banheiro dos pulmões de Ressusci Tânia. A diretora, ela diz para alguém pegar um kit de investigação de crime sexual. Os cotonetes, as lâminas e as luvas.

Cora Reynolds, ela estava naquele grupo, tão perto que deixou um rastro do muco pegajoso até sua mesa. Depois desse dia, o Operacional do Condado pôs uma tranca na porta e entregou a chave a Cora. Desde então, se a pessoa sente cólica, põe o nome numa lista, com dia e horário, para pegar a chave. Se alguém tem dor de cabeça, precisa ir perguntar a Cora se pode pegar duas aspirinas.

A equipe no laboratório estadual, quando recebe os cotonetes e faz as lâminas e as culturas, eles perguntam: Isso era uma piada?

Sim, diz a equipe do laboratório, a gosma era esperma. Uma parte já tinha seis meses. Desde a última aula de boca a boca. Mas, olhe, tinha muito. Além disso, ao verificar o DNA, os indicadores genéticos indicaram que era coisa de doze, quem sabe quinze homens.

Os caras do condado, do lado de cá, disseram: É, piada sem graça, foi mal. Esqueçam.

É isto o que o ser humano faz: transforma objetos em pessoas, pessoas em objetos.

Ninguém está dizendo que foi a equipe do condado que fez merda. Uma merda bem grande.

A boneca da Ressusci Tânia, não é à toa que Cora a levou para casa. Deu um jeito de limpar seus pulmões. Lavou e arrumou seu cabelo ruivo de glamourosa. Cora comprou um vestido novo para o torso sem braço, sem perna. Um colar de pérolas falsas em volta do pescoço. Aquela coisinha tão indefesa, Cora não podia jogar no lixo. Passou batom nos seus lábios azuis. Rímel nos cílios compridos. Blush. Perfume… muito perfume, para disfarçar o cheiro. Belos brincos de pressão. Ninguém ia ficar surpreso caso descobrisse que ela passou toda noite sentada no sofá do apartamento, vendo televisão e batendo papo.

Só Cora e Tânia. Conversando em francês.

Mesmo assim, ninguém chama Cora Reynolds de pirada. Talvez só de pancada.

A polícia do condado diz que deveriam ter ensacado a boneca com plástico preto e a jogado no alto da prateleira da sala de provas. Esquecê-la ali. *Tânia*, não Cora. Abandonada. Fermentando. Ignorada junto aos sacos de erva e de coca, todos numerados. Os frascos de crack e os balões de heroína. Todas as armas e facas esperando para aparecer em algum tribunal. Todos os saquinhos e balões apreendidos que vão encolhendo, diminuindo cada vez mais, até sobrar apenas o suficiente para uma condenação. Todos esses objetos… usados.

Mas não, eles burlaram as regras. Deixaram Cora levar a boneca velha para casa.

Ninguém queria que ela envelhecesse só.

Cora. Ela era o tipo de pessoa que não podia comprar só um bichinho de pelúcia. Em sua descrição de funções estava comprar um bicho de pelúcia para cada criança que fosse depor. Cada criança que ficasse sob a custódia do tribunal. Qualquer criança recolhida por abandono e deixada num lar adotivo. Na loja de brinquedos, Cora pegava um macaquinho na prateleira cheia de bichos… mas aí a macaquinha ficava solitária no carrinho de compras. Então ela escolhia uma girafa felpuda para lhe fazer companhia. Depois, um elefante. Um hipopótamo. Uma coruja. Em determinado momento, havia mais bichos no carrinho de compras do que na prateleira. E os bichos que ficavam para trás

eram os que tinham um olho faltando, uma orelha raspada, uma costura rasgada. O enchimento saindo. Eram os bichos que ninguém queria.

Ninguém sentiu como o coração de Cora desabou de um penhasco naquele instante. Aquela longa queda do alto da maior montanha-russa do mundo, aquela sensação que deixou Cora só pele. Só um tubo de pele com um buraco apertado em cada ponta. Um objeto.

Aqueles tigrinhos manchados de areia soltando fios. As renas de pelúcia amassadas. Enchiam o apartamento dela. Aqueles pandas rasgados, as corujinhas manchadas e a Ressusci Tânia. Uma sala de provas, de outro tipo.

É isto o que o ser humano faz…

Mas, pobrezinha, pobre Cora. Agora ela está tentando cortar a língua das pessoas. Infectá-las com parasitas. Obstrução da justiça. Está roubando propriedade pública. Ninguém fala sobre apropriação indevida de material de escritório: canetas, grampeador, papel de impressão.

É Cora quem faz o pedido do material de escritório. Ela pega a ficha com os horários de todo mundo na sexta. Ela entrega os cheques na terça. Ela passa todos os relatórios de despesas para a Contabilidade, para reembolso. Atende o telefone: “Superintendência de Proteção do Menor.” Leva bolo e faz o cartão rodar pelo departamento quando é aniversário de alguém. Esse é o trabalho dela.

Ninguém tinha problemas com Cora Reynolds antes do garotinho e da garotinha que chegaram da Rússia. Sério, o problema é que Cora nunca vê uma criancinha, uma menininha de sardas e tranças, a não ser que alguém a tenha fodido.

Todo garotinho diabrete, todo marotinho de macacão com um estilingue no bolso de trás, o único encontro que Cora vai ter com ele é porque ele foi forçado a chupar um pau. Todo sorriso de criança com um dente faltando, aqui é uma máscara. Todo joelho manchado de grama, uma pista. Cada machucado, um indicador. Cada piscadela, gritinho ou risadinha, há um espaço para marcar no formulário de entrada da vítima. É o serviço de Cora manter o registro desses formulários de entrevista. Manter o registro de cada criança, cada arquivo, qualquer investigação em andamento. Até acontecer aquilo, Cora Reynolds era a melhor assistente administrativa de todos.

Mesmo assim, o que acontece ali é só controle de danos. Não dá para desfoder uma criança. Assim que você meteu numa, não tem como *tirar* o gênio da garrafa. A criança provavelmente está ferrada de vez.

Não, a maioria das crianças surge ali em silêncio. Com estrias. Já na meia-

idade. Sem sorriso.

As crianças chegam ali e o primeiro passo é a entrevista de avaliação com uma boneca *anatomicamente detalhada.* Que é diferente de uma boneca *anatomicamente correta,* mas muita gente confunde. Cora confundiu. Confundiu as duas.

A típica boneca anatomicamente *detalhada* é feita de tecido, costurada como um bicho de pelúcia. Tem fios de lã em vez de cabelo. A grande diferença entre ela e uma boneca de pano está nos detalhes: pênis e bolas de pelúcia. Ou uma vagina feita de panos de renda. Um cordão bem amarrado nas costas para deixar o ânus franzido. Dois botões costurados no peito para os mamilos. Essas bonecas são as coisas que as crianças que dão entrada podem usar para teatralizar. Para demonstrar o que Mamãe, Papai ou o namorado novo da Mamãe fez.

As crianças enfiam os dedos nas bonecas. Puxam as bonecas pelos fios de cabelo. Seguram as bonecas pelo pescoço e as sacodem até as cabeças de pelúcia caírem. Elas batem, lambem, mordem e chupam as bonecas, e é Cora quem tem que costurar os mamilos de volta. Cora é quem tem que achar as duas bolinhas de gude quando puxam o escrotinho de feltro com muita força.

Tudo que foi feito com as crianças é feito com aqueles bonecos.

Ninguém vai parar num emprego como aquele por acaso. Os fios se soltam porque muitas crianças abusadas abusam dos bonecos. Muitos garotinhos que levaram dedadas já chuparam o mesmo penizinho de feltro. Muitas garotinhas já forçaram um, dois, três dedos naquela mesma vagina forrada de cetim. Rasgam em cima e embaixo. Pequenas hérnias de agressão de algodão saindo. Sob as roupas, as bonecas estão sujas, manchadas. Grudentas, fedendo. O tecido está cheio de bolinhas e tomado de cicatrizes onde faltam os fios.

O garotinho de pano e a garotinha de pano que o mundo inteiro pode violentar.

E, claro, Cora fazia o que podia para manter os bonecos limpos. Costurava até ficarem inteiros. Mas um dia ela entrou na internet para encontrar mais um par. Um novo casalzinho.

Algum lugar onde mulheres que tinham a carreira de costurar vaginas minúsculas como bolsinhos e escrotos de saquinho de moeda. Essas crianças, as mulheres usando vestidos de calicô florais e macacões. Só que, dessa vez, Cora queria uma coisa durável. Ela entrou na internet. Pediu um novo par, de um fabricante que ela nunca tinha ouvido falar. Dessa vez, ela confundiu anatomicamente *detalhado* com anatomicamente *correto.*

Foi o que ela pediu: bonecos e bonecas anatomicamente corretos. O menor preço possível. Duráveis. Fáceis de limpar.

Um site de busca lhe sugeriu duas bonecas. Produzidas na antiga União Soviética. Com braços e pernas flexíveis. Anatomicamente corretas. Como custavam menos, e essa era a regra do condado para aquisições, ela fechou o pedido.

Nunca lhe perguntaram por que ela encomendou esses bonecos. Quando a caixa chegou, de papelão marrom e tão grande quanto um arquivo de quatro gavetas, quando o entregador apareceu trazendo num carrinho e deixou ao lado da mesa dela, quando ele a fez assinar na prancheta, foi aí que Cora imaginou que podia ter cometido um erro.

No instante em que abriu a caixa, quando viram o que havia lá dentro, era tarde demais.

Foi Cora e um detetive, puxando os grampos de metal e depois escavando as camadas de plástico bolha, escavando até encontrarem um pé. O pé rosado de uma criança, cinco dedinhos perfeitos saindo das bolas de isopor e plástico bolha.

O detetive mexeu um dos dedinhos. Olhou para Cora.

– Eram os mais baratos – disse Cora. Acrescentou: – Não há muita opção. O pé era de borracha rosa, arrematado com unhas duras e claras. A pele lisa, sem uma sarda, verruga ou veia. O detetive agarrou o tornozelo e o puxou até revelar um joelho liso e rosado. Depois, uma coxa rosada. E então uma chuva de amendoizinhos de isopor. Plástico bolha estourando e caindo. E uma garotinha nua rosada pendendo do punho do detetive, perto do teto. O cabelo loiro caía em cachos, roçando no chão. Os braços nus pendendo das laterais da cabeça. A boca escancarada, uma arfada silenciosa, revelando dentinhos brancos como pérolas, e o céu da boca liso e cor-de-rosa. Uma garotinha da idade que caça ovos de Páscoa, faz Primeira Comunhão e se senta no colo do Papai Noel.

Com um tornozelo na mão do detetive, a outra perna da menina envergou, dobrada no joelho. Entre as pernas, lá, esticada, não só anatomicamente correta, mas… perfeita, a vagina rosada da garotinha. Os lábios num tom mais escuro de rosa, curvados para dentro.

Ainda na caixa, olhando para ela, olhando para todos, havia um garotinho nu.

Um catálogo impresso caiu no chão.

Então os braços de Cora já estavam em volta da menina, abraçando sua

maciez de travesseiro, procurando um papel de embrulho para enrolar aquele corpinho.

O detetive sorriu, balançou a cabeça, semicerrou os olhos e disse:

– Belo serviço de *aquisição*, Cora.

Ela abraçou a menina, com uma das mãos sobre as nádegas rosadas. A outra fechada para apertar a cabeça loira no peito de Cora, e ela disse:

– É um engano.

O catálogo dizia que os bonecos eram feitos de silicone moldado, do tipo que se usa em implantes de seios. Podiam ficar embaixo de um lençol elétrico e conservariam o calor para horas de prazer. A pele recobria um esqueleto de fibra de vidro com juntas de aço. O cabelo era inserido fio por fio, plantado na pele do escalpo. Eles não tinham pelos pubianos. O boneco masculino tinha um prepúcio opcional, que dava para puxar da pele do pênis. A boneca feminina tinha um hímen de plástico removível que dava para pedir separado. Os dois bonecos, dizia o catálogo, tinham garganta e reto fundos e firmes, *para uma vigorosa inserção oral ou anal.*

O silicone tinha memória e voltaria à forma original, independentemente do que a pessoa fizesse. Os mamilos podiam ser puxados até cinco vezes a extensão original sem rasgar. Os grandes lábios, o escroto e os retos podiam ser esticados para *adequar-se a praticamente todos os desejos.* Os bonecos, dizia o catálogo, suportavam *anos de gozo vigoroso e violento.*

Para lavar, bastava usar água e sabão.

Deixar os bonecos à luz do sol direta poderia esmaecer os olhos e os lábios, dizia o catálogo em francês, espanhol, inglês, italiano e o que parecia chinês.

Era garantido que o silicone não tinha gosto nem cheiro.

No almoço, Cora saiu para comprar um vestidinho e um par de camisa e calça. Quando voltou para sua mesa, a caixa estava vazia. Os amendoizinhos de isopor e o papel bolha estouravam a cada passo. Os bonecos haviam sumido.

Na enfermaria, ela perguntou ao telefonista se ele vira alguma coisa. O rapaz deu de ombros. No refeitório, um detetive disse que talvez alguém houvesse pego para um caso. Ele deu de ombros e disse:

– É pra *isso* que servem.

Lá fora, no corredor, ela perguntou a outro detetive se ele tinha visto.

Ela perguntou: Onde estão eles, os bonecos de criança?

Os dentes dela estavam cerrados. O espaço entre os olhos doía a partir das

sobrancelhas amassadas no meio. Suas orelhas estavam quentes. Ela sentia um calor incandescente, um derretimento.

Encontrou os bonecos na sala da diretora. Sentados no sofá. Sorrindo e nus. Com sardas no rosto, sem nenhuma vergonha.

A diretora Sedlak estava puxando o mamilo do garoto. Com os dedos, o polegar e o indicador, só as unhas vermelho-escuras, a diretora torcia e puxava o mamilo rosado. Com a outra mão, ela passava os dedos pelas pernas da menina, dizendo:

– Cacete, parece de verdade.

Cora pediu desculpas para a diretora. Ela se abaixou para afastar de leve o cabelo da testa do garoto e disse que não fazia ideia. Cruzou os braços da menina sobre os mamilos rosados. Depois, cruzou as pernas de plástico dela na altura do joelho. Deixou as mãos do menino abertas sobre o colo. Os dois bonecos simplesmente ficaram ali parados, sorrindo. Os dois tinham olhos de vidro azuis, cabelo loiro. Dentes brilhantes de porcelana.

– Desculpa pelo quê? – perguntou a diretora.

Por desperdiçar a verba do condado, disse Cora. Por comprar uma coisa tão cara sem ver. Ela achou que tivesse fechado um bom negócio. Agora o condado teria que ficar com as velhas bonecas de pano por mais um ano. O condado não tinha o que fazer, e aqueles bonecos teriam que ser destruídos.

E a diretora Sedlak disse:

– Não seja boba. – Ela passou as unhas pelo cabelo loiro da menina, dizendo: – Eu não vejo problema. – Dizendo: – Podemos usar esses aqui.

Mas os bonecos, disse Cora, são reais demais.

E a diretora disse:

– São de borracha.

Silicone, corrigiu Cora.

E a diretora disse:

– Se ajudar, pense que cada um desses é uma camisinha de trinta quilos…

Naquela tarde, enquanto Cora ainda vestia as roupas novas no menino e na menina, detetives passaram pela sua mesa, pedindo para dar uma olhada. Para entrevistas de admissão. Para investigações. Pedindo para reservá-las para uma avaliação secreta em outro local. Para ficar com elas e usar logo cedo na manhã seguinte. Para o fim de semana. A menina, de preferência, mas, se já estivesse ocupada, então podia ser o menino. No fim daquele primeiro dia, os dois

bonecos tinham agenda cheia até o mês seguinte.

Se alguém quisesse um boneco no mesmo instante, ela oferecia os velhos, de pano.

Na maioria das vezes, o detetive dizia que podia esperar.

Era uma enxurrada de casos novos, mas ninguém entregava a Cora uma pasta de caso novo.

Durante quase todo aquele mês, Cora só viu o menino e a menina por instantes, só o tempo de entregar ao detetive seguinte. Depois a outro. E a outro. E nunca ficava claro quem tinha feito o quê, mas a garotinha chegava e ia embora, um dia com as orelhas furadas, depois com o umbigo furado, então de batom, fedendo a perfume. Em determinado momento, o menino apareceu tatuado. Uma corrente de espinhos em volta do músculo da panturrilha. Em outro instante, com os mamilos furados por aneizinhos de prata. Depois, o pênis. Em dado momento, seu cabelo loiro começou a ficar com um cheiro azedo.

Cheirava a calêndula.

Como as sacolas de maconha no depósito de provas. Aquela sala cheia de armas e facas. Os sacos de maconha e cocaína que sempre pesavam um pouco menos do que deveriam. O depósito de provas era sempre a parada seguinte depois que um detetive pegava um dos bonecos. A menina embaixo do braço, ele remexendo um saquinho de prova. Enfiando uma coisa no bolso.

Na sala da diretora, Cora mostrou os recibos de gastos que os detetives apresentavam para reembolso. Nota fiscal de um quarto de hotel, na mesma noite em que um detetive levara a menina para casa, para usar numa entrevista cedo na manhã seguinte. O quarto de hotel era para uma emboscada policial, alegara o detetive. Outro, na noite seguinte, a menina de novo, um quarto de hotel, uma refeição no quarto. Pedido de um filme pornô na TV. Outra emboscada, dissera ele.

A diretora Sedlak ficou olhando para ela. Cora ali parada, inclinada sobre a mesa de madeira da diretora, tremendo tanto que as notinhas se sacudiam em sua mão.

A diretora só olhou para ela e perguntou:

– O que você quer dizer com isso?

Era óbvio, disse Cora.

E, sentada atrás de sua mesa de madeira, a diretora apenas riu.

Ela disse:

– Considere que é olho por olho.

– Todas essas mulheres – disse a diretora – fazendo música de protesto contra a *Hustler*, dizendo que a pornografia torna a mulher um objeto… Olhe – disse ela –, você acha que consolo é o quê? Que procurar esperma em alguma clínica é o quê?

Alguns homens só querem foto de mulher pelada. Mas algumas mulheres só querem o pau. Ou o esperma. Ou o dinheiro do cara.

Os dois sexos têm o mesmo problema com intimidade.

– Pare de criar caso com esses malditos bonecos de borracha – disse a diretora Sedlak para Cora. – Se estiver com inveja, saia e compre um vibrador dos bons para você.

Mais uma vez, é isto o que o ser humano faz…

Ninguém via aonde aquilo estava indo.

No mesmo dia, Cora foi almoçar e comprou uma Supercola.

E na vez seguinte que os bonecos voltaram para ela, antes de entregar para outro homem, Cora passou Supercola na vagina da menina. Dentro das bocas dos dois bonecos, colando a língua no céu da boca. Para vedar os lábios. Colocou cola dentro dos dois, e atrás, para soldar as bundas. Para salvá-los.

Ainda assim, no dia seguinte, um detetive veio perguntar: Cora, por acaso você teria uma navalha? Um estilete? Um canivete?

E quando ela perguntou: Por quê? Para quê você precisa?

– Nada – respondeu ele. – Esquece. Acho no depósito de provas.

E, no dia seguinte, a menina e o menino estavam rasgados, ainda macios, mas cobertos de cicatrizes. Recortados. Cavados. Ainda com cheiro de cola, mas cada vez mais com o odor da gosma igual à da Ressusci Tânia que estava em sua casa, que já deixava manchas no sofá de Cora.

Aquelas manchas, o gato de Cora passava horas cheirando. Não lambia, mas cheirava como se fosse Supercola. Ou cocaína do depósito de provas.

Então Cora vai almoçar e compra uma lâmina de barbear. Duas lâminas. Três lâminas. Cinco.

Na vez seguinte que a menina volta para sua mesa, Cora a leva para o banheiro e a coloca sentada na beirada da pia. Com um lenço, limpa o blush das suas bochechas rosadas. Cora lava e penteia o cabelo loiro da menina. Com o detetive seguinte já batendo na porta trancada do banheiro, Cora diz à menina:

– Desculpe. Desculpe. Desculpe… – Ela diz: – Você vai ficar bem.

E Cora enfia uma lâmina de barbear ali, no fundo da vagina de silicone. No buraco que um homem abriu com faca. Inclinando a cabeça da menina para trás, Cora enfia outra lâmina bem fundo na garganta de silicone. A terceira lâmina, ela enfia perto da entrada da bunda talhada e retalhada da garota.

Quando o menino volta à mesa dela, quando é largado ali, jogado de cabeça para baixo sobre o braço da cadeira, Cora o leva para o banheiro junto das duas últimas lâminas.

Olho por olho.

No dia seguinte, chega um detetive, arrastando a menina pelo cabelo. Ele a larga no chão ao lado da mesa de Cora. Tirando um bloquinho e uma caneta do bolso interno do casaco, ele escreve: “Quem levou ela ontem?”

E, erguendo a menina do chão, alisando seu cabelo, Cora lhe diz um nome. Um nome qualquer. Outro detetive.

Seus olhos se estreitam, ele balança a cabeça, o homem segurando o papel e a caneta, e ele diz:

– Efe fifo ta pufa!

E dá para ver que as duas metades da língua dele estão atadas com um fio preto.

O detetive que traz o garotinho está mancando.

As cinco lâminas sumiram.

É depois disso que Cora tem que falar com alguém no posto de saúde do condado.

Ninguém sabe como ela conseguiu aquela amostra de risco biológico do laboratório.

Depois disso, todos os homens no departamento começam a apertar a pele das bolas por cima da calça. Erguendo um cotovelo como um macaco, para coçar o pelo debaixo do braço. Nas mentes deles, não fizeram sexo com ninguém. Não havia como pegarem chato.

Deve ser por essa época que a esposa de um detetive volta do centro da cidade. Encontrando os pontinhos de sangue, os que surgem por causa do chato. Aquela borrifada de pimenta que deu para encontrar na cuequinha branca ou por dentro da camiseta, em qualquer ponto que as roupas encostarem no pelo do corpo. Manchinhas de sangue, sangue, sangue. Talvez a esposa tenha encontrado no short do marido. Talvez tenha encontrado por conta própria. É gente que fez

faculdade, suburbana, de shopping, que não tem experiência com chato. Então toda a coceira começa a fazer sentido.

E agora a esposa está fula, muito fula da vida.

E não tem como uma esposa saber que essa é a versão boneca de borracha de pegar chato sentando em privada. Sem dúvida foi a história que o marido lhe contou. Mas isso é tudo que Cora conseguiu descobrir no posto de saúde. Não tem como espiroquetas ficarem vivas em silicone. Não há como passar hepatite se não houver ferimento na pele. Sangue. Saliva. Não, os bonecos são reais, mas não *tão reais assim.*

Se alguma esposa não perceber, na próxima semana ele vai passar herpes para ela e os filhos. Gonorreia. Clamídia. Aids. Então ela fica em cima de Cora e pergunta:

– Com quem meu marido tá trepando na hora do almoço? Só de olhar para Cora, com seu cabelo de laquê, as pérolas, o nylon até o joelho e o terninho, nenhuma mulher poderia colocar a culpa naquilo. Cora, com seus lenços velhos enfiados na manga do casaquinho de lã. Cora, com um pratinho de lacinhos na mesa. Os cartuns da *Family Circle* grudados em seu quadrinho de cortiça.

Ainda assim, ninguém diz que Cora Reynolds não é atraente.

Então a esposa vê a diretora Sedlak com as unhas vermelho-escuras.

Ninguém se surpreendeu quando Cora foi chamada para um tête-à-tête.

Ninguém diria a Cora Reynolds que ela estava em fim de carreira.

A diretora, ela coloca Cora sentada do outro lado da grande mesa de madeira. A sala dela, com a janela bem alta. A diretora sentada, delineada pela luz do sol e pela vista dos carros no estacionamento. Com os dedos de uma das mãos, ela faz sinal para Cora se aproximar.

– Foi bem difícil – diz a diretora – decidir se toda a minha equipe tinha ficado doida ou se você está… exagerando.

Ninguém sentiu como, naquele instante, o coração de Cora despencou de um penhasco. Ela permaneceu sentada, paralisada. É isto o que o ser humano faz: nos transformamos em objetos. Transformamos objetos em nós.

Essas milhões de pessoas, pelo mundo todo, ainda tentando salvar Ressusci Tânia. Talvez devessem cuidar da própria vida. Talvez seja tarde demais.

São as crianças, diz a diretora, que rasgam os bonecos. Sempre foi. Crianças violentadas violentam tudo que podem. Cada vítima vai achar uma vítima. É um ciclo. Ela diz: – Acho que você devia tirar uma licença.

Se ajudar, pense que Cora Reynolds é uma camisinha de cinquenta quilos…

Ninguém disse essa última. Mas ninguém precisa.

Ninguém diz para ela ir para casa e se preparar para o pior.

Para manter o emprego, Cora vai ter que devolver a Ressusci Tânia que já informaram que ela levou. Vai ter que entregar os bichos de pelúcia que comprou com a verba do condado. Vai ter que abrir mão das chaves da enfermaria. Imediatamente. E deixar a sala e os bonecos anatomicamente corretos disponíveis para toda a equipe. De quem chegar primeiro. Imediatamente.

O que Cora sentiu foi como chegar ao primeiro sinal vermelho depois de dirigir por um milhão de bilhões de quilômetros, super-rápido, sem cinto de segurança. Resignação misturada a alívio e cansaço. Cora, apenas um tubo de pele com um buraco em cada ponta. Era uma sensação horrível, mas que lhe deu um plano.

No dia seguinte, assim que chega ao trabalho, ninguém a vê se esgueirar até o depósito de provas. Lá havia facas que cheiravam a sangue e Supercola, para qualquer um que quisesse pegar.

Já havia uma fila se formando atrás da mesa de Cora. Todos esperando que o último detetive trouxesse o garoto ou a garota. Qualquer um. Os dois pareciam iguais, com a cabeça de silicone para baixo.

Cora Reynolds: ninguém a faz de idiota. Ninguém mexe com *ela*.

Um detetive aparece com o garoto pendurado no braço, a menina pendurada no outro. O homem larga os dois na mesa e a multidão se inclina para a frente, agarrando as perninhas de silicone cor-de-rosa.

Ninguém sabe quem são os loucos de verdade.

E Cora, ela está segurando uma arma, a ficha de evidência ainda pendurada por um barbante. O número do caso anotado ali. Ela aponta a arma para os dois bonecos.

– Peguem eles – diz ela. – E venham comigo.

O garotinho está usando só uma cueca branca, escura de graxa. A menina, uma camisola de cetim branca, dura de manchas. O detetive pega os dois, o peso de duas crianças, só com um braço, e os abraça. Com os piercings nos mamilos, as tatuagens e o chato. Com o fedor, a erva e a mesma coisa que pinga de Ressusci Tânia.

Fazendo sinal com a arma, Cora conduz o detetive até a porta da agência.

Os homens a perseguindo, formando um círculo ao seu redor, Cora manda o

detetive andar de costas pelo corredor, arrastando a menina e o menino, passando pela porta da sala da diretora, pela enfermaria. Até a entrada. Depois, o estacionamento. Lá, os detetives esperam ela abrir o carro.

Com o menino e a menina sentados no banco de trás, Cora pisa no acelerador e joga cascalho nos homens. Antes de passar pelo portão na cerca de correntes, já dá para ouvir as sirenes vindo.

Ninguém sabia que Cora Reynolds estaria tão preparada. Ressusci Tânia já estava no carro, no banco do carona, com um lenço amarrado no cabelo ruivo, os óculos escuros no rosto de borracha. Um cigarro pendendo dos lábios de um tom vermelho. A garota francesa que voltou dos mortos. Resgatada e com cinto de segurança para manter o torso ereto.

Essa pessoa transformada em objeto, agora retransformada em pessoa.

Os bichos de pelúcia aleijados, os tigres maltrapilhos e os ursos e pinguins órfãos, todos enfileirados na janela de trás do carro. O gato entre eles, dormindo, sob o sol. Todos eles acenando adeus.

Cora chega à rodovia, os pneus de trás derrapando, já no dobro da velocidade máxima. Seu sedã de quatro portas marrom puxa uma fila de viaturas, luzes azuis e vermelhas girando. Helicópteros. Detetives furiosos nos carros sem placas do condado. Equipes de TV, cada uma num furgão branco com um número grande pintado na lateral.

Já não há como Cora não vencer.

Ela está com a menina. Ela está com o menino. Ela está com a arma.

Mesmo que eles fiquem sem gasolina, ninguém vai foder os filhos de Cora.

Nem se os patrulheiros atirarem nos pneus. Mesmo assim, ela vai atirar nos corpinhos de silicone. Cora vai estourar seus rostos. Mamilos e narizes. Ela não vai deixar nenhum local em que o homem enfiaria seu pau. Vai fazer o mesmo com Ressusci Tânia.

E vai dar um tiro em si mesma. Para salvá-los.

Por favor, entenda. Ninguém está dizendo que o que Cora Reynolds fez foi certo.

Ninguém nem sequer está dizendo que Cora Reynolds era sã. Mas ainda assim ela venceu.

É isto o que o ser humano faz: transforma objetos em pessoas, pessoas em objetos. Vai e volta. Olho por olho.

É isto o que a polícia vai encontrar quando chegar muito perto: as crianças

mutiladas. Todas mortas. Os bichos ensopados de sangue. Todos mortos, juntos.

Mas, até aquele instante, Cora tem um tanque cheio de gasolina. Uma sacola cheia de cocaína do depósito de provas, para se manter acordada. Uma sacola de sanduíches. Algumas garrafas de água e o gato, ronronando enquanto dorme.

Não tem nada além de algumas horas de autoestrada entre ela e o Canadá.

Mas, acima de tudo, Cora Reynolds tem sua família.

10.

Mãe Natureza se enfia numa espécie de casaco preto. É um uniforme militar ou uma roupa de patinação no gelo, uma lã preta que na frente tem duas fileiras de botões de bronze. Uma dançarina em veludo preto com as narinas cortadas, remendadas de vermelho-escuro. Ela enfia os braços nas mangas compridas e diz a São Sem-Pança:

– Abotoa pra mim?

Ela balança o que sobrou das mãos e diz:

– Não tenho os dedos necessários.

Os dedos dela não passam de cotocos e juntas. Só restaram os indicadores, para digitar no celular depois que ficar famosa. Apertar os botões no caixa eletrônico. A fama já a reduz de três dimensões a algo plano.

Mãe Natureza, São Sem-Pança, Reverendo Ímpio, todos vestidos de preto para carregar o Sr. Whittier até o porão. Para fazermos a próxima grande cena.

Não dê muita bola: esse funeral é só um ensaio. Somos apenas extras para o funeral de verdade, a ser realizado por astros do cinema diante das câmeras depois que formos resgatados. Ao fazermos isso – enrolar o Sr. Whittier, prender seu corpo numa trouxa, depois carregá-lo até o porão para uma cerimônia –, todos teremos a mesma experiência. Todos contaremos a mesma história trágica aos jornalistas e à polícia.

Se o Sr. Whittier está fedendo ou não, é difícil dizer. Miss Espirro e Reverendo Ímpio carregam os saquinhos laminados de comida estragada, e de cada um cai um rastro de suco fedido. Deixam pingos e poças de fedor, carregando os saquinhos pelo saguão até os banheiros, onde os jogam no vaso e dão descarga.

– Não sentir cheiro – diz Miss Espirro, fungando com força – me ajuda.

Funciona muito bem, um saquinho de cada vez. Até que Reverendo Ímpio tenta se apressar, quando o cheiro fica forte a ponto de engasgar. Forte de vontade-de-vomitar-mas-não-sai-nada. O fedor se prende nas roupas e no cabelo. Na primeira vez que tentam dar descarga em dois saquinhos juntos, os vasos

começam a entupir e a transbordar. Mais um banheiro entupido. A água já está vazando, transformando o tapete azul do saguão num pântano. Os saquinhos, entalados num cano qualquer, absorvem água, incham igual ao tetrazzini de peru que matou o Sr. Whittier, entopem o cano principal até que todos os banheiros também entopem.

Nenhum dos banheiros vai funcionar. A caldeira e o aquecedor de água estão quebrados. Ainda temos caixas de comida apodrecendo. O Sr. Whittier não é nosso maior problema.

De acordo com o relógio com calendário de Irmã Justiceira e as raízes castanhas no cabelo de Miss América, estamos aqui há cerca de duas semanas.

Ao fechar o último botão do casaco de Mãe Natureza, São Sem-Pança se inclina para lhe dar um beijo, dizendo:

– Você me ama?

– Sou praticamente obrigada – diz ela –, se é para a subtrama romântica dar certo.

Com o brilhante da falecida Lady Mendiga no dedo, Mãe Natureza roça as costas da mão no lábio, dizendo:

– Sua saliva tem um gosto horrível…

São Sem-Pança cospe na palma da mão e lambe o cuspe de volta para a boca. Ele cheira a mão vazia, dizendo:

– Terrível como?

– Cetonas – diz a Sra. Clark para ninguém. Ou para todos.

– Azedo – diz Mãe Natureza. – Tipo vela de aromaterapia de limão-com-cola-de-aeromodelo.

– É a inanição – diz a Sra. Clark, amarrando uma corda de seda dourada em volta da trouxa com o Sr. Whittier. – Quando a pessoa começa a queimar gordura, aumenta a concentração de acetona no sangue.

São Sem-Pança funga na mão, o ranho ribombando em sua cabeça.

Reverendo Ímpio ergue um dos braços para cheirar o sovaco. Ali, o tafetá úmido é de um preto mais escuro com suor; em seus poros, a lembrança de passar Chanel N° 5 demais.

Arrastando um corpo para cima e para baixo, estamos desperdiçando nossa inestimável gordurinha.

Ainda assim, deveríamos ter um gesto de luto, diz Irmã Justiceira, ainda

agarrada à Bíblia. Com o Sr. Whittier enrolado e sendo carregado ao porão, bem enrolado numa cortina de veludo vermelho China-imperial e amarrado com as cordas de seda dourada do saguão, deveríamos ficar em volta dele para conversar sobre coisas profundas. Deveríamos cantar um hino. Nada muito religioso, apenas algo que soe bem.

Tiramos no palitinho para ver quem vai chorar.

Deixamos cada vez mais espaço aberto em cada grupo para a câmera de Agente Fuxico. Falamos de modo que o gravador de Conde Calúnia capte cada palavra. A mesma fita, o mesmo cartão de memória ou CD sendo utilizado repetidas vezes. Apagamos nosso passado com nosso presente, na aposta de que o momento a seguir será mais triste, mais horrível ou mais trágico que o anterior.

Cada vez mais, algo *pior* tem que acontecer.

O Sr. Whittier está morto há dias ou horas. É difícil dizer desde que Irmã Justiceira começou a acender e apagar as luzes. À noite, ouvimos alguém caminhando por lá, com passos fortes e retumbantes, um gigante descendo a escada do saguão no escuro.

Ainda assim, algo *mais terrível* tem que acontecer.

Para agradar ao público. Para ter apelo dramático.

Algo *mais horroroso* tem que acontecer.

De seu camarim, nos bastidores, levamos o Sr. Whittier pelo palco até o corredor central do auditório. Carregamos o velho pelo saguão de veludo azul e descemos a escada até o vestíbulo maia laranja e dourado.

Irmã Justiceira diz que seu relógio está sempre voltando no tempo. Isso é um sinal clássico de assombração. Baronesa Congelada afirma que encontrou um canto frio na sala de charutos em estilo gótico. Na galeria das Mil e Uma Noites, dá para ver seu hálito fumegando no ar gelado sobre a almofada onde o Sr. Whittier costumava se sentar. Condessa da Antevidência diz que é o fantasma de Lady Mendiga que ouvimos caminhando por ali depois de apagar as luzes.

Seguindo o cortejo fúnebre, Diretora Negação pergunta:

– Alguém viu Cora Reynolds?

Irmã Vigilante diz:

– Quem pegou minha bola de boliche, quem quer que tenha sido, me devolva agora e eu *prometo* que não vou meter a porrada…

Liderando a procissão, segurando o caroço que seria a cabeça do Sr. Whittier, a Sra. Clark diz:

– Alguém viu Miss América?

Depois que isso terminar, nunca daria certo gravar o filme naquele lugar. Depois que formos descobertos, este lugar vai virar um ponto turístico. Tesouro Nacional. O Museu de Nós.

Não, a produtora vai ter que construir cenários para imitar cada um dos salões. O saguão francês veludo azul à moda de Luís XV. O auditório egípcio com pelo de cabra preto. O lounge Renascença Italiana de cetim verde. A sala de charutos em estilo gótico com couro amarelo. A galeria das Mil e Um Noites roxa. O vestíbulo maia laranja. O passeio China-imperial vermelho. Cada sala de uma cor forte, mas todas com os mesmos detalhes em dourado.

Não salas, diria o Sr. Whittier, e sim cenários. Carregamos seu corpo enrolado por aqueles camarotes ecoantes onde as pessoas viram rei, imperador ou duquesa pelo preço de um ingresso de cinema.

Trancados no escritório atrás do bar do saguão, aquele armarinho de pinho envernizado com o teto inclinado sob a escada do saguão, lá estão os arquivos recheados de programas e recibos impressos, calendários de reserva e cartões de ponto. Esses pedaços de papel que já estão virando pó nas beiradas, impressos no alto de cada página em que se lê: Teatro Liberty. Em alguns está impresso: Teatro Capital. Outros com: Vaudeville Neptune. E alguns ainda dizem: Igreja da Convenção Sagrada. Outros: Templo da Redenção Cristã. Ou: Assembleia dos Anjos. Ou: Teatro Adulto Capital. Ou: Burlesco Vivo Diamante.

Todos esses diferentes lugares, todos têm o mesmo endereço.

Aqui, onde gente se ajoelha para orar. E se ajoelha em sêmen.

Todos os gritos de prazer, horror e salvação ainda contidos e abafados dentro dessas paredes de concreto. Ainda ecoando aqui, conosco. Aqui, nosso paraíso da poeira.

Todas essas histórias vão se encerrar com a nossa história. Depois dos milhares de realidades de peças e filmes, religião e strippers, esse prédio vai se tornar, para sempre, o Museu de Nós.

Todos os candelabros de cristal, Casamenteiro os chama de “pessegueiras”. A sala de charutos em estilo gótico, Camarada Escárnia chama de “Sala Frankenstein”.

No vestíbulo maia, Reverendo Ímpio diz que os relevos em laranja são brilhantes como uma luz fugaz que brilha pelas pétalas de seda de uma tulipa costurada num busto vintage Christian Lacroix…

No passeio China-imperial, o papel de parede de seda é uma tintura vermelha que nunca viu a luz do sol. Vermelha como o sangue de um crítico gastronômico, diz Chef Assassin.

Na sala de charutos em estilo gótico, as *bergères* são re-cobertas de um couro amarelo suntuoso que nunca passou um momento ao sol. Não desde que revestia uma vaca, diz Elo Perdido.

As paredes do lounge Renascença Italiana são de um tom verde-escuro, com listras e gomos pretos, uma camada de tinta que se transforma em malaquita se a gente olhar o bastante.

No auditório egípcio, as paredes são de gesso e papel machê, esculpidas e moldadas em pirâmides, na esfinge. Faraós gigantes sentados. Chacais de nariz pontiagudo. Fileiras e mais fileiras de hieróglifos de olho esbugalhado. Sobre tudo isso pairam as folhagens de palmeiras falsas feitas de fitas de papel preto vergando de mofo. Acima das copas empoeiradas, o gesso preto do céu noturno é pontilhado por um céu de estrelas elétricas. Ursa Maior. Órion. As constelações, apenas histórias que as pessoas inventam para entender o céu à noite. Essas estrelas, nebulosas por trás de nuvens de teias.

Pelo de cabra preto recobre os assentos, áspero como musgo seco em casca de árvore. Os carpetes são escuros, gastos até a tela cinza que segue em direção ao centro de cada ala.

O acabamento de todas as salas é dourado. Tinta dourada, clara como tubulação néon. Tudo preto no auditório, todos os encostos dos assentos e as beiradas do carpete delineados com o mesmo amarelo-claro.

Se você acreditar, o acabamento pode ser de ouro de verdade. Cada sala depende da sua fé.

O grupo que formamos em nossa seda de contos de fadas, nosso veludo com sangue seco, somos pretos andando em meio ao negrume. À luz fraca, o Sr. Whittier deve parecer algo que flutua em seu casulo de veludo vermelho, envolto em corda dourada. Não mais um personagem, o Sr. Whittier se tornou um objeto de cena. Nosso títere. Uma constelação em que podemos inserir histórias para dizer que entendemos.

Com o rosto atrás de um lenço de renda, Camarada Escárnia diz:

– Não sei por que a gente devia estar chorando. – Ela está respirando através do perfume antigo da renda, tentando escapar do fedor. Ela diz: – Meu personagem não é de chorar. – Ela diz: – Juro pela tatuagem de rosa na minha bunda que esse velho me estuprou.

Aqui, o cortejo funerário para. Nesse instante, Camarada Escárnia é a vítima entre as vítimas. O resto, nós, só o elenco de apoio.

A Sra. Clark, nos liderando, olha para trás e diz:

– Ele o quê?

E, de trás da câmera, Agente Fuxico diz:

– Eu também. Ele me estuprou primeiro.

São Sem-Pança diz:

– Ah, caramba… Ele também me dava umas cutucadas.

Como se o pobre e raquítico São Sem-Pança tivesse um cu para cutucar.

E a Sra. Clark:

– Isso não é engraçado. Nem um pouco.

– Azar o seu – responde Casamenteiro. – Também não foi engraçado quando você me estuprou.

Sacudindo o rabo de cavalo, Duque dos Vândalos diz a Casamenteiro:

– Nem se você *pagasse* iam te estuprar.

E Mãe Natureza ri, soltando crostas de sangue por tudo quanto é canto.

O diabo está morto. Vida longa ao diabo.

Esse é nosso funeral para o Satã. O Sr. Whittier, ele é o demônio que vai fazer todos os nossos pecados do passado parecerem brincadeira de criança em comparação. A história de seus crimes vai nos deixar polidos na cor branca-virgem de vítima.

Mais pecaminosos do que pecadores.

Ainda assim, o fato de que ele está morto deixa uma vaga aberta lá embaixo que ninguém quer.

Então, na versão cinematográfica, você vai nos ver chorando e perdoando o Sr. Whittier enquanto a Sra. Clark estala o chicote.

O diabo está morto. Vida longa ao diabo.

Não duraríamos nem um instante sem ter a quem culpar.

Subindo o corredor revestido de carpete preto do auditório, passando diante do passeio China-imperial vermelho, descendo a escada francesa azul, carregamos o Sr. Whittier. Pelo laranja-claro do vestíbulo maia, é lá que Mãe Natureza puxa uma peruca branca da testa, seus sininhos tinindo. Está usando uma pilha de cachinhos cinza que sobraram de alguma ópera. Os cachos pendem, molhados com o suor de seu rosto, e Mãe Natureza diz:

– Mais alguém está com calor?

Duque dos Vândalos está arfando com seu ombro sob o peso do Sr. Whittier, arfando e puxando a gola do smoking.

Até mesmo a trouxa de seda vermelha parece úmida de suor. O cheiro de cola de aeromodelo das cetonas. Inanição.

E Reverendo Ímpio diz:

– Não é à toa que você está com calor. Sua peruca está ao contrário.

E Casamenteiro diz:

– Ouçam.

Abaixo de nós, o porão está escuro. A escada de madeira, estreita. Passando a escuridão, algo estrondeia e ronca.

Algo *misterioso* tem que acontecer.

Algo *perigoso* tem que acontecer.

– É o fantasma – diz Baronesa Congelada, o franzido engordurado de sua boca vergando.

É a caldeira a toda potência. O ventilador bombeando ar quente pelos canos. O acendedor de gás estourando. A caldeira que o Sr. Whittier destruiu.

Alguém consertou.

De algum lugar da escuridão, um gato grita, só uma vez.

Alguma coisa tem que acontecer. Então começamos a descer a escada de madeira com o corpo do Sr. Whittier.

Todos nós suando. Gastando ainda mais energia nesse calor insuportável.

Acompanhando o corpo até embaixo, até o escuro, Mãe Natureza diz:

– O que você entende de peruca? – Com os cotocos das mãos, seu anel de diamantes cintilante, ela gira a peruca cinza na cabeça, dizendo a Reverendo Ímpio: – Um grande palerma como você, o que entende de Christian Lacroix vintage?

E Reverendo Ímpio diz:

– Uma saia de anquinha com trespassado Lacroix? – Ele diz: – Você ficaria surpresa.

BABÉLICO
Um poema sobre Reverendo Ímpio

– Até o livro Gênesis, capítulo 11 – diz Reverendo Ímpio –, não tínhamos guerra.

Até Deus nos colocar para lutar entre nós, pelo restante da história humana.

Reverendo Ímpio no palco, suas sobrancelhas modeladas
em arcos bem definidos,
gêmeos, e, sob cada um,
um arco-íris de sombra faiscando em tons que vão do vermelho ao verde.
E num bíceps nu, protuberante,
sob a alça fina de um vestido de noite longo, de lantejoulas vermelhas,
lá está tatuada uma caveira, e, embaixo dela, estas palavras:
A Morte Antes da Desonra.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:
Uma narrativa turística que mostra igrejas, mesquitas e templos.
Líderes religiosos com túnicas de joias
acenando para multidões, de suas limusines blindadas.
Reverendo Ímpio, ele diz:
– Numa planície na terra de Shinar, todo o povo labutava junto.
Toda a humanidade com uma visão em comum,
um sonho nobre e grande que todos trabalharam lado a lado para realizar
nessa época anterior a exércitos, armas e batalhas.
Então Deus se virou para ver a torre deles, o sonho unido do povo,
que crescia aos poucos, já incomodando um pouco.
E o Senhor disse:
– Eis que o povo é um… e isto é só o começo do que

começam a fazer… Não haverá restrição para tudo que eles intentarem fazer…

Palavras Dele, na Bíblia Dele. Livro do Gênesis, capítulo 11.

– Então nosso Deus – diz Reverendo Ímpio, os braços nus e a panturrilha pontilhada

com marcas pretas de pelo raspado crescendo em cada poro,

ele diz:

– Nosso Deus todo-poderoso ficou com tanto medo que espalhou a raça humana

pela face da Terra

e estilhaçou o idioma para manter Seus filhos à parte.

Parte personificador mulher, parte fuzileiro naval aposentado, Reverendo Ímpio,

reluzente nas lantejoulas vermelhas, diz:

– Um Deus todo-poderoso tão inseguro?

Que joga um filho contra o outro, para mantê-los fracos.

Ele diz:

– É esse o Deus que devemos adorar?

PILEQUE
Um conto de Reverendo Ímpio

Webber olha ao redor, o rosto esticado, disforme, uma maçã do rosto mais baixa que a outra. Um de seus olhos se tornou uma bola de leite branco comprimida pelo inchaço preto-avermelhado sob o cenho. Seus lábios, os lábios de Webber estão cortados tão fundo, bem no meio, que ele tem quatro lábios em vez de dois. Dentro de todos esses lábios não dá para ver nenhum dente.

Webber olha em volta, a cabine do jatinho, o couro branco nas paredes, a madeira de bordo envernizada com acabamento espelhado.

Webber olha para o drinque em sua mão, o gelo mal derretido na rajada do ar-condicionado. Ele diz, bem alto por causa da perda de audição, e quase grita:

– Onde é que a gente tá?

Eles estão no Gulfstream G550, o melhor jatinho particular que se encontra para alugar, diz Flint. Então ele enfia dois dedos no bolso da calça e alcança uma coisa para Webber. Um comprimidinho branco.

– Engula isso – diz Flint. – E tome seu drinque, já tamo quase lá.

– Quase lá onde? – insiste Webber, tomando o comprimido.

Ele ainda está virado para ver as poltronas de couro branco que reclinam e giram. O tapete branco. As mesas de madeira de bordo polidas até parecerem úmidas. Os sofás de camurça branca que forram a cabine. As almofadinhas combinando. As revistas, cada uma do tamanho de um cartaz de cinema, chamadas *Elite Traveler*, com preço de capa: cinquenta dólares. Os porta-copos folhados em ouro vinte e quatro quilates e as torneiras no banheiro. A cozinha com máquina de espresso e a luz de halogênio que rebate nos copos de cristal de chumbo. O micro-ondas, a geladeira e a máquina de gelo. Tudo isso voando a quinze mil metros, Mach zero-ponto-oito-oito, algum ponto acima do Mediterrâneo. Todos bebendo uísque escocês. Tudo melhor do que qualquer coisa em que você vai entrar na vida. Tudo menos um caixão.

O nariz de Webber, ele inclina o drinque para trás, enfia seu narigão vermelho-batata no ar gelado e dá para ver dentro de cada narina. Ver que elas

não vão a lugar algum, não mais. Mas Webber pergunta:

– Que cheiro é esse?

E Flint funga e diz:

– *Nitrato de amônia* lembra alguma coisa?

É o nitrato de amônia que o amigo deles, Jenson, tinha pronto na Flórida. O amigo da Guerra do Golfo. Nosso Reverendo Ímpio.

– Tá falando, tipo, de adubo? – diz Webber.

E Flint diz:

– Meia tonelada.

A mão de Webber está tremendo tanto que dá para ouvir o gelo batendo no copo vazio.

Essa tremedeira é só um Parkinson traumático, apenas isso. Encefalopatia traumática dá nisso, quando a necrose parcial do tecido cerebral toma conta. Neurônios substituídos por uma cicatriz com morte cerebral. Você coloca uma peruca ruiva de cachinhos e cílios falsos, canta sincronizado com a Bette Midler na Feira e Rodeio de Collaris e oferece ao público a oportunidade de lhe dar um soco na cara, dez pratas cada, e com isso ganha uma puta grana.

Em outros lugares, você vai precisar de uma peruca loira com cachinhos, encaixar a bunda num vestido justo de lantejoulas, os pés no maior par de salto alto que tiver. Sincronizar com a Barbra Streisand cantando aquela música "Evergreen", e é melhor ter um amigo esperando no carro pra te levar direto para o pronto-socorro. Tome alguns Vicodins antes. Antes de colar as unhas compridas rosa de Barbra Streisand; depois, você não vai conseguir pegar nada menor que uma garrafa de cerveja. Primeiro tome os analgésicos e você consegue cantar os lados A e B de *Color Me Barbra* antes de cair duro ao levar um soco na cara.

Para arrecadar fundos, nossa primeira ideia foi "Cinco Pratas, Soque o Mímico". E funcionou, principalmente em cidadezinhas universitárias. Faculdades de zona rural. Em algumas cidades, ninguém voltou pra casa sem uma manchinha de maquiagem branca nos nós dos dedos. Branco de palhaço e sangue.

O problema é que com o tempo deixa de ser novidade. Alugar um Gulfstream custa caro pra cacete. Só pagar gasolina e óleo para viajar daqui à Europa sai uns trinta mil. Só ida, nem é tão ruim, mas nunca é recomendado entrar nessas empresas de aluguel dizendo que seu plano é fazer só viagem de

ida: aí vai soar o alarme.

Não, Webber ia vestir a roupa de lycra preta e já aparecia gente salivando pra dar um soco nele. Ele pintava a cara de branco, entrava na sua caixa invisível, começava a mímica e a grana rolava. Geralmente em faculdade, mas feira estadual e regional também dava bom negócio. Mesmo que o pessoal visse como um show de menestrel, ainda pagava para socar. Para fazer ele sangrar.

Nos bares de beira de estrada, depois que o negócio de mímico melou, tentamos “Cinquenta Mangos, Soca a Mina”. Flint tinha uma menina que topava. Mas foi só, tipo, uma na cara, e ela falou:

– De jeito nenhum…

No chão, sentada nas casquinhas de amendoim e cobrindo o nariz, a menina diz:

– Deixa que eu faço curso de aviação. Deixa que eu fico de piloto. Quero entrar nessa.

A gente ainda tinha metade do bar na fila com dinheiro na mão, acho. Pais divorciados, namorados que levaram pé na bunda, caras com trauma de vaso sanitário, todo mundo querendo dar o melhor soco.

Flint diz:

– Posso dar um jeito. – E ele ajuda a menina a ficar de pé. Segurando-a pelo cotovelo, ele a leva até o banheiro feminino. Andando com ela, ele ergue a mão, com os dedos esticados, ele diz: – Me dê cinco minutos.

Recém-saído do Exército, daquele jeito, a gente não tinha outra ideia pra juntar tanta grana. Que não fosse ilegal. Do ponto de vista do Flint, não tem nenhuma lei que diz que as pessoas não podem pagar pra socar você.

Então Flint sai do banheiro feminino, usando a peruca de sábado à noite da menina, toda a maquiagem dela no rostinho bem-barbeado dele. Ele desabotoou a camisa e amarrou as pontas da frente por cima da pança, com toalha de papel servindo de enchimento pra parecer peitos. Com tubos inteiros de batom lambuzando a boca, ele diz:

– Vamos lá…

Os caras formam uma fila, estão dizendo que cinquenta pratas pra dar soco num cara é roubo.

Então Flint diz:

– Fica por dez…

Os caras ainda recuam, ficam procurando outro jeito de gastar a grana.

É aí que o Webber vai para o jukebox. Bota uma moeda. Aperta alguns botõezinhos e… mágica. Começa a música, e, no intervalo de uma respiração, só dá para ouvir todos os homens no bar gemendo.

A música é aquela de pura gemeção no final do *Titanic*. Da canadense.

E Flint, com a peruca loira e a grande boca de palhaço, ele sobe numa cadeira, depois numa mesa, e começa a cantar junto. Com o bar inteiro assistindo, Flint dá tudo de si, erguendo e baixando as mãos pela calça jeans. Com os olhos fechados, só dá para ver a sombra azul em seu olho trêmulo. Aquela mancha vermelha cantando.

Bem na hora, Webber oferece a mão para Flint. Flint aceita, como uma dama, ainda cantando. Dá pra imaginar: as unhas dele pintadas de vermelho-balinha. E Webber sussurra pra ele:

– Coloquei umas cinco pratas em moeda. – Webber ajuda Flint a descer para encarar o primeiro homem na fila e diz: – Essa música é a única coisa que vão ouvir a noite inteira.

Com as cinco pratas de Webber, ganharam quase seiscentos só naquela noite. Nenhum punho saiu daquele bar sem um bom murro, sem uma tatuagem azul e vermelha com delineador verde da maquiagem no rosto de Flint. Alguns caras batiam até a mão ficar cansada, depois voltavam para a fila e usavam a outra mão.

Aquela música gemida do *Titanic*, ela quase matou Flint. Ela e os caras que usavam um anel gigante pra dedéu.

Depois daquela, criamos a regra: nada de anel. Isso e a gente tinha que conferir se a pessoa não tinha um montinho de moeda nem uma chumbada de pesca pra causar ainda mais estrago.

De todo o pessoal, as mulheres são as piores. Algumas só ficam contentes se virem algum dente voando pelo canto da boca.

Mulheres, quanto mais bêbadas ficam, mais elas amam, amam, adoram dar um murro numa drag queen. Sabendo que é um homem. Principalmente se estiver mais arrumada que elas. Tapa na cara tudo bem, mas nada de arranhar.

Bem depressa, um mercado se abriu. Webber e Flint passaram a pular o jantar. A beber cerveja leve. Em qualquer cidade nova, era possível ver os dois ao lado de um espelho, olhando pra barriga, os ombros pra trás e a bunda empinada.

Dava pra jurar que a cada cidade eles tinham mais uma maldita maleta. A

maleta de vestidos extravagantes, de vestidos de gala. Depois, capas de vestido, pra que não amassassem. Malas de sapato e caixas de peruca. Uma maleta de maquiagem grandona pra cada um.

Chegou ao ponto de que o esquema estava prejudicando as contas. Mas se alguém desse um pio sobre isso, Flint dizia:

– Pra ganhar, tem que gastar.

Isso sem contar o que eles gastavam com música. No chute, eles descobriram que a maior parte do público tem mais vontade de esmurrar você se tocar os seguintes álbuns:

Color Me Barbra
Stoney End
The Way We Were
Thighs and Whispers
Broken Blossoms
Ou *Beaches.* Sério, principalmente *Beaches.*

Dava pra colocar Mahatma Gandhi num convento, cortar as bolas dele, entupir o homem de Demerol e ainda assim ele ia querer te dar um soco na cara se você tocasse “Wind Beneath Your Wings”. Pelo menos era o que dizia a experiência de Webber.

Não tinha nada a ver com o treinamento pelo qual haviam passado no serviço militar. Mas, ao voltar pra casa, não encontraram nenhum anúncio pedindo um especialista em munição, em seleção de alvos, nenhuma missão de vanguarda. Ao voltar pra casa, não encontraram praticamente emprego algum. Nada que pagasse nem de perto o que Flint vinha ganhando, suas pernas aparecendo pela fenda que descia a lateral do vestido longo de cetim verde, os dedos dos pés colados por meias de nylon e aparecendo na frente das sandálias douradas. Flint parava só o tempo suficiente entre as músicas e os socos, para passar mais base nas feridas, no cigarro anelado de vermelho dos seus lábios. Batom e sangue.

Feiras regionais também eram um bom negócio, mas pistas de motocicleta vinham em segundo lugar colado. Rodeios também eram bons. Assim como feiras de barco. Ou no estacionamento dessas convenções de arma e faca. Não, eles nunca tinham que procurar muito pra achar um público pagante.

Ao voltarem de carro para o hotel de beira de estrada numa dessas noites, depois que deixaram a maior parte da maquiagem manchando o asfalto em frente

à Expo Tiro Oeste, Webber puxa o retrovisor para focar onde ele está sentado, no carona. Webber vira o rosto para ver no espelho de todos os ângulos, e ele diz:

– Acho que não duro muito.

Webber, ele parece bem. Além do mais, a aparência dele não importa. A música é mais importante. A peruca e o batom.

– Nunca fui o que se chama de *bonita* – diz Webber –, mas pelo menos sempre tentei ficar… *inteira.*

Flint está dirigindo, olhando para a tinta vermelha lascada nas unhas enquanto segura o volante. Ele mordisca uma unha quebrada com os dentes lascados, e diz:

– Eu estava pensando em usar um nome artístico. – Sem desviar os olhos das unhas, ele continua: – O que vocês acham de Pepper Bacon?

Naquela época, a menina do Flint já estava no curso de aviação.

Mas tudo bem. As coisas estavam indo pro poço.

Pra começar, logo antes de ficarem armados, prontos, no estacionamento em frente ao Show de Pedras e Minérios dos Estados Montanhosos, Webber olha para Flint e diz:

– Esses seus peitos estão grandes demais…

Flint está usando um vestido longo, estilo corpete, com alças que amarram atrás do pescoço pra parte da frente não cair. E, sim, seus peitos estão muito grandes, mas Flint diz que é por causa do vestido novo.

E Webber diz:

– Não é, não. Seus peitos estão crescendo já faz quatro estados.

– Toda essa sua censura – diz Flint – é só porque ficam maiores que os seus.

E Webber responde, bem baixinho, pelo canto da boca untada de batom:

– Ex-primeiro sargento Flint Steadman, você tá virando uma vaca…

Então há lantejoulas e cabelo de peruca voando por tudo quanto é canto. Naquela noite, eles garfam um total de zero. Ninguém quer dar um soco numa coisa como aquela, toda arranhada, sangrando. Com os olhos injetados e rímel todo escorrido por causa do choro.

Em retrospecto, aquela galinhagem quase afundou a missão.

O motivo pelo qual esse país não consegue ganhar uma guerra é que a gente passa o tempo todo brigando entre nós mesmos em vez de lutar contra o inimigo. A mesma coisa com o Congresso, que não deixa as Forças Armadas fazerem o

que têm que fazer. Nada vai se resolver desse jeito. Webber e Flint, eles não são pessoas ruins, só o típico do que a gente tenta superar. A missão deles é resolver a situação do terrorismo. Resolver de vez. E fazer isso custa dinheiro. Pra pagar o curso da menina do Flint. Pra ela botar as mãos num jatinho. Pra conseguir as drogas de que eles vão precisar pra nocautear o piloto da empresa de aluguel. Tudo isso exige muita grana.

Verdade seja dita: os peitos do Flint eram de assustar.

Voando agora, reclinados em couro branco a quinze mil metros, eles vão em direção ao sul pelo mar Vermelho, sem parar até Jidá, onde vão virar à esquerda.

Os outros caras já estão no ar, todos indo para os alvos designados, mas não dá pra ter ideia de como conseguiram a grana deles. Que tipo de sofrimento e tortura tiveram que passar.

Ainda dá pra ver onde Webber furou as orelhas, e como ficaram repuxadas, esticadas pelos brincos com pingente.

Em retrospecto, a maioria das guerras na história foi por causa da religião de alguém.

Esse é só o ataque pra acabar com todas as guerras. Ou pelo menos com a maioria.

Depois que Flint conseguiu assumir o controle dos peitos, eles fizeram uma excursão de faculdade em faculdade. Em qualquer lugar com pessoas que tomassem cerveja e não tivessem nada pra fazer. Flint já tinha um descolamento de retina no currículo, que deixou ele cego de um olho. Webber tinha sessenta por cento de perda de audição, de tanta bordoada que tomou na cabeça. Lesões cerebrais traumáticas, como diziam no pronto-socorro. Os dois estavam meio que oscilando, precisando usar ambas as mãos para manter um tubinho de rímel firme. Os dois muito duros pra erguer o zíper nas costas do próprio vestido. Balançando até com os saltos médios. Ainda assim, seguiam em frente.

Quando chegasse a hora, quando os caças dos Emirados Árabes Unidos ficassem na nossa cola, talvez Flint estivesse cego demais pra pilotar, mas estaria lá no cockpit com tudo que tinha aprendido na Força Aérea.

Ali, na cabine de couro branco do Gulfstream G550, Flint chutou longe as botas, e seus pés descalços exibem unhas ainda pintadas de rosa-teta. Ainda tem um cheirinho de Chanel N° 5 misturado com a asa.

Numa das últimas apresentações deles, em Missoula, Montana, uma menina saiu do meio da multidão pra dizer que eles eram uns intolerantes cheios de

preconceito. Que estavam incentivando crimes de ódio, violência, contra aqueles que passam por conflito de gênero em nossa sociedade pluralista e pacífica…

Webber lá parado, interrompido no meio da cantoria de “Buttons and Bows”, a versão sofisticada da Doris Day, não a brega da Dinah Shore, ele usava um vestido tubinho de cetim azul sem alça com todo o pelo do peito à mostra, o pelo do ombro e do braço deslizando de um pulso a outro feito uma boá exuberante de penas pretas, e ele pergunta pra menina:

– Então, vai comprar um murro ou não?

Flint está a um passo de distância, no início da fila, pegando a grana dos outros, e ele diz:

– Dê o seu melhor. – Ele diz: – Garotas pagam meia.

E a menina apenas olha para eles, começa a bater um dos tênis, a boca contorcida e repuxada para um lado do rosto.

Por fim, ela diz:

– Dá pra fingir que canta aquela música do *Titanic?*

E Flint pega as dez pratas dela e lhe dá um abraço.

– Pra você – diz ele – a gente pode tocar essa música a noite inteira…

Foi naquela noite que eles finalmente juntaram os cinquenta paus pra missão.

Agora, diante do jatinho, dá para ver a linha costeira marrom e dourada da Arábia Saudita. As janelas de um Gulfstream são duas, três vezes o tamanho daquela portinhola de um jato comercial. Só de olhar para fora, para o sol e o mar, tudo misturado lá de cima, você quase tem vontade de viver. Mandar a missão toda pras cucuias e ir pra casa, sem se importar com um futuro desolado.

Um Gulfstream tem combustível suficiente para voar 6.750 milhas náuticas, mesmo com vento contrário de oitenta e cinco por cento. O alvo ia exigir só 6.701, deixando combustível para disparar as bagagens, as maletas, mais as inúmeras malas que Jenson encheu na Flórida, onde aterrissaram porque o piloto começou a passar mal. Isso foi depois de lhes darem café. Três Vicodin triturados e misturados no café preto deixaria qualquer um tonto, grogue, passando mal. Então eles aterrissaram. Descarregaram o piloto de aluguel. Carregaram as malas. O Sr. Jenson carregando o nitrato de amônia. E ali estava a menina do Flint, a Sheila, recém-saída do curso de aviação e pronta para decolar.

Na porta aberta do cockpit, dá para ver Sheila apoiar o fone de ouvido no pescoço. Olhando para trás por cima do ombro, ela diz:

– Acabei de ouvir no rádio. Alguém caiu com um jatinho cheio de adubo no

Vaticano…

Vai entender, diz Webber.

Olhando pela janela, jogado na poltrona de couro branco, Flint diz:

– Temos companhia.

Daquele lado do avião, dá para ver dois caças. Flint acena para eles. Os perfis de dois pilotos de caça não acenam de volta.

E Webber olha para o gelo derretendo no copo vazio e pergunta:

– Aonde a gente vai?

Do cockpit, Sheila diz:

– A gente tá com eles desde que fez a curva pro continente em Jidá.

Ela põe o fone de volta nos ouvidos.

E Flint se inclina no corredor para servir scotch no copo vazio, de novo, e Flint diz:

– Meca te lembra alguma coisa, amigão? A Al-Haram? – Ele diz: – Quem sabe a Caaba?

Sheila, com a mão no fone de ouvido, diz:

– Pegaram o Tabernáculo Mórmon… O QG da Convenção Batista Nacional… O Muro das Lamentações e a Cúpula da Rocha… O hotel Beverly Hills…

Não, diz Flint. Desarmamento não deu certo. As Nações Unidas também não. Talvez assim dê jeito.

Com o amigo deles, Jenson, nosso Reverendo Ímpio, como único sobrevivente.

Webber diz:

– O que que tem no hotel Beverly Hills?

E Flint esvazia o copo e diz:

– Dalai Lama…

A menina de Missoula, Montana. Webber pegou o nome e o telefone dela naquela noite. Quando chegou a hora de escrever os testamentos, Webber deixou pra menina tudo que tinha no mundo, incluindo o Mustang estacionado no alpendre da casa dos pais, seus conjuntos de ferramentas Craftsman e catorze bolsas Coach com sapatos e roupas combinando.

Naquela noite, depois de pagar cinquenta pratas para ferrar com Webber, a menina olha para ele, ele com seu olho branco cego, inchado, quase fechando, e

os lábios rachados. Ele é três anos mais velho que ela, mas parece a avó dela, e ela pergunta:

– Então por que você tá fazendo isso?

E Webber tira a peruca, todos os fios e cachos loiros grudados no sangue seco em volta da boca e do nariz. Ele diz:

– Todo mundo quer fazer do planeta um lugar melhor.

Bebendo sua cerveja, Flint olha para Webber. Balançando a cabeça, ele diz:

– Seu *cuzão*… – Flint diz: – Essa é a minha peruca?

11.

Nem todo dia era tomado de horror.

Casamenteiro chamava esse serviço de “colher pêssegos brancos”.

Você arrasta dois dos sofás brancos com volutas para deixá-los próximos, frente a frente, logo abaixo da “árvore”. Nessa ilha de sofá, você monta uma “escada” empilhando mesinhas esculpidas em ouro. Cada mesa com seu tampo de mármore pesado, cinza, com veias rosadas. Em cima, você empilha poltronas palacianas, delicadas como casca de ovo, para poder escalar cada vez mais alto. Até que você observa o ninho cinzento na peruca poeirenta de cada um de nós, o rosto de todos tão inclinado para trás que as bocas ficam escancaradas, quase tocando o queixo. Tão alto que você consegue ver o fosso embaixo das clavículas e os degraus formados pelas costelas sumirem no vestido ou na gola.

Todo mundo, nossas mãos envoltas em trapos de sangue. Luvas penduradas balançando com dedos vazios. Sapatos estufados com bolas de meia no lugar dos dedos que faltam.

Nós nos intitulamos Comitê Popular para Conservação do Dia.

Casamenteiro pega um “pêssego”, a mão enrolada em veludo para não se queimar, e o entrega para o magrelo São Sem-Pança, no chão, que o passa para Chef Assassin, o chef com a grande pança suspensa no cós da calça.

Agente Fuxico, com a câmera de vídeo encostada no rosto, ele registra o pêssego ser passado de mão em mão.

Os pêssegos mais velhos, os que já ficaram escuros, neles conseguimos ver nosso reflexo. Casamenteiro diz que é o filamento de tungstênio. Quando a eletricidade passa, o ara-mezinho pega fogo. Por isso cada pêssego é abastecido com um gás inerte. Geralmente argônio. Um gás que não dá para respirar, que não deixa o filamento de tungstênio pegar fogo. O mais antigo abastecido de nada. Um vácuo.

Casamenteiro, com sardas cor-de-rosa nas bochechas, mais sardas cor-de-rosa nos antebraços com as mangas puxadas até os cotovelos, ele nos diz:

– O ponto de fusão do tungstênio é 3316 graus Celsius.

O calor gerado por um “pêssego” é suficiente para derreter uma frigideira. Quente o bastante para fazer uma moedinha de cobre borbulhar. Dois mil, duzentos e quatro graus Celsius.

Em vez pegar fogo, o filamento de tungstênio evapora, átomo por átomo. Alguns reagem, pulam nos átomos de argônio e se ligam ao filamento de novo, em cristais pequenos como joias perfeitas. Outros átomos de tungstênio se conectam com a parte interna e mais fria do “pêssego” de cristal.

Os átomos “condensam”, diz Casamenteiro. Revestindo a parte interna do vidro com metal, transformando a parte externa num espelho.

Pretas por dentro, essas lâmpadas viram espelhinhos convexos que nos deixam gordos. Até o magrelo São Sem-Pança, com sua calça e manga da camisa sempre farfalhando e batendo nos ossos que formam cada braço e perna.

Não, nem todos os nossos dias são tomados de homicídio e tortura. Alguns são mais assim:

Camarada Escárnia segura um pêssego, virando o rosto para observá-lo de diferentes ângulos no vidro curvo. Os dedos de sua mão livre, as pontas puxam a pele frouxa próxima à orelha. Enquanto ela puxa, o vão escuro sob o osso molar desaparece.

– O que vou falar talvez pegue muito mal – diz Camarada Escárnia. Os dedos dela soltam a pele, e aquela metade do rosto volta a ser frouxa e a ter rugas que fazem sombra. – Eu via fotos de gente assim atrás do arame farpado nos campos de extermínio – diz ela. – *Esqueletos vivos.* E sempre pensei: “Essa gente deve ficar bem *em qualquer roupa.*”

Conde Calúnia se aproxima dela, estendendo o braço para coletar o que ela diz com seu minigravador prateado.

Camarada Escárnia passa o pêssego para Baronesa Congelada…

Que diz:

– Tem razão. – Baronesa Congelada diz: – Pegou mal mesmo.

E Camarada Escárnia chega bem perto do microfone e diz:

– Se está gravando isso, você é um babaca.

Baronesa Congelada, com os dentes moles e ribombando nas gengivas, cada dentão branco se afilando para revelar a raizinha marrom, ela entrega o pêssego a Duque dos Vândalos.

Duque, com o rabo de cavalo desfeito e o cabelo caindo no rosto. Duque dos Vândalos, a mandíbula fazendo pequenos círculos com o mesmo chumaço de

chiclete de nicotina que ele está mascando desde sempre. O cabelo cheira a cigarro de cravo.

Duque entrega o pêssego a Miss América, as raízes pretas de seu loiro platinado crescendo para mostrar há quanto tempo estamos presos aqui. A pobre grávida Miss América.

Acima de nós, a árvore pisca e escurece por um instante. Naquele momento, nós não existimos. Nada existe. No segundo seguinte, a energia retorna com um lampejo. Estamos de volta.

– O fantasma – afirma Agente Fuxico, abafado pela câmera de vídeo.

– O fantasma – repete Conde Calúnia no gravador em seu punho.

Por aqui, todo surto na eletricidade, toda corrente gelada, barulho estranho ou cheiro de comida: colocamos a culpa em nosso fantasma.

Para Agente Fuxico, o fantasma é um detetive particular que foi assassinado.

Para Conde Calúnia, o fantasma é um ex-ator mirim.

Os galhos de latão da árvore. Cada galho enrolado, torcido, retorcido feito vinhas embebidas em ouro fosco. Pingando com as “folhas” de vidro e cristal da árvore. O tinido quando você alcança o interior. O cheiro ardente de pó em cada pêssego “maduro” ainda brilhando forte. Quente demais para tocar sem um punhado de tecido, um pedaço de saia de veludo ou um colete de brocado, para proteger a mão. Os outros pêssegos, “podres”, que ficaram pretos e frios, polvilhados de pó e drapejados com teias brancas. As folhas de vidro e cristal, brancas, prata e cinza ao mesmo tempo. Ao se virarem, suas beiradas ainda cintilam por um instante, um lampejo de arco-íris, antes de voltar a ter cor alguma.

Os galhos, retorcidos e foscos, em marrom-escuro. Cada um equilibra um trajeto de cocozinho de rato seco como grãozinhos pretos de arroz.

Balançando o corpo para a frente e para trás, prendendo a respiração, Casamenteiro enfia a mão na árvore e colhe os pêssegos. Ele joga cada um, ainda quente, para Elo Perdido, que os recolhe com dois travesseiros de seda. Nosso campeão dos esportes, Elo Perdido. O Sr. Bolsa na Faculdade, com sua monocelha grossa feito pelo pubiano. O Sr. Zagueiro Campeão, com uma fenda no queixo que parece um saco com as duas bolas.

Após esse breve arremesso, o pêssego fica frio o suficiente para tocar. Mãe Natureza pega o pêssego do meio dos travesseiros e o coloca numa caixa de chapéu para perucas velhas que Miss Espirro carrega nos braços, apoiada na

barriga.

Mãe Natureza, com desenhos de hena vermelha manchando as costas das mãos e delineando o comprimento de cada dedo. A cada virada ou aceno da cabeça, os sininhos na gargantilha em seu pescoço retinem. O cabelo dela cheira a sândalo, patchuli e menta.

Miss Espirro tosse. Pobre Miss Espirro, sempre tossindo, de nariz vermelho e amassado na direção de uma bochecha antes de ser limpo com a manga da camisa. Os olhos esbugalhados, nadando em lágrimas e destroçados por veias vermelhas. Miss Espirro tosse sem parar, a língua para fora, com uma mão em cada joelho, curvada.

Às vezes, Casamenteiro agarra as pernas das cadeiras, as beiradas de mármore com veias nas mesas de ouro, para manter a escada firme.

Às vezes, Condessa da Antevidência fica na ponta dos pés e segura o cabo de uma vassoura dura e poeirenta no alto da cabeça e cutuca a árvore, inclinando-a o suficiente para ajudar a alcançar mais pêssegos “maduros”. Os que ainda são capazes de ferver cobre. Na ponta dos pezinhos, com os braços esticados, dá para ver o bracelete de plástico ainda preso ao pulso. O aparelho de rastreio ditado pelos termos de sua condicional.

Para Condessa da Antevidência, o fantasma é um antiquário idoso, que teve a garganta rasgada por uma navalha.

E a cada pêssego que Casamenteiro “colhe”, a árvore fica um pouco mais escura.

Para São Sem-Pança, o fantasma é um bebê de duas cabeças abortado, as duas com seu rosto esguio.

Para Baronesa Congelada, o fantasma usa um avental branco na cintura e fica praguejando contra Deus.

Às vezes, Irmã Justiceira bate no relógio de pulseira preta, dizendo:

– Três horas, dezessete minutos e trinta segundos até apagarem as luzes…

Para Irmã Justiceira, o fantasma é um herói com a lateral do rosto escavada.

Para Miss Espirro, o fantasma é sua avó.

De pé naquela altura, diz Casamenteiro, dá para ver o teto como uma fronteira vazia onde ninguém nunca pisou. Da mesma maneira que quando você era pequeno e ficava de cabeça para baixo no sofá, com as pernas apoiadas nas almofadas do encosto e as costas nas almofadas do assento, para sua cabeça ficar pendendo para trás – era assim que a velha sala de estar da família se tornava um

novo lugar, estranho, diferente. De cabeça para baixo, você podia andar pelo chão plano e pintado e olhar para o novo teto, acolchoado com carpete e apinhado de estalactites da mobília pendurada.

Do mesmo jeito, diz Duque dos Vândalos, que um artista vira seu quadro de cabeça para baixo, pelo mesmo motivo, ou olha para ele num espelho invertido, para ver como um estranho veria. Como algo que não conhece. Uma coisa nova, inovadora. A realidade do outro.

Do mesmo jeito, diz São Sem-Pança, que um pervertido vira a pornografia de cabeça para baixo para deixá-la nova e só mais um tiquinho empolgante.

Dessa maneira, cada árvore de folhas de vidro e pêssegos é enraizada ao chão pelo tronco trançado de uma corrente grossa, o tronco coberto por uma camada de veludo vermelho poeirento que faz as vezes de casca.

Quando a árvore está quase escura, retiramos a escada, cadeira por cadeira, sofá por sofá, para chegar à árvore seguinte. Quando o "pomar" está vazio, saímos porta fora até a sala seguinte.

Os pêssegos colhidos, nós os empacotamos numa caixa de chapéu.

Não, nem todo dia que passamos presos aqui é cheio de raptos e humilhação.

Conde Calúnia tira um bloquinho de anotações do bolso da camisa. Ele rabisca no papel de linhas azuis: "Sessenta e duas lâmpadas ainda úteis. Vinte e duas de reserva."

Nossa última linha de defesa. Nosso último recurso contra a ideia de morrer sozinhos aqui, largados no escuro com todas as luzes queimadas. Um mundo sem sol, os sobreviventes no frio se agarrando ao breu total. O papel de parede úmido, escorregadio de mofo.

Ninguém quer isso.

Os pêssegos maduros que você deixa para trás, que vão ficando escuros e podres, e você constrói de novo a escada de mobília. Escala de novo. Enfia a cabeça de novo no dossel de vidro e das folhas de cristal, naquela floresta de folhas cor de bronze manchado. Poeira, cocô de rato e teias de aranha. E você substitui os pêssegos escuros por alguns ainda maduros e que queimam pra caramba.

O pêssego maduro na mão de Casamenteiro não nos mostra como somos. Mais como éramos. O vidro escuro refletindo todos nós, corpulentos no lado curvado. A camada de átomos de tungstênio se precipitou para dentro, o oposto de uma pérola, o fundo de prata dos espelhos. Vidro soprado, fino como bolha de

sabão.

Aqui está a Sra. Clark com suas rugas novas disfarçadas atrás de um véu grosso feito tela de arame. Mesmo magra de fome, os lábios ainda parecem gordos de silicone, congelados no meio de um boquete. Seus seios incham, mas repletos de nada que você gostaria de chupar. Sua peruca, branca de talco, pende para o lado. O pescoço é fibroso e enredado de tendões.

Aqui está Elo Perdido com a floresta negra nas bochechas, a moita que se afunda nos cânions profundos sob cada olho.

Alguma coisa tem que acontecer.

Alguma coisa terrível tem que acontecer.

E… *ploft*.

Um pêssego escorregou e se espatifou no chão. Um ninho de agulhinhas de vidro. Uma bagunça de cacos. A imagem de todos nós gordos se foi.

Conde Calúnia anota uma frase no bloco e diz:

– Vinte e *uma* lâmpadas de reserva…

Irmã Justiceira bate no relógio de pulso e diz:

– Três horas e dez minutos até as luzes se apagarem…

Então a Sra. Clark diz:

– Conte uma história. – Por trás do véu, olhando para Casamenteiro em sua árvore de cristal cintilante, seus lábios de silicone dizem: – Conte alguma coisa para que eu esqueça a fome. Me conte uma história que você não contaria a mais ninguém.

Enquanto a mão desenrosca um pêssego, envolta num trapo grudento de veludo e sangue seco, Casamenteiro diz:

– Tem uma piada. – No alto da escada de pilha de cadeiras, ele diz: – Tem uma piada que meus tios só contam quando estão bêbados…

Conde Calúnia ergue o gravador.

E Agente Fuxico, sua câmera.

O CONSULTOR
Um poema sobre Casamenteiro

– Se você ama alguma coisa – diz Casamenteiro –, liberte-a.

Só não se surpreenda se ela voltar com herpes.

Casamenteiro no palco, ele anda desmazelado com as mãos enfiadas fundo nos bolsos do macacão.

Suas botas cobertas de cocô de cavalo.

A camisa xadrez. De flanela. Com fecho perolado em vez de botões.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:

de vídeos de casamento onde noivas e noivos trocam anéis

e se beijam antes de correr sob nevascas de arroz branco.

Enquanto isso escorre pelo seu rosto, o lábio inferior de Casamenteiro se estica para pegar uma goma

de tabaco para mascar.

Casamenteiro diz:

– A mulher que eu amava, ela achou que conseguia coisa melhor.

A mulher, no caso, queria um homem mais alto, mais bronzeado, com cabelo comprido e um pau maior.

Que tocasse violão.

Então ela disse “não” quando ele se ajoelhou para pedi-la em casamento.

Assim, Casamenteiro contratou um prostituto chamado Alazão, que se propagandeava:

Cabelo comprido e pau grosso como lata de sopa. E que, se precisasse, podia aprender a tocar alguns acordes.

E Alazão fingiu encontrá-la por acidente, na igreja.

Depois, de novo, na biblioteca.

Casamenteiro pagava duzentos dólares por encontro

e anotava conforme o prostituto lhe dizia como a mulher gostava que brincassem

com seus mamilos por trás. E qual era o melhor jeito de fazê-la gozar pela segunda ou terceira vez.

Alazão mandou rosas. Cantou músicas. Alazão a comeu em bancos de trás e em ofurôs,

onde fez juras de amor e devoção eternos.

Depois ficou uma semana sem ligar. Duas semanas. Um mês.

Até que fingiu encontrá-la por acidente, de novo na igreja.

Lá, Alazão disse que estava tudo acabado porque ela era muito vagabunda. Quase uma prostituta.

– Eu juro – diz Casamenteiro. – Ele chamou *ela* de puta. Que ousadia a desse cara…

Deus o abençoe.

Tudo isso, o plano secreto de Casamenteiro de dar à namorada um coração partido acelerado, prematuro. Depois pegá-la no rebote.

No último encontro com Alazão, ele pagou cinquentinha por um boquete.

Alazão lá, ajoelhado, trabalhando entre os joelhos dele.

Assim, quando sua futura esposa tivesse orgasmos múltiplos, frutos de uma pesquisa profunda,

o homem na cabeça dela não seria totalmente estranho para seu marido,

Casamenteiro.

RITUAL
Um conto de Casamenteiro

Tem uma piada que os tios só contam quando estão bêbados.

Metade da piada é o som que eles fazem. É o barulho de uma pessoa expectorando um cuspe do fundo da garganta. Um som demorado, áspero. Depois de cada festa em família, quando não há mais nada a se fazer exceto beber, os tios levam as cadeiras para baixo das árvores. Lá, no escuro, onde ninguém pode vê-los.

Enquanto as tias lavam a louça e os primos correm por aí, os tios estão lá, no meio do pomar, virando o fundo da garrafa, apoiados só nas pernas de trás das cadeiras. No escuro, dá pra ouvir um tio fazendo o barulho: *Chuuu-ruuk.* Mesmo na escuridão, você sabe que ele puxou a mão pela lateral, passando pela frente do corpo. *Chuuu-ruuk*, e todos os tios riem.

As tias ouvem a algazarra, sorriem e balançam a cabeça: homens. As tias não conhecem a piada, mas sabem que o que faz homens rirem tão alto só pode ser bobagem.

Os primos não conhecem a piada, mas fazem o som. *Chuuu-ruuk.* Cortam o ar à sua frente e caem na gargalhada. A infância inteira, todas as crianças faziam. Diziam: *Chuuu-ruuk.* Gritavam. A fórmula mágica da família para fazer o outro rir.

Os tios se agachavam para ensinar. Mesmo quando criancinhas, mal se aguentando nas pernas, elas imitavam: *Chuuu-ruuk.* E os tios mostravam para elas como puxar a mão pela lateral do corpo, sempre da esquerda para a direita, na frente do pescoço.

Eles perguntavam, com os primos, pendurados no braço do tio, chutando o ar: o que era aquele barulho? E aquele movimento da mão?

O tio respondia que era uma história antiga, muito antiga. Aquele som vinha de quando os tios eram jovens e estavam no Exército. Durante a guerra. Os primos subiam nos bolsos do casaco do tio, um pé encaixado num bolso, uma mão alcançando o outro bolso mais em cima. Como se estivesse escalando uma

árvore.

E eles imploravam: conte para a gente. Conte a história para a gente.

Mas tudo que o tio fazia era prometer: Depois. Quando eles crescessem. O tio os segurava por baixo dos braços e os jogava por cima do ombro. Carregava um primo daquele jeito, correndo, apostando corrida com os outros tios até em casa, para beijar as tias e comer mais uma fatia de torta. Você fazia pipoca e ouvia o rádio.

Era a senha da família. Um segredo que a maioria não conhecia. Um ritual para mantê-los seguros. Tudo que os sobrinhos sabiam era que os fazia rir juntos. Aquilo era algo que só eles sabiam.

Os tios disseram que o barulho era a prova de que seus piores medos podem simplesmente desaparecer. Por mais que horrível que algo pareça, talvez no dia seguinte não exista mais. Se uma vaca morresse e o restante do gado parecesse doente, inchado, à beira da morte, se não houvesse nada a fazer, os tios faziam aquele som. *Chuuu-ruuk.* Se os pêssegos estivessem crescendo no pomar e houvesse previsão de geada, os tios faziam o som. *Chuuu-ruuk.* Era uma referência ao terror que você não tinha como conter, mas que podia ser contido sozinho.

Toda vez que a família se reunia, era a saudação deles: *Chuuu-ruuk.* Isso fazia as tias se entreolharem, todos os primos fazendo aquele som bobo. *Chuuu-ruuk.* Todos os primos balançando a mão no ar. *Chuuu-ruuk.* Os tios rindo tanto que se curvavam para a frente, uma mão apoiada em cada joelho. *Chuuu-ruuk.*

Uma tia, alguém que veio de fora da família, talvez perguntasse: O que você quis dizer? Qual era a história por trás daquilo? Mas os tios apenas balançavam a cabeça. Aquele tio, o próprio marido dela, passava o braço pela sua cintura, lhe dava um beijo na bochecha e dizia: Amorzinho, você não quer saber.

No verão em que fiz 18 anos, um tio me contou. Sozinho. E, daquela vez, ele não riu.

Eu havia sido convocado para servir o Exército, e não tinha como saberem se eu ia voltar.

Não eram tempos de guerra, mas havia uma epidemia de cólera no Exército. Doenças e acidentes eram frequentes. Estávamos arrumando uma mala para eu levar, só eu e meu tio, e ele disse: *Chuuu-ruuk.* Só lembre, disse ele, que não importa se o futuro parecer tenebroso, todos os seus problemas podem sumir amanhã.

Arrumando a mala, perguntei. O que aquilo queria dizer? Era da última grande guerra, disse ele. Quando todos os tios estavam no mesmo regimento. Eles foram capturados e obrigados a trabalhar num campo. Lá, um oficial do outro exército os forçava a trabalhar sob a mira da arma. Todos os dias, eles esperavam que o homem fosse matá-los. Não havia o que fazer. Toda semana chegavam trens cheios de presos dos países ocupados: soldados e ciganos. A maioria saía do trem, dava duzentos passos para morrer. Os tios tinham que carregar os corpos. O oficial que ele odiava era o comandante do pelotão de fuzilamento.

O tio conta que todos os dias os tios se prestavam para arrastar os mortos – os buracos nas roupas ainda vazavam sangue quente –, e que o pelotão de fuzilamento esperava a próxima leva de presos para executar. Toda vez que os tios passavam diante das armas, esperavam que o oficial abrisse fogo.

Então, um dia, o tio diz: *Chuuu-ruuk.*

Foi uma coisa que aconteceu, tal como o Destino.

O oficial, se ele visse uma cigana de que gostasse, tirava da fila. Depois que a leva em que a mulher se encontrava estivesse morta, enquanto os tios carregavam os corpos, o oficial fazia a mulher se despir. Parado ali, com as tranças douradas do uniforme, sob o sol forte, cercado de armas, o oficial fazia a cigana se ajoelhar na areia e abrir o zíper dele. E a forçava a abrir a boca.

Os tios, eles tinham visto isso acontecer muitas vezes. A cigana enfiava os lábios na parte da frente da calça do oficial. De olhos fechados, ela chupava sem parar, sem ver que ele puxava uma faca das costas do cinto.

No instante em que o oficial chegava ao orgasmo, ele agarrava a cigana pelo cabelo, segurando sua cabeça com força. Com a outra mão, cortava-lhe o pescoço.

Era sempre o mesmo som: *Chuuu-ruuk.* Com o sêmen ainda jorrando, ele afastava o corpo nu para longe antes que o sangue explodisse do pescoço.

Era um som que sempre significava o fim. Destino. Um som do qual eles nunca iam conseguir escapar. Nem esquecer.

Até que, certo dia, o oficial pegou uma cigana e a fez se ajoelhar na areia. Com o pelotão de fuzilamento assistindo, os tios assistindo com os pés enfiados na pilha dos corpos, o oficial fez a cigana abrir o zíper dele. A mulher fechou os olhos e abriu a boca.

Era uma coisa que os tios já tinham visto tantas vezes que conseguiam

assistir sem ver.

O oficial agarrou o cabelo comprido da cigana e o envolveu com o punho. A faca brilhou e ouviu-se o som. Aquele som. Que hoje é o código secreto da família para a comédia. Saudação de um com o outro. A cigana caiu para trás, sangue explodindo sob o queixo. Ela tossiu uma vez e outra coisa caiu na areia, ao seu lado.

Todos olharam: o pelotão de fuzilamento, os tios e o oficial. Ali, na areia, havia meio pau. *Chuuu-ruuk* e o oficial havia decepado a própria ereção por meio da garganta da mulher. O zíper na calça do oficial ainda havia uma erupção de sêmen e sangue. O oficial estendeu a mão até seu pau coberto de areia. Seus joelhos cederam.

Logo depois os tios estavam arrastando o corpo do oficial para enterrá-lo. O oficial que ficou no comando depois não era tão mau. Então a guerra acabou e os tios voltaram para casa. Se aquilo não tivesse acontecido, talvez a família deles não existisse. Se aquele oficial houvesse sobrevivido, talvez eu não existisse.

Aquele som, o código secreto da família, o tio me contou. O som significava: Sim, coisas horríveis acontecem, mas às vezes essas coisas horríveis… são o que salvam você.

Do lado de fora da janela, pelas pessegueiras no fundo da casa, os outros primos correm. As tias se sentam na varanda, descascando ervilhas. Os tios ficam lá, parados, os braços cruzados, discutindo qual é o melhor jeito de pintar a cerca.

Você pode ir para a guerra, diz o tio. Ou você pode pegar cólera e morrer. Ou, diz ele, puxando a mão pela lateral do corpo, da esquerda para a direta, no vazio em frente à fivela do cinto: *Chuuu-ruuk.*…

12.

Quem encontra o corpo é Irmã Justiceira. Ela está descendo a escada do saguão, vindo do vestíbulo do balcão nobre, depois de apagar as luzes na cabine de projeção, quando tropeça na roda de abdominais cor-de-rosa de Miss América presa a duas mãos cadavéricas.

Ali, no pequeno visor da câmera, Duque dos Vândalos está caído ao pé da escada do saguão, sua camisa de camurça com as franjas para fora, seu cabelo loiro esparramado, o rosto encarando o tapete azul. A roda de plástico cor-de-rosa em suas mãos. Um lado de sua face está amassado, aplainado, o cabelo colado em todas as direções devido ao sangue.

Os royalties da nossa história têm menos um destino.

Irmã Justiceira, ela pegou a câmera de vídeo. Para andar no escuro, o Sr. Whittier havia usado uma lanterna, mas as pilhas fracas estavam tão mortas quanto ele e Lady Mendiga. Agora Irmã Justiceira usava a luz da câmera, com pilhas recarregáveis, para encontrar o caminho para subir e descer a escada antes de amanhecer e depois de escurecer.

– Hemorragia subaracnoide – diz Irmã Justiceira, as palavras sendo gravadas conforme ela movimenta a câmera por cima do corpo. – Com avulsão parcial do hemisfério cerebelar esquerdo.

Ela diz: É a sequela mais comum de traumatismo craniano grave. Ela dá zoom para pegar um close do trauma, o sangramento interno das camadas externas do cérebro.

– Quando você pressiona o crânio num ponto específico – explica ela –, o conteúdo incha em volta do local e estoura o crânio mais ou menos em círculo.

A câmera paira sobre as pontas agudas e o sangue seco no crânio. A voz de Irmã Justiceira continua:

– A *fratura* é extensa…

A câmera se eleva para mostrar o restante de nós, arrastando-nos para o saguão, bocejando e semicerrando os olhos diante do refletor.

A Sra. Clark olha para o corpo de camurça esparramado do Duque, seu

ruminar de chiclete de nicotina – e todos os seus dentes – espalhados pelo piso do saguão. E seus lábios inflados guincham um gritinho.

Miss América diz:

– Esse *canalha*. – Ela passa por cima do corpo e se ajoelha para arrancar dos dedos mortos e duros as empunhaduras de borracha preta da roda de abdominais. – Ele estava tentando perder mais peso que a gente – diz ela. – Esse puto do mal fazia aeróbica pra ficar… *pior.*

Enquanto Miss América abre com dificuldade os dedos rígidos, a Sra. Clark diz:

– *Rigor mortis*.

Quando Miss América vira o corpo de lado, torcendo a roda para tirá-la das mãos dele, ela sem querer puxa o rosto do cadáver e o vira para cima. Duque dos Vândalos, o rosto escuro como uma queimadura de sol, arroxeado com exceção da ponta do nariz. As pontas de seu queixo e nariz e a parte chata da testa estão branco-azuladas.

– *Livor mortis* – corrige a Sra. Clark.

O sangue se assenta nas partes inferiores do corpo. Com exceção do ponto em que o rosto pressionava o tapete: nesses pontos, o peso do corpo manteve os capilares comprimidos, de forma que não havia nenhum acúmulo de sangue ali.

Detrás da câmera de vídeo, Irmã Justiceira diz:

– Pelo jeito você entende tudo sobre cadáveres…

E a Sra. Clark diz:

– E o que *você* quis dizer com *avulsão parcial do hemisfério cerebelar esquerdo*?

Com a câmera de vídeo ainda percorrendo o corpo, gravando por cima da morte do Sr. Whittier, Irmã Justiceira diz:

– Isso quer dizer que os miolos estavam escorrendo.

A roda cor-de-rosa se solta das mãos de Duque, e seus dedos parecem relaxar. O *rigor mortis* só passa, diz a Sra. Clark, quando o corpo começa a se decompor.

No momento, Agente Fuxico já chegou, esquisito agora que seus olhos estão à vista. Reverendo Ímpio está diante do corpo. Mãe Natureza e seu cheiro de patchuli. Casamenteiro, os dentes de trás mascando sem parar um tablete de saliva e tabaco, se inclina para ver melhor.

Casamenteiro pergunta:

– Decomposição?

E a Sra. Clark assente, franzindo os lábios de silicone. Depois da morte, diz ela, os filamentos de actina e miosina dos músculos se tornam rígidos por falta de produção de adenosina-trifosfato… Ela diz:

– Vocês não entenderiam.

– Que pena – diz Chef Assassin. – Se ele não estivesse tão acabado, talvez rendesse um baita café da manhã.

Mãe Natureza diz:

– Você está de sacanagem.

E o chef diz:

– Não. Pior que não estou.

Casamenteiro está de olhos esbugalhados, agachado ao lado do corpo, enfiando a mão no bolso de trás.

Roçando as mãos de hena e bocejando, Mãe Natureza diz:

– Como vocês podem estar tão *acordados?*

E, abrindo bem a boca, apontando o dedo para a meleca marrom lá dento, Casamenteiro diz:

– Tabaco… – Ele puxa a carteira, tira algumas notas e enfia a carteira de volta no bolso, dizendo: – Me dá um beijo que você vai ficar acordadona também.

E, negando com a cabeça, Mãe Natureza diz:

– Não, obrigada.

– Garotinha – diz Casamenteiro. Ele cospe um escarro marrom no carpete azul, e diz: – Você precisa virar uma personagem mais sexy, ou nenhuma atriz de destaque vai querer interpretar você…

E São Sem-Pança tira Mãe Natureza dali.

Irmã Justiceira desliga a câmera e a devolve para Agente Fuxico.

A ninguém. Ou a todos, a Sra. Clark diz:

– De quem você suspeita?

E Agente Fuxico diz:

– De você.

A Sra. Clark. Ela acordou tarde na noite passada. Encontrou Duque dos

Vândalos sozinho, fazendo exercícios abdominais. Ela esmagou o crânio dele. Fim da versão oficial.

– Vocês já se perguntaram – diz a Sra. Clark – o que farão depois de vender sua *antiga vida*?

E Casamenteiro umedece os lábios, dizendo:

– Como assim?

Ele passa os dois polegares por trás das alças do macacão.

– Depois que venderem *esta* história – diz a Sra. Clark –, vocês vão simplesmente procurar outro vilão? – Ela continua: – Vão passar o restante da vida sempre atrás de alguém para botar a culpa?

E Agente Fuxico sorri.

– Relaxe. Não tem sentido culpar um de *nós* por isso. Há *vítimas* – diz ele, apontando para o próprio peito. – E há *vilões* – diz, apontando para ela. – Não crie tons de cinza senão o grande público não vai conseguir acompanhar.

E a Sra. Clark diz:

– Eu não matei este rapaz.

E Agente dá de ombros. Apoia a câmera no ombro, dizendo:

– Agora você está atrás de simpatia da plateia, mas vai ter que se esforçar pra conseguir. – Com o refletor forte iluminando-a, Agente Fuxico fala: – Conte uma história pra gente. Dê um bom flashback pro pessoal em casa sentir um tiquinho de pena de você…

Caixa Pesadelo
Um conto da Sra. Clark

Uma noite antes de desaparecer, Cassandra cortou os próprios cílios.

Tão fácil quanto o dever de casa, Cassandra Clark pega uma tesoura da bolsa, uma tesourinha cromada de cortar unhas, se aproxima do grande espelho acima da pia do banheiro e olha para si mesma. Com os olhos semicerrados e boquiaberta como fica quando passa rímel, Cassandra apoia uma das mãos no balcão do banheiro e usa a tesoura. Cada cílio preto e comprido cai, flutua, desce tremulante até o ralo da pia, ela nem nota a mãe ali refletida, atrás dela, no espelho.

Naquela noite, a Sra. Clark ouve a filha sair da cama enquanto ainda está escuro. Naquela hora em que não há trânsito, Cassandra, nua, vai até a sala de estar com todas as luzes apagadas. Ouve-se o ruído das molas do sofá velho. O clique de um isqueiro. Depois, um suspiro. Um sopro de fumaça do cigarro.

Depois do amanhecer, Cassandra ainda está lá, sentada, nua, no sofá, com as cortinas abertas e os carros passando. Braços e pernas enroscados em torno do corpo, no frio. Numa das mãos, ela tem o cigarro, queimado até o filtro. Cinzas na almofada ao seu lado. Ela está acordada e olhando para a tela da TV que não exibe nada. Talvez esteja olhando para si mesma refletida ali, nua no vidro preto. Seu cabelo parece todo emaranhado por ela não pentear. Seu batom, de dois dias atrás, ainda está borrado na bochecha. Sua sombra delineia as rugas em volta de cada olho. Sem os cílios, seus olhos verdes parecem apagados e falsos porque não dá para vê-la piscar.

A mãe pergunta:

– Sonhou com aquilo de novo?

A Sra. Clark pergunta: ela quer rabanada? A Sra. Clark liga o aquecedor e tira o roupão de Cassandra de detrás da porta do banheiro.

Cassandra, abraçando-se sob os raios de sol gelados, sentada com os joelhos unidos, seus seios apertados contra os braços. Flocos de cinzas de cigarro espalhados em cima das coxas. Flocos de cinzas estáticos nos pelos pubianos.

Seus pés se retorcem com tendões sob a pele. Seus pés planos e lado a lado no chão de madeira polida, a única parte dela que não é estatuesca.

A Sra. Clark diz:

– Lembrou-se de alguma coisa? – Sua mãe diz: – Você estava usando seu vestido novo… Aquele curto.

A Sra. Clark coloca o roupão em volta da filha, posicionando-o com firmeza em volta do pescoço. Ela continua:

– Aconteceu naquela galeria. Em frente à loja de antiguidades.

Cassandra não desvia os olhos de seu reflexo escuro na TV desligada. Não pisca, e seu roupão cai, deixando os seios no frio mais uma vez.

E a mãe pergunta: o que ela viu?

– Não sei – diz Cassandra. – Não sei dizer.

– Vou pegar minhas anotações – diz a Sra. Clark. – Acho que já entendi.

É quando ela volta do banheiro, com a grossa pasta marrom de anotações na mão, a pasta aberta para que ela possa ver tudo com uma mão só. Porém, quando ela olha para a sala de estar, Cassandra se foi.

Naquele instante, a Sra. Clark estava dizendo:

– A Caixa Pesadelo funciona assim: a parte da frente…

Mas Cassandra não está na cozinha nem no banheiro. Cassandra não está no porão. A casa delas é só isso. Não está no quintal nem na escada. Seu roupão continua no sofá. A bolsa, os sapatos e o casaco, tudo continua lá. A mala ainda está na cama, semipronta. Apenas Cassandra se foi.

No início, Cassandra disse que não era nada. Segundo as anotações, era uma vernissage numa galeria.

Lá nas anotações da Sra. Clark diz: “O temporizador…”

Suas anotações dizem: “O homem se enforcou…”

Começou na noite em que todas as galerias fazem vernissages, o centro apinhado de gente, todos ainda bem-vestidos, vindos do escritório ou da faculdade e de mãos dadas. Casais jovens de roupas escuras que não ostentariam a sujeira de um assento de táxi. Usando joias de qualidade, as que não poderiam usar no metrô. De dentes brancos, como se nunca tivessem usado a dentição para outra coisa exceto para sorrir.

Um olhando o outro olhar artes antes de um olhar o outro jantando.

Estava tudo nas anotações da Sra. Clark.

Cassandra estava com seu novo vestido preto. Curtíssimo.

Naquela noite, ela queria uma grande taça de vinho branco, só para ter nas mãos. Ela não ousaria erguer a taça, pois seu vestido não tinha alças, por isso ela mantinha os braços colados na lateral do corpo, os cotovelos fixos. Isso flexionava um músculo do peito. Um músculo novo, que ela havia descoberto jogando basquete no colégio. Que empurrava seus seios tão alto que era como se seu decote começasse no pescoço.

Aquele vestido, ele era preto e costurado com lantejoulas e continhas pretas. Era uma crosta de glitter preto rústico com seus seios rosados e volumosos dentro. Uma casca preta e dura.

As mãos, do jeito que suas unhas pintadas se entrelaçavam, elas pareciam algemadas perto da haste da taça de vinho. Seu cabelo preso num coque alto, muito pesado e grosso. Fios e cachos se desfaziam, pendiam, mas ela não ousava levantar os braços para arrumar. Os ombros nus, o cabelo se desmantelando, seu salto alto firmava os músculos das pernas, erguiam sua bunda, curvando-a na extremidade do zíper.

A boca perfeita de batom. Nenhum vermelho borrado na taça que ela não ousava levantar. Seus olhos parecendo imensos sob os longos cílios. Seus olhos verdes, a única parte dela que se movimentava no salão lotado.

De pé, sorrindo, no meio da galeria de arte, ela era a única mulher de quem você se lembraria. Cassandra Clark, apenas 15 anos.

Isso foi menos de uma semana antes de ela sumir, três noites antes.

Agora sentada no canto cálido e nas cinzas que Cassandra havia deixado no sofá, a Sra. Clark dava mais uma olhada na pasta de anotações.

O dono da galeria conversava com elas, com elas e com as pessoas ao redor.

“Rand”, dizem as anotações. O nome do proprietário da galeria era Rand.

Ele estava mostrando a elas um caixa que ficava sobre três pernas compridas. Um tripé. A caixa era preta, do tamanho de uma câmera fotográfica antiga. Aquele tipo de câmera em que um homem ficava atrás, debruçado sob um lençol preto para proteger a placa de vidro ali dentro, revestida com produtos químicos. O tipo de câmera da época da Guerra de Secessão, que tirava foto com um lampejo de pólvora. Uma nuvem-cogumelo de fumaça cinzenta que ardia no nariz. Assim que a pessoa entrava na galeria, era isso que aparecia: uma caixa sobre três pernas.

A caixa era pintada de preto.

– Laqueada – explicou o dono da galeria.

Laqueada, encerada e manchada de cinza onde ficavam as marcas dos dedos.

O dono da galeria estava sorrindo para o vestido tomara-que-caia de Cassandra. Ele tinha um bigode fino, perfeitamente aparado, como duas sobrancelhas. Tinha uma barbicha diabólica, que deixava seu queixo pontudo. Usava um terno azul de banqueiro e apenas um brinco, muito grande, muito falso-brilhante para ser algo que não um diamante verdadeiro.

A caixa era decorada com frisos, saliências e ranhuras complicadas, que lhe davam a aparência de algo tão pesado quanto um cofre de banco. Cada aresta oculta sob detalhes e tinta grossa.

– Como um caixãozinho – disse alguém na galeria. Um homem com um rabo de cavalo, mascando chiclete.

De cada lado da caixa havia empunhaduras de latão. Era preciso segurar as duas, disse o dono da galeria. Para completar um circuito. Se você quisesse fazer a caixa funcionar direito, tinha que segurar as duas empunhaduras. Você colocava o olho no visor de bronze na frente. O olho esquerdo. E olhava lá dentro.

Uma pessoa depois da outra, umas cem devem ter olhado por aquele visor naquela noite. Mas nada aconteceu. Elas paravam e olhavam lá dentro, mas tudo que viam era o próprio olho refletido na escuridão atrás da pequena lente de vidro. Só ouviam um barulhinho. Um relógio fazendo tique-taque. Devagar como um *ping*… *ping*… *ping*… de uma torneira mal fechada. Só esse tiquetaquezinho de dentro da caixa pintada de preto e manchada de dedos.

A caixa estava pegajosa com aquela camada de fuligem.

O dono da galeria ergueu um dedo. Encostou na lateral da caixa e disse:

– Há uma espécie de temporizador…

A caixa podia durar um mês, com o tique-taque ininterrupto. Ou podia durar mais uma hora. Mas no momento em que parasse, este seria o momento de olhar lá dentro.

– Aqui – disse o dono da galeria, disse Rand, e ele apertou um botãozinho pequeno de latão, pequeno como uma campainha, na lateral da caixa.

É só segurar as alças e esperar. Quando o tique-taque parar, disse ele, olhe lá dentro e aperte o botão.

Numa plaquinha de bronze, uma placa aparafusada no alto da caixa, se você ficasse na ponta dos pés, dava para ler “Caixa Pesadelo”. E o nome “Roland

Whittier”. As empunhaduras de latão estavam verdes com tanta gente segurando com firmeza, cheias de expectativa. O encaixe de bronze em torno do visor estava manchado com o hálito dessas pessoas. A parte externa estava encerada com a gordura da pele que roçou ali, apertada, pressionada.

Segurando as alças, dava para sentir lá dentro. O tique-taque. O temporizador. Firme e eterno como um batimento cardíaco.

No instante em que parasse, disse Rand, o botão ativaria um lampejo de luz lá dentro. Um único pulsar de luz.

O que as pessoas viam nessa hora, Rand não sabia. A caixa vinha da loja de antiguidades que fechou, do outro lado da rua. Ficara lá por nove anos e nunca parara de fazer tique-taque. O proprietário, o antiquário, ele sempre dizia aos clientes que talvez ela estivesse quebrada. Ou que era uma piada.

Por nove anos, a caixa ficou parada fazendo tique-taque na estante, até que a poeira a cobriu. Então, um dia, o neto do comerciante a encontrou, sem tique-taques. O neto tinha 19 anos, estava indo para a faculdade e se tornaria advogado. Aquele adolescente, sem nenhum pelo no peito, todos os dias meninas apareciam na loja para olhar para ele. Um garoto bom, que ganhara uma bolsa para jogar futebol, conta no banco e carro próprio, ele tinha um emprego de verão na loja de antiguidades, para espanar o pó. Quando encontrou a caixa, ela não fazia barulho: estava pronta, esperando. Ele segurou as alças. Apertou o botão e olhou lá dentro.

O antiquário o encontrou com o olho esquerdo ainda borrado de pó. Piscando. Os olhos focados em nada. Ele estava apenas sentado sobre uma pilha de pó e guimbas de cigarro que havia varrido do chão. O neto, ele nunca voltou à faculdade. Seu carro ficou estacionado até que o município rebocou. Depois disso, todos os dias ele ficava sentado na rua em frente à loja. Tinha 20 anos, e ele passava o dia sentado ali, no meio-fio, fizesse sol ou chuva. Se você lhe pergunta alguma coisa, ele só ri. Aquele garoto já deveria ser advogado, deveria estar exercendo o direito, mas hoje você vai encontrá-lo num hotel de quinta categoria. Em casas cedidas pelo governo, vivendo de assistência social por conta da depressão profunda. Nem foram drogas.

Rand, o dono da galeria, diz:

– Apenas um caso de colapso nervoso.

Você visita esse garoto e ele passa o dia inteiro sentado na cama, baratas entrando e saindo das roupas, da calça, da camisa de gola. Cada unha do pé e da mão tão comprida e amarelada quanto um lápis.

Você pergunta qualquer coisa: Como vai? Anda comendo? O que você viu? E o garoto só ri. Baratas dão voltas, fazem ninhos dentro de sua camisa. A cabeça rodeada de moscas.

Em outra manhã, o antiquário vai abrir a loja e a desordem poeirenta mudou. Podia ser outro lugar, um que ele nunca tinha visto. Mais uma vez, a caixa parou de fazer tique-taque. Aquela contagem regressiva sempre tranquila. E a Caixa Pesadelo fica lá, parada, esperando que ele olhe.

Durante toda a manhã, o comerciante não destranca a porta da frente. Pessoas aparecem e usam as mãos como se fossem binóculos na vitrine para espiar lá dentro. Atrás de alguma coisa nas sombras. Atrás de algum motivo para a loja não estar aberta.

Daquele mesmo jeito, o antiquário podia ter espiado dentro da caixa. Para ver por quê. Para saber o que aconteceu. O que poderia arrancar o espírito do neto, agora com 20 anos, um garoto com toda a vida pela frente.

Durante toda a manhã, o antiquário observa a caixa não fazer tique-taque.

Em vez de olhar, ele lava o banheiro dos fundos. Puxa uma escada e cata as moscas secas e mortas de cada luminária. Lustra o bronze. Passa óleo nas madeiras. Ele sua até sua camisa branca e passada ficar amarrotada. Ele faz tudo que odeia fazer.

Pessoas da vizinhança, seus clientes de longa data, chegam à loja e encontram a porta fechada. Talvez batam. Depois vão embora.

A caixa espera para lhe mostrar por quê.

Quem olhar ali dentro será alguém que ele ama.

Durante toda a vida ele trabalhou duro nesse antiquário. Acha produtos bons a preço justo. Transporta até a loja e coloca à mostra. Ele tira o pó. Durante a maior parte da vida, ele está nessa loja, e já tem ido a vendas de espólio e comprado de volta os mesmos abajures e mesas, vendendo-os pela segunda, terceira vez. Compra de clientes falecidos para vender aos vivos. Sua loja apenas inspira e expira o mesmo estoque.

A mesma torrente de cadeiras, mesas, bonequinhas de porcelana. Camas, escrivaninhas, tranqueiras.

Entrando e saindo.

Durante toda a manhã, os olhos do comerciante voltam à Caixa Pesadelo.

Ele que faz os próprios livros-caixa. Passa o dia com os dedos na calculadora de dez teclas, fechando as contas. Fazendo os totais e comparando as longas

colunas numéricas. Vendo o mesmo estoque, as mesmas cômodas e aparadores chegarem e saírem do papel. Ele faz café. Faz mais café. Bebe café até que a lata fique vazia. Faxina até que tudo na loja mostre apenas seu reflexo em madeira lustrada e vidros limpos. O cheiro de limão e óleo de amêndoas. O cheiro de seu suor.

A caixa aguarda.

Ele troca a camisa. Penteia o cabelo.

Liga para a esposa e diz que há anos esconde dinheiro numa caixinha de latão sob o estepe do porta-malas do carro. Há quarenta anos, quando a filha deles nasceu, diz o antiquário à esposa, ele teve um caso com uma garota que costumava aparecer na hora do almoço. Ele pede desculpas. Diz para não o esperar pro jantar. Ele diz que a ama.

Ao lado do telefone está a caixa, sem tique-taque.

No dia seguinte, a polícia o encontra. Suas contas estão fechadas. Sua loja está perfeitamente organizada. O antiquário pegou uma extensão laranja e amarrou com um nó no gancho da parede do banheiro. No banheiro de azulejos, onde qualquer sujeira seria fácil de limpar, ele amarrou a extensão em volta do pescoço e então simplesmente… relaxou. Afundou, batendo na parede. Está sufocado, morto, quase sentado no chão de azulejos.

No balcão em frente à loja, a caixa voltou a fazer tique-taque.

Esta história está toda na grossa pasta de anotações de Tess Clark.

Foi então que a caixa chegou ali, na galeria de Rand. Já é uma espécie de lenda, diz Rand ao pequeno grupo. A Caixa Pesadelo.

Do outro lado da rua, a loja de antiguidades é só uma sala, vazia e repintada atrás da vitrine.

Foi bem ali, naquela noite, enquanto Rand lhes mostrava a caixa, com os braços de Cassandra firmes para seu vestido ficar no lugar, foi naquele instante que alguém na multidão disse:

– Parou.

O tique-taque.

Havia parado.

O grupo esperou, escutando o silêncio, os ouvidos preparados para qualquer som.

– Fique à vontade – disse Rand.

– Desse jeito? – perguntou Cassandra, e entregou a taça de vinho branco para a Sra. Clark. Ela levou uma das mãos até uma das alças de metal. Entregou a Rand sua bolsinha, aquela com continhas, sua pequena *clutch*, que tinha seu batom e dinheiro para emergências. – Estou fazendo direito? – disse ela, e ergueu a mão até a outra alça.

– Agora – disse Rand.

A Sra. Clark ficou lá, a mãe, um pouco inútil, com uma taça de vinho cheia em cada mão, observando. Tudo pronto para derramar ou se partir.

Rand colocou a mão em forma de concha na nuca de Cassandra, a pele nua sobre a espinha, onde apenas um suave cacho pendia. No alto de sua bunda de zíper comprido. Ele apertou até o pescoço dela arquear, seu queixo se erguer de leve e seus lábios se abrirem. Segurando o pescoço numa das mãos e a bolsa na outra, Rand lhe disse:

– Olhe lá dentro.

A caixa está em silêncio. Silêncio como de uma bomba no instante antes de tudo. Da explosão.

Cassandra abre a lateral esquerda do rosto, sua sobrancelha erguida no alto, os cílios daquele lado trêmulos, densos de rímel preto. Seu olho verde, úmido e mole, algo entre o sólido e o líquido, ela encosta o olho no vidrinho, a escuridão lá dentro.

A multidão ao redor dela. Aguardando. Rand ainda segura sua nuca.

A unha pintada dirige-se ao botão e, o rosto de Cassandra encostado na madeira preta da caixa, ela diz:

– Me diga quando.

Para fazer seu rosto encaixar na caixa, o jeito que precisa olhar dentro é virando um pouco o rosto para a direita. Tem que se curvar de leve, se inclinando bem para a frente. É preciso segurar as duas alças, porque isso tira seu equilíbrio. Seu peso, ele tem que ser colocado na caixa, apertando com as mãos, equilibrando-se no rosto.

O rosto de Cassandra apoiado nos cantos e ângulos pretos e complexos da velha caixa. O jeito como ela a beijaria. Os cachos tremulantes do cabelo. O pingente cintilante de cada brinco.

Seu dedo segue para o botão.

E o tique-taque recomeça, fraco e profundo.

O que acontece, só Cassandra vê.

O temporizador aleatório recomeça para mais uma semana, mais um ano. Mais uma hora.

O rosto dela fica ali, encostado no olho-mágico, até seus ombros se curvarem. Ela fica de pé, os braços ainda pendendo, os ombros murchos.

Piscando muito rápido, Cassandra dá um passo para trás e balança de leve a cabeça. Seus olhos não se fixam nos olhos de ninguém. Cassandra olha em volta para o chão, para os pés das pessoas, os lábios bem cerrados. A fronte rígida do seu vestido infla, abrindo uma brecha para os seios sem sutiã. Ela estende os braços e se afasta da caixa.

Tira os saltos altos, fica descalça no chão da galeria, e os músculos das pernas desaparecem. As duas metades de sua bunda, duras como rocha, amolecem.

Uma máscara de cabelo solto paira diante de seu rosto.

Se você for bem alto, dá para ver os mamilos.

Rand diz:

– E então? – Ele pigarreia, exalando um som demorado de cuspe e ranho, e diz: – O que você viu?

E, ainda sem olhar para ninguém, os cílios ainda direcionados para o chão, Cassandra estica a mão e retira os brincos das orelhas.

Rand estende o braço para lhe entregar a bolsa com continhas, mas Cassandra não a pega. Em vez disso, lhe entrega suas joias.

A Sra. Clark diz:

– O que aconteceu?

E Cassandra diz:

– Podemos ir para casa agora?

Elas ouvem a caixa fazer tique-taque.

Alguns dias depois, ela cortou os cílios. Abriu uma mala no chão, ao pé da cama, e começou a colocar várias coisas, sapatos, meias, calcinhas, e depois tirou as coisas. Fazendo e refazendo a mala. Depois de ela desaparecer, sua mala ainda estará lá. Metade cheia ou metade vazia.

Agora tudo que a Sra. Clark tem são suas anotações, sua pasta grossa de anotações sobre como a Caixa Pesadelo provavelmente funciona. De alguma forma, é capaz de hipnotizar a pessoa. Implanta uma imagem ou ideia. Um lampejo subliminar. Injeta alguma mensagem no cérebro tão profunda que não

há como se recuperar. Não há solução. A caixa contamina a pessoa. Torna tudo que você conhece errado. Inútil.

O que está dentro da caixa é uma verdade que não há como desaprender. Algumas ideias novas que você não pode eliminar da sua mente.

Dias depois de elas irem à galeria, Cassandra se foi.

No terceiro dia, a Sra. Clark vai ao centro. Volta à galeria. Com a pasta marrom cheia de anotações embaixo do braço.

A porta da rua está destrancada e as luzes, apagadas. À luz cinzenta que entra pelas janelas, Rand está lá, sentado no chão, numa varredura de pelos. Sua barbicha diabólica sumiu. Seu brinco de diamante sumiu.

A Sra. Clark diz:

– Você olhou, não olhou?

O dono da galeria simplesmente fica ali parado, esparramado, as pernas abertas sobre o concreto frio, olhando para as próprias mãos.

A Sra. Clark se senta de pernas cruzadas no chão, ao lado dele, e diz:

– Dê uma olhada nas minhas anotações. – Ela diz: – Me diga se estou certa.

A Caixa Pesadelo funciona da seguinte forma, diz ela, a parte da frente está inclinada para o lado. Força você a colocar o olho esquerdo no visor. Tem uma pequena lente olho de peixe armada num encaixe de bronze, a mesma que há em qualquer porta. Do jeito que fica o ângulo da parte da frente da caixa, o único jeito de olhar é com o olho esquerdo.

– Assim – diz a Sra. Clark –, o que você enxerga, vai ter que processar com o lado direito do cérebro.

O que quer que você veja lá dentro será seu lado intuitivo, emocional, instintivo, a parte direita do cérebro, é a que vai observar.

Além disso, só uma pessoa pode olhar de cada vez. O que você sofre, você sofre sozinho. O que acontece dentro da Caixa Pesadelo, só acontece com você. Não há com quem compartilhar. Não há espaço para mais ninguém.

Além disso, a lente olho de peixe, continua ela, deforma o que você enxerga. Distorce a realidade.

Além disso, diz ela, o nome gravado na placa de bronze, a Caixa Pesadelo, diz que você vai ter medo. Cria uma expectativa que você cumpre.

A Sra. Clark continua sentada, esperando para ter razão.

Sentada, esperando Rand piscar.

A caixa paira sobre eles nas três pernas, fazendo tique-taque.

Rand não mexe nada além do tórax, para respirar.

Em sua mesa, perto dos fundos da galeria, as joias de Cassandra ainda estão lá. Sua bolsa de continhas.

– Não – diz Rand. Ele sorri e fala: – Não é isso.

O tique-taque baixo parecia alto no silêncio gelado.

Você pode apenas ligar para os hospitais, perguntar se uma menina de olhos verdes e sem cílios está internada lá. Você pode apenas ligar certo número de vezes, diz a Sra. Clark, antes de pararem de lhe dar ouvidos. De deixar você na espera. De forçar você a parar de procurar.

Ela ergue os olhos de sua pasta cheia de papéis, suas anotações, e diz:

– Me diga.

A loja de antiguidades, do outro lado da rua, continua vazia.

– Não foi isso o que aconteceu – diz Rand. Ainda olhando para as próprias mãos, ele diz: – Mas foi a sensação.

Num fim de semana, ele teve que ir a um piquenique de uma empresa onde trabalhou. Um emprego que odiava. E, de brincadeira, em vez de comida, ele revelou uma caixa de vime cheia de pombas adestradas. Para os outros, era só mais uma cesta de piquenique, mais salada de macarrão e vinho. Rand deixou sua cesta debaixo de uma toalha de mesa durante toda a manhã, na sombra, para mantê-la fresca. Deixando as pombas calmas lá dentro.

Ele colocou migalhas de pão francês para elas. Ele enfiou pedacinhos de polenta pelos buracos do vime.

Durante toda a manhã, as pessoas com quem ele trabalhara, elas bebericaram vinho ou água tônica e falaram sobre as metas empresariais. Missões. Consolidação da equipe.

No instante em que parecia que todos haviam desperdiçado uma bela manhã de sábado, naquele instante em que toda conversa fiada chega ao fim, foi quando Rand abriu a cesta.

Pessoas. Pessoas que trabalhavam juntas todos os dias. Que achavam que se conheciam. Caos total. A tempestade explodiu no meio do piquenique. Teve gente que gritou. Gente que caiu na grama. Que tapou o rosto com as mãos abertas. Comida e vinho caíram no chão. Roupas novas ficaram manchadas.

Foi no instante seguinte que as pessoas perceberam que não iam se machucar. Quando perceberam que estavam seguras. Foi a coisa mais meiga que

já tinham visto. Elas recuaram, surpresas demais até mesmo para sorrir. Nas incontáveis horas daquele longo instante, elas se esqueceram de tudo que era importante e observaram a nuvem de asas brancas girando, girando no céu azul.

Elas assistiram àquele espiral. E assistiram ao espiral se abrir. E as aves, adestradas por muitas viagens, seguiram até onde sabiam que a qualquer hora se tornaria seu verdadeiro lar.

– Isso – disse Rand – é o que há dentro da Caixa Pesadelo.

É algo que está além da vida-após-a-morte. O que está na caixa é a prova de que o que chamamos de vida não é vida. Nosso mundo é um sonho. Infinitamente falso. Um pesadelo.

Uma olhadela, diz Rand, e sua vida – suas vaidades, seus empenhos e interesses –, tudo perde o sentido.

O neto com as baratas, o comerciante de antiguidades, Cassandra sem cílios vagando nua.

Todos os seus problemas e os seus casos amorosos.

Não passam de ilusão.

– O que você vê dentro da caixa – diz Rand – é um vislumbre da verdadeira realidade.

As duas pessoas ainda ali sentadas, juntas no chão de concreto da galeria, a luz do sol entrando pelas janelas e o barulho das ruas, a sensação é diferente. Podia ser um lugar que eles nunca viram. É exatamente nesse momento que o tique-taque da caixa para.

E a Sra. Clark estava com muito medo para olhar.

13.

Não temos comida. Não temos água quente. Em breve, talvez a gente fique preso aqui no escuro, tateando para ir de um quarto a outro, mão ante mão, cada remendo mofado do papel de parede. Ou rastejando pelo tapete pegajoso, nossas mãos e nossos joelhos incrustados, pesados de cocô de rato seco. Tocando cada mancha do carpete, ramificado em braços e pernas.

Não temos calor agora que a caldeira está quebrada, de novo… como devia estar.

Muito de vez em quando é possível ouvir São Sem-Pança gritar por ajuda, mas um grito suave, como o último eco que ecoa numa parede ao longe.

São Sem-Pança se autointitulou de Comitê Popular para Chamar Atenção. Todos os dias, ele percorre toda a extensão de parede que dá para o mundo lá fora, batendo nas portas de incêndio lacradas e gritando. Mas ele só bate com a mão aberta. E não grita muito alto. Só o suficiente para dizer que tentou. Nós tentamos. Tiramos o melhor da situação sendo personagens fortes, corajosos.

Organizamos comitês. Mantivemos a calma.

Ainda sofremos, apesar do fantasma que, certa noite, serpenteou pelos canos do esgoto e fez os banheiros voltarem a funcionar. O fantasma usou um alicate para ligar o gás de novo, depois que Camarada Escárnia jogou fora a válvula do aquecedor de água. Ele até religou os fios da extensão para a máquina de lavar e colocou uma cesta de roupas para lavar.

Para Reverendo Ímpio, nosso fantasma é o Dalai Lama. Para Condessa da Antevidência, é Marilyn Monroe. Ou é a cadeira de rodas vazia do Sr. Whittier, o cromado brilhando em seu quarto.

Durante o circuito de enxágue, o fantasma acrescenta o amaciante.

Entre ter que juntar lâmpadas, gritar pedindo ajuda e desfazer os consertos do fantasma, quase não sobra tempo. Só manter a caldeira estragada já é um trabalho integral.

O pior é que isso não é nada que a gente possa inserir no roteiro. Não, temos que ficar sofrendo. Famintos, com dor. Devíamos estar rezando em busca de

auxílio. A Sra. Clark deveria estar nos governando com punhos de ferro.

Nada está indo tão mal quanto deveria. Até nossa fome é menor do que queríamos. Uma desilusão.

– Precisamos de um monstro – diz Irmã Justiceira, com sua bola de boliche no colo e os cotovelos apoiados nela. Usando uma faca para arrancar as unhas, enfiando a ponta da faca embaixo e sacudindo a lâmina até erguer cada uma delas antes de arrancá-las, ela continua: – A base de qualquer história de terror é que a casa tem que se voltar contra nós.

Jogando longe cada unha, ela balança a cabeça, dizendo:

– Não dói quando você pensa quanta grana valem as cicatrizes.

É tudo que podemos fazer para não arrastar a Sra. Clark de seu camarim e forçá-la, sob a ponta da faca, a nos intimidar e a nos torturar.

Irmã Justiceira se autointitulou de Comitê Popular à Procura de um Inimigo Decente.

Diretora Negação sai mancando com os pés enrolados em pedaços de seda. Arrancou todos os dedos dos pés. Não sobrou nada da mão esquerda, apenas uma nadadeira de pele e osso, só a palma, todos os dedos e o polegar cortados, uma nadadeira enrolada em muitos trapos. Da mão direita sobrou apenas o polegar e indicador. Entre os dois, ela segura um dedo decepado com esmalte vermelho-escuro ainda na unha.

Segurando aquele dedo, Diretora vai de recinto em recinto, da galeria Mil e Uma Noites ao lounge Renascença Italiana, dizendo:

– Aqui, gatinho, gatinho, gatinho. – Dizendo: – Cora? Vem com a mamãe, Cora, vem, neném. O jantar está servido…

Vez por outra, ouve-se a voz de São Sem-Pança gritando baixinho como um sussurro:

– Nos ajude… Alguém, por favor, nos ajude…

Depois o espalmar suave de mãos batendo nas portas.

Extra suave e extra silencioso, só no caso de alguém estar lá fora.

Diretora Negação se autointitulou de Comitê Popular pela Alimentação do Gato.

Miss Espirro e Elo Perdido, eles são o Comitê Popular de Dar a Descarga no que Sobrou da Comida Estragada. A cada saquinho que despejam, empurram uma almofada ou um sapato, qualquer coisa que garanta que as privadas continuem entupidas.

Agente Fuxico bate na porta do camarim da Sra. Clark, dizendo:

– Ei. Você não pode ser a vítima aqui. Votamos em você para ser a próxima vilã.

Agente Fuxico se autointitulou de Comitê Popular para nos Arranjar um Novo Diabo.

Os “pêssegos”-lâmpadas que Casamenteiro colhe, que ele alcança para Baronesa Congelada… Ele guarda com cuidado nas caixas acolchoadas com velhas perucas… Ao fim de cada dia, Conde Calúnia leva-os ao porão e os quebra no chão de concreto. Ele espalha os cacos exatamente da mesma maneira que vai contar ao mundo que a Sra. Clark fez.

A sala já parece maior. Mais escura. As cores e paredes somem no escuro. Agente Fuxico grava as lâmpadas quebradas e as unhas que Irmã Justiceira jogou no chão. Cacos idênticos e brancos em formato de meia-lua.

Apesar do fantasma, nossa vida já é quase ruim o bastante.

Para Irmã Justiceira, o fantasma é um herói. Ela diz que odiamos heróis.

– A civilização sempre funciona melhor – diz Irmã Justiceira, enfiando a faca embaixo das unhas – quando temos um bicho-papão.

Voir Dire
Um poema sobre Irmã Justiceira

– Teve um homem que pediu um milhão no processo – diz Irmã Justiceira – porque alguém olhou feio pra ele.

No seu primeiro dia de jurada.

Irmã Justiceira no palco, ela segura um livro para proteger a frente da blusa.

A blusa, amarela de babados e renda branca nas beiradas.

O livro, de couro preto com o título estampado em folha de ouro na capa:

BÍBLIA SAGRADA

No rosto, óculos escuros de armação preta.

Sua única joia, uma pulseira de berloques de prata que balança, sacoleja.

Seu penteado tingido de um preto tão intenso quanto graxa de sapato e o couro da capa da Bíblia.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:

Cada lente de seus óculos brilhante com a imagem refletida de cadeiras elétricas

e forcas. Imagens granuladas de presos sentenciados à câmara de gás

ou ao pelotão de fuzilamento.

Onde deviam estar seus olhos,

olho nenhum.

No seu primeiro dia de jurada, no julgamento seguinte, um homem tropeçou no meio-fio e processou

o carro de luxo no qual caiu.

Pedindo cinquenta mil por ser um bocó.

– Toda essa gente sem coordenação motora – diz Irmã Justiceira.

Todos tinham uma excelente *coordenação culposa*.

Outro homem queria cem mil de uma dona de casa que deixou a mangueira do jardim

esticada no quintal e o fez tropeçar

e quebrar o tornozelo

enquanto ele fugia da polícia devido a um caso de estupro absolutamente sem nenhuma relação com aquele.

O estuprador aleijado queria uma fortuna pela dor e pelo sofrimento.

Ali, no palco, os berloques de prata reluzem no bordado de sua manga,

sua Bíblia agarrada entre os dedos das mãos,

suas unhas pintadas do mesmo amarelo que os babados,

Irmã Justiceira diz que paga seus impostos em dia.

Nunca atravessa fora da faixa. Recicla todo plástico. Pega ônibus para ir trabalhar.

– Nesse momento – diz Irmã Justiceira, em seu primeiro dia de jurada – eu falei para o juiz

alguma versão berloque de:

“Foda-se essa porra toda.”

E *ela* foi presa por desacato…

Crepúsculo civil
Um conto de Irmã Justiceira

Foi no verão que as pessoas pararam de reclamar do preço da gasolina. No verão em que pararam de mi-mi-mi quanto aos programas de TV.

Em 24 de junho, o pôr do sol foi às 20h35. O crepúsculo civil terminou às 21h07. Uma mulher estava subindo a rua, aquela parte íngreme da Lewis Street. No quarteirão entre as 19th e 20th Avenues, ela ouviu um som retumbante. Era o barulho que paralisaria, um som de passos pesados, que suas sapatilhas conseguiam sentir no concreto da calçada. Acontecia no intervalo de alguns segundos, a cada passo ficava mais alto, mais perto. A calçada estava vazia e a mulher recuou alguns passos, se encostando na parede de tijolos de um apart-hotel. Do outro lado da rua, um asiático estava diante da porta de vidro de uma *delicatéssen*, secando as mãos numa toalha branca. Em algum ponto da escuridão entre as luzes dos postes, algo de vidro se quebrou. A pisada voltou e um alarme de carro soou. O retumbar se aproximou, invisível na noite. Uma caixa de jornal estourou, espatifando-se na rua. O barulho se repetiu, diz ela, e as janelas de uma cabine de telefone explodiram a meros três carros estacionados de onde ela estava.

Segundo um pequeno artigo no jornal do dia seguinte, o nome dela era Teresa Wheeler. Tinha 30 anos. Era escrevente num escritório de advocacia.

O asiático já havia entrado de novo na *delicatéssen*. Ele virou a placa para sinalizar: Fechado. Ainda segurando a toalha de mão, correu até os fundos da loja e as luzes se apagaram.

Então a rua ficou escura. O alarme do carro berrando. O retumbar voltou, muito pesado e próximo, o reflexo de Wheeler tremeluziu quando o vidro nas janelas escuras da loja tremeram. Uma caixa de correio que foi parar no meio-fio fez um estrondo tão alto quanto um canhão, depois parou, balançando, vibrando, entalhada e pendendo para um lado. Um poste de madeira balançou, os cabos dipostos sobre ele ribombando um contra o outro, as faíscas pulverizando-se, fogos de artifício de verão.

A uma quadra de Wheeler, a lateral de acrílico de um ponto de ônibus, a fotografia de uma estrela de cinema que vestia apenas calcinha na contraluz, o acrílico explodiu.

Wheeler se levantou, ficou lá, parada, reta, encostada na parede de tijolos atrás de si, os dedos enfiados nos rejuntes entre os tijolos, as pontas dos dedos tocando a argamassa, agarrando-se como hera. Sua cabeça apoiada com tanta força que quando ela mostrou à polícia, quando lhes contou sua história, o tijolo áspero havia deixado uma área calva em seu escalpo.

Depois, disse ela, nada.

Nada aconteceu. Nada havia ocorrido naquela rua escura.

Irmã Justiceira, enquanto nos conta isso, ela enfia a faca por baixo de cada unha e a arranca.

O crepúsculo civil, diz ela, é o período entre o pôr do sol e quando o sol está a mais de seis graus abaixo da linha do horizonte. Estes seis graus equivalem a mais ou menos meia hora. Crepúsculo civil, diz a Irmã Justiceira, é diferente do crepúsculo náutico, que dura até o sol estar doze graus sob o horizonte. E o crepúsculo astronômico vai até o sol estar a dezoito graus abaixo do horizonte.

A Irmã diz que uma coisa que ninguém jamais viu passou por Teresa Wheeler e amassou o teto de um carro que aguardava no sinal vermelho perto da 16th Avenue. A mesma coisa invisível destruiu a placa de néon do Lounge dos Trópicos, amassou a tubulação de néon e dobrou a placa de aço ao meio, a que ficava pendurada debaixo de uma janela do terceiro andar.

Ainda assim, não havia nada a descrever. Efeito sem causa. Um tumulto invisível e descontrolado na Lewis Street, desde a 20th Avenue até perto da beira-mar.

Em 29 de junho, diz Irmã Justiceira, o pôr do sol foi às 20h36.

O crepúsculo civil terminou às 21h08.

De acordo com um cara que trabalha na bilheteria do Cinema Adulto Olympia, alguma coisa passou depressa diante do vidro de sua cabine. Foi algo que ele não conseguiu ver. Era mais o som do ar, um ônibus invisível passando, ou um exalar demorado, tão próximo que fez voar as notas de dinheiro que ele empilhava à sua frente. Simplesmente um som muito alto. Pelo canto do olho viu as luzes da lanchonete do outro lado da rua tremularem, piscarem, como se algo houvesse eclipsado o mundo inteiro por um instante.

Na respiração seguinte, o tomador de ingressos, ele descreveu o som

retumbante relatado inicialmente por Teresa Wheeler. Um cachorro latiu, de algum lugar no escuro. Era um som de passos, diria o garoto da bilheteria à polícia. O som de alguma coisa dando passos enormes. Só um pé gigante que ele nunca viu passar, tão distante quanto uma respiração.

Em 1° de julho, havia gente reclamando da falta d'água. Estavam se queixando dos cortes no orçamento municipal e que todos os policiais seriam demitidos. Arrombamentos de carro estavam aumentando. Grafitagens e assalto à mão armada.

Em 2 de julho, ninguém mais reclamou.

Em 1° de julho, o pôr do sol foi às 20h34, e o crepúsculo civil terminou às 21h03.

Em 2 de julho, uma mulher que levava o cachorro para passear encontrou o corpo de Lorenzo Curdy, a lateral do rosto dele afundada. Morto, diz Irmã Justiceira.

– Hemorragia subaracnoide – complementa ela.

Um instante antes de ser atingido, o homem deve ter sentido alguma coisa, talvez uma lufada de ar, algo, porque ele colocou a mão na frente do rosto. Quando o encontraram, suas mãos estavam enterradas, tão enfiadas no rosto que suas unhas haviam atingido o próprio cérebro, também esmagado.

Na rua, no momento em que você está entre postes, ali no escuro você ouviria. O retumbar. Algumas pessoas chamaram de pisadas. Você pode ouvir um segundo som de algo mais próximo, de algum lugar próximo, ou pior, a próxima vítima seria você. Pessoas ouviam que estava vindo uma vez, duas vezes, mais perto, e ficavam paralisadas. Ou apressavam o passo, esquerda, direita, esquerda, três ou quatro passos até a porta mais próxima. Elas se agachavam, se escondiam entre os carros estacionados. Mais perto, vinha o retumbar seguinte, um estrondo e um alarme de carro muito alto. Estava descendo a rua, soando mais próximo, aumentando o volume e ganhando velocidade.

No breu total, diz Irmã Justiceira, a coisa atingia – *bam* – e emitia um relâmpago preto.

Em 13 de julho, pôr do sol às 20h33 com crepúsculo civil às 21h03, uma mulher chamada Angela Davis havia acabado de sair do trabalho numa lavanderia na Center Street onde o nada a atingiu bem no meio das costas, quebrando sua coluna com um impacto tão grande que a arrancou dos sapatos.

Em 17 de julho, quando o crepúsculo civil terminou às 21h01, um homem chamado Glenn Jacobs saiu de um ônibus e começou a subir a Porter Street em direção à 25th Avenue. A coisa que ninguém viu colidiu tão forte com ele que sua caixa torácica ruiu. Seu peito levou um soco tal como um cesto de vime podia ser esmagado por alguém.

Em 25 de julho, o crepúsculo civil terminou às 20h55. Mary Leah Stanek fora vista pela última vez praticando *jogging* pela Union Street. Ela parou para amarrar um dos tênis e conferir a pulsação no relógio de pulso. Stanek tirou o boné que usava. Virou-o para trás e colocou-o de volta, prendendo o cabelo castanho logo abaixo.

Ela seguiu em direção oeste na Pacific Street, e então morreu. Seu rosto foi arrancado do crânio e dos músculos subjacentes.

– Avulsão – diz Irmã Justiceira.

O que matou Stanek foi totalmente apagado das digitais. Coagulou entre o sangue e o cabelo. Encontraram a arma do crime enfiada debaixo de um carro estacionado na 2nd Avenue.

Era uma bola de boliche, informou a polícia.

Aquelas bolas de boliche borradas, pretas de gordura, que podiam ser compradas em qualquer brechó por meio dólar. Pode escolhe a que quiser, eles têm prateleiras cheias. Alguém que compre ao longo de certo período, digamos uma bola por ano de cada loja de quinquilharia na cidade, essa pessoa pode ter centenas. Mesmo onde se joga boliche, é bem fácil sair com uma bola de três quilos e meio debaixo do casaco. Uma bola de três quilos e meio enfiada num carrinho de bebê, uma arma mal dissimulada.

A polícia marcou uma coletiva de imprensa. Ficaram no estacionamento e alguém jogou uma bola de boliche para baixo, lançou com força no concreto. E a bola quicou. Fez um som parecido com um bate-estaca ao longe. Ela pulou alto, mais alto que o homem que a jogou. Não deixou marca e, se a calçada fosse inclinada, disse a polícia, a bola seguiria, pulando mais alto, mais rápido, quicando morro abaixo a passos largos. Eles jogaram de uma janela do terceiro andar da delegacia e a bola pulou ainda mais. As equipes de TV gravaram. Todas emissoras exibiram a cena naquela noite.

A câmara municipal fez pressão por uma lei para pintar todas as bolas de rosa-shocking. De amarelo-néon, laranja ou verde, alguma cor que desse para ver voando em direção ao seu rosto numa rua escura tarde da noite. Para dar

tempo de desviar antes que – *bum* – seu rosto se fosse.

Os pais da cidade fizeram pressão por uma lei que criminalizasse o porte de bolas pretas.

A polícia chamou de *assassino sem motivo específico.* Assim como Herbert Mullin, que matou dez pessoas para evitar terremotos no sul da Califórnia. Ou Norman Bernard, que atirava em mendigos porque achava que ia contribuir para a economia. O que o FBI chamaria de assassinos *por causa pessoal*.

Irmã Justiceira diz:

– A polícia achava que o assassino era inimigo deles.

A bola de boliche era a polícia acobertando o caso, diziam as pessoas. A bola de boliche era uma cortina de fumaça. Alguém metido a monstro. A bola de boliche era a solução rápida para que todo mundo ficasse calmo.

Em 31 de julho, o sol estava seis graus abaixo do horizonte às 20h49. Naquela noite, Darryl Earl Fitzhugh estava sem teto, e dormia na Western Avenue. Aberto sobre o seu rosto, Fitzhugh tinha uma edição em brochura de *Estranho em terra estranha* quando seu peito foi esmagado, os dois pulmões entraram em colapso e o músculo do seu coração se rompeu.

De acordo com uma testemunha, o assassino saiu da água, arrastando-se pela beirada do paredão à beira-mar. Outra testemunha viu o monstro, pingando lodo, vindo espremido da entrada do esgoto. Essas mesmas pessoas disseram que as provas forenses consistiam num tapa na cara, forte, com as costas da mão, de um lagarto gigante que se movia sobre as patas traseiras. A caixa torácica destruída era prova garantida de que a vítima fora pisoteada por um tipo de dinossauro.

Alguma coisa passou correndo, disseram outros, alguma coisa rente ao chão, rápida demais para ser um bicho. Ou foi um maníaco correndo, furioso, carregando uma marreta de vinte quilos. Uma testemunha, ela disse que estávamos sendo “pisoteados” pelo Deus do Antigo Testamento. Atingido por alguma coisa com uma pata gigante. Negra como a noite escura. Silenciosa e invisível. Todo mundo viu algo.

– O que interessa – diz a Irmã Justiceira – é que as pessoas precisam de um monstro no qual acreditar.

Um inimigo de verdade, terrível. Um demônio em oposição ao qual elas se definam. Se não, somos só nós contra nós.

Girando a ponta da lâmina da faca sob outro prego, ela diz: O que importa é que o índice de criminalidade diminuiu.

Em tempos como aquele, todo homem é um suspeito. Toda mulher, uma vítima em potencial.

A atenção do público tomou o mesmo rumo durante os Assassinatos de White Chapel. Durante Jack, o Estripador. Naqueles cem dias, o índice de criminalidade caiu noventa e quatro por cento. Ficou só em cinco prostitutas. De pescoços decepados. Um rim semidigerido. Tripas penduradas pelo quarto em ganchos de quadro. Órgãos sexuais e um feto levados como souvenir. Os assaltos reduziram em oitenta e cinco por cento. Agressões, setenta por cento.

A Irmã Justiceira, ela conta que ninguém queria ser a próxima vítima do Estripador. As pessoas trancavam as janelas. O mais importante é que ninguém queria ser acusado de ser o assassino. As pessoas não queriam sair à noite.

Durante a época do Assassino das Crianças de Atlanta, quando trinta crianças foram estranguladas, amarradas em árvores e apunhaladas, espancadas e alvejadas, a maioria da cidade passou por um período de segurança e proteção nunca visto até então.

Durante os Assassinatos do Tronco de Cleveland. O Estrangulador de Boston. O Estripador de Chicago. O Porrete de Tulsa. O Esfaqueador de Los Angeles…

Durante estas ondas de homicídio, a criminalidade diminuiu em todas as cidades. Com exceção de meia dúzia de vítimas marcantes, que tiveram os braços decepados, as cabeças encontradas fora do lugar, exceto estes sacrifícios-espetáculo, todas as cidades passaram pela época de maior segurança na história.

Durante os Assassinatos do Homem do Machado de Nova Orleans, o assassino escreveu ao jornal local, o *Times-Picayune*. Na noite de 19 de março, ele prometeu que não mataria ninguém numa casa onde desse para ouvir jazz. Naquela noite, Nova Orleans bramiu música e ninguém foi morto.

– Numa cidade com orçamento policial limitado – diz Irmã Justiceira –, ter um assassino em série de destaque é uma maneira muito eficiente de mudar o comportamento das pessoas.

À sombra deste terrível bicho-papão, enquanto ele rondasse as ruas do centro da cidade, ninguém ia reclamar da taxa de desemprego. Da falta d’água. Do trânsito.

Com o anjo da morte indo de porta em porta, as pessoas ficavam unidas. Paravam de reclamar e se comportavam.

Neste ponto da história da Irmã Justiceira, a Diretora Negação passa

chorando e chamando por Cora Reynolds.

Uma coisa, diz a Irmã, é uma pessoa ser morta, alguém com a caixa torácica esmagada tentando respirar mais uma vez antes de morrer. As pessoas arfam e gemem, com os lábios bem esticados, engolindo ar. Alguém com uma caixa torácica esmagada, diz ela, você pode se ajoelhar ao lado deles na rua escura sem que tenha ninguém em volta para ver. Você pode ver os olhos deles ficando vítreos. Mas matar um animal, bom, aí é diferente. Animais, diz ela, um cachorro, nos fazem humanos. São a prova da nossa humanidade. Outra gente, eles apenas nos deixam redundantes. Um cachorro ou gato, um pássaro ou lagarto, nos tornam Deus.

O dia inteiro, diz ela, nosso maior inimigo são os outros. São as pessoas apinhadas com a gente no trânsito. Pessoas na nossa frente na fila do supermercado. São os caixas que nos odeiam por que nós lhes damos trabalho. Não, essa gente não queria que esse assassino fosse outro ser humano. Mas queriam que pessoas morressem.

Na Roma Antiga, diz a Irmã Justiceira, no Coliseu, o “editor” era o homem que organizava os jogos sanguinários com a intenção de manter o povo pacífico e unido. É daí que vem de fato a palavra “editor”. Hoje em dia, nosso editor planeja o menu de homicídio, estupro, incêndios criminosos e violência na primeira página do jornal.

Claro que havia um herói. Por acaso, em 2 de agosto, pôr do sol às 20h34, uma mulher de 27 anos chamada Maria Alvarez estava saindo do hotel onde trabalhava como recepcionista noturna. Ela parou no meio-fio para acender um cigarro e um homem a puxou para trás. Naquele mesmo instante, o monstro passou. O homem havia salvado a vida de Maria. A cidade o aplaudiu na televisão. Mas, por dentro, o odiavam.

Era justamente um herói, um messias, o que não queriam. O imbecil idiota que havia salvado uma vida que não era a deles. O que as pessoas queriam era um sacrifício no intervalo de alguns dias, alguma coisa para jogar no vulcão. Nossa oferenda constante aos destino aleatório.

Acabou porque certa noite o monstro pegou um cachorro. Um cãozinho felpudo na ponta de uma coleira, amarrado a um parquímetro na Porter Street, ele ficou lá latindo e o retumbar foi se aproximando. Quanto mais próximo ficava o barulho, mais o cão latia.

Uma vitrine se estilhaçou num quebra-cabeça de cacos de vidro. Um hidrante caiu de lado, rompeu o ferro fundido, sibilando uma cortina de água. A beirada

do peitoral de uma janela explodiu com jatos de cascalho e pó de concreto. Um parquímetro detonado, balançando-se no mesmo ponto, sacudindo as moedas lá dentro. Caiu uma placa de aço de “Proibido Estacionar”, arrancada do poste, que ainda zumbia com o impacto invisível.

Mais um retumbar e o latido parou.

O monstro aparentemente sumiu depois daquela noite. Passou uma semana e as ruas continuaram vazias depois que escurecia. Após um mês, os editores encontraram um novo terror para estampar na primeira página. Uma guerra em outro lugar. Um tipo de câncer.

Em 10 de setembro, o pôr do sol foi às 20h02. Curtis Hammond estava saindo de uma sessão de terapia em grupo à qual ia toda semana, no número 257 da West Mill Street. Ele estava puxando o nó da gravata quando aconteceu. Tinha acabado de abrir o botão da gola da camisa. Então se virou para olhar para a rua. Sorriu ao receber o ar quente no rosto, fechou os olhos e inspirou fundo pelo nariz. Um mês antes, todo mundo na cidade o conhecia da primeira página do jornal. Das notícias na televisão. Ele havia impedido que uma recepcionista noturna fosse morta pelo monstro. Que levasse um pisão de Deus.

Ele era o herói que não queríamos.

Em 10 de setembro, o crepúsculo civil foi às 20h34, e, um instante depois, Curtis Hammond virou-se na direção de um barulho. Com a gravata solta, ele fechou os olhos para a escuridão. Sorrindo, seus dentes reluzentes, ele disse:

– Olá?

14.

Encontramos Camarada Escárnia caída no carpete em frente ao sofá no vestíbulo da sacada do andar de cima. O rosto dela, branco-azulado, emoldurado pelo travesseiro formado pelas perucas cinzentas e duras. As perucas empilhadas e presas com alfinetes. Nenhuma se mexia. Suas mãos são ossos unidos por tendões dentro da carne nas luvas de veludo preto. As linhas de seu pescoço fino pareciam cobertas de pele. As bochechas e os olhos fechados cediam, afundados, ocos.

Ela está morta.

Seus olhos: as pupilas estão do tamanho de um poro quando Conde Calúnia usa o polegar para abrir as pálpebras dela. Conferimos o *rigor mortis* nos seus braços, os pontinhos de sangue arroxeando sua pele, mas ela é carne fresca.

Agora nossos royalties só serão divididos entre catorze.

Conde Calúnia usa os polegares para fechar os olhos dela.

Entre treze, se Miss Espirro continuar tossindo. Doze, se Casamenteiro criar coragem para decepar o próprio pau.

Agora Camarada Escárnia é membro permanente do elenco de apoio. Uma tragédia que nós que restamos conseguiremos contar. Como ela era corajosa, gentil, agora que morreu. Só uma peça no cenário de nossa história.

– Se ela morreu, então é comida – diz Miss América. Ela está no topo da escada do saguão, uma das mãos no corrimão dourado. A outra, na barriga. – Vocês sabem que ela comeria vocês – diz ela. Agarrando o corrimão, apoiada em cupidinhos rechonchudos pintados de ouro, Miss América diz: – É o que ela ia querer que fizéssemos.

E Conde Calúnia diz:

– Role ela pra lá, se facilitar pra vocês. Pra não que vejam o rosto.

Então nós a rolamos para o lado, e Chef Assassin se ajoelha no carpete e escava as camadas de saias e anáguas, musselina e crinolina, sobe até a cintura dela para mostrar a calcinha de algodão amarela cedendo sobre sua bunda branca e reta. Ele pergunta:

– Tem certeza de que ela morreu?

Miss América se inclina e põe dois dedos no pescoço repuxado de Camarada Escárnia, por dentro da gola alta, e aperta a pele branco-azulada. Chef Assassin observa, ajoelhado, segurando a faca de desossar, uma lâmina de aço do tamanho de um dedo. Sua mão livre segura a flutuante renda branca e cinza, musselina amarela, a pilha de anáguas e saias. Ele olha para a lâmina e diz:

– Acham que eu deveria esterilizar?

– Você não vai tirar o apêndice dela – dispara Miss América, os dois dedos firmes na lateral do pescoço branco-azulado. – Se está preocupado, podemos cozinhar a carne mais um pouco…

De certa forma, a Caravana Donner deu sorte, diz Conde Calúnia, ainda rabiscando no bloco. Assim como deu sorte o avião cheio de jogadores de rúgbi da América do Sul que caiu nos Andes, em 1972. Tiveram mais sorte que nós. Tinham o clima a favor. Refrigeração. Quando alguém morria, eles tinham tempo para debater questões mais sutis em torno do comportamento humano aceitável. Era só enterrar o morto na neve até que alguém ficasse com tanta fome a ponto de nada mais importar.

Aqui, mesmo no porão, com Lady Mendiga e os corpos do Sr. Whittier e de Duque dos Vândalos envoltos em veludo, não está congelante. Se não comermos naquele momento, antes que as bactérias dentro de Camarada Escárnia comecem o come-come, será um desperdício. Ela vai ficar inchada, putrefata. Estragada a tal ponto que independentemente de quanto se vire para lá e para cá no micro-ondas, não voltará a ser comestível.

Não, a não ser que a gente faça assim, que corte aqui e agora, em cima desses tapetes de ouro e flor ao lado dos sofás e das arandelas de cristal no saguão da sacada do andar de cima, amanhã quem estará aqui será um de nós, morto. No dia seguinte. Chef Assassin com sua faca de desossar estará cortando nossas roupas íntimas para revelar nossa bunda branco-azulada, reta de tão murcha, e nossas coxinhas-graveto. A parte de trás acinzentada de cada joelho.

Um de nós, só carne prestes a ficar podre.

Numa nádega reta, o tecido da calcinha se desloca e revela uma tatuagem, uma rosa desabrochada. Como ela havia dito.

Aqueles jogadores de rúgbi perdidos nos Andes… Foi lendo o livro deles que Chef Assassin soube que se começa trinchando as nádegas.

Miss América tira os dois dedos do pescoço frio e fica de pé. Assopra os

dedos, hálito quente, depois esfrega as mãos depressa e as enfia nas dobras da saia.

– Escárnia está morta – diz ela.

Atrás dela, Baronesa Congelada se vira para a escada que leva ao saguão. Suas saias sussurrando, arrastando, sua voz se perdendo, ela diz:

– Vou arranjar um prato ou uma travessa que você possa usar. – Ela diz: – A apresentação da comida é *muito importante*.

E some.

– Aqui – diz Chef Assassin. – Alguém segura essa porra longe de mim.

E ele acotovela a pilha de saias e tecido rígido que insiste em cair onde ele tem que trabalhar.

Conde Calúnia passa por cima do corpo e senta-se na cintura, virado para os pés. As pernas somem dentro de meias brancas enroladas até a metade de cada panturrilha fibrosa e agitada de veias, os pés em saltos vermelhos. Conde Calúnia recolhe as saias nos braços e se abaixa, contendo-as. Com um suspiro, ele se senta, a bunda se acomodando nas omoplatas mortas de Camarada Escárnia, seus joelhos apontando para o teto, seus braços perdidos nas ondulações das saias e rendas dela. O microfoninho saindo do bolso da camisa dele. A luzinha de GRAVAR, um brilho vermelho.

E, com uma das mãos, os dedos bem abertos, Chef Assassin segura a pele de uma nádega com firmeza. Com a outra mão, ele desce a faca. Como se estivesse fazendo uma linha reta pela bunda branco-azulada de Camarada Escárnia, uma linha que fica mais grossa e mais ousada conforme ele desenha. Pressionando a faca em paralelo com a racha da bunda. A linha parece preta em contraste com a pele branco-azulada, preta-avermelhada até ela pingar, vermelho, nas saias logo abaixo. Vermelho na lâmina da faca de desossar. O vermelho, fumegante. As mãos de Chef Assassin vermelhas e fumegantes, ele diz:

– Uma pessoa morta deveria *sangrar* tanto assim?

Ninguém responde.

Um, dois, três, quatro, em outro lugar, São Sem-Pança sussurra:

– Socorro!

O cotovelo de Chef Assassin sobe e desce conforme ele serra, a laminazinha entrando e saindo da bagunça vermelha. Sua linha reta original se perdeu no ensopado vermelho. O vapor que sobe com o cheiro de sangue de absorvente interno, aquele cheiro de banheiro feminino no ar gelado. Ele para de serrar, e a

mão ergue uma tira de algo vermelho. Seus olhos não acompanham. Seus olhos se fixam na bagunça vermelha, no centro daquela nevasca de anáguas. Aquela grande flor fumegante, ali, no tapete do vestíbulo da sacada do andar de cima. Chef Assassin sacode a tira vermelha na mão erguida. Ele não consegue olhar, pingando e escorrendo num tom vinho. E ele diz:

– Pegue. Alguém…

Ninguém estende a mão.

A rosa tatuada, ali, no centro da tira.

E, ainda sem olhar, Chef Assassin grita:

– Alguém pegue!

O roçar de cetim de conto de fadas de saias de brocado, e Baronesa Congelada está de novo entre nós. Ela diz:

– Ai, meu Deus…

Um prato de papelão paira sob a tira vermelha pingando sangue. Chef Assassin a larga. No prato, há carne. Um bife magro. Parecido com uma costeleta. Ou com aquelas tiras de carne compridas que os açougueiros chamam de “filé de lombo”.

O cotovelo de Chef Assassin volta a subir e descer, serrando. Sua outra mão ergue tira ante tira pingando do centro vermelho fumegante daquela imensa flor branca. O prato de papelão já tem uma pilha, e começa a dobrar ao meio de tanto peso. Líquido vermelho escorrendo pela beirada. Baronesa vai buscar outro prato. Chef Assassin o enche também.

Conde Calúnia, ainda sentado no corpo, troca o peso para outro ponto, afastando o rosto da bagunça fumegante. Não é o cheiro da carne fria e limpa do supermercado. É o cheiro de animais recém-atropelados que besuntam um rastro de merda e sangue quando arrastam as patas traseiras destroçadas pela rodovia num dia quente de verão. Aquele cheiro confuso de bebê um instante depois de nascer.

Depois o corpo, Camarada Escárnia, solta um gemidinho.

O gemido suave de alguém sonhando enquanto dorme.

E Chef Assassin cai para trás, as mãos pingando. A faca deixada de lado, fincada no centro vermelho da flor até que as saias caídas tremulam, esquadrinhadas para esconder a bagunça. Baronesa deixa cair o primeiro prato de papelão, lotado de carne. A flor se fechando. Conde Calúnia fica de pé e sai de cima dela. Nós, todos nós nos afastamos. Olhando. Ouvindo.

Alguma coisa tem que acontecer.

Alguma coisa tem que acontecer.

E aí, um, dois, três, quatro, em outro lugar, São Sem-Pança sussurra:

– Socorro!

A sirene de nevoeiro suave e constante que é sua voz.

De outro lugar dá para ouvir Diretora Negação chamando:

– Aqui… gatinho, gatinho, gatinho… – As palavras se alongam e então se partem em soluços, e ela diz: – Vem… pra mamãe… meu bebê…

Com as mãos sujas de vermelho grudento, Chef Assassin dobra os dedos, sem tocar em nada, só olhando o corpo, e diz:

– Você me falou…

E Miss América se agacha, suas botas de couro rangendo. Ela enfia dois dedos na gola de renda e aperta a lateral do pescoço branco-azulado. Ela diz:

– Escárnia está morta. – Ela faz sinal para Conde Calúnia e diz: – Você deve ter forçado o ar a sair dos pulmões. – Ela acena para a carne que caiu do prato, agora empanada com pó e sujeiras do tapete do vestíbulo, e Miss América diz: – Tire isso daí…

Conde Calúnia volta a fita, e a voz de Camarada Escárnia geme e geme o mesmo gemido. Nosso papagaio. A morte de Camarada Escárnia gravada por cima da de Duque dos Vândalos gravada por cima da do Sr. Whittier gravada por cima da de Lady Mendiga.

Camarada Escárnia provavelmente morreu de ataque cardíaco. A Sra. Clark diz que foi de deficiência de tiamina, o que chamamos de vitamina B1. Ou pode ter sido deficiência de potássio na corrente sanguínea, que causou fraqueza muscular e, possivelmente, um ataque cardíaco. Foi assim que Karen Carpenter morreu em 1983, depois de anos de anorexia nervosa. Caiu morta no chão, desse mesmo jeito. A Sra. Clark diz que não há dúvida de que foi um ataque cardíaco.

Ninguém morre de fato de inanição, diz a Sra. Clark. Morrem de pneumonia causada pela desnutrição. Morrem de falência dos rins provocada pelo baixo índice de potássio. Morrem de choque causado por ossos quebrados pela osteoporose. Morrem de convulsão provocada pela falta de sódio.

Independentemente de como ela tenha morrido, diz a Sra. Clark, é assim que a maioria de nós vai morrer. A não ser que a gente se alimente.

Por fim, nosso diabo nos ordena. Temos tanto orgulho dela.

– Fácil como tirar pele de peito de frango – diz Chef Assassin, e joga mais um pedaço de carne no prato de papelão pingando. Ele diz: – Meu Deus, como eu amo essas facas…

PLANO B
Um poema sobre Chef Assassin

– Para cair na boca do mundo – diz Chef Assassin – você só precisa de um fuzil.

Isso ele aprendeu ainda cedo, assistindo ao noticiário. Lendo jornal.

Chef Assassin no palco, usando aquela calça xadrez preto e branca
que só cozinheiros profissionais podem usar.
Grande demais, mas ainda bem esticada para cobrir a bunda dele.
Suas mãos, seus dedos, uma colcha de retalhos de crostas e cicatrizes.
Antigas queimaduras.
As mangas de camisa branca enroladas para cima,
e todo o cabelo chamuscado da pele dos antebraços.
Braços e pernas fortes que não dobram
mas, sim, *cedem* no joelho e no cotovelo.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme que tremeluz:
no qual duas mãos em close, de unhas limpas e
palmas perfeitas
como um par de luvas cor-de-rosa,
arrancam a pele do peito de frango.
Seu rosto, uma tela redonda, perdida sob uma camada de gordura, sua
boca perdida sob o pincel de cozinha
de um bigodinho,
Chef Assassin diz:
– Este é meu plano B.

O Chef diz:

– Caso minha banda de garagem não consiga um contrato com uma gravadora…

caso seu livro nunca encontre uma editora…

caso seu roteiro nunca seja aprovado…

caso nenhuma emissora compre o piloto…

O chef, seu rosto se torce e se retorce com aquelas mãos perfeitas:

tirando pele e desossando,

martelando e temperando,

empanando, fritando e decorando,

até aquela carne morta ficar bonita demais para comer.

Uma arma. Um alvo. Boa mira e uma carreata.

O que ele aprendeu quando criança, assistindo ao noticiário na TV, todas as noites.

– Para que eu não seja esquecido – diz Chef.

Para que sua vida não seja desperdiçada.

Ele diz:

– Esse é meu plano B.

Colocação de produto
Um conto de Chef Assassin

Para o Sr. Kenneth MacArthur
Gerente de Comunicação Corporativa
Kutting-Blok Facas Ltda.

Caro Sr. MacArthur,

Só quero que saiba que o senhor produz uma excelente faca. Uma faca excepcional.

Já é difícil ser profissional da cozinha tendo que tolerar facas ruins. Se você quer fazer um *allumette* de batata perfeito, tem que ficar mais fino que o grafite do lápis. Para uma corte *cheveu* perfeito, tem que ser do tamanho aproximado de um fio, quase metade da espessura de uma batata chip. Se você ganha a vida cortando cenouras *brunoisette*, com as panelas sauté já aquecidas, aguardando a manteiga, gente berrando que quer as batatas cortadas *minunette*, e logo aprende a diferença entre uma faca ruim e uma Kutting-Blok.

São tantas as histórias que eu poderia lhe contar. Tantas vezes que sua faca conseguiu tirar o meu da reta. Se você passar oito horas picando endívia pelo método *chiffonade*, talvez faça alguma ideia de como é minha vida.

Ainda assim, nunca falha, você pode cortar minicenourinhas em *tourné* o dia inteiro, esculpir cada uma em perfeitas bolas laranja, e a que você estraga, aquela cenoura que vai parar no prato de um cozinheiro fracassado, um ninguém com diploma de faculdade comunitária de hotelaria, nada mais que um papel, que agora acha que é crítico de restaurante. Um babaca que mal sabe mastigar e engolir, e na semana seguinte escreve para o jornal que o chef do Chez Restaurant é abominável em *tourné* de cenouras.

Uma vadia que buffet algum contrataria, nem pra canelar cogumelos, ela publica no jornal que minhas cherívias *bâtonnet* ficaram muito grossas.

Esses vendidos. Não, é sempre mais fácil ser mesquinho do que cozinhar a refeição de fato.

Toda vez que alguém pede batatas *dauphinoise* ou carpaccio de carne, saiba, por favor, que alguém na nossa cozinha fez uma pequena oração de agradecimento às facas Kutting-Blok. Ao seu equilíbrio perfeito. Ao cabo com rebites.

Claro, bata na madeira: todos nós gostaríamos de ganhar mais dinheiro trabalhando menos. Mas vender-se, se tornar um crítico, definir-se um sabe-tudo e dar golpe baixo em gente que ainda tenta ganhar a vida tirando pele de língua de bezerro… desbastando gordura de rim… puxando membrana de fígado… enquanto estes críticos ficam nos escritórios limpinhos e bonitinhos e digitam suas queixas com dedinhos limpinhos e bonitinhos… assim não haverá justiça.

Claro, é só a opinião deles. Mas está lá, destacada ao lado de notícias de verdade – de gente passando fome, assassinatos em série e terremotos –, e ela ganha o mesmo tamanho de texto. A queixa de um é que o macarrão não estava exatamente al dente. Como se a opinião da pessoa fosse um Ato Divino.

Um endosso negativo. O oposto da propaganda.

Do meu ponto de vista, quem sabe faz. Quem não sabe, se queixa.

Não é jornalismo. Não é objetivo. Não há reportagem, apenas julgamento.

Estes críticos, eles não conseguiriam preparar uma boa refeição nem se a vida deles estivesse em jogo.

Foi com isto em mente que iniciei meu projeto.

Independentemente do quão bom você seja, trabalhar numa cozinha é uma morte lenta por milhões de cortezinhos. Dez mil queimadurinhas. Escaldaduras. De pé no concreto a noite inteira, ou caminhando sobre assoalhos gordurentos, úmidos. Túnel do carpo, lesão no nervo de tanto sacudir, picar e escumar. Eviscerar um oceano de camarão sob água gelada. Dor no joelho e varizes. Lesões no pulso e no ombro por movimento repetitivo. Uma carreira de *calamares rellenos* perfeitos significa um martírio a longo prazo. Uma vida inteira virando o *ossobuco alla milanese* ideal é a longa morte lenta por tortura.

Ainda assim, mesmo que você seja muito casca grossa, ser arrasado em público por um jornal ou um escritor de internet não ajuda.

Estes críticos on-line: é só chutar uma moita que sai uma dúzia. Todo mundo tem voz e computador.

Isso é o que todos os meus alvos têm em comum. É uma bênção que a polícia não trabalhe de forma mais integrada. Podem notar um freelancer em Seattle, um resenhista estudante em Miami, um turista do meio-oeste que posta

sua opinião em algum site de viagens… Há um padrão em meus dezesseis alvos, até o momento. Sim, e há meus anos de motivação.

Não existe muita diferença entre desossar um coelho e um blogueiro sarcástico que diz que seu *costatine al finocchio* precisava de mais Marsala.

E agradeço às facas Kutting-Blok. Suas facas *tourné* de ferro fundido cumprem os dois serviços com maestria, sem cansar a mão e o pulso tal como acontece quando se usa uma faca de descascar estampada, barata.

Da mesma maneira, limpar uma fraldinha e tirar a pele do fuinha que postou um texto sobre como seu bife Wellington ficou arruinado com tanto foie gras, os dois serviços são feitos com rapidez e sem esforço graças à lâmina flexível de sua faca para filé de peixe.

Fácil de amolar e fácil de limpar. Suas facas são uma bênção.

Os alvos é que sempre acabam sendo uma frustração. Independentemente da sua baixa expectativa quando conhece pessoalmente essas pessoas.

Precisa-se apenas de alguns elogios para conseguir um tête-à-tête. Sugira o tipo de parceiro sexual que elas devem gostar. Melhor ainda, sugira que você é editor de uma revista nacional, querendo levar a voz deles ao mundo. Exaltá-los. Dar a glória que eles tanto merecem. Alçá-los à proeminência. Toda essa bosta de atenção, é só oferecer metade disso que eles já encontram você no beco escuro que quiser.

Pessoalmente, com os olhos sempre tão pequenos, cada um consistindo numa bolinha de gude preta enfiada no umbigo de um homem gordo. Graças em parte às facas Kutting-Blok, eles parecem melhores, limpos, vestidos e enfeitados. Carne, pronta para uso.

Depois de tirar as vísceras geladas de cem galinhas d’angola, não é grande coisa rasgar a barriga de um escritor freelancer que escreveu em algum guia de diversões regional que seus folhados de escarola com feta estavam duros. Não, a Kutting-Blok francesa de vinte e cinco centímetros torna até esta tarefa fácil como estripar truta, salmão, qualquer peixe redondo.

São estranhas as partes que se destacam em sua mente. Um olhar fixo no tornozelo fino e branco de alguém, e você repara quem ela deve ter sido quando criança no colégio, antes de aprender a ganhar a vida atacando a comida dos outros. Ou aquele crítico que usava sapatos marrons engraxados e tão brilhantes quanto a crosta de caramelo de um crème brûlée.

É a mesma atenção aos detalhes que vocês dão a toda faca.

É o carinho e a atenção que eu costumava dedicar ao meu trabalho na cozinha.

Ainda assim, independentemente de quão cuidadoso eu sou, é questão de tempo até a polícia me pegar. Tendo isso em mente, meu único medo é que as facas Kutting-Blok fiquem relacionadas, na cabeça do público, a uma série de acontecimentos que as pessoas podem entender mal.

Muita gente vai interpretar minha preferência como uma espécie de endosso. Como Jack, o Estripador, fazendo um comercial de TV.

Ted Bundy, para as cordas Tal & Qual.

Lee Harvey Oswald recomenda a espingarda Tal & Qual.

Pode ser um endosso negativo, claro. Talvez até mesmo algo que prejudique sua fatia de mercado e seu faturamento líquido. Ainda mais com a proximidade do Natal.

É procedimento padrão em todos os grandes jornais, o momento que ficam sabendo sobre um grande desastre de avião – batida no ar, sequestro, colisão na pista de pouso –, eles sabem que podem retirar todos os anúncios da companhia aérea naquele dia. Porque, em questão de minutos, todas as companhias aéreas vão telefonar para cancelar o anúncio, mesmo que isso signifique pagar o preço cheio por um espaço que não vão usar. Mídia gratuita e de última hora para a Sociedade Americana do Câncer ou da Distrofia Muscular. Porque nenhuma companhia aérea quer correr o risco de se associar com a notícia tão ruim daquele dia. Com as centenas de mortos. Tem relação com isso na mente do público.

Basta pouquíssimo esforço para lembrar o que os chamados Assassinatos Tylenol fizeram com as ações do produto. Com sete mortos, só o recall de 1982 custou 125 milhões de dólares à Johnson & Johnson.

Este tipo de endosso negativo é o oposto de uma propaganda. Como o que críticos fazem com avaliações sarcásticas, publicadas só para mostrar como se tornaram espertos e amargos.

Os detalhes de cada alvo, incluindo a faca utilizada, ainda está tudo bem fresco na minha mente. Seria necessário pouquíssimo esforço para a polícia me obrigar a confessar, para transformar em registro de domínio público a imensa variedade de suas excelentes facas que usei e para qual propósito.

Depois, para sempre, as pessoas vão se referir aos “Assassinatos da Faca Kutting-Blok” ou ao “Assassinatos em Série Kutting-Blok”. Sua empresa é

muito mais conhecida que euzinho anônimo aqui. Vocês já têm facas em muitas cozinhas. Seria uma vergonha terrível ver sua estirpe de qualidade e bom trabalho destruídos por causa do meu projeto.

Por favor, tenham em mente que críticos gastronômicos não compram muitas facas. Vamos bater na madeira, mas talvez a compaixão da indústria nesse caso fique comigo. Eu, um herói da ralé. Nunca se sabe.

Qualquer pequeno investimento que vocês possam fazer terá benefício mútuo.

Quanto mais recursos puderem me fornecer para evitar a captura, menos provável será que esse fato desagradável chegue ao conhecimento do consumidor médio de facas. Uma presente de meros cinco milhões de dólares me permitiria emigrar e viver despercebido em outro país, longe, muito longe do seu público-alvo. Este dinheiro vai garantir que sua empresa tenha uma ascensão firme rumo a um futuro brilhante. Para mim, o dinheiro permitirá que eu me requalifique num novo campo de trabalho, uma nova carreira.

Ou, por algo ínfimo como um milhão de dólares, passarei a usar as facas Sta-Sharp – *e, se preso, vou jurar que usei apenas os produtos infinitamente inferiores deles ao longo de todo o meu projeto…*

Um milhão de dólares. Isso vale a lealdade que tenho à sua marca?

Para contribuir, por favor, publiquem um anúncio no próximo domingo em seu jornal local. Ao ver o anúncio, entrarei em contato para saber como aceitar o seu auxílio. Até lá, devo prosseguir com meu trabalho. Caso contrário, vocês podem ter certeza de que haverá outro alvo.

Obrigado por considerarem minha solicitação. Aguardo ansiosamente por notícias em breve.

Nesse mundo, em que tão poucos dedicam a vida a produzir algo de qualidade duradoura, eu os aplaudo.

Continuo, como sempre, seu maior fã,
Richard Talbott

15.

Atrás do balcão de bar do saguão, o micro-ondas apita uma, duas, três vezes e a luz interna apaga. Chef Assassin abre a porta e pega o prato de papelão coberto por uma folha de papel-toalha. Ele ergue o papel e o vapor forma um cogumelo no ar gelado do saguão. No prato, tiras compridas de carne ainda estalam, fervendo em poças de gordura.

Chef Assassin arruma o prato no balcão de mármore do bar e diz:

– Quem quer repetir?

Em volta do saguão, lá e acolá, escondidos nas sombras de alcovas e nichos, na janela da chapelaria e na janela do vestiário, a Sra. Clark e Miss América, Condessa da Antevidência e Conde Calúnia, todos nós de pé, mastigando. A gordura brilha nos nossos queixos e nas pontas dos dedos. Cada um segura um prato de papelão molhado. Mastigando.

– Rápido, antes que fique gelado – diz Chef Assassin. – Estes têm tempero cajun. Para disfarçar o cheiro adocicado.

É o odor do perfume ou dos sais de banho de Camarada Escárnia, talvez seu lenço de renda, alguma coisa que tinha cheiro de rosas. Chef Assassin diz que dois terços das sensações de gosto se baseiam no cheiro da comida.

Miss América dá um passo à frente e estende o prato. Chef Assassin põe uma tira de carne na boca, depois a arranca com os dedos, depressa.

– Ainda está quente – diz ele, assoprando.

Com a outra mão, separa algumas tirinhas de carne no prato de Miss América.

Com o prato cheio, Miss América se afasta até ficar quase oculta, atrás do balcão da chapelaria. A parede e as prateleiras de cabides de madeira atrás dela. Todos os cabides vazios, com exceção dos numerozinhos de metal de cada um.

O ar do saguão está tomado de cheiros da cozinha, cheiros de bacon gorduroso, cheiros de hambúrguer, de gordura queimada e de grelha. E todos nós estamos aqui, de pé, mastigando. Ninguém diz: Devíamos buscar mais? Ninguém diz: Precisamos enrolar o que sobrou e levar para o porão antes que

vire caso de saúde pública…

Não, ficamos ali, parados, lambendo os dedos.

Cada um escrevendo e reescrevendo a história daquele momento. Estamos inventando como o Sr. Whittier estripou Camarada Escárnia. E o que o fantasma dela fez, de vingança.

Ninguém a vê descendo a escada. Ninguém a ouve andando pelo tapete no vestíbulo da sacada do andar de cima. Ninguém olha para cima até que ela diz:

– Vocês têm comida?

É Camarada Escárnia. Em seu amontoado de vestidos de fada madrinha. Com suas pilhas de xales e de perucas. Ela para no último degrau da grande escadaria do saguão, suas mãos branco-azuladas perdidas nas dobras da saia. Seus olhos direcionam o restante dela até o quarto, os olhos e nariz a puxam para a frente.

– O que vocês estão cozinhando? – Ela diz: – Quero um pouco…

Ninguém diz nada. Estamos todos de boca cheia. Arrancando pedaços de carne que ficaram no meio dos dentes.

Camarada Escárnia vê o prato de papelão com tirinhas de carne, soltando fumaça no balcão do bar.

Ninguém pensa em detê-la.

Camarada Escárnia se arrasta pelo saguão azul, cai uma vez no chão de mármore cor-de-rosa, suas saias se arrastando, depois se estica para segurar a beirada do balcão do bar e ficar de pé. Ali, de pé, o rosto e a pilha de perucas caindo sobre o prato de carne.

Atrás dela, descendo pela escada com tapete azul, suas pegadas de sangue.

O fantasma desse lugar, que vem e vai.

Tudo que conseguimos ver é a peruca cinzenta, que balança e quica em cima do prato de papelão no balcão de mármore. No fundilho do vestido de Camarada floresce, cada vez maior, uma imensa flor vermelha. Então a peruca cai para trás, e todo o seu corpo dá as costas ao prato vazio. Com uma tira de carne ainda agarrada na mão branco-azulada, Camarada Escárnia diz:

– Nossa, é dura, amarga.

Alguém precisa dizer alguma coisa. Precisa ser… bondoso.

O esguio São Sem-Pança diz:

– Não sou de comer carne, mas *essa*… estava deliciosa.

E olha ao redor.

Fazendo um sinal de pare com sua palma engordurada e os olhos fechados, Chef Assassin diz:

– Estou te avisando… *não* critiquem minha comida…

O restante de nós apenas assente. Deliciosa. O restante de nós, nossos pratos estão vazios. Todos nós engolimos, ainda mastigando. Nossas línguas deslizam pelos dentes à procura de qualquer partícula de óleo que tenha sobrado. De gordura.

Camarada Escárnia se arrasta em direção aos sofás no meio do saguão, bem no meio, sob a centelha congelada do maior dos candelabros de cristal. Suas mãos erguem um travesseiro de veludo azul, borlas douradas caindo dos quatro cantos, e o levam até uma das pontas do sofá. Seus pés chutam os sapatos. Suas meias brancas manchadas de vermelho. Ela vai se sentar, se deitar no sofá com a cabeça no travesseiro. E Camarada Escárnia, ela estremece. Seu rosto se retorce, se retrai por um instante, depois relaxa. Ela estende a mão para trás, começa a tatear, sob as camadas úmidas de saias e anáguas. Ela se inclina para a frente como se fosse se levantar, e seus olhos se fixam nas pegadas de sangue que a seguiram pelo carpete azul da escada até o balcão do bar, e até o sofá.

Todos nós olhamos para o sangue que escorre dos sapatos dela.

Ainda mastigando, a mandíbula dando voltas e voltas, uma vaca ruminando, Camarada Escárnia olha para nós.

Tentando digerir a cena.

Quando sua mão se afasta das costas da saia, ela está segurando a faca de desossar de Chef Assassin. A lâmina ainda coagulada, envernizada de sangue seco.

Chef Assassin dá um passo à frente por trás do balcão do bar. Suas mãos abertas, meneando os dedos gordurosos contra ela, ele diz:

– Vou ficar com essa. É minha.

E Camarada Escárnia para de mastigar. E engole.

– Eu… – diz ela.

Camarada Escárnia olha para a faca e a tira de carne que ainda está segurando.

Naquele petisco, há uma rosa tatuada que ela nunca viu. Talvez só no espelho. Mas agora está levemente amarronzada.

Conde Calúnia, com o rosto escondido enquanto lambe o prato de papelão.

Camarada Escárnia diz:

– Eu só desmaiei…

Ela diz:

– Eu desmaiei… e vocês comeram minha bunda?

Ela olha para o prato de papelão vazio, engordurado, ainda no balcão do bar, e diz:

– Vocês me deram minha bunda pra comer?

Mãe Natureza arrota por trás da mão aberta e diz:

– Perdão.

Chef Assassin estende a mão para pegar sua faca, um círculo fino de vermelho aparente sob a unha de um dos polegares. Ele ergue o olhar e nota mil-milhares de mini-versões de Camarada Escárnia faiscando no candelabro de cristal empoeirado. Em sua mão, as mil-milhares de rosas cozinhadas à moda cajun.

Condessa da Antevidência se vira, mas continua a encarar sua versão menor dessa realidade, sua versão em cinema ou TV de Camarada Escárnia refletida no grande espelho atrás do balcão do bar.

Todos nós vendo nossa versão de Camarada Escárnia. Todos criando a própria história do que se passou. Todos nós certos de que nossa versão condiz com a realidade.

Conferindo o relógio de pulso, Irmã Justiceira diz:

– Comam logo. Falta só uma hora para as luzes se apagarem.

Todas as pequenas versões de Camarada Escárnia, todas engolem com esforço. Suas bochechas branco-azuladas incham. Suas gargantas se contraem, se irritam com o gosto da própria pele amarga.

Cada um de nós transformando nossa realidade em história. Digerindo-a para transformá-la em livro. O que vemos acontecer, já um roteiro de cinema.

A Mitologia de Nós.

E então, seguindo a deixa, Camarada Escárnia de tamanho real sentada no sofá, ela escorrega para o chão. Seus olhos semicerrados fitam o candelabro. Para se deitar numa pilha de veludo e brocado no chão de mármore cor-de-rosa. Então ela está morrendo. Uma das mãos ainda segura a faca de desossar. A outra ainda segura a tira marrom de sua bunda frita.

O sofá maculado de vermelho-escuro onde ela se sentou. O travesseiro de

veludo azul ainda chanfrado pelo peso de sua cabeça. Camarada Escárnia não será a câmera por trás da câmera por trás da câmera. Guardamos a verdade sobre ela em nossas mãos. Enfiada entre os dentes.

A voz um sussurro, Camarada Escárnia diz:

– Acho… que eu mereci…

Depois de rebobinar por um instante, o gravador do Conde Calúnia repete:

– Mereci… mereci…

EXPECTATIVA
Um poema sobre Camarada Escárnia

– Perdi minha virgindade – diz Camarada Escárnia – pelo ouvido.

Tão jovem, ela ainda acreditava no Papai Noel.

Camarada Escárnia no palco, as mãos apoiadas na cintura, os braços dobrados

de forma que suas cotoveleiras de couro se projetam dos lados.

Seus coturnos, ponta de aço, plantados, afastados.

Suas pernas na calça de camuflagem larga e dobrada em volta de cada tornozelo.

Ela se inclina tanto para a frente que seu queixo faz sombra

na jaqueta militar verde-oliva.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:

cenas de cartazes de protesto e passeatas de manifestação, as bocas em forma de megafone

gritando, bem abertas.

Só dentes, sem lábios.

Bocas tão abertas que o esforço fecha os olhos deles, apertados.

– Depois que o juiz concedeu a guarda compartilhada – diz Camarada Escárnia –, minha mãe me disse…

No meio da noite,

enquanto você está dormindo profundamente, com a cabeça no travesseiro,

se seu pai for na ponta dos pés até o seu quarto:

Conte pra mim.

A mãe dela disse:

– Se algum dia seu pai puxar a calça do seu pijama e enfiar o dedo…

Conte pra mim.

Se ele tirar uma cobra gorda e pesada do zíper da calça – aquele porrete quente, nojento, fedido…

E tentar botar na sua boca…

Conte pra mim.

– Em vez disso – diz Camarada Escárnia –, meu pai me levou ao zoológico.

Ele a levava ao balé. Ele a levava ao treino de futebol.

Ele lhe dava um beijo de boa-noite.

As cores de greves, as formas da

desobediência civil ainda marchando,

marchando, marchando,

atravessando seu rosto,

Camarada Escárnia diz:

– Mas, pelo resto de minha vida, eu sempre estive pronta.

Fala Amarga
Um conto de Camarada Escárnia

Desde o instante em que ele se sentou, tentamos explicar…

Não permitimos a entrada de homens. Este é um espaço seguro exclusivo para mulheres. O propósito do nosso grupo é nutrir e fortalecer mulheres com a percepção de privacidade. Permitir que as mulheres falem de maneira livre, sem que sejam questionadas ou julgadas. Precisamos excluir os homens, pois eles inibem as mulheres. A energia masculina intimida e humilha as mulheres. Para os homens, uma mulher ou é virgem ou vagabunda. Santa ou puta.

Quando lhe pedimos para ir embora, é claro que ele se faz de desentendido. Diz que é para chamá-lo de “Miranda”.

Respeitamos sua escolha. O esforço e o desejo que ele investiu em obter a aparência física da feminilidade. Mas este espaço, como lhe dizemos de forma gentil e sensível, este espaço é apenas para mulheres que *nasceram* mulheres.

Ele nasceu Miranda Joyce Williams. Ele diz isso e abre sua caderneta cor-de-rosa de pele de lagarto. Pega a carteira de motorista. Com a unha rosa comprida, desliza a carteira pela mesa, apontando para a letra F na categoria sexo.

O estado pode reconhecer seu novo gênero, lhe dizemos, mas nós optamos por não fazer isso. Muitas de nós têm traumas de infância com homens. Elas têm medo de serem reduzidas a seus corpos. De serem tratadas como objetos. São questões que ele nunca poderia entender, pois nasceu homem.

Ele diz: Eu nasci mulher.

– Pode nos mostrar sua certidão de nascimento? – diz alguém no grupo.

“Miranda” diz:

– Claro que não.

Alguém pergunta:

– Você está menstruando?

E “Miranda” responde:

– No momento, não.

Ele fica brincando com um lenço arco-íris preso no pescoço, torcendo-o e puxando-o. Prendendo-se à caricatura do comportamento feminino nervoso. Ele brinca com o lenço cintilante, tremeluzente, drapejado em volta dos ombros, deixando-o cair para trás, pendendo dos cotovelos. Ele passa os dedos pela franja comprida nas pontas. Puxa um pouco mais do lenço para um lado, depois para o outro. Cruza as pernas, um joelho em cima do outro. Depois coloca o de baixo por cima. Ergue e dobra o casaco de pele no colo. Virando-se, ele passa a mão aberta na pele, as unhas unidas, pintadas de rosa e límpidas como joias.

Os lábios, os sapatos e a bolsa, as unhas e a pulseira do relógio, todos rosa-shocking como o cu de uma ruiva.

Alguém do grupo se levanta e o encara. Ela diz:

– Mas que porra é essa? – Enfiando o tricô e a garrafa d'água na sacola de lona, ela diz: – Passei a semana inteira esperando por esse encontro. E você estragou tudo.

"Miranda" fica lá sentada, os olhos sob as tendas de cílios grossos. Seus olhos flutuando em piscinas verde-azuladas de delineador. Ele pressiona batom vermelho sobre o seu batom. Mancha blush em cima de blush. Rímel sobre rímel. A blusa cropped fica subindo pelo peito. A seda cor-de-rosa parece pender em dois pontos de seus mamilos, cada seio praticamente do tamanho de seu rosto, ambos balonando as ondulações bronzeadas de seu peito. Sua barriga fica aparecendo, reta e bronzeada, e é uma barriga masculina. Ele é uma bonequinha sexual, uma fantasia, o tipo de mulher que só um homem poderia ser.

"Miranda" diz que esperava mais rap de um grupo de rap.

Ficamos olhando para ele.

Esse homem imbecil. Esse "Miranda". Ele é a pura fantasia masculina que ganha vida num monstro Frankenstein dos estereótipos: os seios redondos e perfeitos. Os músculos firmes das coxas esguias. A boca forma um biquinho perfeito, untada de batom. A saia de couro cor-de-rosa curta e apertada demais para qualquer coisa que não sexo. Ele fala com a voz aveludada de garotinha ou de estrelinha de cinema. Uma grande golfada de ar para pouquíssimo som. Aquela voz sussurrada que a *Cosmopolitan* ensina as meninas a usar, para que o homem a que se dirigem se inclinem mais para perto.

Ficamos ali sentadas: ninguém fala, ninguém compartilha. Não há como ser honesta, sabendo que há um pênis sob a mesa. Mesmo em meio a cartazes de Frida Kahlo e Georgia O'Keeffe… velas de maçã com canela… do gatinho malhado da livraria.

Então, diz “Miranda”, vamos começar.

“Miranda”, o cabelo oxigenado num penteado de salão de beleza, duro de laquê, preso com grampos.

Tem um cara no trabalho pelo qual “Miranda” se apaixonou feito um trem desgovernado. O cara não lhe dá bola. É um rapazinho fofo, assistente de vendas júnior, de cabelo lambido, que dirige um Porsche. Ele é casado, mas “Miranda” sabe que tem um interesse puramente animalesco da parte do cara. Teve uma vez, depois do trabalho, diz “Miranda”, que o cara apareceu e botou a mão…

E todas nós ficamos apenas olhando.

O cara botou a mão no braço de “Miranda” e o convidou para tomar um drinque.

Os braços de “Miranda” são músculos finos e bronzeados sem nada fora do lugar. Suaves como plástico. Ele dá risadinhas. “Miranda” de fato dá risadinhas. Ele revira os olhos para o teto.

“Miranda” conta como o assistente de vendas na firma levou os dois de carro para um bar muito escuro, daqueles onde se vai para não ser notado por…

Isso é bem coisa de homem, só eu, eu, eu, a noite inteira.

Viemos aqui para fugir dos homens, de maridos que não recolhem as meias sujas. Maridos que nos enchem de porrada, depois nos traem. Pais frustrados porque não nascemos meninos. Padrastos que enfiaram o dedo em nós. Irmãos que nos intimidam. Chefes. Padres. Policiais. Médicos.

Geralmente não permitimos interrupções, mas alguém no grupo diz:

– Miranda?

E “Miranda” para de tagarelar.

Contamos a ele que a conscientização tem raiz na queixa. O que muita gente chama de sessão de descarrego. Na China comunista, nos anos após a revolução de Mao, uma das partes importantes da formação de uma nova cultura foi deixar as pessoas reclamarem do passado. A princípio, quanto mais reclamavam, pior o passado parecia. Mas, quando expunham tudo, as pessoas começavam a resolver o passado. Após reclamar, reclamar e reclamar, elas exauriam o drama das próprias histórias de horror. Ficavam entediadas. Só assim passavam a aceitar uma nova história em suas vidas. E conseguiam seguir em frente.

Por isso nos reunimos aqui toda quarta à noite, nessa sala nos fundos da livraria, sem janelas, e nos sentamos em cadeiras de metal dobráveis em volta de uma grande mesa quadrada.

A revolução chinesa batizou aquilo de “Fala Amarga”.

“Miranda” dá de ombros. Com as sobrancelhas erguidas, ele balança a cabeça e diz que não tem nenhuma história de horror para contar. Ele suspira, sorri e revira os olhos.

– Então não queremos você aqui – diz alguém no grupo.

Esse negócio dos homens que criam mulheres robôs perfeitas para o próprio prazer, isso acontece todo dia. As mulheres mais “bonitas” que você vê em público, nenhuma delas é de verdade. São só homens que perpetuam seu estereótipo distorcido de mulher. Apenas a história mais antiga do mundo. Tem um pênis em todas as páginas da *Cosmopolitan*, se você souber onde olhar.

“Miranda” diz que não somos receptivas.

E alguém diz:

– Você não é mulher.

Nós nos encontramos num espaço de reuniões exclusivo para mulheres atrás da Cooperativa Cultural das Wymyn. De forma alguma queremos nosso espaço poluído pela energia yang fálica e opressora.

Ser mulher é especial. É sagrado. Não é um clube que você pode se inscrever. Não é só tomar uma injeção de estrogênio e aparecer aqui.

“Miranda” diz:

– É só fazer uma reforminha. Dar uma embelezada.

Homens, eles simplesmente não entendem. Ser mulher é mais do que usar maquiagem e salto alto. Essa imitação sexual, esse papagaiar de gênero, essa é a pior ofensa. O homem pensa que é só passar um batom e cortar fora o pau que já vira irmã.

Alguém se levanta da cadeira. Outra fica de pé, e as duas começam a dar a volta na mesa.

“Miranda” pergunta:

– O que vocês estão planejando?

E uma terceira, de pé, diz:

– Reconstrução total.

As unhas rosadas de “Miranda” tocam sua caderneta. Ele puxa uma latinha de spray de pimenta e diz que não tem medo de usar. Põe um apito contra estupradores prateado entre os lábios rosados.

Outra mulher dá a volta na mesa para ficar perto dele, que está com a mão

bem apertada em volta do spray de pimenta. Então alguém do grupo diz:

– Deixa eu ver suas tetas…

Em nosso grupo, não temos uma líder. As regras da conscientização não permitem interrupções. Ninguém pode desafiar a experiência da outra. Todo mundo tem sua vez de falar.

O apito prateado contra estupro de “Miranda” cai da sua boca. Seus lábios estourando de colágeno. O biquinho de modelo de passarela que diz “frisbee”.

“Miranda” diz que nós só podemos estar de brincadeira.

É tão típico: homens querendo todas as regalias de ser mulher, mas nada da parte cu.

Outra diz:

– Não, é sério. Mostra pra gente…

Aqui somos todas mulheres. Todo mundo aqui já viu teta. Uma mais próxima, ela toca o primeiro botão da blusa cor-de-rosa de “Miranda”. A blusa de seda rosa, que forma uma tenda sobre os peitos. A blusa é cropped e deixa à mostra sua barriga reta, lisa e as dobras pendem por cima da saia na cintura. O cinto cor-de-rosa de pele de lagarto não é maior que uma coleira de cachorro.

Uma de suas mãos cor-de-rosa dá tapas para afugentar as mulheres. Quando ninguém mais se mexe, “Miranda” suspira. Enquanto todas nós observamos, ele desabotoa sozinho o primeiro botão. As unhas rosadas abrem o botão seguinte. Depois o outro. Ele está olhando para nós, de mulher em mulher, até que todos os botões se abrem e sua camisa está escancarada. Por dentro, um sutiã de cetim cor-de-rosa bordado de rosas e acabamento em renda. Sua pele é rosada, limpa como pôster de revista, sem as pintas, pelos ou marquinhas vermelhas que se vê numa pele verdadeira. Em volta do pescoço, um colar de pérolas aponta para seu enorme decote racha de bunda.

O sutiã é daqueles que abrem na frente, e “Miranda” espera um segundo, segurando o fecho e olhando de mulher em mulher.

E alguém do grupo diz:

– Quanto estrogênio você tem que injetar em si mesmo pra ter uma comissão de frente tão grande?

Outra assobia. O restante do grupo sussurra. Os peitos são perfeitos demais. Os dois do mesmo tamanho e não muito afastados. Parecem projetados.

As unhas cor-de-rosa se torcem, e o sutiã se abre. O sutiã se abre, mas os seios continuam erguidos, firmes e redondos, os mamilos apontando para o teto.

Exatamente a dupla de seios que um homem escolheria.

A mais próxima, ela estica a mão e agarra. Sua mão espreme carne. Tocando o mamilo, ela diz:

– Todo mundo. Vocês têm que sentir isso. Meu Deus, é muito nojento. – A mão aperta, depois solta. Apertando de novo, ela continua: – Parece… sei lá… massa de pão?

“Miranda” se contorce para fugir, seu corpo recuando na cadeira.

Mas a mão que agarra seu seio, os dedos apertam forte, e a mulher diz:

– Não.

Outra diz:

– Eu não me incomodaria de ter buzinas tão bonitas assim.

Só pode ser silicone. Outra mão se enfia na blusa aberta e agarra o segundo seio, apalpando-o, pressionando-o no colar de pérolas, para podermos ver a cicatriz da cirurgia embaixo.

“Miranda” fica ali sentada, com os braços curvados para a frente na altura do cotovelo, cada mão ainda segurando metade do sutiã cor-de-rosa, segurando aberto enquanto observamos. Ele começa a fechar o sutiã, a prender tudo dentro.

E alguém ainda agarrando uma teta diz:

– Ainda não.

A carteira de motorista ainda está em cima da mesa, na nossa frente, o “F” bem grande embaixo de “sexo”.

Outra diz:

– Peitos falsos não provam nada.

Outra diz:

– Os do meu marido são maiores que esses.

As mãos que vêm de trás de “Miranda”, elas puxam o lenço de seus ombros, puxando a blusa rosa para baixo até cair dos braços dele. Sua pele brilha, reluzindo tal como o brinco de pérola em cada orelha. Os mamilos rosados como sua caderneta de pele de lagarto, ele deixa rolar.

Alguém joga a blusa num canto da sala.

E outra diz:

– Deixe a gente ver sua xereca.

E “Miranda” diz:

– Não.

Óbvio. Esse ser pobre, triste, coitado, desorientado. Ele está nos usando. Tal como masoquista incitando sádico. Tal como criminoso que quer ser pego. “Miranda” está implorando. Por isso ele apareceu aqui. Por isso ele se vestiu daquele jeito. Ele sabe que sua saia curtinha, que seus peitões, eles enlouquecem uma mulher verdadeira. Nesse caso, “não” quer dizer “sim”. Quer dizer “sim, por favor”. Quer dizer “me dê um tapa”.

“Miranda”, ele diz:

– Vocês estão cometendo um grande erro.

E todas riem.

Falamos sobre como conscientização significa acertar sua genitália. Em outros encontros que tivemos, todas nós trouxemos espelhos e ficamos agachadas. Todas nós trouxemos espéculos e estudamos a diferença entre o cérvix de uma virgem e de uma mãe. Tivemos palestrantes da cooperativa de saúde feminina para demonstrar extração menstrual com a Cânula Flexível Karman. Sim, tudo isso, bem aqui nessa mesa de madeira. Juntas, fomos comprar brinquedinhos sexuais e estudamos o ponto G.

Com um pouco de incentivo, “Miranda” sobe na mesa. Mesmo de quatro, seus seios ainda parecem redondos, duros, não se esticam nem pendem. Quinze centímetros de zíper, e sua saia desliza pela bunda magra. Ele está usando meia-calça: mais uma prova de que não é mulher de verdade.

As mulheres do grupo, nós nos entreolhamos. Ter um homem ali, seguindo nossas ordens. Algumas foram violentadas. Outras, estupradas. Todas nós cobiçadas pelo olhar, apalpadas, despidas pelos olhos masculinos. É nossa vez, e não sabemos por onde começar.

Alguém abaixa a meia-calça, descendo pela bunda dele. Outra diz:

– Arqueie as costas.

Ninguém se surpreende ao ver os grandes lábios de “Miranda”. A pele é muito fresca. Aquele visual de flor úmida que o consultor de moda tanto se esforça para conseguir na *Playboy* ou na *Hustler.* Ainda assim, a pele não parece suave o suficiente, e a cor é pálida demais, não é rosa nem marrom-clara. Cicatriz de cirurgia. Os pelos pubianos aparados e arrancados a cera até restar só uma tirinha. Perfumada. Xerecas não deviam ser assim. Quanto mais olhamos, mais concordamos que não é real.

Alguém cutuca “Miranda” com uma chave de carro. Nem usam dedo.

Alguém cutuca as dobras da pele e diz:

– Espero que você não tenha pagado caro pra fazer isso…

Outra do grupo diz que devíamos ver qual é a profundidade.

Seja lá o que ele for, “Miranda” está chorando. Metido nesse drama, toda a maquiagem dos seus olhos e o blush se misturam com a base e começam a escorrer pelas bochechas até os cantos da boca. Ele está quase nu, com a meia-calça esticada entre os tornozelos, os pés ainda nas sandálias de salto alto de ouro-elegante. Sua blusa se foi e seu sutiã de renda cor-de-rosa pende dos ombros. Seus seios firmes, redondos, estremecem a cada soluço. É desse jeito que ele está em cima da mesa da reunião. Seu casaco de pele no chão, chutado para um canto. Seu cabelo loiro caindo. Sua historinha de horror.

Alguém diz para “Miranda” calar a boca. Cale a boca e se vire.

Alguém o segura pelo tornozelo. Alguém pega o outro tornozelo, e giram as pernas até ele dar um gritinho e se virar. De costas, com os pés ainda bem apartados, cada sandália dourada amarrada por mãos diferentes.

Não é uma mulher. Se alguém de Marte só tivesse visto uma mulher na *Cosmopolitan*, talvez criasse isso. Indicamos que o clitóris deve ser o pênis talhado. Alguém descreve como a cúpula vaginal artificial é só o pênis, estripado e enfiado para dentro, uma seção do intestino grosso que produz muco emendada ali para dar profundidade. Onde devia estar o cérvix, eles usam a pele retirada do escroto vazio.

– Quem guarda sempre tem – diz alguém.

Outra pessoa tira uma lanterna da bolsinha e diz:

– Vou ter que ver isso.

Uma diz:

– É muito espalhafato. Prova que ela nunca passou por uma pélvica.

Em retrospecto, elas deviam ter ido para casa. Ah, é tudo esclarecimento político. Até alguém se machucar.

Mesmo assim, é aqui que elas se encontram, toda semana, conversando sobre quem não conseguiu qual emprego. Quem ficou debaixo de qual teto de vidro. Quem sente os seios despidos pelos olhos do frentista e pelos operários da construção. Elas ficam só na conversa. Esta, enfim, é a chance delas de revidar.

É um exercício para fortalecer a equipe.

Elas perguntam: Por que ele veio? É um espião?

Especialistas dizem que uma mulher ganha só sessenta centavos para cada dólar que um homem ganha para fazer o mesmo trabalho. Ele ganha tudo isso a mais, e é assim que gasta. Maquiagem e peitos de plástico. Qualquer mulher de verdade tem estrias. Pelos grisalhos. Coxas coalhadas de celulite.

Elas perguntam: ele esperava achar o quê?

Alguém enfia os dedos. Outra segura a lanterna, indo adiante.

O grupo pergunta: ele esperava uma gangue de sapatonas com ódio de homem se reunindo para morde-fronha, menina-com-menina?

A lanterna, aquela lampadinha de halogênio deve estar quente, porque ele começa a guinchar, a se contorcer com tanta força que é necessário todas para segurá-lo. Para manter suas pernas afastadas e forçá-lo a abrir para olharem.

Alguém diz:

– Parece o quê?

O restante do grupo espera a vez.

“Miranda” se remexe na mesa, o grupo se inclina sobre ele, seu colar de pérolas arrebenta e sai rolando por todas as partes. Os grampos caem do cabelo. Seus peitos pulam e balançam, duas pilhas de gelatina.

E alguém belisca um mamilo, retorce-o e diz:

– Balança, *sexy mama*.

Outra diz:

– A gente só quer ver onde foram parar suas bolas, vadia.

A justaposição é interessante. Uma relação de poder sociopolítico fascinante, estar totalmente vestida e examinar uma pessoa nua, segurada por outras, vestindo apenas salto alto e joias.

As duas mulheres que se enfiaram entre as pernas dele, elas param. Alguém diz:

– Espere.

A que segura a lanterninha diz:

– Façam ele ficar parado. – E ela se inclina, forçando a lanterna mais para dentro. Ela pergunta: – É isso o que você queria?

“Miranda”, todo arreganhado em cima da mesa, ele soluça, tentando unir os joelhos. Rolar para o lado em posição fetal.

“Miranda”, chorando, diz: Não. Diz: Parem, por favor. Diz: Isso dói.

Ai, dói. Ui, ui. Tá me machucando.

A mulher com a lanterna, ela é a que olha por mais tempo, semicerrando os olhos, franzindo a testa, girando a lanterna e cutucando em torno. Então ela fica reta e diz:

– As pilhas acabaram.

E fica ali, de pé, olhando para “Miranda”, as pernas dele ainda bem abertas na frente dela.

A mulher olha para a mesa manchada de maquiagem e lágrimas, as pérolas espalhadas pelo chão, e diz para soltarmos. Ela não engole nada, seus olhos passeando pelo corpo em cima da mesa. Então ela suspira e diz para “Miranda” se levantar. Para se levantar e se vestir. Para se vestir e sair dali. Sair e não voltar mais.

Alguém diz que a lanterna pode ter só se apagado e pede para dar uma olhada.

E a mulher põe a lanterna na bolsinha de pano e diz:

– Não.

Outra diz:

– O que você viu?

Vimos o que queríamos ver, diz a mulher. Todas nós vimos.

A mulher com a lanterna, ela diz:

– O que aconteceu aqui? – Ela diz: – O que aconteceu *conosco*?

Desde o instante em que ele se sentou ali, tentamos explicar. Não permitimos a entrada de homens. Este é um espaço seguro exclusivo para mulheres. O propósito do nosso grupo…

16.

Para alguns, as noites são longas demais. Para outros, são os dias. As luzes se acendem quando Irmã Justiceira liga o sol, mas hoje, ao raiar do dia, o que nos tira da cama é um cheiro. Um cheiro perfeito de sonho que nos tira de nossos camarins e nos atrai para o corredor. Nós, zumbis, guiados pelo nariz.

Diretora Negação aparece no corredor, quase cai no chão, até que suas mãos se apoiam na parede oposta à porta aberta. Encostada na parede para ficar reta, ela diz:

– Cora? Gatinha, neném?

No corredor, Reverendo Ímpio se atrapalha para puxar o zíper da calça de toureiro, a calça que até ontem ainda servia.

– O fantasma – diz ele – deve estar encurtando nossas roupas.

A gargantilha de sininhos se enfia na pele do pescoço de Mãe Natureza, tão apertada que toda vez que ela engole ar, dá para ouvi-los tinirem.

– Droga – diz ela –, eu não devia ter repetido Camarada Escárnia.

Da outra porta vem Elo Perdido, a cabeça jogada para trás a tal ponto que só se vê os pelos da narina. Ele funga e passa por Diretora Negação e Reverendo Ímpio. Ainda fungando, suas narinas se inflam, buracos negros imensos e peludos. Ele dá mais um passo em direção ao palco e ao auditório.

Diretora Negação diz:

– Cora…

E desliza até o chão.

De outra porta vem a Sra. Clark, dizendo:

– Hoje precisaremos enrolar Camarada Escárnia. Ela tem que ficar com o Sr. Whittier.

Do chão, Diretora Negação diz:

– Cora…

– Que se foda o gato – dispara Miss América.

Usando um casaco comprido de mandarim chinês com bordado de dragões,

ela se apoia na porta de seu camarim, as mãos aranhescas agarrando o batente. O rosto pálido em volta do borrão preto de sua boca, Miss América diz:

– Minha cabeça está me matando.

E coça o rosto com a mão aberta.

Miss América tira uma das mangas do casaco mandarim e ergue um braço branco e fino. Ela levanta o braço sobre a cabeça, a mão flácida, pelos escuros brotando da axila. Ela diz:

– Sinta meus linfonodos. Estão gigantes.

Ao longo do braço fino e nu, dá para ver arranhões vermelhos. Arranhões de gato, muito próximos. Rastros, quilômetros de arranhões de gato.

Ao olhar seu rosto de perto, Elo Perdido diz:

– Você está péssima. – Ele diz: – Sua língua está preta.

E Miss América volta a descer o braço, para deixá-lo pendendo junto ao batente. A língua preta, grossa, lambendo os lábios, pintando-os de preto, ela diz:

– Eu estava com muita fome. Ontem à noite comi todos os meus batons.

Passando por cima de Diretora Negação, ela diz:

– Que cheiro é esse?

Dá para sentir cheiro de torrada e ovos fritos na gordura. Cheiro de gordura. Alucinação coletiva provocada pela fome. É o cheiro de escargots e lagosta. Cheiro de muffins, pingando manteiga.

Conde Calúnia segue Elo Perdido que segue a Sra. Clark que segue Irmã Justiceira. Todos nós seguimos o cheiro, atravessando o palco e o corredor central até o saguão.

Miss Espirro assoa o nariz. Então ela funga o ar e diz:

– É manteiga.

Cheiro de manteiga quentinha.

O fantasma em todo cinema.

É o fantasma gorduroso de Camarada Escárnia, que teremos de sentir o cheiro toda vez que usarmos o micro-ondas. Estamos respirando seu espírito. Seu fedor doce e amanteigado que vai nos assombrar.

O único outro cheiro é o do hálito de Mãe Natureza, depois de comer uma vela de aromaterapia de murta.

A meio caminho pelo corredor central, paramos.

Lá fora, fraco, ouvimos granizo caindo. Ou uma metralhadora. Ou tambores.

Uma nevasca de estalos e estrondos, um por cima do outro. Este barulho rápido, débil, vem do saguão.

Nós ali parados, no centro de gesso preto do auditório egípcio, com as estrelas poeirentas e com teias de aranha acima de nós, agarramos as costas pintadas de ouro dos assentos pretos para nos apoiar. Ficamos parados e escutamos.

E a metralhadora, a tempestade de granizo, para.

Algo empolgante tem que acontecer.

Algo surpreendente tem que acontecer.

No saguão de veludo azul, o micro-ondas apita uma, duas, três vezes.

O fantasma de Camarada Escárnia.

Ainda puxando a gargantilha, Mãe Natureza desliza para o pelo de cabra preto rústico do assento.

São Sem-Pança olha para Reverendo Ímpio, que olha para Casamenteiro, que olha para Conde Calúnia fazendo anotações, que assente. Sim. E eles seguem pela coxia, o restante de nós um passo atrás. O refletor da câmera de Agente Fuxico seguindo-os.

Pelas portas do auditório, o saguão em veludo francês está vazio. Sombras se escondem por trás de cada poltrona palaciana e cada sofá. A luz das poucas lâmpadas que deixamos, elas não são suficientes para iluminar as paredes do outro lado da sala. As portas dos banheiros do saguão estão escoradas, abertas, e o chão de azulejo brilha com água dos banheiros. Aqui e ali, bolas de papel higiênico estão encalhadas na poça.

Próximo ao cheiro de banheiro, sente-se o cheiro de tetrazzini de peru podre, o cheiro da bunda frita de Camarada Escárnia, e ainda cheiro de… manteiga.

Pelo vidro escurecido da porta do micro-ondas, dá para ver algo branco que quase enche o forno.

É Elo Perdido que uiva. Nosso homem-bicho peludo. Ele uiva e bate as mãos com tanta força no balcão que vira as pernas para cima e para o lado e pula por cima. Atrás do balcão do bar, ele quase arranca a porta do micro-ondas e pega o que tem lá dentro.

Uiva de novo e solta.

Nesse meio-tempo, Baronesa Congelada já está jogada por cima do balcão de mármore do bar.

Condessa da Antevidência corre para ver.

Mãe Natureza diz:

– É pipoca.

Seus sinos tinem a cada palavra.

Outro uivo vem de trás do balcão, e algo branco pula alto no ar. As mãos a seguem, dando tapas como numa bola de vôlei, uma bola de papel branca, para mantê-la fora do alcance dos outros. À luz do refletor da câmera, ela se torna uma lua branca rodopiante e fumegante.

Miss Espirro está rindo e tossindo. Condessa da Antevidência ri por trás dos seus óculos escuros. Todos nós, esticando os braços. Esticando-nos para pegar aquele cheiro rodopiante, gorduroso, quente.

Casamenteiro berra:

– Não podemos. – Balançando os braços, ele berra: – Não podemos comer nada!

A bola de papel surrada entre as mãos gira e quica perto do teto.

E Condessa da Antevidência berra:

– Ele tem razão. – Ela berra: – Podemos ser resgatados hoje!

Um pulo de homem-animal, e Elo Perdido já está segurando o saco de pipoca.

Elo passa para Condessa, que passa para Casamenteiro, que corre até o banheiro.

O restante de nós – Santo, Miss América, Irmã e Baronesa – corre atrás, gritando, chorando. Atrás de todos nós vem Agente Fuxico, com a câmera, dizendo:

– Por favor, não briguem. Por favor, não briguem. Por favor… Conde Calúnia, já rebobinando para ouvir o som de tambores da pipoca ainda quente no micro-ondas. Então o pequeno “ding” avisando que está pronta.

Atrás do balcão do bar, só restaram Chef Assassin e a Sra. Clark.

Para Mãe Natureza, nosso fantasma é da sua amiga Lentil. Para Miss Espirro, o fantasma é seu professor de inglês com câncer. Da mesma maneira que estragamos a comida, nosso fantasma pode ser a obra composta de duas ou três pessoas. De todos nós.

Do banheiro, ouve-se a descarga. Descarga na privada de novo. Um coro de gemidos ecoa do azulejo dentro da porta aberta do banheiro. Uma camada de água fresca escorre porta afora, formando ondas à beira do carpete azul do

saguão.

A água se vê aqui e ali com papel derretido. Papel e pipoca. Mais um presente do fantasma.

Ainda olhando para o micro-ondas aberto, a Sra. Clark diz:

– Ainda não acredito que a matamos…

Ainda fungando o ar amanteigado, Agente Fuxico diz:

– Podia ter sido pior.

Na lavagem de banheiro entupido, encalhada no carpete do saguão, dá para ver pelo. Pelo de gatinho malhado. Uma coleira fina de couro preto. Ossos tão finos quanto lápis.

A essa altura, Diretora Negação já nos seguiu do seu camarim. Ela chega bem a tempo de ver o crânio cheio de dentinhos, a carne que alguém arrancou até o osso e que a privada cuspiu.

Gravada na coleira, uma plaquinha diz “Srta. Cora”.

Desviando os olhos da expressão de Diretora Negação, observando seu pequeno reflexo no espelho do balcão do bar, a Sra. Clark diz:

– Como? Como matar alguém podia ficar ainda pior?

FÉRIAS AMERICANAS
Um poema sobre Agente Fuxico

– Americanos usam drogas – diz Agente Fuxico – porque não sabem se divertir muito bem.

Em vez disso, usam Percodan, Vicodin, OxyContin.

Agente Fuxico no palco, uma das mãos segura a câmera de vídeo como uma máscara

para esconder metade do seu rosto.

O restante dele, em terno marrom de liquidação. Sapatos

marrons.

Um colete amarelo-mostarda. Seu cabelo castanho puxado para trás.

Uma gravata-borboleta amarela e uma camisa branca de botões.

Ali, o branco de sua camisa reluz,

com as estampas de atores de cinema.

Em vez do refletor, Agente Fuxico é uma tela de cenas de filme:

um plano de plateias de cinema.

Fileiras e fileiras de gente, todos,

suas multidões de mãos batendo sem nem um som sequer.

No palco está Agente Fuxico, pendendo para a perna esquerda,

toda hora caindo um pouco mais para a direita.

Em vez de um olho, aquele local tomado pela luz vermelha de

REC

da câmera, observando.

Em vez de ouvido, daquele lado fica o microfone embutido. Para ouvir nada além de si mesmo.

Agente Fuxico, ele diz:

– Os americanos são os melhores do mundo em trabalhar.
Em estudar e competir.
Mas a gente é horrível quando chega a hora de relaxar.
Não tem lucro. Nem troféu.
Não dão nada nos Jogos Olímpicos para o Atleta Mais Descontraído.
Não tem patrocínio para o Mais Preguiçoso em qualquer coisa.

Seu olho-câmera em autofoco, ele diz:
– Somos ótimos em ganhar e perder.
E em pegar no batente,
mas não em aceitar. Não em dar de ombros e em tolerar.

– Em vez disso – diz ele –, temos maconha e televisão. Cerveja e Valium.
E plano de saúde.
Com refil, sempre que precisar.

INVÁLIDO
Um conto de Agente Fuxico

Nesse exato instante, Sarah Broome está olhando para seu melhor rolo de massa. Ela dá um golpe no ar, testando o peso. Dá um tapa forte na palma da mão. Ela fica remexendo latas e garrafas na estante acima da máquina de lavar, sacudindo a moringa de alvejante para descobrir quanto ainda resta.

Se ela pudesse me ouvir, se ela simplesmente me ouvisse, eu diria que não tem problema me matar. Até diria como.

Meu carro alugado está logo ali, descendo a rua, acho que dá uma música de distância se você for ouvindo rádio. Quem sabe duzentos passos, se você conta os passos quando está com medo. Ela podia descer caminhando e voltar de carro. Um Buick vermelho-escuro já coberto de poeira por causa dos carros passando no cascalho. Ela podia estacionar bem perto desse galpão ou dessa casinha ou dentro de seja lá onde ela me trancou.

Caso ela esteja em frente, perto o bastante para me ouvir, eu grito:

– Sarah? Sarah Broome?

Eu grito:

– Não há nada do que se arrepender.

Trancado aqui dentro, eu podia ser o guia dela. O orientador. O que diz como. Em seguida, ela vai precisar de uma chave de fenda para soltar as braçadeiras que prendem o tubo sanfona laminado até a parte de trás da secadora de roupa. Depois ela pode usar a mesma braçadeira para pregar uma ponta do tubo no cano de escape do meu carro. Esses tubos se esticam, esticam mais do que você imagina. Meu tanque de gasolina está quase cheio. De repente ela tem uma furadeira elétrica para fazer buracos no lado de madeira do galpão, ou na porta. Sendo mulher, ela pode furar num lugar onde não vai ficar aparecendo.

É importante cuidar do visual da casa. Já que é tudo que ela tem.

– A vida dela costumava ser a minha – digo. – Entendo como ela pensa que as coisas são.

Ela pode arrancar tiras de fita adesiva para prender a mangueira no galpão. Para acelerar minha morte, ela podia cobrir a metade de cima do galpão com uma lona de plástico, depois amarrar firme pelas laterais, com corda. Transformar isso aqui numa pequena defumadora, bem fechada. Em cinco horas, ela sai com noventa quilos de salsicha embutida.

A maioria das pessoas nunca matou uma galinha, muito menos um ser humano. Pessoas: elas não têm ideia de como isso vai ser difícil.

Prometo que só vou respirar fundo.

O relatório da companhia de seguros, lá diz que o nome dela é Sarah. Sarah Broome, 49 anos. Padeira sênior de uma padaria por dezessete anos, ela colocava um saco de farinha no ombro, um saco desses que pesa tanto quanto uma criança de 10 anos, conseguia equilibrar a farinha enquanto arrancava a corda da frente e despejava a farinha, aos poucos, numa batedeira. De acordo com o que ela relatou, no último dia de trabalho o chão tinha ficado molhado por causa da limpeza da noite anterior. A iluminação também não era lá grande coisa. O peso da farinha a fez cair para trás e bater a cabeça na beirada de aço laminado da mesa, o que resultou em perda de memória, enxaqueca e fraqueza geral que a deixou incapacitada para qualquer tipo de trabalho.

As tomografias não mostraram nada. A ressonância, nada. Raios X, nada. Mas Sarah Broome nunca mais voltou ao trabalho.

Sarah Broome, casada três vezes. Sem filhos. Recebe uns trocados da Previdência Social. Mais um pouquinho por mês do acordo com a empresa. Ela recebe 25 miligramas de OxyContin para tratar a dor crônica que percorre a coluna, vai até o cérebro e irradia pelos braços. Tem meses que ela pede Vicodin ou Percodan.

Menos de três meses depois do acordo, ela se mudou para cá, para o meio do nada, sem vizinhos.

Nesse exato instante, sentado aqui no galpão dela, meu pé direito parece que foi girado para trás. O joelho só pode estar quebrado, os nervos e tendões torcidos por dentro para o outro lado. Tudo abaixo desse joelho ficou dormente. Está muito escuro para enxergar, mas o lugar onde estou sentado cheira a esterco. A sensação lustrosa de plástico deve ser causada por bolsas de compostagem de esterco de boi, prontas para sua nova horta. Encostadas nas paredes: uma pá, uma enxada, um ancinho.

Pobre Sarah Broome. Nesse exato instante, ela está conferindo as ferramentas elétricas. Cismou com a ideia de afundar uma serra elétrica em mim.

Em vez de serragem, a lâmina giratória ia soltar um rabo de galo de sangue, carne e osso. Bom, só se ela tiver uma extensão comprida. Ela está lendo os rótulos das latas de tinta, isca de pescaria, material de limpeza, procurando a caveira e os ossinhos cruzados. O rosto verde franzido do Sr. Eca. Está ligando para a linha direta do Centro de Informações Antiveneno, perguntando quanto de um acendedor de churrasco um homem teria que beber para morrer. Quando o perito em veneno pergunta por quê, Sarah desliga na hora.

Sei disso porque… dez anos atrás, eu transportava barril de cerveja entre um distribuidor e um monte de barzinhos e tavernas. Lugares muito pequenos para ter uma zona de carga, então se estacionava em fila dupla. Ou então parava na pista de retorno, entre as faixas de trânsito rápido, carros que passavam riscando ao seu lado em ambas as direções. Eu carregava barril nas costas. Empilhava os engradados de cerveja num carrinho e esperava aparecer uma pausa no trânsito suficiente para eu passar correndo. Sempre atrasado, até que, totalmente por acidente, um barril rolou da grade e me transformou em clara de neve no asfalto.

Depois daquilo, consegui um cantinho quase tão legal quanto esse. Uma motocasa Winnebago enferrujada, que não ia pra lugar algum, estacionada perto de um banheiro, num recuo numa estrada de terra no meio do nada. Eu tinha um Ford Pinto quatro cilindros com câmbio manual para ir até a cidade. Uma pensão por ser totalmente incapacitado e todo o tempo do mundo.

Pelo restante da minha vida, tudo que eu tinha que fazer era manter meu carro funcionando. Eu era tão viciado em Vicodin que só caminhar no sol era tão bom quanto receber uma massagem. Tão bom quanto uma massagem com punheta, inclusive.

Eu ficava assistindo aos passarinhos no alimentador. Os rouxinóis. Dando alguns amendoins, chapado, rindo ao ver um esquilo brigando com um esquilinho, é uma vida boa. O sonho americano de viver sem despertador. Sem ter que bater ponto nem usar redinha no cabelo. Uma vida de sonho, de não ter que pedir autorização pra um babaca se quiser ir cagar.

Não, até essa tarde, Sarah Broome não tinha o que fazer a não ser ler livros da biblioteca. Observar os rouxinóis. Engolir alguns comprimidos. Aquelas férias dos sonhos que nunca deviam terminar.

O chato é que, inválido ou não, você tem que agir como um inválido. Tem que mancar ou ficar com a cabeça firme no pescoço, pra mostrar que não dá para virar o rosto. Mesmo com analgésicos pulsando pelo corpo, é o tipo de fingimento que começa a fazer você se sentir mal. Se você finge um sintoma por

algum tempo, vai começar a sofrer de verdade. Se sair mancando, seu joelho vai doer. Você passa a só ficar sentado e vira uma rolha de poço corcunda.

O sonho americano do lazer cansa rápido. Ainda assim, você é pago para ser um inválido. Ficar sentado assistindo à TV. Deitado na rede, observando os malditos bichinhos. Se não trabalha, não dorme. Você passa dia e noite meio acordado, entediado.

Televisão diurna: você descobre quem assiste àquilo quando vê os três tipos de comerciais que passam. Ou são clínicas para curar bêbados. Ou são escritórios de advocacia para quem quer fazer um acordo por lesão no serviço. Ou é instituições de ensino oferecendo cursos profissionalizantes por meio de reembolso postal para você virar contador. Detetive particular. Ou chaveiro.

Se você assiste à televisão diurna, essa vira sua faixa demográfica. Você é bêbado. Ou inválido. Ou idiota. Depois das primeiras semanas, ser malandro é um porre.

Você não tem dinheiro para viajar, mas não custa nada virar uma pá de terra. Dar uma mexida no seu carro. Plantar vegetais na horta.

Certa noite, depois de escurecer, uma nuvem densa de mosquitos e mutucas aparece em volta da lâmpada da minha varanda. Eu no meu Winnebago com uma xícara de chá quente e Vicodin correndo nas veias, desvio os olhos do meu livro para observar os bichos do outro lado da janela. Então surge o barulho. A voz de um homem, gritando de algum lugar no escuro, no fundo da mata.

É alguém gritando por ajuda. Por favor. Socorro. Ele tropeçou e machucou as costas. Caiu de uma árvore, ele me diz.

No meio da noite, lá está ele vestindo um terno marrom, colete mostarda, sapatos de couro marrom, e diz que veio ver um passarinho. Binóculos pendurados no pescoço. É isso que ensinam no curso por correspondência. Se você for pego por um suspeito, diga que estava observando pássaros. Eu me ofereço para carregar a pasta dele. Depois cada um põe o braço por cima do outro e caminha devagar, bem devagar, rumo à luz da varanda da minha motocasa.

Quase lá, o homem vê meu banheiro velho e pergunta se podemos parar só por um minuto. Ele precisa muito soltar a carga, diz ele. Ajudo-a a entrar.

Assim que a porta se fecha e a fivela do cinto dele atinge o chão de madeira, abro a pasta do homem. Dentro tem um monte de papel. E uma câmera de vídeo. A lateral da câmera se abre e dentro tem uma fita. Quando eu pego, quando eu fecho a câmera com força, a fita começa a tocar sozinha, e a telinha de

visualização se acende.

Na tela, um homenzinho tira uma roda e um pneu de trás de um Ford Pinto nas últimas.

Sou eu, girando os pneus. Eu, afrouxando as porcas e volta e meia usando o macaco para erguer o carro.

Mais nada. Nada de passarinho. Depois de um zumbido de estática, a tela exibe uma pequena versão minha, sem camisa, erguendo um tanque cheio de propano. Carrego o tanque até a frente do Winnebago e troco o vazio.

Se Sarah é parecida comigo, nesse exato instante, ela está pegando uma faca de pão na gaveta da cozinha. Se ela me der alguns Vicodins num copo d'água, de repente me leva a nocaute. Nesse momento, ela está olhando de perto, quase vesga, para o gume serrilhado da faca, conferindo se está afiada. Seccionar galinha é fácil demais, cortar garganta não poderia ser pior. Ela pode colocar uma toalha velha por cima da minha cabeça, desse jeito fingiria que sou um pão. Como se estivesse cortando pão, ou um bolo de carne, até ela serrar a veia, depois o coração, ainda bombeando sangue, onda após onda após onda de sangue. Nesse exato minuto, ela está guardando a faca de volta na gaveta.

Pode ser que ela tenha uma faca elétrica que ganhou de presente de casamento, meia vida atrás, e nunca usou. Que ainda está na caixa chique que vem com um manualzinho que diz como cortar peru… desossar presunto… cortar perna de cordeiro.

Nada sobre desmembrar um detetive.

O que você tem que considerar é: talvez eu quisesse ser pego.

O maligno eu, espiando a pobre Sarah Broome e sua família de gatinhos.

O que você tem que considerar é que talvez *ela* quisesse ser pega. Todos nós precisamos de um médico que vai nos arrancar do nosso útero perfeitinho. A gente não para de reclamar, a gente fica puto, mas gosta que Deus nos dê o pontapé do Éden. Adoramos nossas aflições. Adoramos nossos inimigos.

Caso Sarah Broome esteja por perto, eu berro:

– Por favor, não precisa se estressar com isso…

Não tem tranca por fora para prender a pessoa no banheiro, por isso enrolei uma corda em volta da casinha, três voltas, bem forte, e fiz um nó torto triplo. Lá dentro, o homem estava grunhindo, jogando sua bagunça no buraco em que se sentou. Afastando com a mão os mosquitos e as mutucas que surgiam do escuro, muito ocupado para me ouvir amarrando o nó e levando sua pasta até minha

motocasa para dar uma espiadinha.

Na pasta do detetive há uma planilha impressa com nomes ao lado de deficiências ao lado do endereço de cada um. Caras com síndrome do túnel do carpo. Caras com transtorno muscular não especificado nas costas. Dor crônica na cervical. Listados abaixo estão o provedor de deficiência, a companhia de seguros. Tem os analgésicos receitados para cada caso.

E, naquela planilha, ali estou eu: Eugene Denton.

Dentro da pasta, uma fita de borracha envolve uma pilha grossa de cartões de visita. Todos dizem: Lewis Lee Orleans, Detetive Particular. E um número de telefone.

Quando disco o número, um celular dentro da pasta começa a tocar.

Lá fora, Lewis Lee Orleans grita para que eu o ajude a abrir a porta do banheiro.

Se fosse para deixar Sarah Broome tranquila quanto a me matar, eu lhe diria que o detetive, ele chorou. Abafando os soluços com as mãos, ele me disse que tinha uma esposa e três filhos em casa. Filhos pequenos. Mas ele não usava aliança, e dentro da carteira não havia fotos.

Tem gente que diz que sente quando é observada. Ser observado dá a mesma sensação de formigas subindo por dentro da calça. Mas não para mim. Naquela tarde, rotacionei os pneus, conferi o gasto nas pastilhas de freio, troquei o óleo: fui de 10-10 de inverno para 10-40 de verão. Aqui, na telinha do vídeo, aqui estava eu com uma caixa cheia de óleo de motor, puxando debaixo da motocasa e carregando embaixo do braço. Eu, totalmente incapaz, o coitado do entregador que jurou no tribunal que não conseguia erguer os braços nem para escovar os dentes. Um incapaz, um inválido que merecia ficar no banco de reservas pelo restante da vida. Aqui, sem camisa, na câmera, o suor do meu sovaco encharcado, uma sombra marrom-escura na caixa de óleo, eu passaria até mesmo por um fortão de circo.

Vivendo na rua quando o clima era bom, sem comer muito, dormindo noites longas, esse homenzinho musculoso e bronzeado podia ser eu aos 19 anos.

Foi a melhor vida que eu já tive. E aquele homem trancado no meu banheiro estava prestes a estragar tudo.

A maioria dos casos de incapacidade maiores, esses sempre dão para pedir recurso. O pessoal de seguro por lesão, eles querem anos para seguir o cara. Para conseguir só cinco minutos de vídeo bom, bem nítido, que mostre ele colocando

um microtrator na caçamba da picape. Eles passam essa fita no tribunal e é isso: caso encerrado. Pensão negada. O queixoso, num instante ele está feito para a vida, uma grana boa todo mês, plano de saúde, além de todo Vicodin e Percocet, todos os OxyContin que ele quiser para ficar calminho pelo restante de seus dias. O advogado de defesa passa essa fita no tribunal – o micotrator na caçamba – e ele fica com nada.

Ele tem 45 ou 50 anos, e é acusado de fraude no seguro. Não tem chance de ele conseguir algo mais que salário mínimo pelo resto da vida. Sem benefícios. Sem tempo de ócio até ele ter 60 e alguma coisa e se qualificar para assistência social.

Nesse exato instante, para Sarah Broome até mesmo a vida na prisão por homicídio parece boa comparada a deixar seu imposto predial atrasar, perder o carro e empurrar um carrinho de compras pela rua.

Quando eu estava na situação dela, tudo que eu tinha à mão era uma caixa de quatro latinhas de gás fumigante. No Winnebago em que eu morava havia um ninho de vespas embaixo. As orientações de cada lata diziam para sacudir bem e depois quebrar a ponta de um biquinho em cima. A bomba iria soltar veneno até esvaziar.

O rótulo dizia que aquilo mataria qualquer coisa.

Coitado do detetive. Subi numa escada e joguei as quatro bombinhas na entrada de ar da casinha. Depois disso, tapei o tubo com uma das mãos para o gás não escapar. Eu lá em cima, um maldito Adolf Hitler, soltando gás venenoso e ouvindo meu detetive tossir e implorar por ar. Só o som do homem engasgado com vômito molhado, depois o *glop* daquilo batendo no assoalho de madeira aos nacos, só aquele barulho quase me fez botar tudo para fora. O cheiro de enxofre do fumigante e o cheiro de vômito. Aquele gás fumigante ficou sibilando até fumacinhas brancas se desenrolarem de cada pequena rachadura e buraco de prego. Fumaça com cheiro de gasolina soprada de cada lado da casinha, enquanto o detetive se jogava contra as paredes, depois na porta, tentando fugir. Balançando os braços até eles virarem uma polpa dentro das cotoveleiras de seu melhor terno marrom. Exaurindo-se.

Ali, sentado, com dor na perna da cintura para baixo, esperando Sarah Broome cumprir o papel de resolvedora de problemas, tem tanta coisa que eu quero falar para ela. Que o inseticida só fez com que eu e o detetive passássemos mal. A sensação que foi bater na cabeça de alguém com uma chave de roda. Que, nas primeiras doze vezes, você só faz uma bagunça. Mesmo batendo com ambas

as mãos, só bate em cabelo e sangue, não quebra osso. Que o sangue deixa a chave de roda tão escorregadia que não dá para segurar, que é preciso achar uma coisa limpa para terminar o serviço.

Se eu não era incapacitado antes de matar aquele Sr. Lewis Lee Orleans, depois fiquei. Matar alguém dá trabalho. Trabalho sujo, pesado. Trabalho sujo, pesado e barulhento, porque ele ficava gritando alto, palavras que não faziam mais sentido que os berros de uma vaca no matadouro.

O que imagino é que, mesmo que eu não matasse o Sr. Detetive Metido, a longa noite gelada daria conta. As mutucas e o choque da perna quebrada dariam conta. Morto é morto, e assim nenhum de nós teria que sofrer. Não muito.

Mesmo que nunca me descobrissem, matar o detetive estragou meu gosto por ser inválido. Fiquei sabendo que tinha gente observando, eu tinha visto a planilha, e algum dia outro detetive viria me espionar.

Então, se não pode vencê-los, junte-se a eles.

Na televisão, no comercial seguinte ao de um curso de correspondência, telefonei para eles. Ensinam a tocaiar o suspeito. A caçar provas na lixeira. Seis semanas depois eu tinha um papel que dizia que eu era detetive particular. Depois disso, eu tinha a minha planilha de peso morto para espionar. Fazer meus “dedo-duromentários”, como eu chamava.

Você se safa sendo esperto e entregando os colegas inválidos. Na maioria dos casos, nem precisa aparecer no tribunal. Basta apresentar o relatório de gastos, com o hotel de estrada, o carro alugado, as refeições e o cheque vem pelo correio. Mais a comissão.

O que leva até o presente. Estou seguindo a Sra. Broome há cinco dias, e nada. Quando se está gravando um dedo--duromentário, você está praticamente casado com seu tema. Ela vai ao correio buscar correspondência. Ela vai à biblioteca e pega outro livro. Ela vai à mercearia. Mesmo que ela passasse o dia sentada no trailer, de cortinas fechadas, vendo TV, aí eu ficava estacionado na estradinha de cascalho, bem abaixado, esticado no banco da frente do meu carrinho alugado para poder deitar num travesseiro apoiado na parte de dentro da porta do carona. Para poder ficar de olho. Mesmo que nada fosse acontecer.

É um casamento.

A tarde inteira estapeando mosquitos na encosta da montanha atrás do trailer dela, fiquei agachado, escondido nos arbustos. Observá-la pelo visor da minha câmera, esperando a chance de apertar o REC. Sarah só precisava se curvar e pegar um tanque de propano. Só cinco minutos soltando sacolas pesadas de

ração de gato do seu carrinho velho e esse serviço estaria pronto. Nada mais a fazer a não ser entregar o carro na locadora e pegar o voo seguinte para casa.

Mas, claro, estou aqui sentado no galpão dela porque tropecei e caí. Ela veio e me encontrou, depois que escureceu, depois que os mosquitos eram piores que qualquer outra coisa – tiro, facada – que ela pudesse fazer comigo. Tive que gritar por ajuda, e ela colocou um braço em volta da minha cintura e meio que me carregou até aqui. Ela me deixou aqui. Só para descansar um minutinho, disse ela.

Ninguém está dizendo que sou muito original. Gosto de observar passarinhos, digo para ela. Aquela área é famosa pelo caradrino peludo do peito-vermelho. O faisão do pescoço-azul vem acasalar aqui, bem nessa época.

Ela está com minha câmera de vídeo, fica mexendo na telinha à mostra e me diz:

– Ah, sério? Quero ver.

A câmera faz um zumbido, um clique, a luzinha vermelha do play acende, brilhando. Ela observa a tela, sorrindo, chapada.

Eu digo: Não. Tento alcançar a câmera, pegá-la de volta, mas muito rápido. Eu digo: Não. Muito alto.

E Sarah Broome, ela dá um passo para trás, puxando cotovelos e mãos que seguram a câmera fora do meu alcance. A luz da telinha tremeluzindo feito a luz de velas no rosto dela. Ela sorri e continua observando.

Ela continua observando, mas seu rosto relaxa, o sorriso murcha, as bochechas vergam e ficam flácidas.

São imagens em que ela levanta sacos de esterco bovino, sacos plásticos brancos, escorregadios e cheios de bosta de vaca. Cada saco diz em grandes letras pretas “Peso líquido: 22 quilos”.

Com os olhos ainda fixos na telinha, todos os músculos do seu rosto se contraem. As sobrancelhas. Os lábios. São os cinco minutos que vão encerrar a vida dela. Meu pequeno dedo-duromentário que vai conduzi-la de volta à escravidão da classe operária.

Pode ser que as costas dela tenham sarado. Pode ser que ela tenha fingido desde o início, mas é fato que ela não é mais uma inválida. Com aqueles brações, ela ganharia uma briga com um crocodilo.

Sarah Broome: só quero dizer que eu entendo. Nesse exato minuto, enquanto você lê o verso da caixa de veneno de rato, quero que saiba: aquela primeira

semana de inválido total, totalmente indefeso e incapacitado, foi de longe a melhor semana da minha vida adulta.

É o sonho de todo fazendeiro. Todo guarda-freio e garçonete que já tirou férias de uma semana para ir acampar. Num dia de sorte, um trem de carga faz uma curva muito rápida e sai dos trilhos, ou eles pisam no milk-shake que derramaram no chão e acabam indo morar numa estrada de cascalho sem nome. Inválidos felizes.

Talvez não seja a Vida Boa, e sim a Vida Que Dá. A máquina de lavar roupa e a secadora num deque coberto ao lado do trailer. Tudo pintado de metal, pustulado, empolado de ferrugem.

Se ela simplesmente me ouvisse, eu podia dizer à Sra. Broome onde encontrar minha carótida. Ou onde acertar na minha cabeça quando ela vier com a marreta.

Não, Sarah Broome apenas me diz para esperar um pouco. Ela fecha as portas do galpão e me deixa lá, sentado. Um cadeado se fecha.

Nesse exato minuto, ela está afiando uma faca. Está procurando nas roupas, nas calças e blusas, jeans e suéteres, procurando uma roupa que ela não queira mais usar.

Aguardando-a, fico berrando para ela não se sentir mal. Berrando que o que ela está fazendo é o certo. É o único jeito perfeito de tudo isso acabar.

De pé atrás do balcão do bar, Agente Fuxico nos diz:

– No fim das contas, ela era mais esperta que eu, a tal Sarah Broome.

Em vez de matá-lo, ela deixou a câmera de vídeo gravando. Ela gravou a história dele na fita. O homicídio de Lewis Lee Orleans. E depois de esconder a fita, ela o levou até o hospital de carro.

– Isso – diz Agente – é o que eu chamo de final feliz…

17.

Algumas histórias, diria o Sr. Whittier, você conta e esgota. Já outras, são elas que esgotam você.

Miss América agarra a barriga com ambas as mãos, agachada no assento amarelo de uma poltrona na sala de charutos gótica, balançando para lá e para cá com um xale sobre os ombros. Se a barriga dela parece grande ou se ela está apenas usando roupas demais, não dá para dizer. Ela balança, os braços e as mãos alinhados com os vergões vermelhos inchados e cicatrizes de arranhões de gato. Ela diz:

– Já ouviu falar sobre CMV, citomegalovírus? Para mulher grávida é mortal, e é transmitido por gatos.

– Se você se sente mal sobre o que fez ao gatinho – diz Elo Perdido –, deveria mesmo.

Segurando a barriga e balançando a cadeira, Miss América diz:

– Era aquele gato ou eu…

Estamos todos sentados no Salão Frankenstein, em frente à lareira de vidro amarelo e vermelho, observando uns aos outros. Fazendo anotações mentais de cada gesto e fala. Gravando por cima de cada instante, de cada acontecimento, de cada emoção com a seguinte.

Sentado numa poltrona de couro amarelo, Elo Perdido vira-se para Condessa da Antevidência na poltrona ao lado e diz:

– E aí? Quem você matou pra chegar aqui?

Todo mundo finge que não entendeu o que ele quis dizer.

Todo mundo quer ser a câmera, não o assunto.

– Não parece que todo mundo aqui está escondendo alguma coisa? – diz Elo Perdido. Com o nariz comprido, o toldo que é a monocelha grossa, aquela barba, ele continua: – Por qual outro motivo essa gente atravessaria aquela porta com o Sr. Whittier… um homem que ninguém aqui conhece?

No papel de parede de seda amarela, entre as janelas altas e pontiagudas com

vitrais e o crepúsculo eterno de lâmpadas quinze watts por trás, no papel de parede amarelo, São Sem-Pança fez risquinhos para contar os dias. Com o polegar e o indicador que lhe restam numa das mãos, ele segura um lápis pastel e faz um risco para cada dia que Irmã Justiceira liga a eletricidade.

No chão de piso cerâmico, Agente Fuxico gira para a frente e para trás com a roda de abdominais, tentando perder mais peso.

O forno estragou… de novo. O aquecedor de água também. Os banheiros, entupidos e engasgados com pipoca e gato morto. A máquina de lavar e a secadora estão cheias de fios arrancados e serrados.

As pessoas mijam numa bacia e a levam até a pia. Ou puxam a saia e mijam num cantinho escuro de um salão gigante.

Nós com nossas perucas de conto de fadas e de veludo matando cada dia nessas câmaras frias e cheias de ecos, ao fedor de mijo e suor, é assim que era a vida na corte da aristocracia alguns séculos atrás. Todos aqueles palácios e castelos que parecem limpos e elegantes na atual versão cinematográfica eram, na realidade, fedidos e gelados.

Segundo Chef Assassin, as cozinhas no *châteaux* francês ficavam tão longe da sala de jantar real que a comida chegava fria. Por isso os franceses inventaram inúmeros molhos grossos, para servirem de cobertores que mantinham a comida aquecida até chegar à mesa.

Já nós, nós descobrimos os itens da caça ao tesouro: a bola de boliche, a roda de abdominais, o gato.

– Nossa humanidade não é medida pela forma como tratamos os outros – diz Elo Perdido. Passando o dedo pela camada de pelo de gato na manga do casaco, ele fala: – Nossa humanidade é medida pela forma como tratamos nossos bichos.

Ele olha para Irmã Justiceira, que olha para seu relógio de pulso.

Num mundo em que os direitos humanos são mais fortes do que em qualquer outro momento histórico… Num mundo em que o padrão de vida geral está no auge… Numa cultura na qual cada pessoa é tida como responsável pela sua vida, aqui, diz Elo Perdido, animais estão virando as últimas vítimas reais. Os únicos escravos e as únicas presas.

– Bichos – diz Elo Perdido – são como definimos os humanos.

Sem animais, não haveria humanidade.

Num mundo só de gente, ser gente não significará nada…

– Talvez tenha sido por isso que o povo lá da Villa Diodati não se matou,

com todos aqueles dias chuvosos, trancados dentro de casa – diz Elo Perdido.

Por ter toda aquela coleção de cachorros, gatos, cavalos e macacos, para fazê-los se comportarem como seres humanos.

Olhando para Miss América, seus olhos vermelhos e seu rosto úmido de febre, Elo Perdido diz como, no futuro, pessoas que fazem manifestação na frente das clínicas – gente que fica brandindo cartazes que mostram bebês sorridentes, gente amaldiçoando e cuspindo em grávidas –, naquele mundo indigno, lotado, diz Elo:

– Essa gente vai xingar as poucas egoístas que ainda resolvem dar à luz…

Naquele mundo do futuro, o mundo fora daqui, os únicos animais serão os de zoológico e os dos filmes. Qualquer coisa não humana será só sabor no jantar: frango, boi, porco, cordeiro ou peixe.

Miss América agarra a própria barriga e diz:

– Mas eu tinha que comer.

– Sem bichos – diz Elo Perdido – haverá humanos, mas não humanidade.

Olhando para o anel de noivado, o grande diamante de Lady Mendiga cintilando no dedo magro, Mãe Natureza diz:

– O que você falou sobre protestar contra bebês… é tão horrível, você está parecendo Camarada Escárnia.

O quarto fantasma desse lugar.

– Concordo – diz São Sem-Pança, olhando para Mãe Natureza. – Bebês são… maravilhosos.

Mãe Natureza e Sem-Pança: ainda temos subtrama romântica.

Então Elo Perdido ergue as mãos e sacode as mangas do casaco até caírem para trás. Apertando cada têmpora com os indicadores, ele diz:

– Então eu vou invocar.

Invocar Camarada Escárnia. E, invocando o Sr. Whittier, ele diz que os seres humanos precisam aceitar o lado animal selvagem em sua natureza. Precisamos dar vazão aos nossos reflexos de lutar ou fugir. Estas habilidades que aprendemos ao longo das últimas mil gerações. Se ignorarmos nossa necessidade de ferir e ser ferido, se negarmos que precisamos e deixamos acumular, é aí que chegamos nas guerras. Nos assassinatos em série. Tiroteio em escola.

– Você tá dizendo que temos guerras – diz São Sem-Pança – porque temos baixa tolerância ao tédio?

E Elo Perdido diz:

– Temos guerras porque negamos nossa baixa tolerância.

Agente Fuxico registra Conde Calúnia, que grava as falas de Elo Perdido, todos nós à espera daquela jogada reveladora, física, que algum dia podemos sugerir a um ator no set. Algum detalhe que deixe a nossa versão da verdade mais real.

Enfiando uma mão sob as várias camadas de saias, Miss América deixa os olhos se direcionarem para baixo e fitarem o nada no carpete. Enquanto os dedos de sua mão se mexem sob as saias, sua respiração, o peito subindo e descendo, sua respiração para.

Quando ela mostra a mão, seus dedos brilham, úmidos com uma substância clara. Não é sangue. Ela leva a mão ao nariz e sente o cheiro. Franzindo a testa, sua pele se junta formando rugas profundas entre os olhos azuis.

A pobre Diretora Negação parou de chorar, ah, já faz uma eternidade. Desde então, ela só fica sentada, observando Miss América. Seguindo-a de quarto em quarto. Esperando.

– Você está com uma infecção bacteriana – diz Elo Perdido ao ver os arranhões nos braços de Miss América. – *Bartonella bacterium*, uma infecção dos linfonodos. – E ele para de falar por tempo suficiente para as pessoas anotarem. Letra por letra, ele soletra: – B-A-R-T…

E enquanto isso Conde Calúnia anota.

– E se não me engano – diz Elo, fungando – sua bolsa acabou de estourar…

Miss Espirro tosse no punho cerrado e, contra o silêncio, o som da caneta anotando no papel é alto feito um trovão.

Quando as mãos úmidas de Miss América se aproximam do nariz, são seguidas pelos olhos de Diretora Negação.

Cada um de nós: a câmera por trás da câmera por trás da câmera.

Tirando o pelo solto das mangas do casaco, sem erguer o olhar, Elo Perdido diz:

– O nome popular é “doença da arranhadura de gato”.

– Estou com enxaqueca – diz Miss América, secando os dedos úmidos no xale. Erguendo punhados da saia, ela tomba para a frente para sair da poltrona. Ela puxa o xale para cima, colocando-o mais alto em volta do pescoço arranhado. De pé, Miss América começa a andar na direção da porta, dizendo: – Vou para o meu quarto.

O assento de couro de sua poltrona está escuro. Molhado. De água, não sangue.

Quando Miss América desaparece, a cabeça cada vez mais baixa conforme desce a escada, só então Diretora Negação se mexe.

Assim que Miss América some de vista, Diretora Negação vai atrás dela.

E nós observamos e tomamos nota. O jeito que as mãos da Diretora seguram, cada uma, um punhado de uniforme, uma saia de comprimento Clara Barton, um avental com uma cruz vermelha no peito e um chapeuzinho de enfermeira dobrado e preso no alto da peruca, seus dedos agarrando a saia com tanta força que ficam brancos. O jeito como o queixo dela encosta no peito para seus olhos se erguerem e olharem de debaixo da marquise que são suas sobrancelhas. Os lábios comprimidos com tanta força, o músculo de cada canto da mandíbula fica tensionado, chamativo. Sem fazer um som mais alto que nossas canetas no papel, Diretora Negação segue Miss América.

Nós, os demais, sentados, esperando o grito.

Alguma coisa cartilaginosa tem que acontecer.

Alguma coisa fantasmagórica tem que acontecer.

A mitologia de nós… mas com os royalties divididos entre menos um.

Agente Fuxico se joga no chão, descansando de lado, ofegante, reluzente de suor. Sua túnica revela a calça de harém encrespada por baixo, sua peruca bem puxada para baixo e quente na cabeça. A Elo Perdido, ele diz:

– Pra confirmar sua própria teoria – diz Agente Fuxico. – Quem você matou pra chegar aqui?

EVOLUÇÃO
Um poema sobre Elo Perdido

– O que você vai fazer hoje? – pergunta Elo Perdido. – Como vai justificar?
A montanha de bichos mortos e ancestrais em que está pisando.

Elo Perdido no palco, seus olhos fixos, olhos amarelos, das profundezas sombrias de sua arcada supraciliar.
Seus olhos e nariz, eles se apinham na clareira, o espacinho aberto
entre o pelo espesso na testa e a floresta da barba.
Suas mãos pairam muito perto dos joelhos,
suas juntas pairam com cachos pretos.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:
Cenas em dezesseis milímetros de uma monstra coberta de pelo vermelho,
alta como um homem montado num cavalo, com um chifre na testa,
fugindo da câmera.
Um dia de sol ao longo do rio, com pinheiros ao fundo.
Esta monstra de documentário, sobreposta a Elo Perdido,
seus seios de pelo vermelho sacudindo,
ela se vira para nos olhar.

No palco, Elo Perdido diz:
– Toda vez que você respira, é porque alguma coisa morreu.
Alguma coisa ou alguém viveu e morreu para você ter sua vida.
A montanha de mortos, eles conduzem você a um novo dia.
Elo Perdido, ele diz:
– O esforço, a energia e o impulso das vidas que eles deram…
Como vai chegar até você?

Como você vai aproveitar o dom deles?

Sapatos de couro, frango frito e soldados mortos só são tragédias

se você desperdiçar o dom

sentado na frente da TV. Ou preso no trânsito. Ou preso em algum aeroporto.

– Como você vai demonstrar para todas as criaturas da história? – diz Elo Perdido.

Como você vai demonstrar que o nascimento, o empenho e a morte delas valeram a pena?

DISSERTAÇÃO
Um conto de Elo Perdido

No fim das contas, ele descobriu que aquele não era um encontro de verdade.

Sim, tinha cerveja num barzinho, tinha uma mulher que dava pro gasto. Uma mesa de sinuca. Música no jukebox. Hambúrguer com ovo frito e batata frita. Comida de encontro.

Foi logo depois da morte de Lisa, mas a sensação era legal. Sair.

Mas essa mulher, a nova, ela nunca olha para o lado. Nem para o jogo de futebol na TV que fica em cima do balcão. Ela erra toda tacada porque não consegue nem ver a bola branca. Os olhos dela parecem que estão fazendo ditado. Estão fazendo anotações taquigráficas. Tirando fotos.

– Ouviu falar daquela menininha que morreu? – pergunta ela. – Não era da reserva? Vocês se conheciam?

As paredes de cedro rústico do bar estão defumadas por anos de cigarros. A serragem no chão é grossa, para absorver os cuspes de tabaco. As luzes de Natal se estendem para lá e para cá no teto preto. Vermelhas, azuis e amarelas. Verdes e laranja. Algumas luzes piscam. É o tipo de bar onde ninguém se importa se você trouxer o cachorro ou um revólver.

Ainda assim, apesar das aparências, é menos um encontro e mais uma entrevista.

Mesmo quando a menina está afirmando alguma coisa, sai como uma pergunta.

– Você sabia – diz ela – que santo André e são Bartolomeu tentaram converter um gigante com cabeça de cachorro? – Ela nem tenta alinhar a próxima tacada, e continua: – Na época, a Igreja Católica dizia que o gigante tinha três metros e meio e cara de cachorro, juba de leão e dentes como as presas de um javali selvagem.

Claro que ela erra, mas não para. Fica só de blá-blá-blá.

– Já ouviu a expressão italiana *lupa manera*?

Inclinada sobre a mesa de sinuca, ela erra outra tacada fácil, as duas bolas alinhadinhas pra caçapa do canto. Ela não para, é o tempo todo dizendo:

– Já ouviu falar da família francesa Gandillon? Em 1584, a família toda foi queimada na fogueira…

A mulher, Mandy Sei-lá-quem, ela anda pelo campus faz alguns meses, acho que desde o recesso de Natal. Saia curta, bota de salto fino tão afiado quanto a ponta de um lápis. Não é o tipo de roupa que uma mulher daqui teria dinheiro pra comprar. A princípio, ela circulava pelo departamento de antropologia. Em "Introdução aos Povos do Mundo", ela era a monitora de graduação, e foi ali que seu olhar fixo começou de verdade. Depois ela passou a circular pelo departamento de letras, perguntando sobre o programa de iniciação ao direito. Todo dia, ela lá. Todo dia, ela diz oi. Ainda assim, sempre espionando. Os olhos tirando fotos. Fazendo anotações.

Sendo: Mandy Sei-lá-quem, Agente Secreta.

O contato visual ocorre na maior parte no trimestre de inverno. E esta semana ela diz:

– Quer comer alguma coisinha?

Por conta dela. Mesmo assim, apesar do hambúrguer, das luzinhas de Natal e da cerveja, não é um encontro.

Raspando a bola seis, ela diz:

– Pra jogadora de sinuca, eu sou uma ótima antropóloga. – Passa giz no taco. – Já ouviu a palavra *varulf*? E um cara chamado Gil Trudeau? Ele foi o guia do general Lafayette na Revolução Americana – e ela continua passando o cubinho azul na ponta do taco. Mandy Sei-lá-quem diz: – Já ouviu falar da expressão francesa *loup-garou*?

Esse tempo todo, os olhos dela, observando. Medindo. Procurando uma resposta. Uma reação.

É a parte antropóloga dela que quer ter encontros e sair. Ela veio de Nova York, lá de longe pra conhecer caras da Reserva Chewlah. Sim, é racista, diz ela.

– Mas é um racista *bom*. É que tenho uma quedinha pelos caras da Chewlah…

Na mesa, com os hambúrgueres, Mandy Sei-lá-quem se inclina para a frente, com os cotovelos na mesa, uma mão segurando o queixo, a outra desenhando algo invisível no tampo ensebado. Ela diz que todos os homens da tribo Chewlah são parecidos.

– Todo cara Chewlah tem um pauzão e bolas no lugar do queixo – diz ela.

O que ela quer dizer é que os Chewlah têm um queixo quadrado que cai um pouco para a frente. Queixos fendidos, tão fundos que mais pareciam duas bolas do saco escrotal. Os Chewlah sempre têm a barba por fazer, mesmo logo depois de se barbear.

Aquela sombra escura constante, Mandy Sei-lá-quem chama de “Barba Feita Por Fazer”.

Os caras da Reserva Chewlah, eles têm só uma sobrancelha, um mato de palha negra, da grossura de uma plataforma de pelos pubianos no septo nasal, que depois se arrastam para chegar quase nas orelhas.

Entre esses tufos de cachos pretos e o saco do queixo, fica o nariz Chewlah. Um tubo comprido, caído no meio do rosto deles. Um nariz tão grosso e semiereto, com uma ponta gorda que esconde a boca. Um nariz Chewlah tão grande que fica por cima do queixo escrotal, mas só um pouquinho.

– As sobrancelhas escondem os olhos – diz Mandy. – O nariz esconde a boca.

Quando conhece um cara da tribo Chewlah, no início a pessoa só vê pelo pubiano, um pauzão semiereto pendendo pra baixo, e as bolas um pouco atrás.

– Tipo Nicolas Cage – diz ela –, só que melhor. Tipo pau e bolas.

Ela come uma batata frita e diz:

– É assim que se sabe se o cara é o bonito.

A mesa está arenosa por causa do sal que ela colocou nas batatas. Ela paga tudo com um American Express de uma cor que o barman nunca viu. Titânio ou urânio.

Foi a dissertação que a trouxe aqui. A pessoa só aguenta fazer um projeto que nem esse, em Manhattan, no meio daquele monte de pós-graduando em antropologia, aos risinhos, só tolera aquilo até o ponto em que seus orientadores começam a aconselhar que você faça trabalho de campo. No campo dela, criptozoologia. O estudo de animais extintos ou lendários, tipo Pé-Grande, Monstro do lago Ness, vampiros, o Puma de Surrey, o Homem-Mariposa, o Demônio de Jersey. Animais que podem ou não existir. Foi ideia do orientador dela vir aqui, visitar a Reserva Chewlah, estudar a cultura local e fazer um pouco de queimação de sola de sapato forense. Construir o argumento da sua tese.

Com os olhos subindo e descendo, procurando alguma reação, alguma confirmação.

– Meu Deus – diz ela, a língua estendida, fingindo ânsia de vômito –, eu estou muito Margaret Mead, não estou?

O plano original dela era *morar* na Reserva Chewlah. Ia alugar uma casa ou algo assim. O pai e a mãe dela são médicos e querem que ela siga seus sonhos, que não fique que nem eles, independentemente de quanto custar. Mesmo falando de si mesma, Mandy Sei-lá-quem fazia perguntas. Falando dos pais, ela diz:

– Por que eles não mudam de carreira? Isso é triste ou o quê?

Toda frase dela termina com um ponto de interrogação.

Os olhos dela, azuis ou cinzentos, depois prata, continuam observando. Seus dentes dão uma mordida no hambúrguer, embora já deva estar gelado. Tipo comer uma coisa morta.

Ela diz:

– Aquela menina que morreu…

E depois:

– O que acha que aconteceu?

A dissertação dela trata de criaturas gigantes e misteriosas que surgem em todas as regiões do mundo. Os gigantes que chamam de Seeahtiks, nas Montanhas das Cascatas, em volta de Seattle. Que chamam de Almas, na Europa. Ieti, na Ásia. Na Califórnia, são os Oh-mah-ah. No Canadá, o Sasquatch. Na Escócia, Fear Liath More, os famosos “Cinza” que andam pelas montanhas Ben Macdhui. No Tibete, os gigantes são os Metoh-kangmi, ou os Abomináveis Homens das Neves.

Todos esses nomes diferentes para gigantes peludos que perambulam pela floresta, pelas montanhas, às vezes os montanhistas ou lenhadores veem, às vezes são fotografados, mas nunca capturados.

Ela chama de fenômeno transcultural. Ela diz:

– Odeio o termo genérico: Pé-grande.

Todas essas lendas cresceram isoladas, mas todas descrevem monstros enormes, peludos, que fedem que é um horror. Os monstros são tímidos, mas atacam caso sejam provocados. Num caso, de 1924, um grupo de mineiros no Noroeste do Pacífico atirou no que acharam ser um gorila. Naquela noite, na cabana deles no Monte Saint Helens, foram atacados por um grupo desses gigantes peludos, que jogavam pedras. Em 1967, um madeireiro no Oregon viu outro gigante peludo arrancar rochas de uma tonelada do chão e comer os

esquilinhos que hibernavam embaixo.

A maior prova contra esses monstros é que nenhum nunca foi capturado. Nem encontrado morto. Hoje em dia, com tanto caçador se embrenhando no mato, gente de moto, não tinha como alguém não pegar um Pé-grande.

O barman chega na mesa, perguntando se queremos mais uma rodada. E Mandy Sei-lá-quem para de falar, como se o que ela estivesse falando fosse segredo de estado. Com o carinha parado ali, ela diz:

– Traga a conta.

Quando ele vai embora, ela retoma:

– Você conhece o termo *gerulfos*, do galês? – Ela diz: – Você se incomoda? – Girando para o lado, colocando as mãos na bolsa em cima da cadeira vizinha, ela tira um bloquinho envolto por um elástico. – Minhas anotações – diz ela, tirando o elástico e colocando-o ao redor do pulso para não esquecer. – Já ouviu falar da raça que os gregos chamavam de *cynocephali*? – diz ela. Com o bloco aberto, ela lê: – E dos *vurvolak*? Dos *aswang*? Dos *cadejo*?

Essa é a segunda metade da obsessão dela.

– Todos esses nomes – diz, fincando um dedo na página aberta do bloco –, tem gente do mundo inteiro que acredita neles, e isso há milhares de anos.

Todo idioma no mundo tem uma palavra para lobisomens. Toda cultura na terra tem medo deles.

No Haiti, diz ela, grávidas têm tanto medo que o lobisomem vá comer o recém-nascido que, ainda com o bebê na barriga, tomam café amargo misturado com gasolina. Elas tomam banho num ensopado de alho, noz-moscada, cebolinha e café. Tudo pra corromper o sangue do bebê e deixá-lo menos apetitoso pro lobisomem que passar por perto.

É aí que entra a tese de Mandy Sei-lá-quem.

Pé-grandes e lobisomens, diz ela, são o mesmo fenômeno. O motivo pelo qual a ciência nunca encontrou um Pé-grande morto é porque ele se transforma de volta. Esses monstros são pessoas. Só passam algumas horas ou alguns dias transformados. O pelo cresce. Eles ficam *berserk*, como diziam os dinamarqueses. Eles inflam, ficam imensos, e precisam de espaço pra andar. Na floresta ou nas montanhas.

– É, tipo – diz ela –, o ciclo menstrual. Até machos têm esses ciclos. Elefantes machos passam pelo ciclo de *must* mais ou menos de seis em seis meses. Ficam fedendo a testosterona. As orelhas e as genitálias mudam de

forma, e eles ficam perturbados que nem o diabo.

Salmões, diz ela, quando sobem o rio para a desova, mudam tanto de formato, a mandíbula se deforma, a cor se transforma, que mal dá para reconhecer a espécie. Ou gafanhotos que viram locustas. Nessas condições, o corpo inteiro muda de forma e de tamanho.

– Segundo minha teoria – diz ela –, esse gene de Pé-grande está relacionado a hipertricose ou ao *Gigantopithecus* humanoide, por mais que devesse estar extinto há meio milhão de anos.

Essa Sra. Sei-lá-quem é só blá-blá-blá.

Alguns caras já tiveram que ouvir merdas piores pra comer um rabinho.

A primeira palavra comprida que ela diz, hipertricose, é uma doença hereditária que faz crescer cabelo em todos os poros, e a pessoa fica parecendo uma atração de circo. A segunda palavra comprida dela, *Gigantopithecus*, era de um ancestral de três metros e meio dos humanos, descoberto em 1934 por um médico chamado Koenigwald enquanto pesquisava um dente fossilizado gigantesco.

Com um dedo batendo na página aberta do bloco, Mandy Sei-lá-quem diz:

– Você se dá conta de por que as pegadas – ela dá uma batidinha com o dedo – fotografadas por Eric Shipton no monte Everest em 1951 – e ela dá outra batidinha com o dedo – parecem exatamente as pegadas fotografadas no Bed Macdhui, na Escócia – e ela dá mais uma batidinha com o dedo – e são exatamente como as pegadas encontradas por Bob Gimlin no norte da Califórnia em 1967?

Porque todo monstro peludo ambulante, no mundo inteiro, é parente.

A teoria dela é que tem gente pelo mundo, grupos isolados de pessoas, que têm um gene que faz com que elas se transformem nesses monstros, de forma que isso faz parte do ciclo reprodutivo delas. Os grupos são isolados, ficam sozinhos em trechos da mata, porque ninguém quer virar um semibicho peludo, gigante, no meio, digamos, de Chicago. Ou da Disney.

– Ou – diz ela – naquele voo da British Airways, a meio caminho entre Seattle e Londres…

Ela está se referindo a um voo do mês passado. O jato caiu em algum lugar perto do Polo Norte. O último comunicado do piloto dizia que alguma coisa tinha derrubado a porta do cockpit. A porta reforçada com aço, à prova de balas, à prova de explosão. No registro de bordo, na caixa-preta, os últimos sons são de

gritos, rosnados e a voz do piloto gritando: “O que é isso? O que está acontecendo? O que você é?…”

A Federal Aviation Administration diz que não há possibilidade de terem levado armas, facas ou bombas a bordo.

O Homeland Security Office diz que a colisão provavelmente foi causada por um único terrorista, chapado com grande quantidade de droga sintética. A substância lhe deu força sobre-humana.

Entre os passageiros falecidos, Mandy Sei-lá-quem diz, estava uma menina de 13 anos da Reserva Chewlah.

– A menina estava indo para – ela folheia as anotações – a Escócia.

A teoria de Mandy é que a tribo Chewlah estava mandando a garota para o exterior antes que ela entrasse na puberdade. Para que ela pudesse encontrar e quem sabe se casar com alguém da comunidade Ben Macdhui, onde, segundo a tradição, gigantes de pelo cinza andam pelas encostas acima dos 1.200 metros.

Mandy Sei-lá-quem é cheia de teorias. A Biblioteca Pública de Nova York tem uma das maiores coleções do país de livros sobre ciências ocultas, diz ela, porque a biblioteca já foi administrada por um concilio de bruxas.

Mandy Sei-lá-quem, ela diz que os Amish têm livros sobre toda a comunidade Amish na Terra. Um inventário de cada integrante da igreja deles. Para quando viajarem ou imigrarem, eles possam sempre estar, viver e acasalar entre seu próprio povo.

– Não é absurdo esperar que esse povo Pé-grande também faça esses inventários – diz ela.

Porque a transformação é sempre temporária, por isso os pesquisadores nunca encontraram um Pé-grande morto. E por isso que o conceito de lobisomens ocorre em todas as culturas, ao longo de toda a história humana.

Há uma filmagem, a gravação de um homem chamado Roger Patterson, de 1967, que mostra uma criatura que anda sobre duas patas, coberta de pelo. Uma fêmea de cabeça pontiaguda e seios e nádegas enormes. O rosto, os seios e a bunda, o corpo inteiro coberto de pelo marrom-avermelhado e felpudo.

Naqueles poucos minutos de filme, que alguns dizem ser fraude e outros chamam de prova inegável, deve ser a Tia Maroca de alguém passando pelo ciclo. Andando por aí, comendo frutinhas silvestres, insetos, tentando se manter longe dos humanos até voltar a ser como era.

– Coitada da mulher – diz Mandy. – Imagine milhões de pessoas assistindo a

um filme de você nua, no pior dos piores “daqueles dias”?

Provavelmente o restante da família daquela mulher, toda vez que as imagens aparecem na TV, provavelmente a chamam na sala e começam a tirar sarro.

– O que parece um monstro para o mundo – diz Mandy – é só um filme caseiro para a tribo Chewlah.

E ela faz um breve intervalo, talvez esperando uma reação. Um riso ou suspiro. Um tique nervoso.

Quanto à menina no voo, diz Mandy Sei-lá-quem, imagine como ela deve ter se sentido. Comendo o lanche que servem a bordo, mas ainda com fome. Mais fome do que já havia sentido. Ela pede à aeromoça mais um lanche, sobras, qualquer coisa. Então percebe o que estava prestes a acontecer. Até então, ela só tinha escutado as histórias sobre papai e mamãe indo para a mata passar algumas noites, onde comiam veado, gambá, salmão, tudo que desse pra pegar. Ficavam selvagens por algumas noites, depois chegavam em casa exaustos, talvez grávidos. Imagine que essa menina se levantando pra se esconder no banheiro do avião, mas está trancado. Ocupado. Ela fica lá parada no corredor, na frente da porta do banheiro, com cada vez mais fome. Quando a porta finalmente se abre, o homem lá dentro diz “Desculpe”, porém é tarde demais. O que está diante da porta não é mais humano. É pura fome. Então joga o homem de volta no banheirinho de plástico e tranca os dois lá dentro. Antes que ele consiga gritar, o que antes era uma menina de 13 anos enfia os dentes na traqueia do homem e a rasga.

Ela come sem parar. Arranca as roupas dele, como se descascasse uma laranja, para comer a parte suculenta por dentro.

Enquanto os passageiros na cabine principal caem no sono, a menina só come. Come e grunhe. E talvez uma aeromoça veja a camada viscosa de sangue escorrendo por baixo da porta do banheiro trancado. Talvez a aeromoça bata na porta e pergunte se está tudo bem. Ou quem sabe a menina Chewlah só coma e coma e continue com fome.

O que sai do banheiro trancado, empapado de sangue, não está nem perto de ter saciado a fome. O que abre a porta com um estrondo, que entra na cabine escura, agarrando punhados de rosto e de ombros, a coisa anda pelo corredor como quem percorre um buffet de salgadinhos, pastando, provando. O jato lotado deve ter parecido uma caixinha de bombons àqueles olhos amarelos e vorazes.

Cabeças humanas a escolher nesse buffet livre voador.

A última transmissão do comandante, antes da porta do cockpit ser arrancada:

– SOS. SOS. Tem alguém comendo minha tripulação…

Mandy Sei-lá-quem para por aí, os olhos quase duas luas cheias, uma das mãos no peito que revolve conforme sua respiração tenta alcançar sua fala. No hálito, o cheiro de cerveja.

Da rua, a porta se abre e várias caras entram no bar, todos vestindo roupas do mesmo tom laranja-claro. Moletons. Coletes. Casacos laranja. Podia ser um time, mas são operários, gente que trabalha na estrada. Na televisão acima do balcão passa um comercial chamando as pessoas para se alistarem na Marinha.

– Dá pra imaginar? – diz ela.

O que vai acontecer se ela provar que é tudo verdade? Se a raça de uma pessoa a faz virar uma arma de destruição em massa? O governo vai mandar todo mundo com esse gene secreto tomar drogas para reprimi-lo? As Nações Unidas vão mandar todos pra quarentena? Campos de concentração? Ou todos serão marcados com transmissores a rádio, assim como o guarda florestal marca os ursos-pardos mais perigosos?

– É só questão de tempo – afirma Mandy Sei-lá-quem –, você não acha, até o FBI aparecer pra fazer entrevistas na reserva?

Na primeira semana que ela passou por lá, dirigiu até a reserva e tentou conversar com as pessoas. O plano era alugar uma casa e observar a vida cotidiana. Absorver detalhes da cultura Chewlah, como as pessoas ganhavam a vida. Conseguir um relato oral de suas lendas e história. Ela foi até lá de carro armada de gravador e cinquentas horas de fita. E ninguém se sentava pra conversar. Não havia casas nem apartamentos ou quartos pra alugar. Não fazia nem uma hora que ela estava lá quando o xerife lhe falou sobre um toque de recolher que exigia que ela saísse da reserva antes do pôr do sol. E com o tempo que levava pra chegar lá, naquela hora ela já tinha que ir embora.

Ela levou um pé na bunda.

– O que eu quero dizer é – diz Mandy – que eu podia ter impedido tudo isso.

O frenesi alimentar da menina. O avião que caiu. O FBI a poucos dias de chegar ali. Depois os campos de concentração. A limpeza étnica.

Desde então, ela tem perambulado pela faculdade comunitária, tentando sair com um cara Chewlah. Fazendo perguntas e ganhando tempo. Mas ela não quer respostas. Ela quer aplausos. Está esperando que digam que ela está certa.

A palavra que disse antes, *varulf*, significa “lobisomem” em sueco. *Loup-garou* é em francês. Aquele homem, Gil Trudeau, o guia do general Lafayette, foi o primeiro lobisomem citado na história dos Estados Unidos.

– Me diga se estou certa – fala ela –, e vou tentar ajudar.

Se o FBI chegar aqui, diz ela, essa história nunca vai ver a luz do dia. Todas as pessoas com o gene suspeito vão simplesmente sumir sob a custódia do governo. Pelo bem público. Ou vai acontecer um acidente oficial para resolver a situação. Não um genocídio, não oficialmente. Mas há um bom motivo para o governo ter pegado pesado com algumas tribos, ter dizimado-as com cobertor com varíola, ou mantê-las em reservas longe de tudo. Claro que nem todas as tribos tinham o gene do Pé-grande, mas, cem anos atrás, como era possível identificar quem estava em risco?

– Me diga se estou certa – diz Mandy Sei-lá-quem –, e vou botar você no programa *Bom Dia* amanhã de manhã.

Quem sabe até no Bloco A…

Ela vai revelar tudo. Ganhar a compaixão do público. Quem sabe envolver a Anistia Internacional. Essa pode ser a nova luta pelos direitos das minorias. Só que global. Ela já identificou as outras comunidades, tribos, grupos pelo mundo com maior probabilidade de ter o suposto gene monstro. O hálito dela, o cheiro de cerveja, diz “monstro” tão alto que os operários de laranja olham pra eles.

Ela podia estar flertando com caras do mundo inteiro. Por mais que esse encontro seja uma enganação, a menina vai achar alguém que diga o que ela quer ouvir.

Que lobisomens e Pé-grandes existem. E que ele é as duas coisas.

Alguns caras já tiveram que ouvir merdas piores pra comer um rabinho.

Até os Chewlah de pau na cara.

Até mesmo eu. Mas digo a ela:

– Aquela menina, a de 13 anos, o nome dela era Lisa. Era minha irmã mais nova.

– Um boquete – diz Mandy Sei-lá-quem – *não está* fora de cogitação…

Qualquer cara seria um imbecil de não levá-la para a reserva, para casa. Quem sabe apresentar pros pais. Pra toda família, porra.

E, de pé, digo:

– Você pode conhecer a reserva. Hoje à noite. Mas antes preciso dar um telefonema.

18.

No camarim de Miss América, no concreto cinza com tubulação à mostra, ajoelhada ao lado da cama de solteiro, a Sra. Clark está dizendo que ter um filho nem sempre é o sonho que se imagina.

O restante de nós está no corredor, espiando. Todos nós estamos com medo de perder um acontecimento importantíssimo e ser obrigados a ouvir a palavra de outra pessoa.

Miss América aninhada na cama, enroscada de lado, com o rosto virado para a parede de concreto cinza, nessa cena ela não tem falas.

E, ajoelhada ao lado, a Sra. Clark e seus seios gigantes, secos, encaixados na beirada da cama, ela diz:

– Lembra-se da minha filha, Cassandra?

A menina que olhou dentro da Caixa Pesadelo.

Que cortou os cílios e depois sumiu.

– Quando ela sumiu, foi a primeira vez que notei o anúncio do Sr. Whittier – diz ela.

Enfiado dentro de um livro, no quarto que ela deixou para trás, Cassandra escrevera numa folha de papel: *Retiro de Escritores. Abandone Sua Vida Durante Três Meses.*

A Sra. Clark diz:

– Eu *sei* que o Sr. Whittier já fez isso antes.

E Cassandra estava aqui – presa nesse lugar – da última vez.

Crianças, diz ela. Quando pequenas, elas acreditam em tudo que você conta sobre o mundo. Sendo mãe, você é o almanaque mundial, a enciclopédia, o dicionário e a Bíblia, todos juntos. Mas depois que eles chegam numa idade mágica, é justamente o contrário. Após isso, você é mentirosa, boba ou vilã.

Enquanto o restante de nós anota, quase não se ouve o barulho das nossas canetas no papel. Todos escrevemos: *mentirosa, boba.*

Do gravador de Conde Calúnia, ouvimos:

– … ou vilã.

Tudo que a Sra. Clark sabe de fato é que, depois de passar três meses desaparecida, a encontraram. A polícia achou Cassandra.

Ajoelhada ao lado da cama de Miss América, ela diz:

– Aceitei ajudar Whittier porque eu queria saber o que tinha acontecido com a minha filha… – A Sra. Clark diz: – Eu queria saber, e ela nunca me contaria…

MENINA DOS OLHOS
Um conto da Sra. Clark

Três meses depois de Cassandra Clark sumir, ela reapareceu. Um homem dirigindo para o trabalho na rodovia estadual viu uma menina quase nua, mancando, pelo acostamento de cascalho. A garota parecia estar vestindo uma tanga escura, luvas pretas e sapatos. Tinha uma espécie de babador ou lenço preto amarrado no pescoço, pendurado para tapar os seios. Quando o motorista deu meia-volta com o carro e ligou para a polícia, o sol já estava alto e dava para ver que a menina, na verdade, estava nua.

Os sapatos e as luvas, a tanga e babador eram puro sangue seco, grosso, escuro e tomado de moscas pretas zunindo. Um moscaréu. Moscas rastejavam sobre ela, grossas como uma pelagem preta.

A cabeça da menina estava raspada e cheia de crostas. Tufos de cabelo esfiapados brotavam atrás das orelhas e em volta do alto da careca.

Ela mancava porque os dois dedinhos menores haviam sido amputados do pé direito.

O babador, aquela camada de sangue no peito, aquela pele cheia de moscas, na emergência do hospital os médicos passaram álcool e acharam um jogo da velha entalhado na pele, logo acima dos seios. O jogador do X havia ganhado.

Quando eles limparam as mãos dela, descobriram que ambas as mãos estavam sem o mindinho. Nos outros dedos, as unhas haviam sido arrancadas, por isso as pontas dos dedos estavam inchadas e roxas.

Sob o sangue seco, sua pele estava branco-azulada. O rosto da menina era formado pelas saliências ossudas do seu queixo, suas maçãs do rosto e o septo nasal. Nas têmporas e acima do contorno do queixo, a pele vergava em sulcos tomados de sombras.

Dentro das paredes de cortina da sala de emergência, a Sra. Clark inclinava-se sobre as grades cromadas da cama da filha e dizia:

– Meu bebê… Ah, meu doce bebê… Quem fez isso com você?

Cassandra riu e olhou para as agulhas enfiadas em seus braços e para os tubos transparentes enfiados nas veias, então respondeu:

– Os médicos.

Não, disse a Sra. Clark, quem cortou seus dedos?

E Cassandra olhou para a mãe e disse:

– Você acha que eu ia deixar *outra pessoa* fazer isso comigo? – As risadas dela pararam, e ela falou: – Eu fiz isso comigo mesma.

E foi a última vez que Cassandra riu.

A polícia, disse a Sra. Clark, encontrou provas. Acharam farpas de madeira, finas feito agulhas, nas paredes da vagina dela. E no ânus. A polícia forense tirou lascas de vidro dos cortes que havia no peito e nos braços dela. A Sra. Clark disse à filha que não falar não era uma opção.

Eles precisavam saber de todos os detalhes que Cassandra pudesse lembrar.

A polícia disse que quem havia feito aquilo podia raptar outra vítima. A não ser que Cassandra pudesse encarar o próprio medo e ajudá-los, nunca encontrariam seu opressor.

Na cama, à luz do sol que entrava pela janela, Cassandra estava deitada e apoiada em travesseiros, observando os passarinhos planarem, indo e vindo pelo céu azul.

Com os dedos envoltos em ataduras brancas, o peito almofadado de ataduras, sua mão-lápis só se mexia para desenhar os passarinhos, voando para lá e para cá. Com um bloco de desenhos apoiado nos joelhos.

A Sra. Clark disse:

– Cassandra, querida? Você precisa contar tudo à polícia.

Se ajudasse, um hipnotizador poderia ir ao hospital. Os assistentes sociais trariam bonecos *anatomicamente detalhados* para serem usados no depoimento.

E Cassandra ainda observava os passarinhos. Desenhando-os.

A Sra. Clark disse:

– Cassandra?

E colocou uma das mãos sobre a de Cassandra, enroladas em ataduras brancas.

E Cassandra olhou para a mãe e disse:

– Não vai acontecer de novo. – Olhando novamente para os passarinhos, Cassandra fala: – Não comigo, pelo menos… Fui vítima de mim mesma.

Lá fora, no estacionamento, as equipes de TV estavam armando a transmissão via satélite, cada furgão alinhando a antena no topo do carro. Prontos para a deixa do âncora no estúdio. Os repórteres, segurando um microfone e colocando um ponto eletrônico no ouvido.

Durante três meses, a cidade onde elas moravam prendeu cartazes nos postes. Todos mostravam Cassandra Clark em seu uniforme de chefe das líderes de torcida, sorrindo e balançando o cabelo loiro. Durante três meses, a polícia interrogou os alunos do colégio. Os detetives haviam entrevistado quem trabalhava na rodoviária, na estação de trem, no aeroporto. As emissoras locais de rádio e TV rodaram institucionais que diziam que ela pesava cinquenta quilos, que sua altura era um e setenta, que tinha olhos verdes e cabelo na altura do ombro.

Cães de resgate cheiraram sua saia de líder de torcida e seguiram o rastro até o banco do ponto de ônibus.

Patrulheiros estaduais de lancha drenaram cada lago, açude e rio que ficasse a até um dia de distância.

Médiuns telefonaram para dizer que a menina estava a salvo. Que ela havia fugido para se casar. Ou que estava morta e enterrada. Ou que fora vendida como escrava branca e contrabandeada para morar no harém de um magnata do petróleo. Ou que tinha mudado de sexo e voltaria para casa em breve como um menino. Ou que estava presa num castelo ou numa espécie de palácio, presa com um grupo de estranhos, todos se cortando. Esse último médium escreveu três palavras numa folha e enviou à Sra. Clark. Dobradas no papel, as linhas trêmulas escritas a lápis diziam:

Retiro de escritores.

Depois de três meses, as fitas amarelas que as pessoas haviam atado às antenas dos carros já tinham desbotado, estavam quase brancas. Bandeiras de rendição.

Ninguém prestou muita atenção nos médiuns, pois eram muitos.

Para cada Joana Ninguém que a polícia encontrava, queimada, podre ou mutilada, sem identificação, a Sra. Clark prendia a respiração até que os registros odontológicos ou testes de DNA mostrassem que não era Cassandra.

Após o terceiro mês, Cassandra Clark estava sorrindo e balançando o cabelo na lateral das caixinhas de leite. A essa altura, as vigílias e orações à luz de velas haviam cessado. A poupança de recompensa que a filial do banco na cidade preparara era a única coisa que ainda rendia.

Então, um milagre: ela apareceu, mancando, nua, na rodovia.

No leito hospitalar, sua pele estava roxa por causa dos ferimentos. Sua cabeça estava raspada. A pulseira de plástico em volta do pulso dizia: C. Clark.

O legista do condado passou cotonetes à procura de células de pênis, que ele disse que são alongadas, diferente das vaginais, arredondadas. Cotonetaram ela inteira em busca de sêmen. A equipe de detetives aspirou seu escalpo, suas mãos e seus pés a procura de células epiteliais estranhas. Encontraram fibras de veludo azul, seda vermelha, pelo de cabra preto. Cotonetaram por dentro da boca e fizeram a cultura do DNA em placas de Petri.

Psicólogos se sentaram ao lado da sua cama, dizendo como era importante Cassandra falar para tentar se livrar da dor. Que ela botasse a amargura para fora.

As equipes de rádio e TV, os repórteres de jornais e revistas, todos ficavam sentados no estacionamento, gravando matérias com a janela do hospital de fundo. Alguns davam passos para trás para filmar equipes de filmagem filmando equipes de filmagem filmando a janela. Para mostrar como aquilo havia virado um circo, e se aquela era a verdade derradeira.

Quando a enfermeira trouxe comprimidos para dormir, Cassandra balançou a cabeça. Só de fechar os olhos, ela caiu no sono.

Depois que Cassandra se recusou a falar, a polícia caiu em cima da Sra. Clark, contando quanto a investigação ia custar para os contribuintes. Os detetives balançavam a cabeça e falavam sobre como se sentiam traídos, irritados, por terem trabalhado tanto, por terem dispensado tanta atenção a uma menina que não dava a mínima quanto à dor e às dificuldades que estava provocando à própria família, à comunidade, ao governo. Ela fez todos chorarem e rezarem. Todos odiavam o monstro que a havia torturado, e todos queriam vê-lo capturado, levado à justiça. Depois de todas as buscas e de todo o empenho, elas mereciam. Mereciam vê-la na tribuna, chorando enquanto descrevia como o monstro cortara seus dedos. Rasgara seu peito. Enfiara um pau de madeira em sua bunda faminta.

E Cassandra Clark só olhava para os detetives que faziam fila ao lado de sua cama. Todos os rostos, todo o ódio e raiva focados nela porque não lhes dava outro alvo. Um demônio legítimo. O demônio que eles tanto queriam.

O promotor público ameaçou processar Cassandra por obstrução da justiça.

A mãe dela, a Sra. Clark, em meio àqueles rostos irritados.

Cassandra sorria e dizia a todos:

– Vocês não percebem que estão viciados em conflito? – dizia Cassandra sorrindo. – Esse é meu final feliz. – Olhando de novo pela janela, para os passarinhos voando, ela afirmava: – Eu estou ótima.

Ainda no hospital, ela pediu um peixinho dourado num aquário. Depois, ficou apoiada na cama, observando-o nadar, dando voltas, desenhando-o. Assim como a mãe dela assistia a um programa de TV atrás do outro, todas as noites.

A última vez que a Sra. Clark foi visitar a filha, Cassandra desviou os olhos do peixe só o suficiente para dizer:

– Não sou mais que nem você. – Ela disse: – Não preciso ficar me vangloriando da dor…

E depois disso, Tess Clark não visitou mais a filha.

19.

No seu camarim, Miss América está gritando.

Na cama, as saias para cima e as meias para baixo, Miss América grita:

– Não deixem essa bruxa levar meu bebê…

Ajoelhada ao lado da cama, secando com uma toalha o suor da testa de América, Condessa da Antevidência diz:

– Não é um bebê. Ainda não.

E Miss América grita de novo, mas não com palavras.

No corredor em frente à porta do camarim, dá para sentir cheiro de sangue e merda. É o primeiro movimento intestinal que algum de nós tem em dias, quem sabe semanas.

É Cora Reynolds. Um gato reduzido a sabor. A bosta.

– Ela está ali me esperando – diz Miss América, ofegante, mordendo o punho. A dor a faz pressionar os joelhos no peito. As cólicas a deixam de lado, aninhada na bagunça de lençóis e cobertores. – Está esperando pelo bebê – diz Miss América.

As lágrimas deixam seu travesseiro cinza-escuro.

– Não é um bebê – diz Condessa da Antevidência. Ela torce água de um pano e inclina para limpar o suor. Ela diz: – Deixe eu lhe contar uma história.

Limpando o rosto de Miss América com água, ela diz:

– Marilyn Monroe sofreu dois abortos espontâneos, sabia?

E, por um instante, Miss América fica em silêncio, escutando.

Dos nossos quartos, levando a caneta ao papel, todos nós estamos atentos. Nossos ouvidos e gravadores apontados para os canos do aquecimento.

Do corredor em frente à porta, em seu uniforme de enfermeira da Cruz Vermelha, Diretora Negação diz:

– Devíamos ferver água?

E, ajoelhada ao lado da cama, Condessa da Antevidência diz:

– Por favor.

De novo do corredor, a cabeça de Diretora Negação e seu chapeuzinho branco de enfermeira passando pela porta aberta, ela diz:

– Chef Assassin quer saber… quando ele deve botar as cenouras no fogo…

Miss América berra.

E Condessa da Antevidência grita:

– Se isso foi uma brincadeira, *não* foi engraçada…

A cenoura invisível, a história de São Sem-Pança.

E, do corredor, Chef Assassin grita:

– Acalmem-se. Claro que é brincadeira. – Ele diz: – A gente *não* tem batata nem cenoura…

MIOPIA
Um poema sobre Condessa da Antevidência

– Sensor eletrônico de rastreio – diz Condessa da Antevidência, sacudindo o bracelete de plástico.

Condição ditada pelos termos de sua recente condicional.

Condessa da Antevidência no palco, enrolada nas teias de um xale preto de renda.

Um turbante de veludo azul em volta da cabeça.

Um anel com pedras de várias cores em cada dedo.

Seu turbante, preso na frente com uma pedra preta polida, ônix, azeviche ou sardônica,

alguma pedra que absorve toda luz. Reflete nada.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:

Sombras de estrelas de cinema falecidas, o resíduo de elétrons que quicaram nelas

cem anos atrás.

Estes elétrons passaram por uma película de celulose,

para transformar a natureza química do óxido de prata

e recriar corridas de biga, Robin Hood, Greta Garbo.

– Radares – diz Condessa. – Sistemas de posicionamento global. Exames de raios X…

Duzentos anos atrás, essas coisas levariam você para a fogueira, que nem bruxa.

Um século atrás, você seria pelo menos motivo de riso. Chamavam você de idiota ou de mentiroso.

Mesmo hoje, se você prevê o futuro ou lê o passado pelos indicadores

que nem todo mundo consegue identificar…
é a prisão ou o hospício que você vai acabar chamando de lar.
O mundo sempre vai castigar os poucos que têm talentos
especiais
que o restante de nós não reconhece como reais.

Um psicólogo na audiência de condicional dela chamou seu crime de “psicose aguda induzida pelo estresse”.
Um “episódio isolado, atípico”.
Crime passional.
Que nunca, nunca mais aconteceria.
Bata na madeira.
Àquela altura, ela já havia cumprido quatro anos de uma sentença de vinte.
O marido fora embora e levara os filhos.

Dali a duzentos anos, quando tudo que ela viu, e leu, e soube,
quando tudo fizer sentido,
aí Condessa não será nada além de um número de prisioneira.
Um caso arquivado.
Cinzas de bruxa.

Something's Got to Give
Um conto de Condessa da Antevidência

Claire Upton telefona da cabine de um banheiro nos fundos do antiquário. Atrás da porta trancada, sua voz ecoa pelas paredes e pelo assoalho. Ela pergunta ao marido: É muito difícil acessar a câmera de segurança? Roubar a fita? Ela fala e começa a chorar.

É a terceira ou quarta vez que Claire vem a essa loja na última semana. É daquelas lojas que você tem que deixar a bolsa com o caixa para entrar. Tem que checar o casaco também, se tiver bolso fundo, espaçoso. E o guarda-chuva, porque tem gente que joga coisinhas pequenas, tipo pentes, joias e quinquilharias nas dobras. Uma placa ao lado do caixa idoso, escrita com caneta preta de ponta de feltro sobre papelão cinza, diz: "Não gostamos de quem rouba da gente!"

Tirando o casaco, Claire disse:

– Não sou ladra.

O caixa idoso olhou-a de cima a baixo. Estalou a língua e disse:

– Por que você seria exceção?

Ele deu a Claire meia carta de baralho para cada item que ela deixou para trás. Pela bolsa, um ás de copas. Pelo casaco, o nove de paus. Pelo guarda-chuva, o três de espadas.

O caixa olhou para as mãos de Claire, as linhas dos bolsos da camisa e da meia-calça, atrás de protuberâncias que pudessem ser furtos. De trás do balcão da entrada, por toda a loja, havia cartazes pendurados avisando para o cliente não roubar. Câmeras de vídeo observavam cada corredor e cada canto, mostrando numa telinha, empilhada junto a outras telas, uma bancada de pequenos monitores de TV que permitiam ao caixa idoso, atrás da caixa registradora, assistir a tudo.

Ele acompanhava cada movimento dela em preto e branco. Saberia onde Claire estava a todo momento. Veria tudo que ela tocasse.

A loja era uma dessas cooperativas de antiguidades em que um bando de

comerciantes de pequeno porte se reuniam sob o mesmo teto. O caixa idoso era a única pessoa trabalhando naquele dia, e Claire era a única cliente. A loja era tão grande quanto um supermercado, mas separada em pequenas baias. Os relógios por todos os lados formavam um papel de parede de ruídos, um rumor de tique-taque, tique-taque, tiquetaqueando. Por tudo quanto era canto se viam troféus de bronze manchados de laranja-escuro. Sapatos de couro craquelado aninhados. Travessas de doce em vidro lapidado. Livros felpudos de mofo cinza. Cadeiras de balanço de vime e cestas de piquenique. Chapéus de palha.

Uma placa de papelão, colada na beirada da prateleira, dizia: “Lindinho de Olhar, Um Prazer Desmedido, Mas Se Você Quebrar, Considere VENDIDO!”

Outra placa dizia: “Veja. Prove. Quebre. COMPRE!”

Outra placa dizia: “Se você quebrar… LEVE PARA CASA!”

Mesmo com as câmeras de segurança observando-a, Claire trata a loja de antiguidades como se fosse uma fazendinha telepática. Um museu em que você pode tocar cada peça exposta.

Segundo Claire, tudo que já se viu num espelho continua lá. Em camadas. Tudo que já se refletiu em decoração de Natal ou bandeja de prata, ela diz que ainda vê. Tudo que brilha é um álbum de fotos telepático ou um filme caseiro das imagens que ocorreram ao seu redor. Numa loja de antiguidades, Claire pode passar a tarde toda acariciando objetos, lendo-os assim como as pessoas leem livros. Procurando pelo passado que continua refletido ali.

– É uma ciência – diz Condessa da Antevidência. – Chama-se *psicometria.*

Claire lhe dirá para não comprar uma faca de trinchar com o cabo prata porque ainda vê o reflexo da vítima gritando na lâmina. Ela vê o sangue na luva do policial ao afastá-la do peito do defunto. Claire vê as trevas no depósito de provas. E de um tribunal com paredes de lambris. Um juiz de túnica preta. Um banho demorado com água quente, ensaboada. Depois o leilão da polícia. Tudo isso continua refletido na lâmina. O reflexo seguinte é nesse instante, você, aqui, na loja de antiguidades, pronta para comprar a faca e levá-la para casa. Você achando aquilo lindo. Sem conhecer seu passado.

– Qualquer coisa bonita – dirá Claire – só está à venda porque ninguém quer.

E se ninguém quiser uma coisa bonita, polida e antiga, provavelmente há um motivo horrível.

Com todas as câmeras antirroubo observando-a, Claire pode lhe explicar tudo sobre vigilância.

Quando ela voltou para buscar o casaco, entregou ao caixa idoso as três cartas de baralho cortadas ao meio. O ás de copas. O nove de paus. O três de espadas.

Detrás da caixa registradora, o idoso pergunta:

– Veio comprar algo?

Ele entrega a bolsa dela por cima do balcão, apontando a cabeça para a bancada com várias TVs pequenas. A prova de que ele a vira tocar tudo.

Então ela vê, numa estante de vidro perto do idoso, num armário de bibelôs lotado de saleiros, pimenteiras e dedais de porcelana, cercado de bijuterias, um pote cheio de um líquido branco e turvo. Dentro daquela neblina, um pequeno punho, forrado de quatro dedos perfeitos, estava prestes a tocar no vidro.

Claire aponta para trás do velho, para a estante de curiosidades, e ela diz:

– O que é aquilo?

O homem se vira para olhar. Ele tira um molho de chaves de um gancho atrás do balcão e abre o armário. Com as mãos lá dentro, passando as bijuterias e dedais, ele diz: – O que você acha que é?

Claire não sabia responder. Tudo que ela sabe é que passa uma energia incrível.

Conforme o idoso leva o pote até ela, o líquido branco e sujo balança. A tampa é de plástico branco, de girar, selada com uma tira de fita listrada branca e vermelha. O idoso apoia um cotovelo no balcão diante de Claire, segurando o pote perto do rosto dela. Girando o pulso, ele vira o pote até dar para ver um olhinho preto, fixo, olhando para fora. Um olho e o contorno de um narizinho.

Um instante depois, o olho sumiu, afundando nas trevas.

– Adivinhe – diz o idoso. – Você nunca vai adivinhar.

Ele ergue o pote para mostrar a parte inferior do pote. Pressionando o vidro, há um minúsculo par de nádegas cinzentas.

O idoso diz:

– Desiste?

Ele deixa o pote no balcão, e em cima da tampa de plástico branco há um adesivo se soltando. Impresso em tinta preta, diz: HOSPITAL CEDARS-SINAI. Abaixo disso, anotado à mão em tinta vermelha, o restante está borrado. Algumas palavras. Uma data, quem sabe. Muito borrado para ler.

Olhando aquilo, Claire balança a cabeça.

Refletido na lateral do pote de vidro, ela vê anos atrás, décadas atrás: uma sala forrada de ladrilhos verdes. Uma mulher com os pés descalços, as pernas abertas, drapejadas em tecido azul. As pernas da mulher engatadas em estribos. Por cima de uma máscara de oxigênio, Claire consegue ver o cabelo loiro-esbranquiçado da mulher já um pouco castanho nas raízes.

– É ele mesmo – diz o idoso. – Testamos o DNA comparando com uma mecha de cabelo oficial. Todos os traços combinaram.

Ainda dá para comprar o cabelo dela pela internet, diz o homem. Os recortes e os enfeites do loiro-esbranquiçado.

– Segundo as queima-sutiã – diz o idoso –, não é um bebê. É só tecido. Podia ser o apêndice dela.

Lendo o vidro, as camadas de imagens ali refletidas, Claire consegue ver: um abajur numa mesa de cabeceira. Um telefone. Vidros de remédios com receita.

– O cabelo de quem? – pergunta Claire.

E o velho diz:

– Da Marilyn Monroe. – Ele diz: – Se tiver interesse, não é barato.

É uma relíquia cinematográfica, diz o idoso. Uma relíquia sagrada. O Santo Graal da memorabília cinematográfica. Melhor que os sapatinhos de rubi de *O Mágico de Oz* ou o trenó chamado "Rosebud". É o bebê que Monroe perdeu enquanto gravava *Quanto Mais Quente Melhor*, quando Billy Wilder a fez correr pela plataforma da estação de trem, por vários takes, de salto alto.

O homem dá de ombros.

– Consegui com um cara… Ele me contou como ela morreu.

E Claire Upton só olhava, assistindo ao filme de antigos reflexos na lateral curva do pote.

Isso é um souvenir, uma relíquia assim como a mão de um santo, mumificada e adorada no estojo imitação de diamante de uma catedral italiana. Ou uma mecha de cabelo. Ou é outra pessoa, morta. O garotinho ou garotinha que podia ter salvado a vida de Monroe.

O idoso diz:

– Na internet, tudo tem um valor.

Segundo o homem que vendeu o feto a ele, Monroe foi assassinada. No verão de 1962, ela fora demitida da produção de *Something's Got to Give*. George Cukor começou a falar mal dela, e os executivos do estúdio estavam putos porque ela havia faltado ao ensaio para cantar na festa de aniversário de

Kennedy. Seu aniversário de 36 anos havia passado em branco. Os Kennedy a excluíam de tudo. Ela estava envelhecendo com ninguém, com nada. A carreira afundando, e Liz Taylor atraindo toda a atenção do público.

– Então ela tenta ser esperta – diz o velho.

Monroe consegue que a revista *Life* fique ao seu lado, convencendo-os a fazer uma matéria grande com ela. Ela fala para Dean Martin largar *Something's Got to Give* quando o estúdio a troca por Lee Remick. E ela marca uma reuniãozinha. Em sua casa, em Brentwood, uma reuniãozinha só com a ponta do iceberg dos estúdios. Todo estúdio que tem um filme do qual ela tenha participado.

– Uma menina esperta como ela – diz o homem – era de se imaginar que tivesse uma carta na manga. Alguma coisa pra se defender.

Com toda a alta patente dos estúdios reunida em torno de sua mesa mexicana, Monroe toma champanhe e diz que planeja se matar. A não ser que lhe devolvam seu último filme e assinem um contrato novo, de um milhão de dólares, ela vai ter uma overdose. Simples assim.

– O povo do estúdio – diz ele – não se assusta tão fácil.

Esses tubarões, eles já têm nos rolos de filme o melhor que ela podia dar. Monroe está ficando velha, e o público se cansou de seu rosto. Suicidar-se seria folhear a ouro todos os filmes dela que eles tinham nas caixas-fortes. Eles lhe disseram: "Manda ver, garota."

– O cara que me vendeu esse pote aí – diz o velho –, ele ouviu isso da boca de um cara que foi nessa reunião.

Monroe se chapa de champanhe. Os dragões de estúdio nas cadeiras. Ela tinha a bênção deles. Deve ter partido seu coração.

– Então – diz o velho – ela fica esperta.

Vai mexer no testamento, diz ela. É verdade, a divisão de lucros que ela tem nos contratos é péssima, mas tira alguns trocados quando relançam o material antigo. Aqueles filmes nas caixas-fortes, um dia eles ainda vão vender para a TV. E vão continuar vendendo, principalmente se ela cometer suicídio. Ela sabe disso. E eles também.

Morta, ela será sexy para sempre. As pessoas vão amar aquela imagem dela, de propriedade dos estúdios, para sempre. Os filmes antigos são dinheiro rendendo na poupança, a não ser que…

O velho diz:

– É aqui que entra o testamento.

Ela vai abrir uma fundação: a Fundação Marilyn Monroe. E toda a renda do seu espólio vai para lá. E a fundação vai distribuir cada centavo para as causas que ela escolher. O Ku Klux Klan. O Partido Nazista Americano. A Associação Norte-Americana Pelo Amor Homem/ Menino.

– Acho que nem todas existiam na época – diz o idoso –, mas você entendeu.

Quando o público americano souber que alguns centavos de cada ingresso de um dos filmes dela, quem sabe até uns cinco centavos, vão para os nazistas… Não vai rolar bilheteria. Não vai ter patrocinador na TV. Os filmes vão valer: nada. Nenhuma foto dela nua vai valer coisa alguma. Marilyn Monroe se tornará a Lady Hitler da América.

– Ela havia feito sua imagem, disse aos cabeças dos estúdios. E podia destruir essa imagem – disse o velho.

Com o pote no balcão entre eles, Claire ergueu o olhar e perguntou:

– Quanto é?

O velho olhou para o relógio de pulso. Disse que nunca venderia, mas está ficando velho. Queria se aposentar e não ficar ali o dia inteiro esperando ser roubado.

– Quanto é? – repete Claire, com a bolsa no balcão, aberta, as mãos enluvadas enfiando os dedos na carteira.

E o velho disse:

– Vinte mil dólares…

São cinco e meia, a loja fecha às seis.

– Hidrato de cloral – disse o velho.

Gotinhas de boa-noite, foi assim que o cara matou Marilyn. Naquela noite de agosto, ele a encontrou semiadormecida por causa dos comprimidos, e só entornou uma garrafinha na sua boca. Claro que aparece um Boa Noite Cinderela no fígado, na autópsia, mas todo mundo disse que ela conseguiu a parada no México. Até o médico que prescreveu a receita dos comprimidos, ele citou o México. Até ele falou em suicídio.

Vinte mil dólares.

E Claire disse:

– Vou pensar. – Ainda observando a névoa branca dentro do pote, ela se afastou do balcão. – Preciso…

O velho estalou os dedos para a bolsa, o casaco e o guarda-chuva. Se ela ia andar pela loja, ele fica com as coisas.

Sem nem pegar as cartas de baralho, Claire entregou seus pertences por cima do balcão.

Claire Upton, ela conseguia olhar para um troféu polido e ainda enxergar um jovem refletido ali, sorrindo e perolado de suor, segurando a raquete de tênis ou o taco de golfe. Ela conseguiria vê-lo engordando, casado, tendo filhos. Depois, o troféu não mostra nada a não ser o interior de uma caixa de papelão. Depois o troféu some, nas mãos de outro rapaz. O filho do primeiro homem.

Mas aquele pote parecia uma bomba prestes a explodir. Uma arma do crime tentando confessar. Só de colocar o dedo, dava para sentir um solavanco. Um choque elétrico. Um alerta.

Enquanto ela andava pela loja, ele a observava pelos monitores.

Nas lentes escuras dos óculos de sol à venda, ela observa um homem jogar uma mulher no chão e afastar as pernas dela a chutes.

Na embalagem dourada de um batom antigo, ela enxerga um rosto amassado dentro de uma meia de nylon, duas mãos em volta do pescoço de alguém na cama, depois as mesmas mãos raspando os trocados, a carteira e as chaves da mesa de cabeceira ao lado do batom. A testemunha.

Claire Upton e o caixa idoso, eles estão sozinhos na loja sombria com travesseiros de renda amarelada. Panos de prato bordados. Segurador de panela em ponto cruz. Conjuntos de escovas banhadas em prata manchados de marrom-escuro. Cabeças de veados montadas com grandes prateleiras de chifres.

Na lâmina de aço de uma navalha reta, o cabo, cromado, rolado e pesado: ali, Claire enxerga o futuro refletido.

Ali, entre as canecas de barbear e os pincéis de crina de cavalo. Altos vitrais de igreja. Bolsinhas peroladas de festa.

Sozinha na loja com a criança perdida de Marilyn Monroe. Sozinha neste museu de coisas que ninguém quer. Tudo sujo com o reflexo de algo horrível.

Contando a história nesse momento, trancada na cabine do banheiro, Claire conta como pegou a navalha e ficou percorrendo todos os corredores da loja, sempre espiando a lâmina para ver se mostrava a mesma cena.

Recontar a história nesse instante, sentada no banheiro dos fundos do antiquário, Claire diz que não é fácil ser médium, ter um dom.

A verdade é que não é fácil ser casado com Claire. No jantar, num

restaurante, ela pode estar ouvindo o que você diz e de repente seu corpo todo estremece. Uma mão se apressa para tapar os olhos e a cabeça dela cai para trás e se vira, para longe de você. Ainda tremendo, ela vai espiar você entre os dedos. Um instante depois, vai suspirar e tapar a boca com o punho cerrado, mordendo as juntas, mas olhando para você sem dizer uma palavra.

Quando você lhe pergunta o que há de errado…

Claire vai dizer:

– Você não quer saber. É horrível demais.

Mas quando você pressiona…

Claire vai dizer:

– Só me prometa. Prometa que vai ficar longe de qualquer carro pelos próximos três anos…

A verdade é que Claire sabe que pode estar errada. Para testar a si mesma, ela escolhe um cinzeiro de prata polida. E ali está, refletido, seu futuro: ela com a navalha na mão.

Quando chega a hora de a loja fechar, ela vai até a frente da loja, bem a tempo de ver o velho girar a placa de “Aberto” para “Fechado”. Ele estava puxando a cortina que cobre a janela da porta da frente. A vitrine estava entupida de suporte de ovo. Roupões de chenil e colchas. Frascos de perfume em forma de *Southern Belles* com saias rodadas. Borboletas mortas emolduradas atrás do vidro. Gaiolas de passarinho enferrujadas. Faróis de ferrovia com sombras de vidro vermelho ou verde. Leques de seda. Ninguém na rua conseguia enxergar o que havia lá dentro.

O caixa idoso diz:

– Já se decidiu?

O pote voltou ao seu lugar, trancado na estante de vidro ao lado da caixa registradora. Na névoa branca, transparecem apenas um olho escuro e a concha de uma orelha minúscula.

Refletido na lateral curva do pote, distorcido, enquanto o velho havia contado a história do assassinato de Monroe, Claire vira outra coisa: um homem colocando uma garrafinha entre os lábios. Um rosto rolando para lá e para cá no travesseiro. O homem limpando os mesmo lábios com a manga da camisa. Seus olhos se fixando na mesa de cabeceira. O telefone, o abajur e o pote.

Na visão de Claire, o rosto do homem se aproxima. Suas mãos se projetam, imensas, até agarrar o pote no escuro.

Aquele rosto refletido é o caixa idoso, sem as rugas. Com um monte de cabelo castanho.

Atrás do balcão, o pote continua ali, parado, latejando de energia. Brilhando de potência. Uma relíquia sagrada tentando lhe dizer algo importante. Uma cápsula do tempo de histórias e fatos que se perderam aqui, presos num estojo de vidro. Mais envolvente que a melhor série de TV. Mais honesta que o documentário mais longo. Uma fonte histórica primária. Um participante direto. A criança ali sentada, esperando que Claire a resgate. Que ouça.

Querendo justiça. Vingança.

Ainda sendo observada pelas câmeras de segurança, Claire ergue a navalha. Ela diz:

– Quero comprar, mas não estou achando o preço…

E o velho se inclina sobre o balcão para olhar mais de perto.

Do lado de fora da vitrine, a rua está vazia. Os monitores de segurança mostram a loja, cada corredor e cada canto, vazia.

No monitor, o velho cai para trás, quebrando a estante de vidro dos bibelôs, depois escorregando para o chão numa baderna de cacos de vidro e sangue. O pote pendendo, depois caindo, depois quebrado.

Ligando agora, da cabine do banheiro, Claire Upton diz ao marido:

– Era um boneco. Um bebê de plástico.

A bolsa, o casaco e o guarda-chuva salpicados de vermelho pegajoso.

No telefone, ela diz:

– Sabe o que quer dizer?

E, mais uma vez, ela pergunta qual é a melhor maneira de destruir uma câmera de vídeo.

20.

Baronesa Congelada se inclina para mais perto, com uma tigela fumegante de algum líquido aninhada nas mãos, e diz:

– Sem cenoura. Sem batata. Agora beba.

E, aninhada na cama, sob o refletor da câmera, Miss América diz:

– Não. – Ela olha para o restante de nós amontoado diante da porta, incluindo Diretora Negação, então se vira para encarar a parede de concreto e diz: – Eu sei o que é isso…

Baronesa Congelada diz:

– Você ainda está sangrando.

Enfiando-se no camarim, Diretora Negação diz:

– Você precisa comer alguma coisa logo ou vai morrer.

– Então me deixe morrer – diz Miss América, o rosto abafado pelo travesseiro.

Todos nós no corredor ouvindo. Gravando. Testemunhas.

A câmera por trás da câmera por trás da câmera.

Baronesa Congelada se inclina mais para perto com a sopa. No vapor que sai do prato, seus lábios mutilados refletidos na gordura quente e cintilante, Baronesa diz:

– Mas não queremos que você morra.

Ainda encarando a parede, Miss América diz:

– Desde quando? Vocês vão ter menos um com quem dividir a história.

– Não queremos que você morra – diz Reverendo Ímpio, da porta – porque não temos um freezer.

Miss América se vira para observar a tigela de sopa quente. Ela olha para nossos rostos, pendendo a meio caminho do camarim. Os dentes dentro das nossas bocas, aguardando. Nossas línguas nadando em saliva.

Miss América diz:

– Freezer?

E Reverendo Ímpio cerra o punho e bate na testa, assim como se bate numa porta, dizendo:

– Alô-ô? Precisamos que você continue viva até que todo mundo fique com fome de novo.

O bebê dela era a entrada. Miss América será o prato principal. Sobremesa, a definir.

O gravador na mão de Conde Calúnia está pronto para gravar o próximo grito por cima do último. A câmera de Agente Fuxico está focada para gravar por cima de tudo que foi gravado até o momento, para captar nosso próximo ponto importante da trama.

Em vez disso, Miss América pergunta: É assim que vai ser? A voz aguda e trêmula, feito um passarinho. Um acontecimento terrível após o outro após o outro… até estarmos todos mortos?

– Não – diz Diretora Negação. Tirando pelo de gato da manga. – Só alguns de nós vão morrer.

E Miss América diz que não está falando só dali, do Museu de Nós. Está falando da vida. O mundo inteiro é só gente comendo outras pessoas? Gente se matando e se destruindo?

E Diretora Negação diz:

– Entendo o que você quis dizer.

Conde Calúnia anota isso em seu bloquinho. O restante de nós assente.

A Mitologia de Nós.

Ainda segurando a sopa, olhando para o próprio reflexo na gordura que boia por cima, Baronesa Congelada diz:

– Eu trabalhava num restaurante nas montanhas.

Ela enfia a colher na tigela e leva sopa quente na direção do rosto de Miss América.

– Coma – diz Baronesa. – E vou lhe contar como perdi os lábios…

ABSOLVIÇÃO
Um poema sobre Baronesa Congelada

– Mesmo que Deus não nos perdoe – diz Baronesa Congelada – ainda podemos perdoá-Lo.

Devíamos mostrar que somos superiores a Deus.

Baronesa no palco, ela diz à maioria: “Doença na gengiva”,
quando olham demais para o que sobrou
de seu rosto.
Os lábios são apenas a beirada esfarrapada da pele,
untada de batom vermelho.
Os dentes, lá dentro:
o fantasma amarelo de cada xícara de café
e cada cigarro na meia-idade.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:
A cor variante, desbotada, de flocos de neve.
Não há duas sombras azuis do mesmo tamanho ou formato.
O restante dela está sob penas de ganso, estofado, com isolamento,
o cabelo enfiado dentro de um gorro de lã,
mas nunca mais
quente o bastante.
De pé no meio do palco, Baronesa Congelada diz:
– Devíamos perdoar Deus…
Por nos fazer baixos demais. Gordos. Pobres.
Devíamos perdoar Deus por nossa calvície.
Pela nossa fibrose cística. Pela nossa leucemia precoce.
Devíamos perdoar a indiferença de Deus, por Ele nos deixar para trás:

Nós, o projetinho de Deus para a Feira de Ciências, esquecido e juntando mofo.

O peixinho dourado de Deus, ignorado até sermos forçados a comer a própria merda no fundo do aquário.

Com as mãos enluvadas, Baronesa aponta para o próprio rosto, dizendo:

– Pessoas…

Supõem que ela já foi exuberante de tão linda.

Porque agora ela parece tão… mal.

As pessoas, elas precisam de um senso de justiça. Um ato de equilíbrio.

Supõem que câncer é culpa de si mesmas, algo que mereceram.

Um desastre que elas mesmas provocaram.

Então ela lhes diz:

– Fio dental. Pelo amor de Deus, passem fio dental todas as noites antes de dormir.

E, toda noite, Baronesa perdoa as outras pessoas.

Perdoa a si mesma.

E ela perdoa Deus por esses desastres que parecem acontecer por acaso.

FONDUE
Um conto de Baronesa Congelada

– Quando chegam as noites de fevereiro – dizia a Srta. Leroy –, cada motorista bêbado é uma bênção.

Cada casal atrás de uma segunda lua de mel para salvar o casamento. Gente que cai no sono ao volante. Qualquer um que saiu da autoestrada para tomar um drinque, era mais um que a Srta. Leroy podia convencer a alugar um quarto. Metade do trabalho dela era esse papinho. Convencer as pessoas a pedirem mais um drinque, depois outro, até que precisassem ficar.

Às vezes, claro, você fica encurralado. Em outras, diria a Srta. Leroy, você só se senta e espera o que vai acabar se tornando o resto da sua vida.

Os quartos ali no chalé, os hóspedes esperavam que fossem melhores. Os estrados de ferro oscilam, as barras e os pés da cama são gastos onde ficam os entalhes. Porcas e parafusos soltos. Lá em cima, cada colchão é inchado como contrafortes, e os travesseiros são achatados. Os lençóis são limpos, mas a água de poço aqui em cima é ruim. Se tentar lavar qualquer coisa nessa água, o tecido parece que vira uma lixa por causa dos minérios e do cheiro de enxofre.

Para piorar, só há um banheiro coletivo, no fim do corredor. A maioria das pessoas não viaja com roupão, então têm que se trocar só para mijar. De manhã, o hóspede acorda para tomar um banho fedendo a enxofre numa banheira branca-gelo de ferro fundido e pé de garra.

Para ela é um prazer pastorear os estranhos de fevereiro rumo ao penhasco. Primeiro, ela desliga a música. Uma hora antes de começar a falar, ela abaixa o volume, um pouquinho a cada dez minutos, até que Glen Campbell some. Depois que o trânsito vira um nada na estrada lá fora, ela desliga o aquecedor. Um por um, ela puxa os fios que desligam cada plaquinha de cerveja néon. Se houver fogo na lareira, a Srta. Leroy vai deixar queimar até o fim.

Esse tempo todo, ela está pastoreando, perguntando quais são os planos dessa gente. Em fevereiro no White River, há menos que nada para fazer. Raquete para andar na neve, talvez. Esquis para caminhadas, se você trouxer o seu. A Srta.

Leroy deixa os hóspedes surgirem com a ideia. Todo mundo chega a essa mesma sugestão.

E, se isso não acontece, ela vem com a ideia do fondue.

Sua própria Via Crucis. Ela conduz sua plateia pelo mapa de sua história. Primeiro ela se mostra, como era na maior parte da vida, com 20 anos e nas férias de verão da faculdade, acampando em White River, implorando por um emprego de verão, o que na época era o trabalho dos sonhos: cuidar do balcão aqui no chalé.

É difícil imaginar a Srta. Leroy magra. Ela magra com dentes brancos, antes que as gengivas começassem a recuar. Antes de serem como são atualmente, a raiz marrom de cada dente exposta, assim como uma cenoura expulsa a outra do chão se você plantar as sementes muito próximas umas das outras. É difícil imaginá-la votando nos Democratas. Ou se apaixonando por alguém. Imaginar a Srta. Leroy sem a sombra de pelo escuro acima do lábio superior. Difícil imaginar meninos da faculdade esperando uma hora na fila para trepar com ela.

Isso a faz parecer honesta, dizer uma coisa engraçada e triste como aquilo, sobre si mesma.

Faz todo mundo ouvir.

Se você a abraçasse nesse instante, diz a Srta. Leroy, sentiria apenas o arame pontiagudo do seu sutiã.

Fondue, diz ela, é quando você junta uma garotada e faz uma trilha pelo lado falho do White River. Leva a própria cerveja e o próprio uísque e encontra uma piscina de fontes termais. A maioria das piscinas fica entre 65 e 93 graus, o ano todo. Naquela altitude, a água ferve a 92 graus Celsius. Mesmo no inverno, no fundo de um fosso glacial profundo, a lateral das pilhas de neve tombando neles, essas piscinas são tão quentes que podem ferver você vivo.

Não, o perigo aqui não eram os ursos. Você não veria lobos nem coiotes nem linces. Descendo o rio, sim, só um clique em seu odômetro, só uma musiquinha de rádio pela estrada, os hotéis tinham que prender as lixeiras com corrente. Lá embaixo, a neve era cheia de pegadas. A noite era barulhenta, de alcateias uivando para a lua. Mas aqui a neve era macia. Até a lua cheia era calma.

Subindo o rio do chalé, você só precisava se preocupar com morrer escaldado. Gente da cidade, que largou a faculdade, tem quem fique alguns anos. De algum modo, eles passam a informação sobre quais piscinas são seguras e onde encontrá-las. Por onde não andar. Há apenas uma camada fina de cálcio ou calcário que parece leito de rocha, mas que vai fazer você cair e fritar em

imersão num orifício termal oculto.

Também repassam as histórias de terror. Cem anos atrás, uma tal de Sra. Lester Bannock, que veio de Crystal Falls, Pensilvânia, de visita, parou para limpar o vapor dos óculos. O vento mudou, jogando vapor quente em seus olhos. Um passo errado, e ela saiu da trilha. Mais um passo errado, e ela perdeu o equilíbrio, caindo de costas, sentada na água escaldante. Tentando se levantar, ela se jogou para a frente, caindo de cara na água. Aos gritos, ela foi resgatada por desconhecidos.

O xerife que correu com ela para a cidade, ele exigiu cada gota de azeite de oliva que houvesse na cozinha do chalé. Coberta de azeite e enrolada em lençóis, ela morreu no hospital, ainda gritando, três dias depois.

Três verões atrás, um garoto de Pinson City, Wyoming, estacionou a picape, e um pastor alemão pulou da caçamba. O cachorro caiu direto, pulou numa piscina e ganiu até a morte no meio do nado cachorrinho. Os turistas mordendo os nós dos dedos, eles disseram para o garoto não pular, mas ele o fez.

Ele subiu à superfície só uma vez, os olhos fervendo, brancos, fixos. Debatendo-se, cego. Ninguém conseguia tocar nele por tempo suficiente para segurá-lo, então ele se foi.

Pelo restante do ano, foram tirando o cara com redes, do mesmo jeito que se tira folhas e insetos da piscina. Do jeito que tira a nata da gordura de uma panela de ensopado.

No bar do chalé, a Sra. Leroy fazia pausas para deixar as pessoas verem aquele momento na mente. Os pedacinhos dele que ficaram o verão inteiro escorregando pela água quente, fritura estalando na água marrom-clara.

Então a Srta. Leroy fumava um cigarro.

E aí, como se fosse algo que ela havia acabado de lembrar, ela dizia:

– Olson Read. – E depois ria. Como se fosse uma coisa na qual ela não pensasse todo momento, todas as horas que passa acordada, a Srta. Leroy dirá: – Vocês precisavam ter conhecido Olson Read.

O grande, gordo, virtuoso e casto Olson Read.

Olson era cozinheiro no chalé, gordo e pálido, com lábios muito grandes, inchados de sangue, vermelhos como sushi na pele branca-arroz-empapada do rosto. Ele observava as piscinas incandescentes. Aquele jeito dele de se ajoelhar ao lado delas, o dia inteiro, observando a espuma marrom borbulhante, quente feito ácido.

Um passo em falso. Um deslize rápido pelo lado errado de um monte de neve, e a água quente faria com você o que Olson fazia com a comida.

Salmão escaldado. Frango ensopado. Tortas. Ovos cozidos.

Na cozinha do chalé, Olson costumava cantar hinos tão alto que dava para ouvi-los na sala de estar. Olson, imenso em seu avental branco esvoaçante, os laços com nós entrando na sua cintura grossa, profunda, se sentava ao balcão, lendo a Bíblia no quase breu. O cheiro de cerveja e fumaça do carpete vermelho-escuro. Se ele fosse à sua mesa na copa dos funcionários, Olson baixava a cabeça até o peito e dava uma bênção desconexa pelo sanduíche de mortadela.

O verbo favorito dele era “camaradagem”.

Na noite em que Olson entrou na despensa e encontrou a Srta. Leroy beijando um carregador de mala, apenas um desses estudantes de artes que trancou a NYU, Olson Read lhes disse que o beijo era o primeiro passo do demo rumo à fornicação. Com seus lábios vermelhos e borrachentos, Olson dizia a todo mundo que ia se poupar para o casamento, mas a verdade era que ele não podia se dar.

Para Olson, White River era seu Éden, a prova de que Deus era responsável por obras maravilhosas.

Olson observava as fontes termais, os gêisers e fumarolas fumegantes, assim como cada cristão adora a ideia do inferno. Assim como todo Éden precisava ter uma cobra. Ele observava a água escaldante fumegar, estalar, e também espiava pela janelinha da cozinha e assistia às garçonetes no salão.

No dia de folga, ele carregava a Bíblia para a mata, passando por nuvens e neblinas de enxofre. Ia cantando “Maravilhosa Graça” ou “Mais Perto, Meu Deus, De Ti”, mas só os quintos e sextos versos, as partes tão estranhas e desconhecidas que era de se achar que ele havia inventado. Caminhando sobre o precipitado, a fina camada de cálcio que se forma assim como o gelo se forma na água, Olson descia da passarela e se ajoelhava na beirada de uma piscina que borbulhava, fedida. Ali, ajoelhado, ele rezava em voz alta pela Srta. Leroy e pelo carregador de mala. Rezava ao seu Senhor, a Deus Todo-Poderoso, ao Criador do Céu e da Terra. Rezava pela alma imortal de cada garçom pelo nome. Fazia um inventário de pecados de cada camareira, em voz alta. Sua voz subia com o vapor, ele rezava por Nola, que prendia a bainha da saia muito alta e fazia sexo oral em qualquer hóspede do chalé disposto a lhe dar uma nota de vinte. As famílias de turistas ficavam para trás, seguras na passarela atrás dele, Olson implorava por misericórdia para os garçons da sala de jantar, Evan e Leo, que se

agrediam com atos libidinosos de sodomia todas as noites no banheiro masculino. Olson chorava e berrava por Dewey e Buddy, que cheiravam cola de um saco de papel enquanto lavavam os pratos.

Ali, nos portões do seu inferno, Olson gritava opiniões às árvores e ao céu. Fazendo seu relatório a Deus, saía andando depois do turno do jantar e berrava seus pecados às estrelas tão brilhantes que se confundiam na noite. Ele implorava pela misericórdia de Deus, por você.

Não, ninguém gostava muito de Olson Read. Ninguém de idade alguma gosta de um fuxiqueiro.

Todo mundo ouvira a história da mulher embebida em azeite. O garoto que cozinhara com o cachorro até virar sopa. E Olson era quem mais ouvia, os olhos brilhando feito balas. Era a prova de tudo que ele prezava. A verdade. Prova de que não se pode esconder de Deus o que se fez. Não há conserto. No Inferno, estaríamos acordados e vivos, mas tão feridos que desejaríamos a morte. Passaríamos toda a eternidade sofrendo, em algum lugar que ninguém no mundo trocaria conosco.

Nesse ponto, seria nesse ponto que a Srta. Leroy parava de falar. Ela acenderia outro cigarro. Serviria mais uma cerveja.

Algumas histórias, dizia ela, quanto mais você conta, mais gastas ficam. Nas desse tipo, o drama se acaba, e cada versão soa mais boba e mais sem graça. E tem o outro tipo de história, a que gasta você. Quanto mais você conta, mais forte ela fica. Histórias desse tipo só servem para lembrar como você foi imbecil. É. Sempre será.

Contar algumas histórias, diz a Srta. Leroy, é cometer suicídio.

Então ela se esforçava para deixar a história chata, falando sobre como água aquecida até 70 graus Celsius provoca queimaduras de terceiro grau num segundo.

A característica termal típica da Falha de White River é um orifício que se abre para uma piscina incrustada em volta da beirada com uma camada daquele mineral cristalizado. A temperatura média das fossas térmicas próximas a White River é de 96 graus Celsius.

Um segundo numa água tão quente e, quando tirar suas meias, você vai arrancar o pé. A pele cozida das mãos vai grudar em qualquer coisa que você tocar e vai ficar para trás, perfeita como um par de luvas de couro.

Seu corpo tenta se salvar transferindo fluido para a queimadura, para dissipar

o calor. Você sua, desidratando mais rápido que o pior caso de diarreia. Perdendo tanto sangue que a pressão sanguínea cai. Você entra em choque. Seus órgãos vitais falecem numa sucessão veloz.

As queimaduras podem ser de primeiro, segundo, terceiro ou quarto grau. Podem ser superficiais, de profundidade parcial ou total. Em queimaduras superficiais, ou de primeiro grau, a pele fica vermelha e sem bolhas. Pense numa queimadura de sol e na descamação subsequente do tecido necrosado – a pele morta, descascando. Em queimaduras de profundidade total, ou de terceiro grau, a pessoa fica com o visual de couro seco e branco, da articulação que bate na parte interna do forno quando tira um bolo. Em queimaduras de quarto grau, a pessoa fica mais frita que fritura.

Para determinar a extensão de uma queimadura, o médico usa a “regra dos nove”. A cabeça é nove por cento da pele total do corpo. Cada braço também é nove por cento. Cada perna é dezoito por cento. O torso – peito e costas – são dezoito por cento cada. Um por cento no pescoço, e fecha-se os cem por cento do corpo.

Um gole de água numa temperatura tão elevada causa um edema massivo na laringe e morte por asfixia. A garganta incha, trava e a pessoa morre engasgada.

Ouvir a Srta. Leroy dar essa volta é uma poesia. Esqueletonização. Deslizamento da pele. Hipocaliemia. Palavras compridas que levam todo mundo no bar a abstratos seguros e muito, muito distantes. É uma boa pausa na história dela antes de se encarar o pior.

Você pode passar a vida inteira construindo uma parede de verdades entre você mesmo e qualquer coisa real.

Num mês de fevereiro como aquele, na maior parte da vida passada, a Srta. Leroy e Olson, o cozinheiro, eram as únicas pessoas no chalé naquela noite. No dia anterior havia caído um metro de neve, e os limpa-neve ainda não haviam passado.

Assim como toda noite, Olson Read pega sua Bíblia na mão gorda e sai vagando pela neve. Na época, eles tinham que atentar para os coiotes. Os pumas e os linces. Cantando “Maravilhosa Graça” por um quilômetro e meio, sem nunca repetir um verso, Olson sai por aí, branco em meio a neve branca.

As duas pistas da Rodovia 17 perdidas sob a neve. A placa que diz *O Chalé* em verde-néon está pendurada num poste de aço ancorado em concreto com um canteirinho de tijolo em volta da base. O mundo lá fora, como toda noite, é preto e azul à luz da lua, a floresta não passa de pinheiros escuros espichados.

Jovem e magra, a Srta. Leroy nunca deu atenção a Olson Read. Não notou quanto tempo fazia desde que ele havia saído até ouvir os lobos começarem a uivar. Ela estava olhando os próprios dentes, segurando uma faca de manteiga polida para que pudesse ver como seus dentes eram retos e brancos. Estava acostumada a ouvir Olson gritando todas as noites. A voz dele berrando um nome seguido de um pecado, real ou imaginário, que vinha da mata. Ela fumava cigarros, ele gritava. Ela dançava a passos lentos. Ele gritava a Deus em nome dela.

Agora, enquanto conta a história, ela vai fazer você arrancar o resto dela à pinça. Imaginá-la presa lá. A alma no limbo. Ninguém vem ao chalé planejando passar o resto da vida. Caramba, diz a Srta. Leroy, certas coisas que a gente vê são piores que a morte.

Certas coisas que acontecem são piores que acidente de carro, que deixam você abandonado. Pior que quebrar um eixo. Quando você é jovem. E você fica cuidando do bar num lugar remoto pelo resto da vida.

Mais de meia vida atrás, a Srta. Leroy ouve os lobos uivando. Os coiotes latem. Ela escuta Olson gritando, não o nome dela nem algum pecado, só gritos. Ela vai à porta lateral do salão. Dá um passo para fora, inclina-se sobre a neve, virando a cabeça de lado para escutar.

Ela sente o cheiro de Olson antes de vê-lo. É cheiro de café da manhã, de bacon fritando no ar gelado. Cheiro de bacon ou de carne enlatada, em tiras finas, sibilando fresquinhas na própria gordura.

Nesse ponto da história, o aquecedor elétrico na parede sempre liga. Naquele instante, no instante em que o cômodo ficou o mais frio possível. A Srta. Leroy conhece esse momento, sente que isso arrepia os pelos acima do seu lábio. Ela sabe quando parar um segundo. Deixar um pouco de silêncio se instaurar, e depois – *vruum* – a golfada e o gemido de ar quente saindo do aquecedor. O ventilador solta um gemido baixo, a princípio distante, depois alto e próximo. A Srta. Leroy confere se o bar já está escuro. O aquecedor liga, com seu gemido baixinho, e as pessoas erguem o olhar. Tudo que veem na janela é o próprio reflexo. O próprio rosto, que não reconhecem. Uma máscara pálida, cheia de buracos escuros, retribui o olhar delas. A boca é um buraco escuro escancarado. Os olhos, dois buracos pretos bem apertados fitando a noite ao longe.

Os carros estacionados logo ali parecem estar a quase duzentos quilômetros de distância. Até o estacionamento parece longe demais para alguém ir andando num frio daqueles.

O rosto de Olson Read, quando ela o encontrou, seu pescoço e sua cabeça, os últimos dez por cento dele ainda estavam perfeitos. Até mesmo bonitos, se comparado ao resto do seu corpo cozido, descascando.

Ainda gritava. Como se as estrelas se importassem. Esta sobra de Olson, arrastando-se pela lateral do White River, ela tropeçou nela, os joelhos vacilando, arrastando-se, desfazendo-se.

Algumas partes de Olson já tinham ficado para trás. As pernas, abaixo dos joelhos, cozidas e arrastadas pelo gelo partido. Mordidas e puxadas, primeiro a pele, depois os ossos, o sangue tão fervido por dentro que não havia nada atrás, exceto trilha da própria gordura. Seu calor fervendo fundo na neve.

O garoto de Pinson City, Wyoming, o garoto que pulou para salvar o cachorro. As pessoas dizem que quando a multidão o puxou, os braços arrebentaram, junta por junta, mas ele continuava vivo. Seu escalpo descascou no crânio branco, mas ele permanecia consciente.

Na superfície da água causticante, bolhas quentes borbulhavam em todas as cores cintilantes do arco-íris. Era a gordura do garoto, a gordura dele boiando.

O cão do garoto ferveu até virar um casaco de pele perfeito em forma de cachorro, os ossos já limpos e assentando-se no profundo centro geotérmico do mundo, as últimas palavras do garoto foram: “Que merda. Não tem jeito. Tem?”

Foi assim que a Srta. Leroy encontrou Olson Read naquela noite. Só que pior.

A neve atrás dele, a poeira branca à sua volta, era cortada com baba.

Em volta de seus gritos, dispersados à sua volta, a Srta. Leroy via um enxame de olhos amarelos. A neve carimbou o gelo com as pegadas de coiotes. As pegadas de quatro patas de lobos. Em torno de Olson havia os focinhos compridos de cães selvagens. Ofegantes por trás do próprio hálito branco, seus lábios pretos alinhados na crista de cada focinho. Seus dentinhos apinhados, fortes, repuxando os trapos da calça branca de Olson, a calça rasgada ainda fumegando com o que foi fervido vivo lá dentro.

No intervalo de uma pulsação, os olhos amarelos somem e o que resta de Olson é o que resta. A neve que os passos levantam, ela ainda cintila no ar.

Os dois, na nuvem quente de cheiro de bacon, Olson pulsava com calor, uma grande batata assada afundando cada vez mais na neve ao lado dela. A pele dele estava cheia de crostas, enrugada e áspera como frango frito, mas solta e escorregadia sobre o músculo subjacente, o músculo torcido, cozinhado, em

volta do cerne de osso quente.

Com as mãos fechadas com força em volta dela, em volta dos dedos da Srta. Leroy, quando ela tentou se afastar, a pele dele se rasgou. Suas mãos cozidas grudaram, assim como os lábios grudam no metal quando faz frio. Assim que ela tentou se afastar, os dedos dele quebraram-se no osso, cozidos e sem sangue no interior, e ele gritou e agarrou a Srta. Leroy com mais força.

Ele era pesado demais para arrastar. Afundou na neve.

Ela estava ancorada lá, a porta lateral do salão do chalé a apenas vinte pegadas na neve. A porta ainda estava aberta, e as mesas lá dentro arrumadas para a próxima refeição. A Srta. Leroy via a grande montanha de pedra da lareira da sala de jantar, a lenha queimando lá dentro. Ela conseguia ver, mas estava longe demais para sentir. Ela nadou com os pés, chutando, tentando arrastar Olson, mas a neve era muito funda.

Em vez de se mexer, ela ficou torcendo para que ele morresse. Orando a Deus para matar Olson Read antes que ela congelasse. Os lobos na fronteira escura da floresta observando com os olhos amarelos. As formas dos pinheiros se erguendo ao céu noturno. As estrelas lá em cima, sangrando juntas.

Naquela noite, Olson Read lhe contou uma história. Sua história de fantasma.

Quando morremos, são essas histórias que ficam em nossos lábios. As histórias que só contamos a estranhos, num lugar privado, na cela acolchoada da meia-noite. Essas histórias importantes, que ensaiamos por anos na nossa cabeça, mas nunca contamos. Essas histórias são fantasmas, que fazem as pessoas voltarem da morte. Só por um instante. Para uma visita. Cada história é um fantasma. Essa é a de Olson.

Derretendo neve na boca, a Srta. Leroy cuspiu água nos lábios gordos e vermelhos de Olson, o rosto dele era a única parte em que ela podia tocar sem grudar. Ajoelhada ali ao lado dele. O primeiro passo do diabo rumo à fornicação. Aquele beijo, o instante para o qual Olson havia se preservado.

Durante a maior parte da vida, ela nunca contara a ninguém o que ele tinha berrado. Guardar isso para si era um fardo. Então ela conta a todos, mesmo que não ajude.

Aquela coisa fervida, lamentável, dentro do White River, gritava: “Por que você fez isso?”

Gritava: “O que foi que eu fiz?”

– Lobos cinzentos – diz a Srta. Leroy, e ri. Não temos esse problema. Não

aqui, diz ela. Não mais.

A causa da morte de Olson chama-se mioglobinúria. Em caso de queimaduras extensas, os músculos queimados soltam a proteína mioglobulina. Essa enchente de proteína na corrente sanguínea sobrecarrega os rins. Falência renal, e o corpo se enche de fluidos e toxinas. Mioglobinúria. Quando a Srta. Leroy diz essas palavras, ela poderia ser um mágico fazendo um truque. Eles podiam ser um feitiço. Um encanto.

Esse jeito de morrer leva a noite inteira.

Na manhã seguinte, o limpa-neve passou. O motorista encontrou os dois: Olson Read morto, e a Srta. Leroy dormindo. Por passar a noite inteira derretendo neve na boca, suas gengivas estavam brancas. Ulceração. As mãos mortas de Read continuavam presas na dela, protegendo seus dedos, quentes como um par de luvas. Durante semanas, a pele congelada em volta da base de cada dente, ela descascou, mole e cinza desde a raiz amarronzada, até que os dentes ficaram daquele jeito. Até os lábios sumirem.

Tecido necrosado. Outro feitiço.

Não tem nada na mata, contaria a Srta. Leroy às pessoas. Nada maligno. É só uma coisa triste e solitária. É Olson Read ainda sem saber o que fez de errado. Sem saber onde está. Tão terrível e sozinho, e até mesmo os lobos e os coiotes foram embora daquela extremidade do White River.

É assim que funciona uma história de terror. Ela ecoa um medo ancestral. Recria um temor esquecido. Alguma coisa que gostaríamos de achar que deixamos para trás ao crescer. Mas que ainda consegue nos assustar até as lágrimas. Algo que você torcia para que estivesse curado.

Toda noite é tomada dessa gente. Gente vagando, que não pode ser salva, mas que não vai morrer. Dá pra ouvi-las à noite, gritando lá fora, desse lado da Falha de White River.

Em algumas noites de fevereiro ainda dá para sentir cheiro de gordura. De bacon fresquinho. Olson Read sem sentir as pernas, mas ainda sendo puxado para baixo. Ele gritando. Os dedos enfiados na neve, sendo puxado para o escuro por aquele monte de dentinhos afiados.

21.

Segundo a Sra. Clark, uma pessoa queima em média 65 calorias por hora enquanto dorme. E queima 77 calorias por cada hora que passa acordada. Só de caminhar devagar, queima duzentas. Só para se manter vivo, a pessoa precisa comer 1.650 calorias por dia.

O corpo só consegue armazenar cerca de 1.200 calorias na forma de carboidratos – a maior parte no fígado. Só de estar vivo, queimamos todas as calorias armazenadas em menos de um dia. Depois disso, começamos a queimar gordura. Depois, músculo.

É aí que o corpo se enche de cetonas. As concentrações de soro-acetona vão às alturas, e a pessoa começa a ficar com mau hálito. O suor fede a cola de aeromodelo.

O fígado, o baço e os rins atrofiam. O intestino grosso incha de desuso e se enche de muco. As úlceras formam buracos na parede do cólon.

Conforme passamos fome, o fígado converte músculo em glicose para o cérebro se manter vivo. Conforme passamos fome, as dores da fome somem. Depois disso, a pessoa fica cansada. Cada vez mais confusa. Para de notar o mundo ao redor. Deixa a higiene de lado.

Assim que a pessoa queima entre setenta a noventa e quatro por cento da gordura corporal, e vinte por cento de músculo, morre.

Para a maioria, isso leva em torno de 61 dias.

– Minha filha, Cassandra – diz a Sra. Clark –, ela nunca me contou o que aconteceu.

A maior parte do que sabemos sobre inanição, diz a Sra. Clark, vem de observar presos na Irlanda do Norte em greve de fome.

Enquanto passa fome, às vezes a pele da pessoa ganha um tom azul esbranquiçado. Às vezes fica marrom-escura. Um terço dos famintos incha, mas só os que têm pele clara.

Na parede da sala de charutos em estilo gótico, São Sem-Pança já contou quarenta dias de marquinhas. Quarenta riscos a lápis.

Nossa história, o épico da vida real da nossa corajosa sobrevivência diante da tortura cruel, tão cruel, bom, os royalties serão divididos apenas entre treze. Agora que Miss América sangrou até a morte.

A maioria de nós já desistiu de estragar a caldeira depois que o fantasma a consertou. Ainda assim, não lavamos as roupas. Tem dias que, do acender ao apagar das luzes, ficamos deitados nas camas dos nossos camarins, atrás do palco. Cada um recitando nossa história para si mesmo.

Se tivermos força, podemos pegar emprestada uma faca do Chef Assassin e cortar nosso cabelo no escalpo. Outra humilhação que o Sr. Whittier nos inflige. Essa é outra maneira de deixar nossa foto do *depois* mais horrível quando comparada à foto de *antes*, nesse momento sendo grampeada em postes ou impressa em caixinhas de leite.

Reverendo Ímpio quebra a perna de uma cadeira e gira a madeira dentro da sua bunda, para que a polícia encontre farpas. Uma ótima ideia sugerida pela filha da Sra. Clark, Cassandra.

Depois de escurecer, ouvimos passos. As portas se abrem com um rangido. Os passos fantasmagóricos. O Sr. Whittier. Lady Mendiga. Camarada Escárnia e Miss América.

Desde que o fantasma atacou Duque dos Vândalos, todos nós trancamos nossas portas depois das luzes se apagarem. Ninguém sai andando a menos que seja em duplas ou trios, toda testemunha com outra testemunha, para ficarem seguros. Todo mundo leva uma das facas do Chef Assassin.

Depois que ela foi para casa, diz a Sra. Clark, sua filha nunca voltou a ganhar peso. As unhas de Cassandra cresceram de novo, mas ela nunca as pintou. O cabelo voltou a crescer, mas Cassandra só lavava e penteava. Ela nunca ondulou, nunca fez um penteado, nunca pintou. Os dentes que faltavam, é claro, nunca ressurgiram.

Ela vestia tamanho zero. Não tinha coxas. Não tinha peito. Só joelhos, ombros e maçãs do rosto de campo de extermínio. Cassandra poderia vestir qualquer coisa, mas todo dia eram os mesmos dois ou três vestidos compridos. Sem joias. Sem maquiagem. Ela praticamente não estava lá. Uma fatia de presunto vencido, e a filha cairia morta. Alguns comprimidos para dormir misturados na aveia. Isso se ela comesse.

Mas claro que a Sra. Clark a levou ao dentista. Pagou um bom dinheiro por uma dentadura parcial. Ofereceu-se para pagar implantes que substituíssem os dentes. Os seios da menina murcharam. Ela pesquisou sobre anorexia nervosa.

A Sra. Clark mentiu e disse que ela estava bonita, magra. Cassandra nunca saía na rua o suficiente para ficar outra cor que não azul-pálida.

Não, Cassandra só foi ao colégio, onde ninguém falava com ela. Todo mundo falava sobre ela, as histórias da tortura que ela sofreu ficando mais horríveis a cada trimestre. Até mesmo os professores soltaram a terrível imaginação. Na vizinhança, todos paravam a Sra. Clark para tocar sua mão e dizer que sentiam muito. Como se houvessem encontrado o cadáver de Cassandra.

Todas as pessoas que foram escrutinadas, vasculhadas com os cães da polícia, pararam de pedir detalhes. Cansaram da Sra. Clark lhes dizendo: “Eu não sei. Eu não sei. Eu não *sei.*…”

No primeiro ano de Cassandra de volta ao colégio, as notas dela melhoraram. Ela não fez testes para ser líder de torcida. Não jogou basquete nem futebol. Ela não fez nada além de ler e voltar para casa. Observava os pássaros no céu. Ela observava o peixinho dourado nadando.

Mesmo assim, Cassandra não usava a dentadura parcial mesmo quando a Sra. Clark implorava e ameaçava – ameaçava se machucar. A Sra. Clark podia queimar o próprio braço com cigarros que a sua filha ficaria parada, sentada, olhando. Sentindo o cheiro.

Cassandra ficava só ouvindo. Enquanto a Sra. Clark implorava e berrava com ela, pedindo a filha que *por favor* se esforçasse para ser bonita. Para ser popular. Conversar com um psicólogo. Que retomasse as rédeas da vida. Qualquer coisa. Mas Cassandra só ouvia.

– Minha própria filha – diz a Sra. Clark –, não muito mais que uma planta.

Um robô que só tirou dez no último ano no colégio, mas não foi ao baile de formatura. Não namorava. Não tinha amigas. Uma Caixa Pesadelo que só tiquetaqueava, no alto de uma prateleira.

– Ela passava o dia sentada – disse a Sra. Clark –, como as pessoas na igreja.

Em silêncio. Costas retas. Olhos atentos. Mas sem cantar, sem nunca sugerir algum detalhe sobre o que se passava na sua cabeça. Cassandra só ficava olhando e ouvindo. Não era a menina que a mãe conhecera, mas outra pessoa. Uma estátua que observava do alto de um altar. Uma estátua esculpida numa catedral mil anos atrás. Na Europa. Uma estátua que sabia que havia sido esculpida por Leonardo da Vinci. Era isso o que Cassandra parecia na opinião dos outros.

A Sra. Clark diz:

– Aquilo me deixou louca.

Em outros momentos, era como morar com um robô. Ou com uma bomba-relógio. Havia dias em que a Sra. Clark ficava esperando que algum culto ou algum doido ligasse e chamasse Cassandra. Havia noites em que a Sra. Clark dormia com uma faca embaixo do travesseiro e com a porta do quarto trancada.

Ninguém sabia o que aquela menina quieta ia se tornar. Ela havia passado por algo que o restante de nós não tinha nem como imaginar. Tanta tortura, tanto terror, que ela não precisava contar aos outros. Ela nunca mais precisaria de drama nem de alegria nem de dor.

Era possível entrar numa sala, ligar a televisão, comer um saco de pipoca, e só então notar que ela estava sentada ao seu lado no sofá.

Sério, ela era sinistra *nesse nível*. Sim, era.

Teve um jantar, só as duas na mesa da cozinha, em que a Sra. Clark perguntou se Cassandra se lembrava da Caixa Pesadelo. Se aquela noite na galeria teve algo a ver com seu desaparecimento.

E Cassandra disse:

– Aquilo me fez querer ser escritora.

Depois daquilo, a Sra. Clark não conseguia mais dormir. Ela queria que a filha fosse embora. Para a faculdade. Para o exército. Para um convento. Qualquer lugar. Que simplesmente fosse embora.

E, certo dia, a Sra. Clark ligou para a polícia e disse que Cassandra havia sumido.

Claro que ela tinha procurado por toda a casa. A Sra. Clark sabia que Cassandra conseguia desaparecer no papel de parede ou nas listras do tecido do sofá. Mas ela havia sumido mesmo.

Com todas as fitas amarelas desbotadas ainda balançando nas antenas dos carros, bandeiras de rendição, Cassandra Clark havia sumido de novo.

CASSANDRA
Outro conto da Sra. Clark

Se existe um macete para lidar com um serviço que você odeia… a Sra. Clark diz que é: encontrar um serviço que você odeie ainda mais.

Depois que você encontrar uma tarefa maior para odiar, as pequenas atividades vão ser uma tranquilidade. Outro motivo para ter um diabo na mão. Torna todos os diabretes mais… suportáveis. Outra extensão da Sra. Clark às teorias do Sr. Whittier.

Amamos drama. Amamos conflito. Precisamos de um diabo ou criaremos um.

Nada disso é ruim. Os seres humanos simplesmente funcionam assim. Peixes têm que nadar, passarinhos têm que voar.

Depois que a filha sumiu pela segunda vez, a Sra. Clark enfiou um cotonete numa lata de óleo mineral e vedou o reboco entre cada azulejo do banheiro. Isso levou quase o fim de semana inteiro.

Ela tirou o pó de cada persiana com um pano.

Todos esses servicinhos entediantes foram toleráveis enquanto esperava receber a ligação. Os detetives da polícia iam ligar para dizer que acharam os restos. Ou pior, que acharam Cassandra viva.

A menina-robô que podia passar o dia sentada, pintando os pássaros azuis que cantavam em sua janela. Ou assistindo ao maldito peixinho dourado nadando e nadando no aquário.

Aquele… ser estranho, sem dedos no pé nem nas mãos.

O que a Sra. Clark não sabia era que a polícia havia encontrado Cassandra. Um Lobinho Escoteiro saiu da mata, mudo. Silente em seu segredo, a descoberta que fizera. Explorando a mata, seguindo um pequeno córrego até um cânion, escalando rochas atrás das quais a água formava uma represa antes de derrubar e escavar uma piscina ali, este Lobinho Escoteiro estava atrás de um buraco que fosse grande o bastante para ter trutas. Musgo verde se apinhava nas rochas,

vazando em volta delas, e árvores tinham galhos que seguravam umas às outras. Naquela penumbra, lá estava Cassandra Clark estirada de lado, as mãos dobradas sob a lateral do rosto pálido e magro, como se estivesse dormindo. Cassandra, nua numa cama de musgo grosso, macio, e debaixo dela as folhas de um espinheiro branco pendiam numa cortina por toda a volta.

O Escoteiro conta a um adulto, que chama o xerife. Antes de escurecer, uma fila de detetives já seguia o córrego até subir o cânion. Ao anoitecer, eles foram para casa, uma multidão que não fala sobre o que viu no trabalho naquele dia.

Nenhum deles liga para a Sra. Clark. Em casa, esperando, ela vira todos os colchões. Lava as janelas do segundo andar. Tira o pó dos rodapés. Cada tarefa geralmente ingrata, não é nada comparado a só esperar. Ela limpa a lareira, o telefone nunca tão distante a ponto de não poder pegá-lo assim que tocar.

Nesse segundo desaparecimento, ninguém amarrou fitas amarelas em nada. Ninguém foi bater de porta em porta. Ninguém acendeu velas votivas. Nenhum médium ligou.

Nem as emissoras de TV apareceram. Enquanto a Sra. Clark só faxinava, faxinava, faxinava.

Mais uma noite que Cassandra aguardou no cânion, do outro lado do córrego, e subindo meia encosta rochosa, a boa distância de qualquer estrada onde os lenhadores passam. Não havia pegadas pelo caminho, e seus pés descalços pareciam limpos, como se ela houvesse sido carregada.

Àquela altura, já era tarde demais para medir o potássio em seu humor aquoso. Os braços dela dobravam, ou seja, fazia mais de dois dias que estava morta. O *rigor mortis* já havia vindo e ido embora.

A primeira equipe de detetives, eles penduraram um microfone na cortina dos galhos do espinheiro. Do mesmo modo que deixavam um microfone perto do túmulo da vítima de homicídio depois do enterro. Porque o assassino sempre volta. O assassino tem que falar, contar sua história até que ela fique gasta.

Já outras histórias, elas é que desgastam você.

Para a única plateia que um assassino pode correr o risco de ter: sua vítima.

Cassandra na sua cama de musgo. O microfone pendurado acima dela, ligado a um gravador de fita e um transmissor que enviava o sinal a um xerife-adjunto empoleirado nas rochas do outro lado do cânion. Longe a ponto de ele conseguir dar tapas em mosquitos sem se entregar. Com fone de ouvido. Sentado no chão, coalhado de formigas. Escutando, o tempo todo escutando.

No fone de ouvido, pássaros cantam. O vento sopra.

Você ficaria surpreso de saber quantos assassinos voltam para dar adeus. Eles compartilharam algo, o assassino e a vítima, e o assassino se sentará no túmulo e falará sobre os velhos tempos.

Todo mundo precisa de uma plateia.

No fone de ouvido do adjunto, moscas zumbem, vindo depositar ovos na parte úmida das pálpebras de Cassandra, os lábios azuis abertos apenas por uma fenda. As moscas colocam ovos em seu nariz e ânus.

Em casa, a Sra. Clark já lutou contra a geladeira para desencostá-la da parede da cozinha e passar o aspirador nas bobinas do compressor.

Na cama de musgo, o sangue de Cassandra assentou-se do seu lado mais baixo, deixando as partes à mostra – os seios, as mãos e o rosto – parecendo pintadas de branco. Os olhos abertos e secos por estarem grudando nas línguas dos insetos. O cabelo loiro. O cabelo desenrola-se amarelo e grosso da nuca, mas opaco, assim como o cabelo que parece decepado e morto no chão da barbearia.

As células dela estão se autodigerindo, ainda tentando fazer alguma coisa. Desesperadas por alimento, as enzimas lá dentro começam a corroer as paredes das células, e o amarelado lá dentro começa a vazar. A pele pálida de Cassandra fica escorregadia, deslizando frouxamente sobre o músculo subjacente. Franzida e enrugando, a pele das suas mãos parece folgada como luvas de algodão.

A pele dela fica marcada por incontáveis inchaços, um campo do que poderiam ser marquinhas de faca, cada inchaço se mexendo, esfolando entre pele e músculo. Cada um é uma larva de uma mosca preta. Comendo a camada fina de gordura subcutânea, abrindo túneis logo abaixo da pele. Toda a superfície dela, de seus braços e de suas pernas, é uma constelação de inchaços em movimento.

No fone de ouvido do xerife-adjunto, o zumbido das moscas é substituído pelo crepitar das larvas abrindo túneis, uma mordidinha por vez.

Em casa, a um passo do telefone em silêncio, a Sra. Clark revê as decorações de Natal na poeira asfixiante do sótão, jogando coisas fora e reembalando. Colocando etiquetas em cada caixa.

As bactérias respiraram dentro dos pulmões de Cassandra, as bactérias em suas tripas, em sua boca, em seu nariz, elas se dividem e dividem e dividem sem células brancas para detê-las. Devoram a gordura subcutânea e a proteína amarela que vaza das células destruídas. Elas explodem em número, inchando

seu estômago pálido até os ombros serem forçados para trás. Suas pernas são abertas. A barriga de Cassandra infla, reta, grávida do gás interno, um universo de bactérias se alimentando e se reproduzindo.

Sua língua incha, forçando a mandíbula a se abrir e se sobressaindo entre lábios inflados como pneus de bicicleta. O túnel de bactérias no céu da boca, irrompendo na abóbada craniana, onde seu cérebro aguarda, mole, comestível.

Em casa, a Sra. Clark leva o telefone sem fio de um cômodo a outro, esfregando as paredes e limpando o vidro cheio de moscas mortas que cobre as luminárias do teto.

Após mais um dia, o cérebro de Cassandra começaria a borbulhar, vermelho e marrom, e a sair pelos ouvidos e pelo nariz. A massa mole iria derreter e efervescer nos orifícios onde seus olhos afundaram.

O microfone capta o som. Pense em pipocas abafadas dentro do micro-ondas. Imagine entrar numa banheira com água quente cheia de espuma de banho, o som firme quando todas as bolhas estouram. É o som da chuva forte caindo num pátio de concreto. O granizo batendo no teto do carro. É o som das larvas, agora grossas como arroz branco. O microfone capta um rasgo e um guincho, o som de pele se rasgando e as tripas de Cassandra se achatando.

Chegam os besouros carnívoros. Ratos e pegas. Passarinhos cantam na floresta, cada sequência de notas tão forte quanto luzes coloridas. Um pica-pau escuta com a cabeça inclinada, tentando localizar os insetos dentro da árvore. Ele bate para fazer um buraco.

A pele afunda sobre os ossos, enquanto as tripas de Cassandra vazam. Encharcando o solo. Deixando só uma sombra de pele, essa armação de ossos atolada numa poça formada pela própria lama.

No fone de ouvido do xerife-adjunto, os ratinhos mastigam os besouros. Cobras chegam para engolir os ratinhos guinchando. Tudo parecendo estar no topo da cadeia alimentar.

Em casa, a Sra. Clark já reviu todos os papéis no quarto da filha, dentro das gavetas da escrivaninha. As cartas escritas em papel cor-de-rosa. Antigos convites de aniversário. E, escrito a lápis, copiado na letra à mão de Cassandra numa folha de caderno pautado, as perfurações esfarrapadas subindo por um lado, um bilhete diz:

Retiro de escritores: abandone sua vida durante três meses…

E ela jogou o peixinho dourado pela privada, ainda vivo. Então a Sra. Clark

vestiu seu casaco de inverno.

Naquela noite, no fone de ouvido do xerife-adjunto, a voz de uma mulher disse: “Foi lá que você foi? Nesse *retiro de escritores*? Foi lá que torturaram você?”

Era a voz da Sra. Clark dizendo: “Sinto muito, mas você devia ter continuado desaparecida. Quando voltou, não era mais a mesma.” Ela diz: “Eu te amava muito mais antes de você sumir…”

* * *

Naquela noite, contando a história para nós no saguão de veludo azul, a Sra. Clark diz:

– Usei os comprimidos para dormir. – Sentada nos degraus da escada azul, ela fala: – No instante em que vi o microfone pendurado ali, saí correndo.

Naquela noite no cânion, ela podia ouvir o xerife-adjunto atravessando os arbustos, vindo prendê-la.

Ela nunca mais voltou para sua casa limpa, com todas as tarefas que ela odiava fazer já feitas.

Tendo nada no mundo exceto o casaco e a bolsa, a Sra. Clark ligou para o número no bilhete que Cassandra anotara à mão. Ela conheceu o Sr. Whittier e nos conheceu.

Os olhos dela passando das mãos e dos pés com ataduras para nosso cabelo esfiapado e para nossas bochechas fundas. A Sra. Clark diz:

– Eu nunca fui… nada dele. Nunca amei Whittier. – diz a Sra. Clark. – Eu só queria saber o que tinha acontecido com a minha filha.

Pois fora o Sr. Whittier que havia matado a menina à qual ela dera à luz.

Ela diz:

– Tudo que eu queria era saber *por quê*.

22.

Casamenteiro está sozinho no lounge Renascença Italiana quando o encontramos. Na maioria dos dias, enquanto as luzes estão acesas, ele fica lá parado na mesa comprida, de madeira preta, com o zíper aberto e o cutelo na mão. Seus olhos dizem: picar ou não picar, eis a questão.

"Chuuu-ruuk", o som do seu ritual de família.

Prova de que um dia seu maior medo pode desaparecer. Independentemente de como algo pode parecer terrível, no dia seguinte pode não estar mais presente.

Casamenteiro, ele parou de nos pedir para manusear o cutelo. Por que iríamos ajudá-lo a monopolizar o futuro holofote? Não, se ele quer tanto assim ficar mutilado, ele que faça sozinho.

Cada perna da mesa é esculpida para parecer de tamanhos distintos de bolas, todas equilibradas ou frisadas em linha reta. As bolas que tocam o chão ou o tampo da mesa parecem ser do tamanho de maçãs. A bola no meio de cada perna é do tamanho de uma melancia. As quatro pernas, da mesma cor escura e oleosa. Comprida e estreita feito um caixão, a mesa parece esculpida em cera preta. Comprida, achatada e borrada, de forma a não refletir nada.

Como sempre, Casamenteiro está ali de pé, o cutelo a postos. Com o queixo encostado no peito. Os olhos observam seu pau espiando pelo zíper aberto assim como um gato assistiria à toca de um rato.

O lounge Renascença Italiana tem o mesmo papel de parede de cetim verde e velho desde que o furgão branco nos largou no beco. Desde uma eternidade atrás. O cetim verde parece úmido. Lustroso. A beirada de tinta dourada delineia cada encosto de cadeira esculpido, rodapé e arandela que tem uma vela elétrica para uma parede de cetim verde.

Enfiado em pequenos antros na parede, pequenos gabinetes abertos ou nichos de cetim verde, dentro deles ficam estátuas de gente nua tão acolchoada de músculo e peito que parecem gordas. São estátuas maiores que a maioria das pessoas e ficam em pedestais de gesso pintados do verde-negro que você queria que fosse malaquita. Alguns empunham lanças e escudos. Outros projetam suas

bundas de gesso, com os pés unidos e as costas arqueadas. Músculo ou bunda, do pé para cima, o gesso deles tem marca de dedos, ou é desfigurado, extorquido até branco puro por unhas, mas só até onde as pessoas alcançam. Só na altura da cintura.

Subimos a escada do passeio China-imperial, correndo do vermelho ao verde, e hoje Casamenteiro vai se despedir do pau.

Arfando, tossindo, com uma das mãos no peito, Reverendo Ímpio diz:

– Estão vindo, gente… Dá pra ouvir no beco, ali fora.

Por trás da câmera, Agente Fuxico diz:

– Se vai cortar, corte *agora*.

E, com o cutelo na mão, Casamenteiro diz:

– Hã?

O pobre Casamenteiro, comparado ao seu restante de olhos saltados, narigudo, as bochechas fundas, seu pau parece do tamanho de uma estátua. Ele é o último de nós ainda intacto. Tão sujo que fica emplastrado dentro da camisa, sua pele firme parece craquelada e destruída por veias e artérias em vinhas em volta das mãos ossudas. As veias se agrupam e se insinuam sob a pele da testa. Tendões pulam e se contorcem, palmada com a pele do pescoço.

– Tem gente lá fora – diz Elo Perdido, a boca escondida atrás da ponta gorda do nariz, enfiada em algum ponto acima do grande saco escrotal de seu queixo peludo. Ele diz: – Vão passar uma broca na fechadura. Estamos prestes a ficar *famosos*.

Bom, todos nós – com exceção de Casamenteiro, o homem que não tem cicatrizes a mostrar, nenhum sinal de que fez outra coisa além de comer.

A madeira da mesa em volta da cabeça cinza de seu pau está riscada com golpes de ensaio, cada talho num ângulo diferente. A madeira talhada que ficou polpuda com nosso sangue. A polpa triturada até farpas e lascas caírem no chão.

Nossas orelhas e nossos dedos dos pés e das mãos para alimentar o gato. Cora Reynolds para alimentar Miss América. Miss América e filho para nos alimentar. A cadeia alimentar completa.

Cada um de nós lutando para ser o último nessa cadeia.

A câmera atrás da câmera atrás da câmera.

Conde Calúnia, ele estende uma das mãos, mexendo os três dedos sangrentos que restaram, as unhas arrancadas, faltando, e diz:

– Vamos logo e me dê o cutelo. Ainda tenho tempo pra sofrer mais um pouco.

Chef Assassin se joga numa poltrona palaciana dourada e chuta os sapatos para tirá-los. Agarrando cada meia com o polegar, ele estica mais e mais e mais até ela se soltar do pé. Olhando para os dedos, ele diz:

– Eu primeiro. Sobrou muito dedo no meu pé.

O pobre Casamenteiro com os pés pressionados na madeira preta da mesa, o pau baqueado, diz:

– Não me apressem. – O suor bombeando pelos pontinhos da testa. – Vocês tiveram chance de sofrer. Agora é a minha vez.

– Então *sofra logo* – diz Chef. Ele estala os dedos que lhe restam, dizendo: – Ou devolva meu cutelo. Esse cutelo é *meu.*…

Ele fica parado lá, com a mão estendida.

Conde se aproxima da mesa, a mão indicando o gravador, o microfone pronto para gravar por cima do passado só com o som do talhar. Conde Calúnia, ele diz:

– Seja *homem.*

Ele continua:

– É sua *última chance.* Seja homem e pica essa pica.

Elo Perdido, de camisa aberta, o peito nada além de pelo escuro e as costelas formando uma escada, ele diz:

– Quando essa porta se abrir, vai ser tarde demais para todos nós. Então *vá logo.*

E Casamenteiro observa seu reflexo na grande lâmina do cutelo. Ele estende a lâmina para Reverendo Ímpio e diz:

– Me ajuda?

Reverendo pega o cutelo. Segurando o cabo com as duas mãos, ele corta o ar, balbuciando.

Casamenteiro suspira fundo, o ar entra e sai, e pressiona as coxas na mesa.

– Não me diga quando, apenas corte – diz Casamenteiro.

E Reverendo diz:

– Lembre-se. – Ele diz: – Estou fazendo isso *apenas* como um favor.

Casamenteiro fecha os olhos. Ele põe as mãos no topo da cabeça, os dedos entrelaçados como vime.

E… então… e: *Chuuu-ruuk.* O cutelo fica preso na madeira preta da mesa. A mesa deu um pulo e ficou tinindo. Alguma coisa saltou e caiu do outro lado. Uma coisa borrada, cor-de-rosa, disparada em alta velocidade por um gêiser de sangue quente. O zíper ainda explodindo em vermelho fumegante, Casamenteiro estende a mão à procura do objeto desaparecido. Para pegá-lo de volta. Então seus joelhos cedem.

Suas mãos agarram a beirada da mesa, mas os dedos escorregam. Seu queixo bate no tampo e seus dentes estalam com força. Em seguida, tanto Casamenteiro quanto seu pênis estão embaixo da mesa. Os dois, apenas carne cinza.

Nosso pobre Casamenteiro, agora só um objeto de cena que podemos encaixar na nossa história. Nosso novo fantoche. Sua história de família sobre campos de extermínio e boquetes passa a ser a nossa história.

Elo Perdido vai para baixo da mesa. Ele se levanta e traz, na mão aberta, um pau decepado, cinzento, a maior parte pele enrugada para mudar de tamanho e formato a cada tesão. Só carne rosada, normal, com a ponta cortada…

– Eu vi primeiro – diz Elo. Ele cheira, uma vez, duas, o nariz empinado e as narinas infladas quase tocando a pele. Ele dá de ombros. – Tudo que a gente cozinhar no micro-ondas vai ter gosto de pipoca…

Até Elo sabe que comer o pênis decepado de um morto vai lhe dar exposição extra no horário nobre e em qualquer talk show de fim de noite mundo afora. Só para descrever o gosto. Depois disso virão os patrocínios de molho de churrasco e ketchup. Depois seu livro de receitas. Radialista-comediante. Em seguida, game shows diurnos pelo resto da vida.

Vítimas, com os dedos do pé e das mãos faltando para provar que sofreram, eles terão a autorização do mundo para ter eterno mau gosto.

E com os braços estendidos, as mãos para cima, sinal de pare, Miss Espirro diz:

– Você não pode…

Observando dos seus nichos em cetim verde, toda a nossa plateia é formada por estátuas nuas.

– Então veja – diz Elo Perdido, e inclina a cabeça para trás, escancarando a boca para o teto verde.

Estendendo o braço para o alto, ele solta a gosma carnuda língua abaixo. Que passa pelos dentes, inteira, e ele engole.

Ele engole de novo e seus olhos se esbugalham. Ele engole de novo e seu

rosto peludo incha, vermelho. Os olhos apertados, tremendo, fechados, sob a monocelha. Suas mãos se juntam para agarrar o pescoço, e lágrimas escorrem pelas bochechas. Elo segura o pescoço, sem respirar, dando um passo de Frankenstein, depois outro passo sala afora.

Seu rosto em vermelho-pânico boceja, seus dentes e lábios de lobisomem fazem palavras sem som. Ele cai de joelhos no carpete verde sangrento e cerra as mãos em punho. Ajoelhado, ele soca a si mesmo, acertando o estômago. Todo esse esforço – o choro, os socos, a súplica – em silêncio.

Nada para Conde gravar na fita além de Elo dizendo: “Então veja.”

De joelhos, Elo Perdido tomba para um lado. Ele cai, e fica lá, em silêncio, os olhos ainda cerrados, enrugados, os punhos ainda enfiados na pança.

Chef Assassin olha para Conde, que olha para Miss Espirro, que funga e diz:

– As pessoas vindo nos resgatar talvez consigam salvá-lo…

E Reverendo Ímpio nega com a cabeça.

No andar de baixo, ninguém está furando a fechadura na porta do beco. Não tem nenhuma equipe de resgate. Ninguém veio nos salvar. Mentimos porque estávamos cansados de Casamenteiro empatando o cutelo.

Depois desse momento, são dois a menos com quem dividir o dinheiro. Só sobraram onze de nós.

Subindo a escada, a saia amarfanhada e erguida pelas mãos, Baronesa Congelada vem caminhando penosamente. Com os lábios rosados, babados de cicatriz, ela está sorrindo, até que vê Casamenteiro no chão, a maior parte das roupas dele empapadas e escuras de sangue. Ao seu lado, Elo Perdido, com os olhos fixos-mortos, *rigor-mortis*-travado, o rosto cinza e peludo.

Com a prega gordurenta escancarada, caída, aberta, Baronesa pergunta:

– Quem foi o cuzão que matou Casamenteiro?

Nenhum de nós, dizemos. Foi ele mesmo. Depois desse tempo todo, ele que cortou o próprio pau.

E o pobre Elo, ele engasgou até a morte tentando engolir o pau decepado.

Elo Perdido: o último elo naquela cadeia alimentar. Bom, o último elo se não contar os micróbios e bactérias sobre os quais a Sra. Clark falou, os que comiam sua filha.

Já conseguimos imaginar como essa cena vai soar no rádio. Já estamos pensando se podemos dizer “pênis” na TV aberta. Só essa cena vai ser melhor que a maioria dos livros que prometem a-verdade-sem-censura, e a gente acabou

de testemunhar. O ensaio oficial da vida real para uma estrela de cinema que algum dia vai engasgar até a morte com o pênis decepado de outra estrela.

Engasgando até a morte porque a garganta ficou entupida com um pau, esse é o tipo de cena que rende um Oscar.

Só nós vimos. Talvez Baronesa também.

Mas na nossa versão constará que a Sra. Clark cortou o pênis e obrigou Elo a comê-lo inteiro. A verdade é muito fácil quando todo mundo concorda quem vai ser o culpado.

– Não quero ser estraga-prazeres – diz Baronesa Congelada –, mas vamos precisar de um novo vilão.

O diabo morreu. Precisamos de um novo diabo.

Baronesa, ela caminha de forma afetada até a mesa de madeira preta e pega com as mãos o cutelo da porqueira picotada. Ela diz que alguém matou a Sra. Clark.

– Seja lá quem tiver sido – diz Baronesa –, agora não pode estar com muita fome.

O assassino comeu a maior parte da perna esquerda. O que restou dela está nos bastidores, no camarim. Foi apunhalada na barriga até morrer.

Chef Assassin balança o punho para Conde Calúnia e diz:

– Seu *bosta*, seu imbecil ganancioso.

E Conde diz:

– Espere! – Ele diz: – Escutem…

Ficamos em silêncio, e dá para ouvir o estômago dele. O estômago de Conde está chutando, resmungando com o fantasma do bebê ensopado de Miss América. Não tem como ter sido dele.

Ainda assim, a Sra. Clark, nossa algoz, torturadora, diaba, está morta. Restam apenas as sobras.

Nosso próximo item na agenda é eleger um novo diabo.

Depois do jantar.

É durante o jantar que Miss Espirro assoa o nariz. Ela funga, tosse e diz que precisa muito, muito, muito nos contar uma história…

A INTÉRPRETE
Um poema sobre Miss Espirro

– Minha avó ganhava dinheiro – diz Miss Espirro – dizendo “Eu te amo”.
De todos os jeitos possíveis. Para quem não podia.

Miss Espirro no palco, dos punhos do casaquinho brotam
os restos e babados de lenços sujos que ela guarda ali.
Esses lenços, amarelos e tingidos de muco nasal.
Seu nariz escorrendo, brilhante de meleca e sangue, e seus olhos
cheios de raios vermelhos, molhando as bochechas.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme:
uma cena de algum drama hospitalar mostrando os médicos e a equipe do hospital
de jaleco branco, segurando tubos de ensaio,
muito ocupados tentando encontrar a cura.

Entre o ato de fungar o nariz e tossir, Miss Espirro diz:
– Até morrer, minha avó ganhava dinheiro dizendo “Feliz aniversário” para os outros.
Dizendo: “Meus pêsames.”
Dizendo: “Parabéns.”
E: “Que orgulho!”
E: “Feliz Natal.”
De todas as maneiras possíveis, a avó dela dizia: “Feliz aniversário.”
“Feliz Dia dos Pais.”
E: “Feliz Dia das Mães.”
para uma empresa de cartões de felicitação.

Entre assoar o nariz e enfiar o lenço de volta na manga, Miss Espirro diz:

– O trabalho da minha avó consistia em interpretar o que outras pessoas não tinham palavras pra dizer.

Mas todo “Feliz aniversário”,

sério, todos os cartões, ela escrevia tendo Miss Espirro em mente.

O público-alvo ideal de sua avó.

E os cartões são sua conta bancária, a poupança que ela deixaria para trás para congratulações futuras

para a neta.

Para que, depois que ela morresse, sua Miss Espirro pudesse vir e encontrar o “Eu te amo” certo

ou o “Feliz Dia dos Namorados” certo para aquele instante do futuro distante.

Muito, muito tempo depois de sua avó ter morrido.

– Mesmo assim – diz Miss Espirro –, tem um cartão, uma ocasião especial de que ela nunca se deu conta.

Falta um cartão que diga: “Desculpe.”

Por favor, vovó.

Por favor, me perdoe.

Não era minha intenção te matar.

ESPÍRITOS DO MAL
Um conto de Miss Espirro

O interfone toca. Primeiro um estalo de estática, depois a voz alta de uma mulher, que diz:

– Boas notícias, amiga.

A voz saindo pelo alto-falante é de Shirlee, a vigia noturna.

– Boas chances de você dar a xereca ainda nessa vida…

Um recém-admitido, que Shirlee diz que é outro portador de Keegan Tipo 1. O cara novo é assintomático e o melhor de tudo: tem um pau gigante.

Shirlee: ela é o mais próximo de uma melhor amiga que ela tem ali.

Sabe aquele garoto que precisava morar numa bolha de plástico porque tinha a imunidade baixa? Bom, esse lugar aqui é o oposto. O pessoal que mora aqui, em Columbia Island, residentes permanentes, eles são portadores de doenças que matariam o mundo inteiro. Vírus. Bactérias. Parasitas.

Incluindo eu.

Os tipos do governo, as patentes da Marinha, eles chamam esse lugar de Orfanato. Isso de acordo com Shirlee. Chamam de Orfanato porque – se você está aqui – sua família toda morreu. É provável que seus professores tenham morrido. Todos os seus antigos amigos morreram. Todo mundo que te conhecia, eles morreram e foi você quem os matou.

Você sabe que o governo está um pouco à mercê. Claro, podiam matar essa gente – para defender o interesse público –, mas esse pessoal é inocente. Então o governo finge que pode achar uma cura. Deixa todo mundo trancafiado aqui, tirando sangue toda semana para fazer testes. Trocam os lençóis toda semana, e são três refeições por dia, sem falta.

Toda gota de mijo que sai deles, o governo esteriliza com ozônio e radiação. Cada respiração é filtrada e raspada com luz ultravioleta antes que o ar chegue ao mundo lá fora. Os moradores de Columbia Island, eles não ficam resfriados. Eles nunca esbarram em alguém que possa lhes passar gripe. Com exceção de

suas pragas particulares potencialmente provocadoras de pragas planetárias, eles são o pessoal mais saudável você nunca gostaria de encontrar.

E é a Marinha que tem que garantir que você nunca os encontre.

A maior parte do que eu sei vem de Shirlee, a vigia da noite. Shirlee diz que, trancafiada aqui, eu não tenho muito do que reclamar, não. Ela diz que as pessoas do mundo lá fora têm que trabalhar o dia inteiro, todos os dias, e não ganham nem metade do que queriam.

Nesses dias, Shirlee me diz para pedir um conjunto de rolinhos de cabelo. Para me embelezar um pouco. Para o meu futuro noivo. Para o cara novo, o tal portador de Keegan Tipo 1.

Aqui você só precisa ir até um computador e escrever numa lista as coisas de que gostaria. Se couber no orçamento, é seu. O maior obstáculo é quando a pessoa recebe coisas demais. Livros. CD de música. DVD de filme. Eles podem jogar tudo aqui, mas depois que você toca, o objeto se torna nocivo. O maior problema é saber como queimar até virarem cinzas estéreis.

Para contornar isso, Shirlee faz você pedir coisas que a *Shirlee* quer. Shirlee adora essas porcarias das antigas, tipo Elvis Presley. Buddy Holly. Coloco isso na lista, e a Shirlee enfia no bolso assim que chega. Sem frescura. Sem reclamação. E sem acúmulo de porcarias nocivas no meu quarto.

O pessoal da Marinha diz que não pode gastar verba com livros de poesia. Se algum fiscal visse *Folhas de Relva* numa lista da Lei de Acesso à Informação, a casa ia cair. Por isso Shirlee compra meus livros do próprio bolso. E eu pago com CDs do Elvis que peço mas não quero. Na maioria das noites, Shirlee quer me instruir sobre as últimas notícias, como, por exemplo, quem está jogando bomba em qual país e quem é o novo jovem cantor com o qual toda menina quer trepar.

Em vez disso, quero saber sobre as coisas que Shirlee não pode falar. As coisas que comecei a esquecer. Tipo: como é sentir a chuva na pele? Ou algo que nunca soube: como é beijar de língua?

A gente fica conversando pelo interfone. O que significa que precisamos apertar um botão pra falar, depois soltar pra ouvir a outra pessoa. Mesmo nesse momento, quando tento imaginar a expressão de Shirlee, só consigo compor um alto-falante na parede ao lado da minha cama.

Shirlee fica perguntando o tempo todo: como cheguei aqui?

E eu conto a ela: foi tudo uma ideia brilhante do meu pai.

Shirlee sempre fica me enchendo o saco para depilar as pernas. Pedir uma mesa de bronzeamento artificial. Andar mil quilômetros na bicicleta ergométrica até chegar à lugar nenhum. Shirlee me diz, sua voz no alto-falante me diz:

– Você só perde uma vez.

Eu, no caso, tenho 22 anos e ainda sou virgem. Até hoje, parecia quase certo que ia ser virgem pra sempre.

Ainda assim, não sou tão retardada socialmente. Os residentes podem ver TV. Podem acessar a internet. Claro que não pode mandar mensagem pra fora. Você pode espreitar as salas de chat, lendo tudo que acontece, mas não pode contribuir. Pode ler as postagens em fóruns, mas não pode responder. Não, pro governo, você é um segredo de Segurança Nacional.

E Shirlee, a voz dela no alto-falante, ela diz:

– Como que o seu velho fez você parar aqui?

Era meu último ano no ensino médio, e as pessoas à minha volta começaram a morrer. Morriam do mesmo jeito que meus pais tinham morrido dez anos antes.

Minha professora de inglês, a Srta. Frasure, um dia ela está segurando um trabalho que eu entreguei, dizendo para toda a turma como era bom. No dia seguinte, ela começa a usar óculos escuros dentro da sala. A luz machuca seus olhos, diz a Srta. Frasure. Ela mastiga aspirina sabor laranja que a enfermeira do colégio dá para meninas menstruadas. Em vez de dar aula, ela apaga as luzes e passa para a turma um filme chamado *Como Eviscerar Caça*. O filme nem é colorido. Mas é o único rolo de filme que sobrou na estante da sala de audiovisual.

É o último dia que veem a Srta. Frasure.

No dia seguinte, metade das crianças que conheço pede a aspirina sabor laranja para a enfermeira. Em vez de aula de inglês, somos mandados para a biblioteca, onde devemos estudar por uma hora, em silêncio. Metade da turma diz que não consegue focar a visão pra ler um livro. Atrás de uma estante, deixo um menino chamado Raymon me dar um beijo na boca. Desde que ele continue dizendo que sou linda, deixo ele enfiar a mão dentro da minha blusa.

No dia seguinte, Raymon não vai ao colégio.

No terceiro dia, minha avó vai pro pronto-socorro, dizendo que sua cabeça dói tanto que tudo que ela enxerga tem bordas pretas. Ela está ficando cega. Falto aula pra ficar na sala de espera do hospital. Lendo uma *National*

Geographic, as páginas enrugadas, sentada numa cadeira de plástico e cercada de bebês chorando e gente velha, quando um homem passa pela sala de espera conduzindo uma maca. Ele está vestindo um macacão branco e uma máscara cirúrgica.

O cabelo do homem é cortado rente, e pela máscara ele diz pra todo mundo sair dali. Precisam evacuar aquela área do hospital, diz ele. Vou perguntar se minha avó está bem, e o homem segura meu bracinho mirrado. Ele está usando luvas de látex. Enquanto os velhos e os bebês chorões se apressam pelo corredor, passando rente à maca, o homem me segura na sala de espera, me perguntando se sou Lisa Noonan, de 17 anos, que mora na West Crestwood Drive, número 3.438.

Da maca, o homem tira um pacote azul enrolado em plástico transparente e rasga. Dentro há um traje de contenção azul, de plástico e nylon, com zíperes costurados por cima, por baixo, na frente e atrás.

Pergunto de novo sobre a minha avó.

E o homem com a maca sacode o traje de contenção azul para abri-lo. Ele me diz que preciso vestir para ver a vovó na UTI. O traje, diz ele, é para proteção da minha avó, enquanto ele o segura pelos ombros para que eu possa entrar. Um traje de contenção tem três camadas de plástico, cada camada vedada por zíperes. Ele tem luvas e pés acoplados e um capuz pontudo com um retângulo de plástico transparente para enxergar. O zíper mais externo sobe pelas costas e tranca, e você fica preso lá dentro.

Quando tiro os tênis, o homem os recolhe com as luvas de látex e veda os dois dentro de um saco plástico.

No colégio, o boato era que uma tomografia da Srta. Frasure mostrava um tumor no cérebro. O tumor era do tamanho de um limão, com um fluido amarelo-mijo dentro. Segundo o boato, o tumor continuava crescendo.

Logo antes que eu pudesse puxar o capuz para fechá-lo, o homem da maca me dá um comprimidinho azul e me diz para deixar dissolver debaixo da língua.

O comprimido tem um gosto doce. Tão doce que minha boca se enche de baba, me fazendo engolir.

O homem me pede pra subir na maca. Ele me diz pra deitar a cabeça no travesseirinho branco descartável, e depois vamos ver minha avó.

Eu pergunto: ela vai ficar bem? Minha avó, ela me criou desde que eu tinha 8 anos. É a mãe da minha mãe, e ela atravessou o país pra me buscar depois que

minha mãe e meu pai morreram. Então eu estava deitada na maca, e o homem me conduzia pelo corredor do hospital. Pelas portas abertas, dava pra ver que todas as camas estavam vazias, os lençóis puxados pra mostrar os entalhes onde antes estavam os doentes. Em alguns quartos, as TVs ainda tocavam música ou mostravam pessoas falando. Ao lado de algumas camas, ainda havia bandejas de almoço, o vapor subindo da sopa de tomate.

O homem empurrou a maca tão rápido que os azulejos do teto começaram a borrar, tão rápido que, lá, deitada, tive que fechar os olhos para não enjoar.

O sistema de comunicação do hospital ficava dizendo:

– Código Laranja, Ala Leste, segundo andar… Código Laranja, Ala Leste, segundo andar…

Eu ainda engolia o sabor doce-grudento daquele comprimido.

O comprimidinho azul, Shirlee diz que dois daquele causariam uma overdose fatal.

Quando acordei, estava aqui, nessa sala, com vista para o Puget Sound, com essa TV widescreen, esse banheiro limpo de azulejo bege. O interfone na parede do lado da cama. Algumas roupas e CDs do quarto da minha casa, em caixas vedadas com plástico. Deveria ter uma câmera me observando, pois no instante em que me sentei na cama, o interfone disse: “Bom dia.”

Minha avó havia morrido. Raymon havia morrido. A Srta. Frasure, minha professora de inglês, morta. Isso foi há quatro Natais, mas podia até ser uma reprise de TV em preto e branco a que assisti cem anos atrás.

No Orfanato, você perde a noção do tempo. De acordo com o quadro, tenho 22 anos. Tenho idade para beber cerveja, e só beijei um menino morto.

Um, dois, três dias e minha vida acabou. Eu nem sequer me formei no ensino médio.

Você acumula uma carga viral até o ponto em que consegue transmitir o Keegan Tipo 1. E não fique pensando que vai arranjar um advogado. Ou uma assistente social. Ou um *ombudsman*. Você acaba indo para a Columbia Island, e toda a sua expectativa é de um quarto semi-hotel decente, tipo uma rede de hotéis, Ramada Inn ou Sheraton, só que pelo restante da vida. O mesmo quarto. A mesma vista. O mesmo banheiro. Comida do serviço de quarto. Filmes de TV a cabo. Roupa de cama marrom. Dois travesseiros. Uma cadeira marrom reclinável.

Tem gente trancada aqui, gente que só fez uma coisa errada. Sentaram-se ao

lado da pessoa desconhecida errada num avião. Ou passaram muito tempo no elevador com uma pessoa com quem nem conversaram. Aí tudo que lhes ocorreu foi não morrer. Tem muitas maneiras de passar o restante da vida trancafiado nesse lugar, essa ilhota no meio de Puget Sound, no estado de Washington, o Hospital Naval de Columbia Island.

A maior parte das pessoas aqui, elas chegaram quando completaram 17 ou 18 anos. O médico local, o Dr. Schumacher, diz que fomos expostos a alguma coisa quando éramos pequenos, algum vírus ou parasita que levou anos pra crescer em nosso sistema. No dia em que ele alcançou a carga viral certa ou o nível plasmático, as pessoas ao nosso redor começaram a morrer.

A partir daí o Centro de Controle de Doenças nota um aglomerado de doenças, e as equipes enfiam você num traje de contenção e mandam você pra cá, pelo resto da vida aqui.

Cada morador de Columbia Island traz uma coisa diferente, diz Shirlee. Uma cepa singular de vírus mortal. Ou um parasita ou uma bactéria fatal. Por isso um fica isolado do outro. Pra não se matarem.

Ainda assim, diz Shirlee, eles têm aquecimento no inverno. Ar-condicionado no verão. Todas as refeições preparadas: peixe, legumes, sorvete, sanduíches, qualquer coisa que couber no orçamento.

Quando chegam os dias mais quentes de agosto, Shirlee diz que só o ar-condicionado já deixa ela contente por trabalhar aqui.

Ela chama cada morador de “vaca-sangueira”. Na suíte de cada residente há dois grandes braços de borracha saindo da parede debaixo de um espelho. Os braços são luvas de borracha compridas, do tipo à prova de balas. A cada poucos dias, uma luz surge atrás do espelho pra indicar que há um laboratorista ali sentado, que ele ou ela vai se aproximar pela parede com os braços de borracha e pegar uma amostra de sangue, deixar a amostra numa pequena fechadura à pressão, depois recuperar com segurança do outro lado.

É nesse momento que as luzes acendem, quando o espelho na sua suíte se transforma em janela, e dá pra ver a câmera que está sempre lá. Sempre assistindo. Gravando você.

Faz parte do trabalho de Shirlee conduzir as vacas-sangueiras pra fazer exercício do lado de fora.

No intervalo de alguns dias, a equipe deixa os ordenhados vestirem trajes de contenção. Dentro da roupa, só dá pra sentir o cheiro de látex poeirento. Se você colher uma flor ou se deitar na grama, só vai sentir o látex. Dentro do capuz

vedado, só dá pra ouvir a própria respiração. Os outros residentes do hospital, eles ficam jogando Frisbee, pois sempre sabem os minutos exatos que restam até que Shirlee os leve para dentro. Eles estão sempre cientes dos atiradores de elite com rifles, caso um residente entre na água para tentar fugir. Usando um traje de contenção com sistema de oxigênio próprio, daria pra passar pelo fundo sujo do Puget Sound e chegar ao centro de Seattle. As formas azul-escuras de navios formando linhas cruzadas na água, muito acima de sua cabeça.

Caso você esteja se perguntando como eu saí…

– Depois da longa caminhada subaquática – diz Miss Espirro –, minhas cavidades nasais nunca mais foram as mesmas.

E ela limpa o nariz com a manga.

Em Columbia Island, todos eles no gramado do hospital, jogando Frisbee pra lá e pra cá, usando seus trajes de contenção azul largos, podiam ser uma gangue de bichos de pelúcia. Todos azuis, da cabeça aos pés. Suando dentro das camadas de nylon emborrachado e látex. Correndo e pegando o frisbee, o tempo todo enquadrados pela mira do rifle de um sujeito da Marinha. Não parece divertido, mas você tem vontade de chorar na hora de entrar e passar a vida sozinha no quarto.

Entre os moradores há uma menina de olhos verdes. Um cara de olhos castanhos. Com os trajes de contenção, só dá pra enxergar os olhos dos outros. O garoto dos olhos castanhos, Shirlee diz que ele é o outro portador do Keegan Tipo 1.

O cara novo do pau grande. Ela viu pelo espelho de duas faces.

Shirlee diz que da próxima vez que eu conversar com o Dr. Schumacher, eu devia sugerir um programa de acasalamento. Para ver se conseguimos dar à luz uma geração de bebês imune ao Keegan Tipo 1. Outra possibilidade assustadora é que, esse cara e eu tenhamos cepas diferentes do vírus, e que um mate o outro.

Ou teríamos um bebê saudável… que nossos germes matariam.

– Calma lá – diz Shirlee. – Esqueça o bebê. Esqueça a morte.

Ela diz que o importante é que eu seja deflorada.

Esse cara e eu, nós dois trancados numa sala, juntos. Os dois virgens. A câmera de vídeo atrás do espelho, observando, a equipe torcendo pra que a gente crie uma cura que o governo possa patentear. Essa gente astuta da indústria farmacêutica. Ainda assim, uma cura não ia ser nada mal.

E transar também não ia ser nada mal.

Shirlee diz que alguma hora o Orfanato podia fazer um baile pros moradores, mas só a imagem dos trajes de contenção azul largos se agarrando e agitando com uma música pop na pista… ninguém quer ver uma coisa dessas.

Quando vejo o Dr. Schumacher, geralmente não conto porra nenhuma. Da maneira que eu penso, tenho memórias limitadas e não quero gastá-las. A maior parte das minhas melhores memórias é de salvar o mundo de aliens malignos do espaço ou de fugir numa lancha de espiões russos, mas essas não são memórias reais. São filmes. Esqueço que a menina que fez tudo aquilo é uma atriz.

Emoldurada na parede do meu quarto, um cartaz diz: OCUPAÇÃO = FELICIDADE.

Shirlee diz que tem o mesmo cartaz no quarto de todos os moradores. As lâmpadas em cada quarto são lâmpadas de amplo espectro que simulam a luz do sol natural, gerando vitamina D na pele das pessoas e mantendo o bom humor. Shirlee diz que o termo oficial pra cada quarto é “suíte de residente”. A minha, por exemplo, é a “Suíte de Residente 6-B”. Em todos os meus quadros e registros, oficialmente sou conhecida como Residente 6-B.

Como um estudo paralelo, Shirlee diz que os dados coletados sobre os residentes daqui serão usados pra prever como as pessoas poderão viver melhor em colônias isoladas e autônomas no espaço sideral.

Sim, em alguns dias Shirlee está cheia de informações úteis.

– Imagine só você – diz Shirlee –, uma astronauta, morando num Ramada Inn num planeta que fica só a dez quilômetros ao sul de Seattle.

Shirlee, a voz dela vindo pelo interfone à noite, ela pergunta sobre meu pai, como meu pai me enfiou naquele lugar. Então Shirlee vai soltar o botão do lado dela, esperando que eu fale.

Meu velho, ele não entendia muita coisa pra ter um diploma universitário, mas sabia como ganhar dinheiro. Ele conhecia os caras que esperariam até o dia em que você saísse pra uma semana de férias, então entrava com uma trupe e cortava uma nogueira de duzentos anos. Desgalhava e seccionava bem ali no quintal. Dizia pros vizinhos que o morador havia contratado o serviço completo. Quando a pessoa chegava em casa, sua árvore estaria cortada, moída e defumada numa fábrica a dez estados de distância. Já seria um móvel de nogueira.

Esse é o tipo de esperteza que faz as pessoas com diplomas se cagarem de medo.

Meu velho, ele tinha mapas. Mapas do tesouro, dizia ele. Esses mapas do

tesouro, eles eram dos anos 1930, da Grande Depressão. O que o pessoal chamava de Works Project Administration, o governo contratava gente pra sair e compilar listas de cada cemitério abandonado em cada condado. Em todos os estados. Na época em que muitos estavam passando o arado em vários desses cemitérios ou estavam prestes a ser esquecidos debaixo do asfalto. Os velhos cemitérios de pioneiros, eram tudo que restavam de cidades já esmagadas e detonadas. Ou que tinham virado cinzas num incêndio florestal. Minas de ouro que esgotaram. Trilhos de ferrovia que fecharam. Tudo que restava era esse cemiteriozinho, um trecho de mato e algumas lápides velhas e caídas. Os mapas do tesouro do meu velho eram os mapas da WPA, mostrando onde encontrar cada trecho, quantos túmulos o cemitério tinha, qual era a aparência das lápides.

Todo verão que eu não passava no colégio, eu e meu velho seguíamos esses mapas até Wyoming ou Montana, pelo deserto ou pelas montanhas, onde as cidades tinham sumido. Cidades como New Keegan, Montana, onde não sobrava nada fora túmulos. Era o tipo de coisa pela qual as lojas de jardinagem pagavam caro na cidade grande. Em Seattle ou Denver. San Francisco ou Los Angeles. Um carregamento de anjinhos de granito esculpidos à mão. Cachorros dormindo ou ovelhinhas de mármore branco. As pessoas queriam uma coisa velha e incrustada de musgo pra colocar no jardim novinho em folha, pra fazer o lugar parecer antigo. Pra passarem a impressão que sempre foram cheios de dinheiro.

Em New Keegan, nenhuma das lápides havia algo que desse para ler.

– Creme de barbear – dizia meu pai. – Creme de barbear ou giz. Uns putos esses doidos do cemitério.

Ele contava como as pessoas amavam estudar lápides, e pra ler uma fraca inscrição carcomida pelo tempo e pela chuva ácida, elas passavam creme de barbear na frente da lápide. Tiravam o excesso com uma lâmina, deixando apenas o branco no baixo-relevo. Assim ficava mais fácil ler as palavras e as datas, e também fotografar. O foda é que creme de barbear tem ácido esteárico. O resíduo que eles deixavam carcomia a pedra. Outros viciados em lápide passavam talco, colorindo a superfície toda pra que o epitáfio cinzelado, fraquinho, se destacasse mais. Esse pó de giz era gesso ou gipsita, e roçar aquilo ali penetrava mais o pó nas pequenas rachaduras e fissuras da lápide. Assim que chovesse… o pó de gipsita absorvia a água e inchava até dobrar o tamanho. Da mesma forma que os antigos egípcios usavam cunhas de madeira pra romper blocos de pedra pra construírem as pirâmides, o pó de giz inchado aos poucos destruía a frente inteira da lápide.

Todo esse negócio de ácido esteárico, gipsita e pirâmides egípcias, tudo prova que meu pai não era um idiota.

Ele me contava que essa gente de cemitério cheia de boas intenções, tudo que eles faziam era destruir o que diziam amar.

Ainda assim, era legal, esse último dia, o melhor dia com meu pai naquela encosta que já fora New Keegan, Montana. O sol quente assando a grama morta. Aqueles lagartos marrons, se você conseguisse pegar um, eles arrancavam o próprio rabo e largavam lá saracoteando.

Se conseguíssemos ler as lápides, veríamos que quase toda a cidade havia morrido no intervalo de um mês. As primeiras vítimas do que os médicos chamariam de vírus Keegan. Um tumor no cérebro de origem viral de ação rápida.

Meu pai vendeu aquele carregamento de anjos e ovelhinhas pra uma loja de jardinagem em Denver. No carro, a caminho de casa, ele já estava engolindo aspirina e fazendo a picape dançar pela estrada. Ele e minha mãe morreram no hospital antes de minha avó chegar.

Depois disso, a vida ficou calma por dez anos. Até a Srta. Frasure e seu tumor do tamanho de um limão. Até minha carga viral se formar, e eu me tornar contagiosa.

Atualmente, o governo não pode me matar e não consegue me curar. Eles só podem tentar controlar os danos.

Aquele menino novo, o do pau grande, ele vai se sentir igual a quando eu cheguei: família morta. De repente metade do colégio morto, se ele fosse popular. O dia inteiro sentado sozinho no quarto, ele vai ficar com medo, mas cheio de esperança com a cura que a Marinha prometeu.

Posso mostrar pra ele o básico. Acalmá-lo. Ajudá-lo a se ajustar à vida aqui no Orfanato.

Aquele último dia bom da minha vida, meu pai dirigiu sua picape desde Montana até Denver, Colorado, onde ele conhecia uma loja que vendia essas merdas de antiguidade pra jardim. Veadinho de ferro e banheira de passarinho de concreto incrustado de musgo. A maior parte era coisa roubada. O cara da loja deu o dinheiro e ajudou a tirar os anjos da picape. Ele tinha um filho, um garotinho que saiu pela porta dos fundos da loja e ficou no beco observando-os trabalhar.

Conversando com Shirlee pelo interfone, eu apertava o botão e perguntava se

o novo residente… tinha cachinhos ruivos e olhos castanhos.

Tem mais ou menos a minha idade? Perguntei se ele era de Denver, e se os pais mortos tinham uma loja de jardinagem que vendia antiguidades.

23.

A luz fantasma é a única lâmpada que nos resta. Nossa última chance. A lâmpada nua num pedestal alto, no meio do palco. A válvula de segurança feita para não deixar os teatros antigos, os de luz a gás, explodirem, ou a única luz dentro de um teatro novo para não deixar nenhum fantasma chamar o local de lar.

Estamos sentados em volta dela, a roda de pessoas ainda aqui, sentadas no palco, e dá para ver o delinear em tinta dourada de cadeira do auditório, o corrimão de bronze serpenteando pela beirada frontal de cada varanda, as nuvens de teia que pairam sobre o céu noturno-elétrico morto.

Nas salas escuras atrás dos camarins, Casamenteiro e Elo Perdido estão mortos no lounge Renascença Italiana. No porão, o Sr. Whittier, Camarada Escárnia, Lady Mendiga e Duque dos Vândalos estão podres de mortos. Nos camarins, nos bastidores, estão Miss América e a Sra. Clark. Todas as células delas, uma digerindo a outra na proteína amarela que escorre. As bactérias nas tripas e nos pulmões inchando loucamente.

Restam apenas onze de nós, sentados num círculo de luz.

Nosso mundo só de humanos, um mundo sem humanidade.

Agente Fuxico está andando na ponta dos pés, quebrando lâmpadas. Assim como Condessa da Antevidência e Diretora Negação.

Cada um de nós, tínhamos certeza, o único operante. Cada um querendo deixar o mundo um pouco mais sombrio. Nenhum de nós ciente que todos tínhamos o mesmo plano. Vítimas da nossa baixa tolerância ao tédio. Vítimas de nós mesmos. Talvez seja por estarmos com muita fome, alguma forma de delírio, mas é tudo que nos resta.

Essa única lâmpada. A luz fantasma.

Aqui é luz sem calor, então ficamos amontoados em sobretudos, casacos de pele e roupões, nossas cabeças vergando sob pilhas de perucas e chapéus da largura de portas. Todos a postos.

Quando a porta que dá para o beco se abrir, seremos famosos. Quando

ouvirmos a fechadura girar, as dobradiças gemerem, depois o *clic-clic* e *clic-clic* de alguém tentando ligar o interruptor, então teremos nossa história pronta para vender. Nossas maçãs do rosto estilo campo de extermínio prontas para o melhor close de perfil.

Contaremos como o Sr. Whittier e a Sra. Clark nos enganaram para vir até aqui. Eles nos trancafiaram e nos fizeram reféns. Eles nos intimidaram a escrever livros, poemas, roteiros. E como não fazíamos, eles nos torturaram. Nos fizeram passar fome.

Sentados de pernas cruzadas em roda nas tábuas de madeira do palco, não podemos nos mexer com as camadas de veludo e tweed acolchoado que nos mantêm aquecidos. Repetir nossa história para o outro consome toda a nossa energia: Como a Sra. Clark arrancou o bebê inato de Miss América e fez um ensopado na frente da mãe moribunda. Como o Sr. Whittier lutou com Casamenteiro, derrubou-o no chão e decepou seu pênis. Depois, como Whittier apunhalou a Sra. Clark e engoliu um pedação da coxa dela que ele havia rasgado. Nós, nós estamos ensaiando a palavra *peritonite.* Falando baixinho, treinamos *hérnia inguinal.* Dizemos *batatas ao corte cheveu.*

Foi assim que os dois vilões morreram, nos deixando pra trás com fome.

Há várias marcas na parede feitas pelo lápis de São Sem-Pança. Aqueles riscos, sua única obra-prima. O senhorio ou corretor ou alguém deveria vir para conferir. Quem sabe um cara da empresa de energia elétrica venha desligar tudo por falta de pagamento.

No silêncio, qualquer toque no interruptor vai soar como um tiro.

Um clique faz a gente se virar. O estrondo de metal no metal faz nossas cabeças virarem na mesma direção. Para as coxias e, depois, para a porta do beco.

Ouve-se um guincho, e o escuro explode.

Sob uma luz tão forte, depois de tanto tempo no escuro, tudo que conseguimos enxergar está apenas em preto e branco. São contornos de formas ofuscantes que podemos ver apenas com os olhos quase cerrados.

A luz é mais ousada, mais forte que qualquer lâmpada. De fechar os olhos.

Não é a porta do beco. O palco explode com a luz do sol, um feixe gordo de raio de sol de algum lugar acima da cabeça deles. Uma luz tão forte que fechamos os olhos com força e usamos as mãos como escudo contra a claridade. Esse novo dia tão ensolarado joga nossas sombras para as nossas costas. Nossas

sombras debruçadas e escondidas nas manchas de água amarronzadas na tela de cinema atrás de nós.

Delineado na tela de cinema, dá para ver nossas asas dobradas. Nossos corpos parecem tão fininhos que Camarada Escárnia diria que ficaríamos bem *em qualquer roupa.*

É o projetor de cinema sem filme, a luz do projetor brilhando em nós, um imenso foco de luz. Forte como um farol. Esse sol brilha desde quase meia-noite na parede nos fundos do teatro.

Nenhum de nós consegue ficar de pé. Tudo que conseguimos fazer é baixar a cabeça e olhar para o outro lado.

O projetor é tão forte que a luz fantasma parece apagada. Fraca como uma vela de aniversário num dia de verão.

– Nosso fantasma de novo – diz Baronesa Congelada.

O bebê de duas cabeças de São Sem-Pança.

O antiquário de Condessa da Antevidência.

O detetive particular intoxicado e martelado do Agente Fuxico.

Miss Espirro boceja, dizendo:

– Mais uma cena boa pra nossa história.

Tipo a pipoca. E o conserto da caldeira. Nossas roupas lavadas e dobradas. Tudo paranormal, todo milagre é só mais um efeito especial.

São Sem-Pança se vira para Mãe Natureza e diz:

– Agora que somos uma subtrama romântica… que tal fazer aquele negócio no meu pé?

Agente Fuxico diz:

– Depois que a gente sair, vou passar um mês chapado…

Reverendo Ímpio diz:

– Vou botar fogo em toda igreja que eu encontrar…

Cada um de nós, só um pedaço de tecido, pelos, cabelo.

Diretora Negação diz:

– Vou comprar uma lápide pra Cora Reynolds…

Perto das paredes depois da luz clara, o lugar para onde dói olhar, de tão distante faz ecoar as palavras “… lápide… lápide…”.

Todos nós, ainda tentando chegar na última palavra. Voltando o gravador,

Conde Calúnia põe para tocar as palavras “lápide… lápide…”. E o eco gravado, ele ecoa. Um eco de um eco de um eco.

Ecoando, até que uma voz distante, detrás do sol, diz:

– Vocês estão encenando para um auditório vazio.

É uma voz que vem do túmulo. Igual à nossa história de Camarada Escárnia voltar da morte, se arrastando pela escada do saguão para implorar por um pedaço da própria tatuagem. Contra a luz clara, ninguém vê nosso fantasma descendo o corredor principal do auditório. Ninguém ouve ele caminhando rumo ao palco pelo tapete preto. Ninguém consegue dizer o que vem se aproximando no clarão até que a voz diz, de novo: – Vocês estão encenando para um auditório vazio…

É o velho adolescente Sr. Whittier, aos tremeliques. Nosso skatista punk moribundo. Nosso pentelhinho cheio de manchas.

Caminhando. Um cadáver de tênis. Fone de ouvido em volta do pescoço murcho.

– Ouçam só vocês – diz ele. Balançando a cabeça, seus poucos fios de cabelo indo de um lado para outro. – Vocês estão muito ocupados contando suas histórias uns para os outros. Estão sempre transformando o passado numa história para acharem que estão certos.

O que Irmã Justiceira chamaria de *cultura da culpa.*

Nunca muda, diz ele. O outro grupo que ele trouxe aqui terminou do mesmo jeito. As pessoas ficam tão apaixonadas pela própria dor que não conseguem deixá-la para trás. Igual às histórias que contam. Nós nos encurralamos.

Algumas histórias, você conta para gastá-las. Outras… e o Sr. Whittier indica nossa pele e nossos ossos.

– Contar uma história é nosso jeito de digerir o que acontece conosco – diz Sr. Whittier. – É como digerimos nossa vida. Nossas experiências.

Diria Sr. Whittier. O garotinho morrendo de velhice.

Para um fantasma, ele parece bem. O escalpo cheio de manchas está penteado. A gravata com um nó dado embaixo do queixo. As unhas limpas, meias-luas brancas e trêmulas. Parece tão adulto…

– Você digere e absorve a própria vida transformando-a em histórias – diz ele –, assim como esse teatro parece digerir gente.

Com uma das mãos, ele aponta para uma mancha no carpete, a mancha escura, grudenta e formando mofo, ramificado em braços e pernas.

Outros acontecimentos – os que não dá para digerir –, eles te envenenam. As piores partes da sua vida, os momentos sobre os quais você não pode falar, eles te deixam podre de dentro para fora. Até você virar a sombra molhada de Cassandra no chão. Afundada na própria lama proteica.

Mas as histórias que consegue digerir, que consegue contar – você pode controlar esses momentos vivenciados. Pode moldá-los, criá-los. Dominá-los. E usá-los para o próprio bem.

São histórias tão importantes quanto comida.

São histórias que você pode usar para fazer as pessoas rirem, chorarem ou vomitarem. Ou ficarem com medo. Fazer as pessoas sentirem o mesmo que você sentiu. Ajudar a exaurir o momento passado para elas e para você. Até aquele momento estar morto. Consumido. Digerido. Absorvido.

É assim que comemos toda merda que acontece.

Diria o Sr. Whittier.

Olhando para o Sr. Whittier, Condessa da Antevidência diz:

– Satã. – E sua palavra sibila tão suave quanto o sibilar de uma cobra.

De Irmã Justiceira, agarrada à Bíblia, sai:

– Diabo…

Ao ouvir isso, o Sr. Whittier apenas suspira e diz:

– Como amamos ter nossos perversos inimigos…

– Lá vai – diz Chef Assassin, e ele joga uma faca de descascar, fazendo-a cair ruidosamente no palco e nos sapatos pretos do Sr. Whittier.

Chef diz:

– Deixe algumas digitais suas *aí*. Quando eles arrombarem aquela porta, você vai ser o homem mais odiado dos Estados Unidos.

– Correção – diz o Sr. Whittier. – O *delinquente juvenil* mais odiado, mano…

– Talvez você reconheça essa faca – diz Agente Fuxico.

A câmera ao lado dele é tão pesada que ele não consegue mais erguê-la.

O bracelete de segurança da condicional sumiu. A mão faminta era tão pequena, tão ossuda, que o bracelete escorregou, Condessa da Antevidência diz:

– Você arrancou minhas tripas com essa faca.

– E rasgou meu nariz – diz Mãe Natureza, jogando a cabeça para trás e mostrando as crostas das cicatrizes.

O diamante que era de Lady Mendiga balança por estar muito largo no dedo,

de forma que Mãe Natureza tem que cerrar o punho para não perdê-lo.

E o Sr. Whittier desvia os olhos do nariz rasgado para as mãos com ataduras ensanguentadas de Conde Calúnia para a crosta de cicatrizes que antes fora a orelha de Reverendo Ímpio. Ele bate palmas uma vez, alto, na frente do peito, e diz:

– Bem, a boa notícia é que… seus três meses acabaram. – Ele enfia a mão no bolso da frente da calça e puxa uma chave. – Vocês estão livres.

A fechadura ainda está travada com o caco de garfinho de plástico. Não tem como enfiar a chave.

– Na noite passada – diz o Sr. Whittier, balançando a chave –, seu fantasminha camarada arrumou a fechadura. Garanto que ela funciona muito bem.

Todos nós permanecemos sentados em roda, alguns grudados à madeira do assoalho pelo sangue seco. Nossas roupas, o tecido de nossos vestidos, batinas e calças nos cola ao assento.

O Sr. Whittier se abaixa para oferecer a mão a Miss Espirro e diz:

– E o domínio ilimitado das Trevas, da Podridão e da Morte Rubra estendeu-se sobre tudo… – Agitando os dedos para ela segurá-los, ele continua: – Podemos ir agora?

Ela não segura a mão dele. Miss Espirro diz:

– Vimos você morrer…

E o Sr. Whittier diz:

– Vocês viram muita gente morrer.

O tetrazzini de peru seco rasgou seu estômago por dentro. Ele morreu gritando. Nós enrolamos seu corpo com veludo vermelho e o carregamos até o porão.

– Não exatamente – diz o Sr. Whittier.

Com a ajuda da Sra. Clark, eles forjaram sua morte para que ele pudesse ver os acontecimentos se desenrolarem. Tudo que ele fez foi assistir – a última câmera – mesmo quando a Sra. Clark morreu, apunhalando-se por compaixão –, mas fez um trabalho muito bom. Mesmo quando Diretora Negação achou o corpo e comeu meia perna. Tudo que o Sr. Whittier fez foi assistir.

Diretora Negação levanta a cabeça. Ela arrota e diz:

– Ele tem razão.

Mais uma vez, o Sr. Whittier se inclina para oferecer a mão manchada a Miss Espirro. Ele diz:

– Posso lhe dar todo amor que desejar. Se você puder superar nossa diferença de idade.

Ela, no caso, com 22. Ele com 13… 14 no mês que vem.

Conde Calúnia diz:

– Você não vai nos salvar. Vamos ficar aqui até sermos encontrados.

Sempre fazemos assim, diz o Sr. Whittier. Pelo mesmo motivo que os filhos dos filhos dos filhos dos nossos filhos sempre enfrentarão guerra, fome e pestilência. Porque amamos a dor. Amamos o drama. Mas nunca, nunca vamos admitir isso.

Miss Espirro estende a mão para tocar a dele.

E Mãe Natureza diz:

– Não seja burra. – De sua pilha de tecidos e cabelo, ela diz: – Ele sabe que você está infectada com aquele… vírus do cérebro. – Ela ri, seus sinos de bronze tinindo, e suas crostas de ferida se espalhando por toda parte. – Como pode ter certeza de que ele realmente ama você?

Miss Espirro olha de Mãe Natureza para Sem-Pança e depois para a mão do Sr. Whittier.

– Você não tem escolha – diz o Sr. Whittier. – Se você precisa ser amada.

E São Sem-Pança diz:

– Ele não ama você. – Santo, seu rosto não passa de dentes e olhos quando ele fala: – Whittier só quer destruir o que sobrou do mundo.

Ainda estendendo a mão para Miss Espirro, Sr. Whittier balança a chave na outra mão, dizendo:

– Vamos?

Se pudermos perdoar o que fizeram conosco…

Se pudermos perdoar o que fizemos com os outros…

Se pudermos deixar todas as nossas histórias para trás. De nós sermos vilões ou vítimas.

Só assim talvez possamos salvar o mundo.

Mas ficamos ali, sentados, esperando sermos salvos. Enquanto ainda somos vítimas, esperando sermos descobertos em meio ao sofrimento.

Balançando a cabeça e estalando a língua, o Sr. Whittier diz:

– Seria tão ruim assim? Sermos as últimas pessoas no mundo? – Sua mão escorrega, envolve com força os dedos flácidos de Miss Espirro. – Por que o mundo não pode terminar do mesmo jeito que começou?

E ele ajuda Miss Espirro a ficar de pé.

PROVA
Outro poema sobre o Sr. Whittier

– Como você viveria? – pergunta o Sr. Whittier.

Se não pudesse morrer.

O Sr. Whittier no palco, a coluna reta,

sobre os pés, sem se curvar.

Sem tremer.

O fone de ouvido em volta do pescoço,

vazando música alta e *drum-and-bass*.

Os pés calçando tênis, cadarços desamarrados e batucando um dos pés no ritmo.

No palco, em vez do refletor, o fragmento de um filme,

não um fragmento de uma história antiga projetada para escondê-lo.

Um foco de luz brilha tão forte que apaga todas as suas rugas.

Lava as marcas da idade.

E, assistindo-o, éramos filhos de Deus que ele fazia de refém, para forçar Deus mostrar

a Si.

Para forçar Deus a agir.

E se sofrêssemos o bastante, se morrêssemos… se o Sr. Whittier pudesse só nos torturar,

nos fazer passar fome,

talvez o odiássemos além dessa vida.

Odiássemos tanto que voltaríamos para nos vingar.

Se morrêssemos com bastante dor, amaldiçoando o velho Sr. Whittier, então

ele ia implorar pra que voltássemos.

Para assombrá-lo.

Para lhe provar que há vida após a morte.

Nossos fantasmas, nosso ódio provar-se-ia a Morte da Morte.

Nosso papel, quando ele finalmente nos contou: só estávamos aqui para sofrer e sofrer,

e sofrer e sofrer,

e sofrer e morrer.

Para criar apenas um fantasma… rápido.

Para confortar o velho, o velho e moribundo Sr. Whittier, antes de ele morrer.

Esse era o verdadeiro plano.

Inclinado na nossa direção, ele diz:

– Se a morte significasse só deixar o palco por tempo o bastante

para mudar de roupa e voltar

como um novo personagem…

Você diminuiria o passo? Ou aceleraria?

Se a vida inteira não passa de um jogo de basquete, ou de uma peça com início, meio e fim,

enquanto os jogadores vão a novos jogos, novas produções…

Diante disso, como você viveria?

Com a chave balançando entre dois dedos, o Sr. Whittier diz:

– Vocês podem ficar aqui.

Mas quando morrerem, voltem

só por um instante.

Para me contar. Para me salvar. Com uma prova de nossa vida eterna.

Para salvar todos nós,

por favor, digam a alguém.

Para criar a real paz na Terra.

Que sejamos todos…

Assombrados.

OBSOLETOS
Um conto do Sr. Whittier

Nas últimas férias da família, o pai de Eve levou todo mundo para o carro e disse para ficarem à vontade. A viagem podia levar duas horas, quem sabe mais.

Eles tinham petiscos, pipoca sabor queijo, latas de refrigerante e batatinhas sabor churrasco. O irmão de Eve, Larry, e ela se sentaram no banco de trás com Risky, o boston terrier. No banco da frente, o pai dela girou a chave na ignição. Ele aumentou a ventilação para forte e abriu todas as janelas elétricas. Sentada ao lado dele, a futura ex-madrasta de Eve, Tracee, disse:

– Ei, crianças, ouçam só isso…

Tracee pegou um panfleto do governo chamado *Como É Bom Emigrar.* Ela abriu, amassando a lombada ao dobrá-la para trás, e começou a ler em voz alta.

– Seu sangue utiliza a hemoglobina – leu ela – para transportar moléculas de oxigênio dos seus pulmões às células no seu coração e no seu cérebro.

Há mais ou menos seis meses, todo mundo recebeu o mesmo panfleto do Ministério da Saúde pelo correio. Tracee tirou as sandálias e apoiou os pés no painel do carro. Ainda lendo em voz alta, ela continuou:

– A hemoglobina, inclusive, *prefere* se conectar com o monóxido de carbono. – O jeito que ela falava, como se sua língua fosse grande demais, era para parecer mais jovem. – Quando você inspira os gases do escapamento do carro, cada vez mais a sua hemoglobina se combina ao monóxido de carbono, se tornando o que chamamos de *carboxiemoglobina.*

Larry estava dando pipoca sabor queijo para Risky, deixando cair o pó de queijo laranja-claro por todo o assento do carro entre ele e Eve.

O pai dela ligou o rádio e perguntou:

– Quem quer uma musiquinha? – Ele olhou para Larry pelo retrovisor e disse: – Você vai deixar esse cachorro doente.

– Ótimo – disse Larry, e deu a Ricky mais uma pipoca laranja. – A última coisa que vou ver é o portão da garagem por dentro e a última música que vou

ouvir vai ser qualquer coisa dos Carpenters.

Mas não há nada para ouvir. Faz uma semana que nada toca no rádio.

Pobre Larry, pobre roqueiro gótico Larry, com a maquiagem preta manchando o rosto com pó branco, as unhas pintadas de preto e o cabelo comprido e oleoso tingido de preto, comparado a gente de verdade com os olhos bicados por passarinhos, gente morta de verdade com os lábios escamando pelos dentões mortos, comparado à morte de verdade, Larry era apenas um palhaço triste.

Pobre Larry: ele tinha passado dias no quarto depois da última matéria de capa da *Newsweek*. A manchete, em letras grandes e garrafais, dizia: “Morrer está na moda!”

Durante todos esses anos de Larry e sua banda se vestindo que nem zumbis ou vampiros de veludo preto e arrastando mortalhas, andando por cemitérios a noite inteira enrolados em rosários e capas, tanto desperdício. Até mesmo mamães suburbanas estavam emigrando. As velhinhas de igreja estavam emigrando. Advogados de terno estavam emigrando.

Na última edição da revista *Time*, a matéria de capa era: “Morte é a nova vida.”

Agora o pobre Larry, ele está preso com Eve, seu pai e Tracee, a família inteira emigrando junta num Buick quatro portas estacionado numa garagem suburbana na casa de dois andares. Todos os quatro respirando monóxido de carbono e comendo pipoca sabor queijo junto com o cachorro.

Ainda lendo, Tracee disse:

– Quanto menos hemoglobina houver disponível para transporte do oxigênio, mais suas células começarão a sufocar e morrer.

Ainda havia transmissão em alguns canais de TV, mas tudo que exibiam era o vídeo que foi enviado pela missão a Vênus.

Fora aquele programa espacial idiota que dera início a tudo isso. A missão tripulada para explorar o planeta Vênus. A tripulação enviou o vídeo da superfície do planeta, a superfície de Vênus como um paraíso verdejante. Depois disso, o acidente não aconteceu por causa de painéis de isolamento quebrados ou anéis que se partiram por erro humano. Não foi acidente. A tripulação simplesmente optou por não abrir os paraquedas de aterrissagem. Rápido como um meteoro, o casco externo da espaçonave pegou fogo. Estática e… fim.

Do mesmo modo que a Segunda Guerra Mundial nos deu a caneta

esferográfica, o programa espacial havia provado que a alma humana era imortal. O que todo mundo chamava de Terra era apenas uma estação de processamento pela qual todas as almas tinham que passar. Um passo num processo, digamos, de refinação. Como a torre de craqueamento usada para transformar óleo bruto em gasolina ou querosene. Assim que as almas humanas eram refinadas na Terra, todos nós encarnaríamos no planeta Vênus.

Na grande fábrica de aperfeiçoamento das almas humanas, a Terra era como uma máquina de polir. Igual àquelas que as pessoas usam para polir pedras. Todas as almas vinham cá para aparar as arestas afiadas umas das outras. Todos nós temos que ficar gastos, alisados por conflitos e dor de todo tipo. Passar pelo polimento. Não havia nada de *ruim* nisso. Não era sofrimento, era *erosão*. Era só mais um passo básico e importante no processo de refinação.

Claro que parecia uma maluquice, mas ali estava o vídeo, enviado pela missão espacial que se espatifou de propósito.

Na televisão, era a única coisa que exibiam. Conforme o veículo de aterrissagem orbitava cada vez mais baixo, mergulhando nas camadas de nuvens que cobriam o planeta, os astronautas mandavam imagens de pessoas e bichos vivendo como amigos, todos sorrindo tanto que os rostos pareciam brilhar. No vídeo que os astronautas mandaram, todos eram jovens. O planeta era um Éden. A paisagem de florestas e oceanos, prados floridos e montanhas gigantes, era sempre primavera, dizia o governo.

Depois daquilo, os astronautas se recusaram a abrir os paraquedas. Seguiram direto para baixo, *ploft*, caindo nas flores e nos doces lagos de Vênus. Tudo que restou deles foram esses poucos minutos granulados, nebulosos, do vídeo que enviaram. E pareciam modelos usando túnicas cintilantes numa história futurística de ficção científica. Homens e mulheres de pernas e cabelos compridos, deitados, comendo uvas nos degraus de templos de mármore.

Era o paraíso, só que com sexo, birita e Deus dando permissão para tudo.

Era um mundo onde os Dez Mandamentos consistiam em: Festa. Festa. Festa.

– Começa com dor de cabeça e náusea – lê Tracee no panfleto do governo. – Os sintomas incluem batimento cardíaco progressivamente acelerado conforme o coração tenta levar oxigênio ao cérebro moribundo.

O irmão de Eve, Larry, nunca aceitou de fato o conceito de vida eterna.

Larry era membro de uma banda chamada Wholesale Death Factory. Ele tinha uma groupie meio vadia chamada Jessika. Eles se tatuavam usando agulhas

de costura embebidas em tinta preta. Eles eram de alto nível, Larry e Jessika, a margem da marginália. Até que a morte entrou na moda. Só que não era mais suicídio. Passaram a chamar de “emigração”. Os corpos mortos e podres dos outros não eram mais cadáveres. As pilhas fedidas, inchadas de gente, empilhadas aos pés de cada prédio alto, ou envenenadas e esparramadas em bancos de pontos de ônibus, passaram a chamar isso de “bagagem”. Bagagem que ficou para trás.

O jeito que as pessoas pareciam no Ano-novo uma espécie de linha desenhada na areia. Uma espécie de novo princípio que nunca aconteceu de fato. Era assim que as pessoas viam a emigração, mas só se *todo mundo* emigrasse.

Essa era a prova real de vida depois da vida. Segundo estimativas do governo, já haviam até 1.760.042 almas humanas libertas e levando uma vida festeira no planeta Vênus. O restante da humanidade teria que continuar vivendo uma longa série de vidas de sofrimento, antes de estar refinado o suficiente para emigrar.

Dando voltas, erodindo na Polidora Gigante.

Aí o governo teve a grande sacada:

Se toda a humanidade morresse de uma vez, não haveria úteros e nenhum jeito das almas reencarnarem aqui na Terra.

Se a humanidade fosse extinta, todos nós iríamos emigrar para Vênus. Esclarecidos ou não.

Mas… se ficasse para trás um único casal fértil, o nascimento de uma criança poderia revogar uma alma. Meia dúzia de pessoas, e o processo ia começar todo de novo.

Até poucos dias atrás, dava para assistir na televisão ao movimento emigratório lidar com gente que continuava inconformada. Dava para assistir aos povos atrasados que não se engajaram no movimento, vê-los emigrando a força graças aos Pelotões de Assistência Emigratória, todos vestidos de branco, portando metralhadoras brancas. Aldeias inteiras gritando, bombardeadas para se realocar para o próximo passo no processo. Ninguém ia deixar que um bando de caipiras com Bíblias em punho nos largasse aqui, no velho e sujo planeta Terra, o planeta sem graça, não quando podíamos nos apressar para o próximo grande passo na evolução espiritual. Então envenenamos os caipiras pelo próprio bem deles. Os selvagens africanos foram mortos com armas químicas. As hordas chinesas foram destruídas à moda nuclear.

Socamos flúor e alfabetização na vida eles. Também tínhamos como forçar a

emigração.

Se um só casal caipira ficasse para trás, você poderia se tornar o filho sujo e ignorante deles. Se só uma tribinho num arrozal do Terceiro Mundo não emigrasse, sua alma preciosa podia ser reconvocada a viver – espantando mosca e comendo papa estragada pontilhada de cocozinho de rato sob o suadouro sol asiático.

E, sim, claro, era tudo uma aposta. Mandar todo mundo junto para Vênus. Mas como a morte estava morta, a humanidade não tinha mesmo nada a perder.

Era essa a manchete da última edição do *New York Times*: "A morte morreu."

O *USA Today* chamou de "A morte da morte".

A morte fora desmistificada. Tipo o Papai Noel. Ou a Fada dos Dentes.

A vida passou a ser a única opção… mas parecia uma coisa infinita… eterna… perpétua… uma armadilha.

Larry e sua roqueira meio vadia, Jessika, eles vinham planejando fugir. Se esconder. Como a morte tinha sido cooptada pelo *mainstream*, Larry e Jessika queriam se rebelar ficando vivos. Teriam um monte de filhos. Ferrariam toda a evolução espiritual da humanidade inteira. Mas aí os pais de Jessika batizaram o leite dela, no café da manhã, com veneno de formiga. Fim.

Depois disso, Larry passou a ir ao centro da cidade todos os dias catar analgésico nas farmácias abandonadas. Tomar Vicodin e quebrar as vidraças das janelas, Larry dizia que para ele isso já era um esclarecimento. Todo o dia ele roubava carros e dirigia com eles por lojinha de porcelana abandonadas, chegando em casa chapado e polvilhado do talco branco dos air bags estourados.

Larry disse que queria ter certeza de que esse mundo estava bem gasto antes de passar para o próximo.

Como sua irmãzinha Eve lhe disse: Cresça. Ela lhe disse que Jessika não era a única putinha rocker gótica no mundo.

E Larry só olhou para ela, chapado e piscando em câmera lenta, e disse:

– Aham, Eva. Jesse era, sim…

Coitado do Larry.

Foi por isso que, quando o pai deles disse para entrarem no carro, Larry simplesmente deu de ombros e obedeceu. Ele se sentou no banco de trás, carregando Risky, o boston terrier da família. Não se deu ao trabalho de colocar o cinto de segurança. Eles não iam a lugar algum. Não a um lugar físico.

Era o equivalente espiritual Nova Era de que toda ideia cura tudo, do sistema

métrico ao euro. À vacina de poliomielite… ao cristianismo… à reflexologia… ao Esperanto…

E não poderia ter surgido em época melhor. Poluição, superpopulação, doença, guerra, corrupção, perversão sexual, assassinato, vício em drogas… Talvez não estivesse pior do que já fora, mas agora a TV só falava disso. Um lembrete incessante. Uma cultura da reclamação. De queixas, queixas, queixas… A maioria das pessoas nunca admitiria, mas reclamava desde que nasceu. Assim que a cabeça brotava naquela luz forte da sala de parto, nada estava certo. Nada fora tão confortável ou provocara uma sensação tão boa.

Só o esforço necessário para manter o corpo físico vivo, só de ter que achar comida, cozinhar e lavar os pratos, se manter aquecido, tomar banho, dormir, caminhar, ter movimentos intestinais e pelo encravado, tudo dava trabalho demais.

Sentada no carro, com as ventoinhas soprando fumaça no rosto, Tracee lê:

– Conforme seu coração acelera, seus olhos se fecham. Você perde a consciência e tudo fica escuro…

O pai de Eve e Tracee, eles haviam se conhecido na academia e começaram a fazer bodybuilding para casais. Ganharam um concurso, posaram juntos e se casaram para comemorar. O único motivo pelo qual não emigramos meses atrás é que eles ainda estavam no auge do concurso. Eles nunca haviam estado tão bem, nunca haviam se sentido tão fortes. Ficaram de coração partido ao descobrirem que ter um corpo – mesmo um de músculos firmes, definidos, só com dois por cento de gordura – era como andar de mula enquanto o restante da humanidade estava voando em Learjets para onde quisesse. Eram sinais de fumaça se comparados a celulares.

Tracee seguia pedalando na bicicleta ergométrica quase todos os dias, sozinha na grande sala de aeróbica da academia, pedalando ao som de músicas de discoteca enquanto berrava para animar uma aula de spinning que não existia mais. Na sala de musculação, o pai de Eva levantava pesos, mas limitado a máquinas ou anilhas mais leves, pois não tinha ninguém por perto para lhe ajudar. Pior que isso, não havia ninguém com quem papai e Tracee pudessem competir. Ninguém para quem posar. Ninguém para superar.

O pai de Eve gostava de contar essa piada: Quantos fisiculturistas são necessários para trocar uma lâmpada?

Quatro. Um para colocar a lâmpada e outros três para assistir e dizer: “Putz, cara, você tá *enorme*!”

No caso do pai dela e Tracee, eram necessárias centenas de pessoas aplaudindo, assistindo a eles no palco, posando e flexionando. Ainda assim, não dava para negar, independentemente de como se aperfeiçoavam com vitaminas, colágeno e silicone, o corpo humano era obsoleto.

O engraçado é que a outra frase que o pai de Eva gostava de falar era:

– Se alguém pulasse da ponte, você pularia também?

Especialistas sugeriram que este era o único momento na história em que podíamos fazer a emigração em massa dar certo. Tínhamos precisado do programa espacial para nos dar a prova da vida que teríamos a seguir. Tínhamos precisado da mídia de massa para fazer essa prova circular pelo mundo. Tínhamos precisado das armas de destruição em massa para garantir a conformidade total.

Se houvessem gerações futuras, elas não saberiam o que a gente sabia. Não teriam as ferramentas que tivemos para fazer isso acontecer. Elas simplesmente viveriam suas vidas físicas horríveis, ingratas, comendo cocô de rato, ignorando que todos nós poderíamos viver no prazer em Vênus.

Claro que muita gente foi contra usar bombas nucleares nos inconformados. Mas vaporizar cada ilhota tribal no Pacífico Sul, isso esvaziou todos os silos de míssil. A radiação não se espalhou como o esperado. Um inverno nuclear se abateu sobre a Austrália, mas durou apenas alguns meses. A chuva caiu, houve uma megaextinção de peixes, mas o clima e as marés fizeram a sacanagem de limpar nossa bagunça envenenada. Todo esse potencial de emigração foi desperdiçado, pois a Austrália estava cem por cento complacente ainda nos primeiros seis meses.

Todas as nossas armas químicas e todos os nossos vírus letais, todas as nossas bombas nucleares e convencionais, foi tudo uma decepção. Não chegamos nem perto de apagar a humanidade. As pessoas acocoradas em cavernas. As pessoas que percorriam desertos imensos, vazios, de camelo. Toda essa gente imbecil e atrasada podia trepar. Um esperma encontra um óvulo e sua alma é sugada para viver mais uma vida de tédio, comendo, dormindo, se queimando no sol. Na Terra: Planeta Ferido. Planeta Conflito. Planeta Dor.

Para os Pelotões de Assistência Emigratória, com suas metralhadoras brancas, os alvos prioritários Top-A eram mulheres inconformadas entre as idades de 14 e 35 anos. Todas as outras mulheres eram prioridade Top-B de apoio. Todos os homens inconformados eram prioridade Top-C. Se acabassem as balas, a equipe de traje branco podia deixar uma aldeia inteira de homens e

velhas vivos, para que envelhecessem e morressem de modo natural.

Tracee sempre se preocupou por ser um alvo prioridade Top-A, tinha medo de ser metralhada a caminho da academia. Mas a maioria dos pelotões ficava no campo ou nas montanhas, onde gente atrasada e esperando bebês podia se esconder.

Os burros mais burros podiam sabotar totalmente sua evolução espiritual. Não era justo.

Todos os outros, milhões de almas, já estavam na festa. No vídeo de Vênus, dava para enxergar o rosto de gente famosa que tinha sofrido muito na Terra e não precisava voltar para outra vida. Dava para ver Grace Kelly e Jim Morrison. Jackie Kennedy e John Lennon. Kurt Cobain. Eram esses que Eve reconhecia. Estavam todos na festa, parecendo eternamente jovens e felizes.

Entre as celebridades mortas haviam animais extintos na Terra: o pombo-passageiro, ornitorrincos, dodôs.

No noticiário, celebridades importantes eram aplaudidas no momento que emigravam. Se essa gente, astros do cinema e bandas de rock, podia emigrar pelo bem maior de toda a humanidade, essa gente com grana, talento, fama, com tudo que era preciso para se manter aqui, se eles podiam emigrar, qualquer um podia.

Na última edição da revista *People*, a matéria principal era o “Cruzeiro das Celebridades a Lugar Nenhum”. Milhares dos mais bem-vestidos, dos mais belos, estilistas e supermodelos, magnatas da informática e atletas profissionais, eles embarcaram no *Queen Mary II* e partiram para o mar, bebendo e dançando, seguindo depressa para o norte pelo oceano Atlântico, procurando, a toda velocidade, um iceberg com o qual colidir.

Jatinhos fretados se jogaram nas montanhas.

Ônibus de turismo se jogaram de penhascos.

Nos Estados Unidos, a maioria das pessoas foi ao Walmart ou ao Rite Aid comprar o Kit Despedida. A primeira geração dos kits era barbitúricos que vinham dentro de uma sacola plástica do tamanho da cabeça com um cadarço para dar a volta no pescoço. A geração seguinte era uma pílula de cianureto mastigável sabor cereja. Algumas pessoas emigraram ali mesmo, no corredor da loja – sem pagar pelo kit –, então o Walmart colocou os kits atrás do balcão de atendimento, junto dos cigarros, e obrigaram todo mundo a pagar antes de colocar as mãos no kit. No intervalo de alguns minutos, um comunicado no sistema de som pedia que os clientes fossem educados e não emigrassem dentro

da loja… Obrigado.

No início, teve gente defendendo o que chamavam de Método Francês. A ideia deles era esterilizar todo mundo. Primeiro por cirurgia, mas desse jeito ia demorar muito tempo. Depois, expondo as genitálias das pessoas a radiação. Mesmo assim, naquela época todos os médicos já haviam emigrado. Eles foram os primeiros a pular fora. Médicos, é verdade, sim, a morte era o inimigo deles, mas sem ela estavam perdidos. De coração partido. Sem médicos, eram zeladores jogando radiação nos outros. As pessoas se queimavam. A rede elétrica caiu. Fim.

Nessa época, todas as pessoas bonitas e legais já tinham emigrado com cianureto no champanhe nas glamourosas “Festas Bon Voyage”. Eles davam as mãos e pulavam da cobertura de um arranha-céu. Gente já meio de saco cheio, todos os astros do cinema, superatletas e estrelas do rock. As supermodelos e os bilionários da informática, todos tinham caído fora na primeira semana.

Todos os dias, o pai de Eve chegava em casa contando quem da firma tinha se mandado. Qual dos vizinhos emigrara. Era fácil saber. A grama na frente da casa deles ficava muito alta. A correspondência e os jornais se empilhavam na porta. As cortinas nunca eram abertas, as luzes nunca se acendiam, e quem passasse por lá sentiria um cheiro doce, como o de uma fruta ou de uma carne apodrecendo lá dentro. O ar zumbia com moscas pretas.

A casa ao lado, a dos Frink, estava desse jeito. Assim como a casa do outro lado da rua.

Nas primeiras semanas, foi divertido: Larry ia ao centro esmurrar sua guitarra no palco do auditório do Teatro Civic. Eva se acostumou a ter o shopping inteiro como um guarda-roupa privativo. O colégio entrou em recesso e nunca, nunca mais ia voltar.

Mas o pai deles, dava para perceber que ele já estava nas últimas com Tracee. O pai deles nunca foi bom nisso depois do início romântico. Em épocas normais, ele já estaria traindo. Encontrava um rabinho novo na firma. Em vez disso, ele vinha assistindo a cena de Vênus na televisão, prestando total atenção, o nariz quase tocando as partes em que dava para ver as pessoas, grupos de supermodelos lindas, empilhadas nuas, em cascata. Uma lambendo vinho tinto da outra. Trepando sem reprodução, doença nem condenação divina.

Tracee vinha listando as celebridades com as quais queria fazer amizade assim que a família chegasse. No topo da lista estava a Madre Teresa.

Naquela época até mesmo as mães atormentadas faziam fila com os filhos,

berrando para todos tomarem logo o leite envenenado e irem para o inferno, para a próxima fase da evolução espiritual. Naquele momento até vida e morte seriam fases pelos quais devíamos passar, assim como professores faziam as crianças passarem de uma série para a outra até a formatura, independentemente do que fizessem ou do que aprendessem. A grande corrida dos ratos rumo ao esclarecimento.

No carro, a voz ficando mais profunda e áspera de tanto aspirar fumaça, Tracee lê:

– Assim que as células de suas válvulas cardíacas começam a morrer, as duas metades, chamadas de *ventrículos*, ficam mais lentas, bombeando cada vez menos sangue pelo corpo… – Ela tosse e continua: – Sem sangue, seu cérebro para de funcionar. Em questão de minutos você estará emigrando.

E Tracee fecha o panfleto. Fim. O pai de Eve diz:

– Adeus, planeta Terra.

E o boston terrier, Risky, vomita pipoca sabor queijo em todo o banco de trás.

O cheiro do vômito do cão e os sons de Risky devorando tudo são piores que o monóxido de carbono.

Larry olha para a irmã, a maquiagem preta manchada em volta dos olhos, os olhos dele piscando em câmera lenta.

– Eve, leve seu cachorro lá fora pra vomitar.

Caso a família tenha se mandado quando ela voltar, o pai lhe diz que tem um Kit Despedida no balcão da cozinha. Diz a Eve para não demorar muito. Estarão esperando por ela na festança.

A futura ex-madrasta de Eve diz:

– Não deixe a porta aberta que a fumaça vai escapulir. Eu quero emigrar, não quero ficar com lesão cerebral.

– Tarde demais – diz Eve, e solta o cachorro no quintal.

Lá fora o sol continua brilhando. Passarinhos constroem ninhos, idiotas demais para saber que o planeta saiu de moda. As abelhas engatinham dentro dos botões abertos das rosas, sem saber que toda a sua realidade virou obsoleta.

Na cozinha, no balcão ao lado da pia, está um Kit Despedida, os pacotinhos de plástico com comprimidos de cianureto. Era de um sabor novo, limão. Pacote família. No forro de papelão há um pequeno desenho impresso que mostra um estômago vazio. Um relógio marca três minutos. E então sua alma-desenho iria

acordar num mundo de prazer e conforto. O planeta seguinte. Evoluído.

Eve pega um comprimido, um amarelo-claro que tem uma carinha sorridente impressa em vermelho. Não tinha importância se usassem aquele corante vermelho tóxico. Eve pega todos os comprimidos. Ela leva todos os oito ao banheiro e os joga na privada.

O carro ainda está ligado dentro da garagem. Pela janela, em cima de uma cadeira de jardim, Eve vê as cabeças caídas lá dentro. O pai. A futura ex-madrasta. O irmão.

No quintal, Risky está enfiando o nariz na fenda debaixo do portão da garagem, fungando a fumaça que vem lá de dentro. Eve lhe diz: Não. Manda ele sair de perto da casa, voltar para o sol. Ali, com toda a vizinhança em silêncio, exceto os passarinhos, o zumbido das abelhas, o gramado já parece que precisa ser podado. Sem o rugido dos cortadores de grama, aviões nem motos, os passarinhos fazem tanto barulho quanto o trânsito antigamente.

Depois de se deitar na grama, Eve puxa a parte de baixo da blusa e deixa o sol aquecer sua barriga. Ela fecha os olhos e descreve círculos com as pontas dos dedos em volta do umbigo.

Risky late uma, duas vezes.

E uma voz diz:

– Ei.

Um rosto se projeta por cima da cerca do quintal do vizinho. Cabelo loiro, espinhas rosadas, um garoto da turma dela chamado Adam. De antes de todos os colégios fecharem. Os dedos de Adam seguram a cerca, e ele se ergue até seus cotovelos passarem por cima. Com o queixo apoiado nas mãos, ele diz:

– Ouviu falar da namorada do seu irmão?

Eve fecha os olhos e diz:

– Isso vai soar estranho, mas tenho saudade da morte…

Adam joga uma perna por cima da cerca. Ele diz:

– Seus pais já emigraram?

Na garagem, o motor do carro tosse e pula uma batida no cilindro. Um ventrículo que ficou preguiçoso. Dentro da janela, no ar da garagem começam a surgir nuvens cinzentas de fumaça. O motor se perde de novo e fica em silêncio. Nada lá dentro se mexe. A família de Eve é só uma bagagem que ficou para trás.

E, deitada sob o sol, sentindo a pele ficar retesada e vermelha, Eve diz, ainda fazendo círculos em volta do umbigo: – Coitado do Larry.

Risky para perto da cerca, olhando para cima, enquanto Adam joga a outra perna por cima da cerca e pula para o quintal. Adam se abaixa para fazer carinho no cachorro. Coçando embaixo do queixo do cão, Adam diz:

– Contou pra eles que a gente tá grávido?

E Eve, ela não diz nada. Não abre os olhos.

Adam diz:

– Se a gente recomeçar toda a raça humana, nossos pais vão ficar *muito putos*…

O sol está praticamente a pino. O ruído que parece carros é só o vento percorrendo o bairro vazio.

Posses materiais estão obsoletas. O dinheiro é inútil. Status é algo sem sentido.

Teriam mais três meses de verão e havia um mundo inteiro de comida enlatada para consumir. Isso se o Pelotão de Assistência Emigratória não a metralhasse por inconformidade. Um alvo prioridade Top-A como ela. Fim.

Eve abre os olhos e observa o pontinho branco perto do horizonte azul. A Estrela da Manhã. Vênus.

– Se eu tiver esse bebê – diz Eve –, espero que ele seja… Tracee.

24.

O Sr. Whittier leva Miss Espirro até a porta. Até o mundo lá fora. De mãos dadas. Esse é nosso mundo sem um diabo, nossa Villa Diodati sem um monstro a quem culpar. Ele empurrou a porta do beco para abrir só um pouco, o bastante para um raio de sol de verdade entrar. Aquela fenda clara, o oposto da escura que encontramos ao chegar.

Miss Espirro igual a Cassandra Clark, a noiva do Sr. Whittier. Aquela que ele quer salvar.

A lâmpada do projetor queimou. Ou queimou tanto durante tanto tempo – com alguma coisa *dramática* sempre acontecendo, alguma coisa *horrível* sempre acontecendo, alguma coisa *empolgante* sempre acontecendo – que fez o disjuntor desarmar.

Baronesa Congelada está dormindo numa pilha de trapos e renda, resmungando, com a prega rosa gordurenta à mostra. Assim como Conde Calúnia, falando enquanto dorme, revendo-em-sonho as cenas na mente.

Todos parecemos estar dormindo, inconscientes ou sonhando acordados, resmungando que nada daquilo é culpa nossa. Somos as presas. Tudo aquilo foi feito conosco.

Só São Sem-Pança e Mãe Natureza estão cochichando. Ele fica olhando de soslaio para a porta entreaberta, por onde a fresta de luz entra. O Sr. Whittier e Miss Espirro, seus esqueletos escuros delineados e dissolvendo-se ao clarão da luz do dia.

O restante de nós, dissolvendo em nossas fantasias, no carpete, no chão.

Mãe Natureza continua falando como disco riscado:

– Não podemos permitir… Não podemos permitir…

Até que daria um bom final feliz, diz São Sem-Pança. Os dois jovens amantes saindo para caminhar à luz de um novo dia. Eles podiam encontrar ajuda e salvar o grupo. Os dois podiam ser vítimas e heróis.

Mas Mãe Natureza apenas sussurra:

– Está cedo demais.

Precisam esperar só mais um pouco. Por serem mais jovens, eles têm como esperar até mais alguns morrerem.

Mãe Natureza e São Sem-Pança poderiam viver mais que o velho Whittier e Miss Espirro doente.

Olhando em volta, você apostaria que Agente Fuxico e Chef Assassin não duram nem mais um dia. Condessa da Antevidência, seu peito de brocados parou de subir e descer, e seus lábios ficaram azuis. Até mesmo Reverendo Ímpio, os pelos que ele arrancou da sobrancelha pararam de crescer.

Não, quanto mais eles esperarem, em menos parcelas terão que dividir a grana.

Os sininhos tinindo, as vinhas de hena vermelha nas mãos, Mãe Natureza tira um dos sapatos de Sem-Pança. Seus dedos tocam só os centros de prazer debaixo da sola do pé que ela pressiona, seu toque fazendo os olhos dele girarem para trás.

Não, Mãe Natureza e São Sem-Pança podem ficar com tudo. Todo o dinheiro, diz ela, ainda tocando-o lá embaixo. Toda a glória. Toda a pena.

Com os olhos revirados, cego, brancos feito ovos cozidos, seus cílios tremulam até ele puxar o pé, São Sem-Pança diz:

– *Mnye etoh nadoh kahk zoobeee v zadnetze*.

As pernas da calça e parte de baixo da camisa rasgam e esticam no ponto onde estão colados no palco pelo sangue. Então Sem-Pança se arrasta até ficar de pé e diz que vai embora.

Ainda não, diz Mãe Natureza. A voz dela sai um sibilo firme por causa dos dentes cerrados.

São Sem-Pança dá um passo e tropeça. Suas pernas cedem, e ele cai, de mãos e joelhos no chão. Arrastando-se até a porta aberta, ele diz:

– Como posso detê-los?

E, tentando alcançá-lo, Mãe Natureza consegue envolver os dedos em torno do tornozelo dele e diz:

– Espere.

O caminho pelo qual a luz do sol os leva até a porta, ali o chão de concreto parece quente. Os dois fecham os olhos e se arrastam cegados pela claridade, tateando o caminho por onde o chão é mais quente, com as mãos e os joelhos até encontrarem o batente da porta com as pontas dos dedos que lhes restam. Eles

encontram a luz do sol com a pele dos lábios e com as pálpebras.

No céu azul estreito do beco, passarinhos voam para lá e para cá. Passarinhos e nuvens que não são teias de aranha. Um azul que não é veludo nem tinta.

Com a cabeça para fora da porta, São Sem-Pança diz:

– Eu sei onde a gente tá. – Estreitando os olhos, diz: – Eles ainda estão aqui. – Aponta com a mão e chama: – Miss Espirro, espere…

Mesmo com os dedos de Mãe Natureza segurando sua camisa e a cintura da calça com firmeza, ele continua engatinhando, nadando, dizendo:

– Por favor, pare.

A meio caminho pela porta, as mãos o arrastando pelos cacos de vidro e pelo lixo do beco, todo aquele lixo bonito e quente do sol vespertino, São Sem-Pança diz:

– Pare!

Enquanto duas figuras se arrastam rumo à entrada do beco: a menina próxima, o idoso a quase um quarteirão de distância, o braço erguido quando um táxi para no meio-fio.

Diante disso, Sem-Pança grita:

– Miss Espirro! Espere!

Ela se vira para olhar.

E… então… e… *Chuuu-ruuk!*

A faca do chão, a faca de descascar que Chef Assassin jogou para o Sr. Whittier, Mãe Natureza trouxe.

A faca cravada no peito de Miss Espirro, que ainda sacode a cada batimento cardíaco, sacode cada vez menos conforme Mãe Natureza e São Sem-Pança a arrastam de volta. Arrastam Miss Espirro pela porta. De volta para a escuridão.

A faca sacode menos quando eles ficam de pé e fazem força para fechar a porta, e as dobradiças de metal guincham. O céu, cada vez mais estreito, até que os passarinhos, as nuvens e o céu azul desaparecem.

No beco, a voz do Sr. Whittier, cada vez mais perto, grita para eles pararem.

A faca sacode ainda menos quando Mãe Natureza diz:

– Eu avisei: ainda não.

E então a faca não se mexe. A pessoinha que tossia, fungava e espirrava que esperamos para ver morrer desde o dia em que chegamos está, enfim, morta.

Foi menos salvar o mundo e mais preservar nossa plateia. Mantemos vivas as

pessoas que vão nos ver na TV, ler nossos livros, ir ao nosso quem-sabe-um-dia filme. Nossos consumidores.

São Sem-Pança está mantendo a porta fechada, mas a fechadura abre por fora. A maçaneta batendo. Sem-Pança fecha, tranca e mais uma vez ela abre.

São Sem-Pança gira para trancar, dizendo:

– Não.

E a fechadura se abre, girada por uma chave do lado de fora.

De volta ao escuro, de volta ao frio, Mãe Natureza puxa a lâmina grudenta de Miss Espirro e enfia a lâmina na fechadura, quebrando-a.

A fechadura, destruída. A faca, destruída. Pobre Miss Espirro, com seus olhos vermelhos e o nariz escorrendo, reduzida a um objeto de cena em nossa história. Uma pessoa transformada em objeto. Como se alguém rasgasse uma boneca de pano com um nome bobo e encontrasse lá dentro intestinos de verdade, pulmões de verdade, um coração pulsante, sangue. Muito sangue. Sangue viscoso, quente.

Agora a história se divide em menos um. O que foi feito conosco.

Por enquanto, ainda estamos aqui. Em nosso círculo mal iluminado em volta da luz fantasma.

A voz do Sr. Whittier, ele está berrando do lado de fora da porta de aço. Seus punhos batem. Querendo entrar. Não quer morrer sozinho.

Por enquanto nós esperamos, repetindo nossa história no Museu de Nós. Nesse nosso ensaio final permanente.

Como o Sr. Whittier nos prendeu aqui. Como ele nos deixou à míngua, nos torturou. Como ele nos matou.

Recitamos isto: a Mitologia de Nós.

E algum dia, em breve, qualquer dia, o mundo vai abrir aquela porta e nos salvar. O mundo vai ouvir. A partir daquele glorioso e ensolarado dia, o mundo inteiro vai nos amar.

Os poemas

Cobaias
Monumentos
Clandestina
Otimização do produto
Usina de ideias
Segredos do ofício
Erosão
Sob contrato
Retrospecto
Descrição do cargo
Babélico
O consultor
Voir Dire
Plano B
Expectativa
Férias americanas
Evolução
Miopia
Absolvição
A intérprete
Prova

Os contos

Tripas, *de São Sem-Pança*
Pé ante pé, *de Mãe Natureza*

Sala verde, *de Miss América*
Favelando, *de Lady Mendiga*
Canção de despedida, *de Conde Calúnia*
Idade de cachorro, *de Brandon Whittier*
Ambição, *de Duque dos Vândalos*
Pós-produção, *da Sra. Clark*
Êxodo, *de Diretora Negação*
Pileque, *de Reverendo Ímpio*
Ritual, *de Casamenteiro*
Caixa Pesadelo, *da Sra. Clark*
Crepúsculo civil, *de Irmã Justiceira*
Colocação de produto, *de Chef Assassin*
Fala Amarga, *de Camarada Escárnia*
Inválido, *de Agente Fuxico*
Dissertação, *de Elo Perdido*
Menina dos olhos, *da Sra. Clark*
Something's Got to Give, *de Condessa da Antevidência*
Fondue, *de Baronesa Congelada*
Cassandra, *da Sra. Clark*
Espíritos do mal, *de Miss Espirro*
Obsoletos, *do Sr. Whittier*

QUER SABER MAIS SOBRE A LEYA?

Fique por dentro de nossos títulos, autores e lançamentos.

Curta a página da LeYa no Facebook, faça seu cadastro na aba *mailing* e tenha acesso a conteúdo exclusivo de nossos livros, capítulos antecipados, promoções e sorteios.

A LeYa também está presente em:

www.leya.com.br


facebook.com/leyabrasil


@leyabrasil


instagram.com/editoraleya


google.com/+LeYaBrasilSãoPaulo


skoob.com.br/leya



CHUCK PALAHNIUK nasceu em 1962 e é autor de diversos livros, que juntos já venderam mais de 5 milhões de exemplares apenas nos Estados Unidos. Com linguagem e escrita inconfundíveis, Chuck tem uma legião de fãs por todo o mundo. Pela editora LeYa, além de *Assombro*, também publicou o clássico *Clube da Luta* (2012) – transformado em filme dirigido por David Fincher –, *Sobrevivente* (2012), *Condenada* (2013), *Maldita* (2014), *No sufoco* (2015) e a graphic novel *Clube da Luta 2* (2016). Ele mora no Noroeste dos EUA.

Saiba mais sobre o autor no site oficial:
www.chuckpalahniuk.net.

RETIRO DE ESCRITORES

Abandone sua vida durante três meses

Simplesmente suma. Deixe para trás tudo que impede você de criar sua obra-prima. Seu emprego, sua família e seu lar, todas as obrigações e distrações, deixe tudo em espera por *três meses*. Viva com gente que pensa como você, num ambiente que dá apoio à imersão total em seu trabalho. Comida e abrigo de graça para aqueles que se qualificarem. Aposte uma fração mínima da sua vida na chance de criar um novo futuro como poeta, roman-cista ou roteirista profissional. Antes que seja tarde demais, viva a vida que sempre sonhou.

Vagas extremamente limitadas.

Um anúncio peculiar no jornal. Uma proposta inusitada: 18 corajosos leem a chamada e topam o desafio, sem fazerem ideia do inferno que os espera. É a partir disso que se desenrolam contos incríveis e assombrosos no melhor estilo de Chuck Palahniuk.

CUIDADO!

ESTE LIVRO VAI MEXER COM SEUS NERVOS.
MACABRO. BRUTAL. TENSO. NAUSEANTE.




CHUCK PALAHNIUK
CLUBE DA LUTA
LEYA

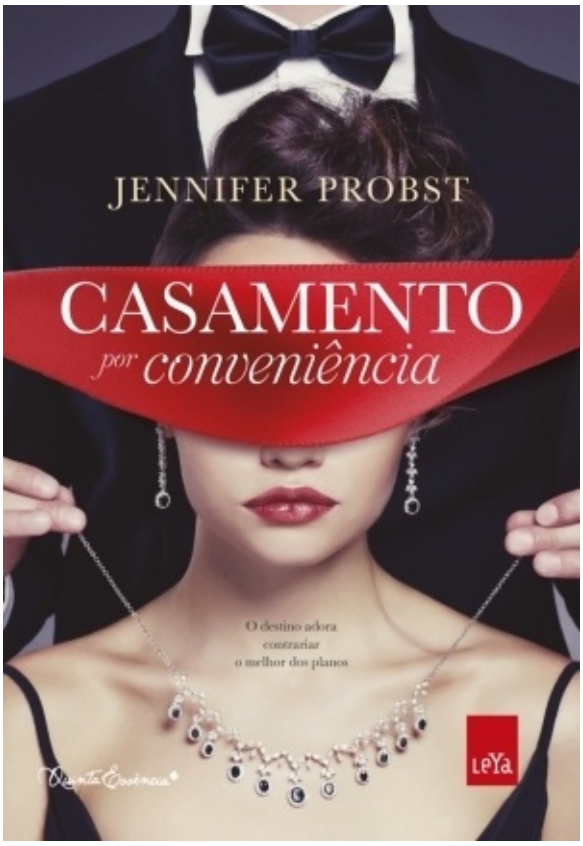
Clube da luta

Palahniuk, Chuck
9788580445527
272 páginas

Compre agora e leia

O clube da luta é idealizado por Tyler Durden, que acredita ter encontrado uma maneira de viver fora dos limites da sociedade e das regras sem sentido. Mas o que está por vir de sua mente pode piorar muito. O livro serviu de base para um filme de 1999, procurando adaptar a atmosfera do livro, o mundo caótico do personagem e o humor negro do autor.

Compre agora e leia


JENNIFER PROBST
CASAMENTO
por conveniência
O destino adora
contrariar
o melhor dos planos
LEYA

Casamento por conveniência

Probst, Jennifer

9788544100073

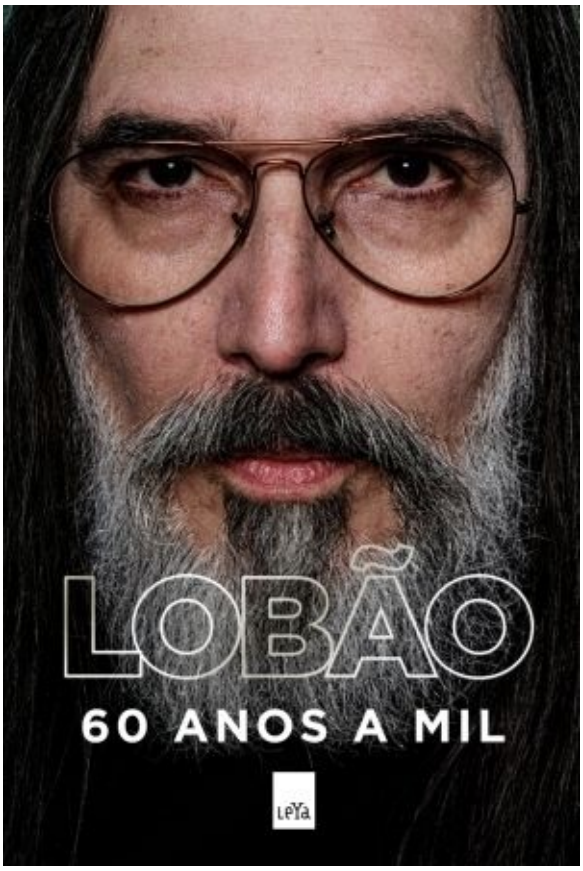
240 páginas

Compre agora e leia

Um compromisso por interesse chamado de casamento ...Desesperada por dinheiro para salvar a casa de sua família, a impulsiva Alexandria McKenzie se entrega a uma última e inusitada tentativa: faz uma simpatia de amor para encontrar um marido. Um marido rico, de preferência. Nicholas Ryan não acredita em amor eterno, casamento e família. No entanto, para que possa herdar as ações de seu tio e se tornar sócio-majoritário da empresa da família, ele deveria atender a um único requisito do testamento: casar-se e manter-se casado por pelo menos um ano.

Nick e Alexa possuem muito pouco em comum, apenas o fato de Alexa ser a melhor amiga da irmã de Nick. Mas, movidos por seus interesses, os dois decidem se unir. Um acordo nupcial simples, sem paixão e sem complicações. Esse será o combinado por um ano. Mas a convivência será capaz de fazer nascer algum sentimento entre eles?

Compre agora e leia


LOBÃO
60 ANOS A MIL
LeYa

60 anos a mil

Lobão

9788577347070

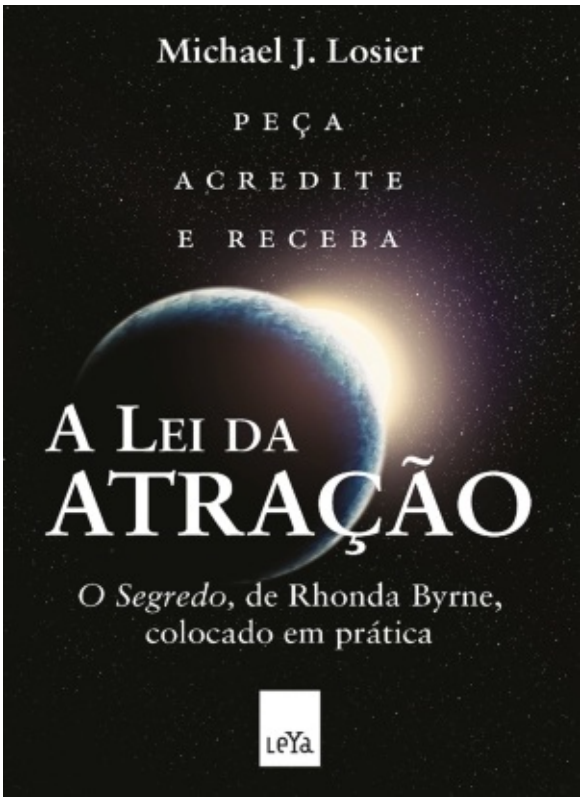
352 páginas

Compre agora e leia

Lobão escreve a segunda parte de sua autobiografia, narrando todos os detalhes de seu intenso percurso na última década – período em que produziu muito, renovou polêmicas, inspirou ações e provocou reações No fim de 2010, o cantor, compositor e multi-instrumentista Lobão publicava sua explosiva autobiografia, o best-seller 50 anos a mil. Agora, dez anos depois, ele brinda os leitores com a segunda parte (e igualmente explosiva) de sua história, incluindo as novas brigas em que se envolveu, suas criações artísticas mais recentes e as turbulências pelas quais o Brasil passou na

última década. Com 60 anos a mil, Lobão se afirma como um "autor rock'n'roll", nos entregando, nesta quinta obra, uma narrativa intensa e corajosa. Muito pode ser dito sobre ele, mas ele jamais poderá ser acusado de omissão: neste inédito, Lobão se dedica, inclusive, a dividir com o público razões e decepções de suas escolhas, convicções e revisões. Polêmicas e polêmicas, mas, como na capa, desde 50 anos a mil, Lobão sempre se apresenta de frente – dando a cara a tapa.

Compre agora e leia


Michael J. Losier
PEÇA
ACREDITE
E RECEBA
A LEI DA
ATRAÇÃO
O Segredo, de Rhonda Byrne,
colocado em prática
LEYA

A lei da atração

Losier, Michael J.

9788544106365

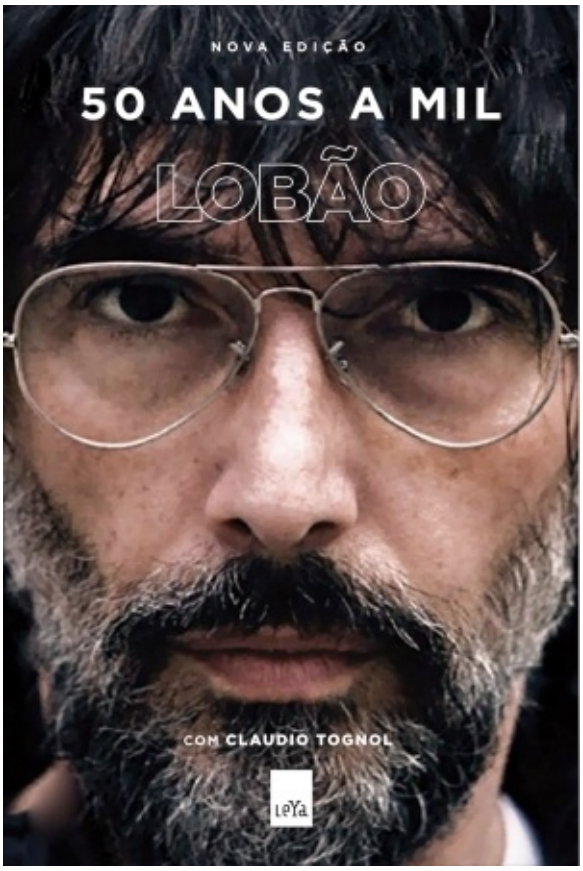
146 páginas

Compre agora e leia

Best-seller em mais de 20 países, A Lei da Atração, que já vendeu milhões exemplares no mundo todo, nos ensina como atrair mais daquilo que desejamosEm alguns momentos, algo que desejamos muito parece acontecer subitamente, como que por coincidência. Noutros momentos, algo que tememos muito também parece se manifestar como que por coincidência. Experiências como essas evidenciam a existência de uma força muito poderosa chamada de "Lei da Atração", que é a capacidade que temos de, com nossos pensamentos e emoções, criar a realidade em que

vivemos. A Lei da Atração: O segredo, de Rhonda Byrne, colocado em prática explica como podemos utilizar essa "lei" sempre a nosso favor e traz exercícios simples e dicas úteis que nos ajudam a integrar seus princípios à nossa vida cotidiana para atrair mais do que queremos e afastar o que não nos serve. A partir de três passos muito fáceis de seguir, este livro nos ajudará a alcançar objetivos como: encontrar o parceiro ideal para relacionamentos duradouros, aumentar o nosso ganho financeiro, crescer na carreira profissional, empreender novos negócios e construir a vida com que sempre sonhamos.

Compre agora e leia


NOVA EDIÇÃO
50 ANOS A MIL
LOBÃO
COM CLAUDIO TOGNOL
LeYa

50 anos a mil

Lobão

9788577347087

576 páginas

Compre agora e leia

A antológica primeira autobiografia de Lobão retorna às livrarias em edição revista pelo autor A antológica autobiografia de Lobão, 50 anos a mil, retorna pela LeYa Brasil numa nova edição. Lançado originalmente em 2010, o livro se tornou rapidamente um grande best-seller nacional. Nele, o cantor mais polêmico do rock brasileiro conta detalhes de suas cinco primeiras décadas com franqueza e bom humor. Todos dizem em algum momento da vida: "Isso dá para escrever um livro". Lobão sempre soube disso – e escreveu um grande livro. A obra retorna revisitada pelo autor, mais

enxuta, num texto em que só ele fala — nos (re)apresentando a autobiografia de um escritor maduro, quatro livros e dez anos depois.

Compre agora e leia